2025

Perspectivas Maranhenses em Psicologia:

da teoria à prática

Volume 1

Organizadores:
Marco Aurélio Fernandes
Luiza Mariana de Sousa
Gabriel Batista Cutrim
Gabriel Pereira Rodrigues
João Victor Reis França

Pascal
Editora

MARCO AURÉLIO FERNANDES
LUIZA MARIANA DE SOUSA
GABRIEL BATISTA CUTRIM
GABRIEL PEREIRA RODRIGUES
JOÃO VICTOR REIS FRANÇA
(Organizadores)

PERSPECTIVAS MARANHENSES EM PSICOLOGIA: DA TEORIA À PRÁTICA

VOLUME 1

EDITORA PASCAL
2025

2025 - Copyright© da Editora Pascal

Editor Chefe: Prof. Dr. Patrício Moreira de Araújo Filho
Edição e Diagramação: Eduardo Mendonça Pinheiro
Edição de Arte: Marcos Clyver dos Santos Oliveira
Bibliotecária: Rayssa Cristhália Viana da Silva – CRB-13/904
Revisão: Os autores

Conselho Editorial
Dr. Gabriel Nava Lima
Dr. Saulo José Figueiredo Mendes
Dr. José Ribamar Neres Costa
Drª Priscila Xavier de Araújo
Drª Maria Raimunda Chagas Silva
Drª Ivete Furtado Ribeiro Caldas
Drª Sandra Imaculada Moreira Neto
Dr. Claudio Alves Benassi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F363p

Coletânea Perspectivas Maranhenses em Psicologia: da teoria à prática / Marco Aurélio Fernandes, Luiza Mariana de Sousa, Gabriel Batista Cutrim, Gabriel Pereira Rodrigues e João Victor Reis França (Org). São Luís - Editora Pascal, 2025.

289 f. : il.: (Perspectivas Maranhenses em Psicologia; volume 1)

Formato: PDF

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-6068-165-1

D.O.I.: 10.29327/5600707

1. Psicologia. 2. Saúde mental. 3. Teoria e prática. 4. Pesquisa. I. Fernandes, Marco Aurélio. II. Sousa, Luiza Mariana de. III. Cutrim, Gabriel Batista. IV. Rodrigues, Gabriel Pereira. V. França, João Victor Reis. VI. Título.

CDU: 159.9:616.89:001.8/.891

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2025

www.editorapascal.com.br

APRESENTAÇÃO

“Toda psicologia é social”. Tal premissa, categoricamente sustentada por Silvia Lane não significa reduzir as áreas específicas da psicologia a psicologia social, mas, sim deixa clara a necessidade de cada uma assumir suas especificidades, considerando o homem e seu contexto sócio-histórico. Partindo desse pressuposto, é possível, ainda, salientar que, se toda psicologia é social, para que seja de fato uma psicologia autêntica, ela precisa ser estudada a partir de seu contexto, ou seja, onde a mesma ocorre, considerando o passado, presente, cultura, ideias e ideais de uma determinada sociedade. Desse modo, mesmo a psicologia clínica, precisa considerar o sujeito a partir de suas interações sociais, seus conceitos e preconceitos, sua idiossincrasia e atribuições sociais, enquanto um sócio da sociedade pois “[...] não se pode conhecer qualquer comportamento humano isolando-o ou fragmentando-o, como se este existisse em si por si”, Lane.

Este livro representa uma contribuição para a fecunda trajetória intelectual da Psicologia ludovicense, considerando o fazer psicológico, suas áreas específicas, sua cientificidade e suas diretrizes éticas. Esta obra objetiva levar o leitor a analisar as peculiaridades que envolvem as reflexões mais pertinentes no âmbito acadêmico/profissional, que exige compromisso ético-profissional com os fundamentos das relações sociais, bem como dos fenômenos psíquicos e comportamentais. As problemáticas aqui apresentadas partem de objetos de estudos e interesse da própria Psicologia Social que busca estudar e compreender os distintos movimentos sociais e o engajamento de uma sociedade, como o sujeito se observa no mundo e como a sociedade o influencia nas suas próprias decisões e o impacto dos fenômenos psicológicos no cotidiano. Dessa forma, os debates que subsidiaram as ponderações e análises se sustentam na premissa supracitada de Silvia Lane e que, por sua vez, analisa desde os fenômenos individuais aos coletivos que são objetos de estudo e intervenção das Psicologias.

Marco Aurélio Fernandes

ORGANIZADORES

Marco Aurélio Fernandes

Graduado em Psicologia pela Uninassau São Luís, Maranhão. Pós-Graduado em Saúde Mental e Dependência Química. Pós-Graduado em Psicologia Clínica. MBA em Gestão de Pessoas. Pós-Graduando em Neuropsicologia. Coordenador do Curso de Psicologia e Professor na Faculdade Anhanguera São Luís, onde ministro disciplinas específica do curso de Psicologia, como Diagnóstico de Intervenção, Orientação Profissional, Temas Emergentes em Psicologia, Teorias e Técnicas de Grupo, Teorias e Técnicas Psicoterápicas Gerais, Análise Experimental do Comportamento, Psicologia Social, e Estágios. Atuação em Psicologia Clínica e Social.

Luiza Mariana de Sousa

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (2019), mestrado em Psicologia pela mesma universidade (2022). Atualmente é Psicóloga Escolar e Educacional vinculada à Associação das Irmãs Missionárias Capuchinhas/ Instituto Divina Pastora e Professora universitária na Faculdade Anhanguera - São Luís. Além disso, atua como psicóloga clínica.

Gabriel Batista Cutrim

Atua como Psicólogo Clínico e Supervisor clínico especialista na abordagem da Gestalt-Terapia, é mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia (UFMA) na linha de pesquisa: História, Epistemologia e Fenômenos Psicológicos, desenvolvendo pesquisas na área. Tem também experiência com Psicologia do Desenvolvimento Humano pela via Histórico-Cultural. As áreas de interesse são: Gestalt-Terapia, Fenomenologia, Filosofia, Pesquisa, Psicologia Social e Docência. Já atua e atuou com os serviços de docência, preceptoria e palestras.

Gabriel Pereira Rodrigues

Possui graduação em Psicologia pela Faculdade Pitágoras (2019). Especialista em Psicoterapias Comportamentais de Terceira Geração pela IPOG (2021). Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento pela Universidade Federal do Pará. Atua como Professor no curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera de São Luís. Psicólogo clínico em consultório particular.

João Victor Reis França

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (2013) e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (2020). Tem experiência em Psicologia Organizacional e do Trabalho, em Psicologia Clínica, Docência e Pesquisa com ênfase nas temáticas Psicanálise, Trabalho, Saúde e Subjetividade.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 11
FATORES QUE INFLUENCIAM A INTENÇÃO AO TRATAMENTO PSICOLÓGICO PRÉ E PÓS--CIRURGIA BARIÁTRICA
Vanessa de Sena Braga Miranda
Luiza Mariana de Sousa
Marcio Antônio do Rosario Miranda

CAPÍTULO 2.....26
A ANSIEDADE EM ACADÊMICOS EM FASE DE CONCLUSÃO DE CURSO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA À LUZ DA PSICOLOGIA
Emmely Boavida Dos Santos

CAPÍTULO 3.....37
PANDEMIA E COVID-19: MUDANÇAS NO COTIDIANO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS EM PROFISSIONAIS NO AMBIENTE HOSPITALAR
Ananias Ferreira Santos
Marcos Aurélio Fernandes
Bruno Luan da Silva dos Santos

CAPÍTULO 4 46
AMBIENTE ORGANIZACIONAL E A SAÚDE MENTAL: A RELAÇÃO DE COMPROMISSOS EM FUNCIONÁRIOS DE EMPRESAS E O ESTADO MENTAL DE SEUS COLABORADORES
Keila Raquel Sakamoto Alves Goltzman
Marco Aurélio Fernandes

CAPÍTULO 5.....52
HOSPITALIZAÇÃO E TRATAMENTO ONCOLÓGICO: O IMPACTO PSICOLÓGICO DO CÂNCER NOS PACIENTES E FAMILIARES
Aline Kelly Pereira de Souza
Marco Aurélio Fernandes

CAPÍTULO 6.....64
A IMPORTÂNCIA DA SAÚDE MENTAL NO AMBIENTE DE TRABALHO
Solenita Gonzaga Pontes
Luiza Mariana de Sousa

CAPÍTULO 7.....73
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: E AS DIFICULDADES DE SOCIALIZAÇÃO E INSERÇÃO NO ÂMBITO ESCOLAR
Kauany de Sousa Ribeiro
Luiza Mariana de Sousa

CAPÍTULO 8 81
INTRODUÇÃO À LOGOTERAPIA: A CONTRIBUIÇÃO DA LOGOTERAPIA NA FORMAÇÃO SOCIOEMOCIONAL DE ADOLESCENTES E JOVENS
Leonildo Soares de Sousa
Virlene Viana Aguiar
Marco Aurélio Fernandes

CAPÍTULO 9..... 89
OS IMPACTOS DA DOENÇA E ALZHEIMER NA VIDA DOS IDOSOS: UMA ANÁLISE ACERCA DOS ASPECTOS PSICOSSOCIAIS
Simone Gama Bezerra
Luiza Mariana de Sousa

CAPÍTULO 10..... 98
CUIDADOS GERIÁTRICOS E HOSPITALIZAÇÃO: O DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNOS MENTAIS EM PACIENTES IDOSOS INTERNADOS COM QUADROS GRAVES
Andressa Sherlly Passos Cardoso
Luiza Mariana de Sousa

CAPÍTULO 11..... 107
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO ESCOLAR NA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TEA NO NOVO MODELO DA EDUCAÇÃO INFANTIL
Emanuelle da Silva Carvalho
Marco Aurélio Fernandes

CAPÍTULO 12 115
ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO(A) FRENTE AS DIFICULDADES DE SOCIALIZAÇÃO E INSERÇÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ÂMBITO ESCOLAR
Dayane Deyse Lima Freire
Marco Aurélio Fernandes

CAPÍTULO 13 125
SAÚDE MENTAL DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO: REFLEXÕES SOBRE AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL
Luciana Ferreira Pinheiro
Luiza Mariana de Sousa

CAPÍTULO 14..... 134
A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA ESCOLAR PARA CRIANÇAS NEUROATÍPICAS: INTERFACE ENTRE PAIS E ESCOLA NO ENTENDIMENTO E MANEJO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
Jovana Silva Morais
Luiza Mariana de Sousa

CAPÍTULO 15 145
O PAPEL DA PSICOLOGIA ESCOLAR NA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO E EMOCIONAL DO ALUNO
Myrele Karine Pinheiro Rocha
Luiza Mariana de Sousa

CAPÍTULO 16 152
MANEJO PSICOLÓGICO DE INDIVÍDUOS COM IDEAÇÕES SUICIDAS
Matheus Gabriel Nascimento Pinheiro
Luiza Mariana de Sousa

CAPÍTULO 17 160
AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E O AMBIENTE HOSPITALAR: A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DE INSTRUMENTOS EM AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NO ÂMBITO HOSPITALAR
Eliene Gonçalves Pinheiro
Marco Aurélio Fernandes

CAPÍTULO 18 166
PSICÓLOGO HOSPITALAR E EQUIPE MULTIPROFISSIONAL: A ATUAÇÃO PRÁTICA DA EQUIPE E O SUPORTE OFERTADO AOS FAMILIARES DE PACIENTES INTERNADOS EM ESTADO GRAVE
Thaímelly Pavão Silva

CAPÍTULO 19 174
IMPACTO DA ANSIEDADE GENERALIZADA NA QUALIDADE DE VIDA: UMA REVISÃO DA LITERATURA
Fabiana Costa Amancio

CAPÍTULO 20 183
TECNOLOGIA E SAÚDE MENTAL: OS IMPACTOS DISFUNCIONAIS DO USO DA INTERNET
Carlos Rafael de Almeida Jansen
Marco Aurélio Fernandes

CAPÍTULO 21 191
A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA: IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL E O PAPEL DA ESCOLA COMO REDE DE APOIO
Dayane Gabriele Pereira Rodrigues

CAPÍTULO 22 204
A IMPORTÂNCIA DO AJUSTAMENTO EMOCIONAL ENTRE PAIS E SEUS FILHOS ADOLESCENTES
Gabriela Albatroz Mineiro Santos
Mariana Lucena

CAPÍTULO 23 216
A INFLUÊNCIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS: ESTRATÉGIAS E IMPACTOS
Diranes Oliveira da Conceição Santos
Mariana Lucena

CAPÍTULO 24 227
A IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO HOSPITALAR NAS UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA E SUAS INFLUÊNCIAS
Edyanny Duarte Rodrigues Ribeiro
Marco Aurelio Fernandes

CAPÍTULO 25 235
CONTRIBUIÇÕES DAS TÉCNICAS DE TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL NO TRATAMENTO DA ANSIEDADE GENERALIZADA
Irlana Cirqueira dos Santos
Luiza Mariana de Sousa

CAPÍTULO 26 244
A ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE FRENTE AO PROCESSO DE LUTO
Carla Bianca Ferreira Lindoso
Marco Aurélio Fernandes

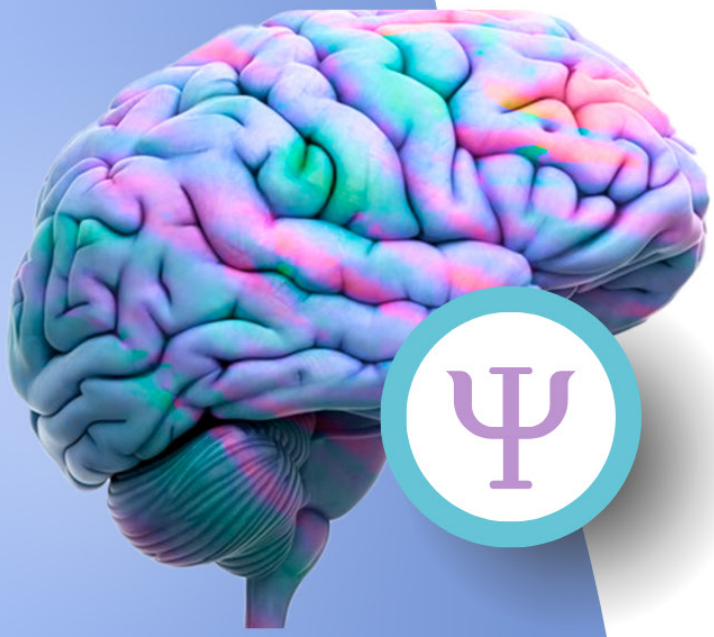
CAPÍTULO 27 256
O PAPEL DO PSICÓLOGO ESCOLAR NA INCLUSÃO DO DISCENTE COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)
Ianara Cecilia Almeida Pereira
Maria Yhasmym Bezerra Barreto

CAPÍTULO 28 265
PSICOLOGIA ESCOLAR E O TEA: A INFLUÊNCIA DA PSICOLOGIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
Anisia Beatriz Sampaio Fernandes
Marco Aurélio Fernandes

CAPÍTULO 29 271
A DEPENDÊNCIA QUÍMICA E O AMBIENTE ORGANIZACIONAL: A RELAÇÃO DO INDIVÍDUO COM AS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E O IMPACTO NO AMBIENTE DE TRABALHO
Elcione De Nazaré Araújo Do Nascimento Montelo
Marco Aurélio Fernandes

CAPÍTULO 30 280
O IMPACTO DA TECNOLOGIA NA SAÚDE MENTAL DO USUÁRIO: UMA ANÁLISE DA MONOFOBIA E REDES SOCIAIS
Thais Elisa de Araujo Damasceno
Luiza Mariana de Sousa

1



FATORES QUE INFLUENCIAM A INTENÇÃO AO TRATAMENTO PSICOLÓGICO PRÉ E PÓS-CIRURGIA BARIÁTRICA

FACTORS INFLUENCING THE INTENTION FOR PRE- AND POST-BARIATRIC SURGERY PSYCHOLOGICAL TREATMENT

Vanessa de Sena Braga Miranda
Luiza Mariana de Sousa
Marcio Antônio do Rosario Miranda

Pascal
Editora

Resumo

A cirurgia bariátrica é uma intervenção eficaz para obesidade severa e comorbidades associadas; entretanto, seu sucesso a longo prazo depende da adesão ao tratamento psicológico pré e pós-cirúrgico. Este estudo investiga os fatores que influenciam a adesão a esse tratamento no contexto bariátrico e o impacto dessa adesão nos resultados clínicos. Com base em uma pesquisa bibliográfica, complementada por uma pesquisa quantitativa, orientadas nas teorias de autodeterminação e mudança de comportamento, a pesquisa examina os papéis do suporte social, motivação e estresse no engajamento dos pacientes com o cuidado psicológico. Os dados foram coletados por meio de questionários estruturados aplicados a 136 pacientes submetidos à cirurgia bariátrica, medindo fatores como motivação para o tratamento, suporte social e estresse pré e pós-cirúrgico. A análise revelou que, enquanto a motivação e o suporte social não influenciam significativamente a adesão ao tratamento psicológico, o estresse relacionado à cirurgia impacta positivamente a intenção dos pacientes de buscar ajuda psicológica. Esses achados indicam que o estresse é um motivador essencial para a adesão ao tratamento psicológico em pacientes bariátricos, oferecendo insights para aprimorar o suporte psicológico e melhorar os resultados nessa população.

Palavras-chave: Tratamento Psicológico. Cirurgia Bariátrica. Estresse.

Abstract

Bariatric surgery is an effective intervention for severe obesity and associated comorbidities; however, its long-term success depends on adherence to psychological treatment before and after surgery. This study investigates the factors influencing adherence to such treatment in the bariatric context and the impact of this adherence on clinical outcomes. Based on a bibliographic review complemented by a quantitative survey, guided by self-determination and behavior change theories, the research examines the roles of social support, motivation, and stress in patients' engagement with psychological care. Data were collected through structured questionnaires administered to 136 patients who underwent bariatric surgery, measuring factors such as motivation for treatment, social support, and pre- and post-surgical stress. The analysis revealed that, while motivation and social support do not significantly influence adherence to psychological treatment, stress related to surgery positively impacts patients' intention to seek psychological help. These findings indicate that stress is a crucial motivator for adherence to psychological treatment among bariatric patients, offering insights for enhancing psychological support and improving outcomes in this population.

Keywords: Psychological Treatment. Bariatric Surgery. Stress.

1. INTRODUÇÃO

A cirurgia bariátrica tem emergido como uma intervenção eficaz para o tratamento da obesidade severa e suas comorbidades associadas, no entanto, seu sucesso a longo prazo depende não apenas da intervenção cirúrgica em si, mas também da adesão ao tratamento psicológico pré e pós-operatório (DE ALMEIDA, 2023). A compreensão dos fatores que influenciam a adesão a esse tratamento bariátrico e seu impacto no resultado clínico é crucial para melhorar os resultados e a qualidade de vida dos pacientes submetidos a esse procedimento (BRUZIGUESSI, 2010).

A obesidade é uma condição complexa que não se limita apenas à dimensão física, mas também afeta profundamente o bem-estar psicológico e emocional dos indivíduos que a enfrentam (ROSA, 2016). Portanto, a abordagem da obesidade requer uma visão holística que leve em consideração não apenas a perda de peso físico, mas também o suporte emocional e psicológico necessário para promover mudanças sustentáveis e saudáveis no estilo de vida (GONÇALVES, 2009).

Nesse contexto, o tratamento psicológico desempenha um papel fundamental. Antes da cirurgia, é essencial que os pacientes passem por uma avaliação psicológica abrangente para identificar fatores de risco, transtornos psiquiátricos subjacentes e prontidão para mudança (OLIVEIRA, 2021). Além disso, o acompanhamento psicológico após a cirurgia é crucial para ajudar os pacientes a lidarem com as mudanças físicas, emocionais e comportamentais decorrentes do procedimento (REZENDE, 2011).

No entanto, a adesão ao tratamento psicológico pré e pós-cirúrgico nem sempre é garantida e pode ser influenciada por uma variedade de fatores (RODRIGUES, 2015). Aspectos como apoio social, acesso a recursos de saúde mental, experiências passadas com tratamento psicológico e crenças pessoais sobre a cirurgia bariátrica e sua eficácia podem desempenhar um papel significativo na adesão dos pacientes (RODRIGUES, 2015).

Além disso, a adesão ao tratamento psicológico pode ter um impacto direto nos resultados clínicos da cirurgia bariátrica, incluindo a perda de peso, a melhoria das comorbidades associadas e a qualidade de vida geral (VALENTE, 2023). Compreender como os diferentes fatores influenciam a intenção dos pacientes pré e pós operados de cirurgia bariátrica ao tratamento psicológico e como essa adesão se traduz em resultados clínicos é essencial para otimizar o cuidado e melhorar os resultados a longo prazo para os pacientes submetidos à cirurgia bariátrica (OLIVEIRA, 2021).

Neste artigo, exploraremos os fatores que influenciam a intenção ao tratamento psicológico pré e pós-cirurgia bariátrica, bem como seu impacto no resultado clínico. Por meio de uma análise abrangente, esperamos fornecer "*insights*" valiosos que possam informar práticas clínicas e intervenções para melhorar o suporte psicológico oferecido a pacientes submetidos a esse procedimento.

Sendo assim, chega-se ao seguinte questionamento: Como os diferentes fatores influenciam a adesão ao tratamento psicológico pré e pós-cirurgia bariátrica, e qual o impacto dessa adesão nos resultados clínicos dos pacientes? Para isso, temos que o objetivo desta pesquisa foi analisar os fatores que influenciam a adesão ao tratamento psicológico pré e pós-cirurgia bariátrica.

A relevância da pesquisa sobre a adesão ao tratamento psicológico pré e pós-cirurgia bariátrica reside na compreensão aprofundada dos fatores que influenciam esse processo e seu impacto nos resultados clínicos dos pacientes (GONÇALVES, 2009). Ao investigar es-

ses aspectos, é possível identificar estratégias mais eficazes para promover a adesão dos pacientes ao tratamento psicológico, melhorando assim os desfechos clínicos e a qualidade de vida pós-cirúrgica (VALENTE, 2023; GONÇALVES, 2009).

Além disso, esta pesquisa pode contribuir significativamente para a comunidade acadêmica ao fornecer insights sobre a interseção entre a saúde física e mental na abordagem da obesidade. Ao ampliar o conhecimento sobre os determinantes da adesão ao tratamento psicológico em pacientes submetidos à cirurgia bariátrica, este estudo pode subsidiar o desenvolvimento de intervenções mais eficazes e direcionadas, contribuindo para avanços na prática clínica e na teoria psicológica.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

Para se chegar ao objetivo, a pesquisa foi realizada em duas etapas: Na primeira etapa, realizou-se uma pesquisa bibliográfica para levantar os principais fatores apontados na literatura que estavam relacionados à adesão a tratamento psicológico no contexto de cirurgia, que sustentaram as hipóteses da pesquisa, conforme:

Intenção ao Tratamento Psicológico: Esta é a variável de interesse deste estudo, sendo que será utilizada a escala Attitudes Toward Seeking Professional Psychological Help Scale (ATSPPH), desenvolvida por Fischer e Turner em 1970. Essa escala avalia as atitudes das pessoas em relação à procura de ajuda psicológica profissional, o que pode ser interpretado como uma medida da intenção de buscar tratamento psicológico.

Motivação para o tratamento: esta variável pode ser medida através de escalas de avaliação da motivação para a perda de peso e adesão ao tratamento psicológico, avaliando o grau de comprometimento e desejo do paciente em participar do tratamento antes e depois da cirurgia. Uma escala psicométrica amplamente utilizada para medir a motivação para o tratamento médico é a Treatment Self-Regulation Questionnaire (TSRQ). Essa escala foi desenvolvida para avaliar o grau de autodeterminação e os diferentes tipos de motivação que uma pessoa pode ter em relação à adesão ao tratamento médico. O TSRQ é baseado na Teoria da Autodeterminação (Self-Determination Theory - SDT), que distingue entre diferentes formas de motivação, como motivação intrínseca, motivação extrínseca e desmotivação (LEVESQUE *et al*., 2007).

Segundo pacientes em programas de cirurgia, cuja motivação está fortemente ligada à cirurgia como a principal solução para seus problemas de saúde, podem subestimar o papel de intervenções psicológicas pré e pós-operatórias que poderiam melhorar o bem-estar emocional e os resultados a longo prazo. Os autores sugerem que muitos pacientes veem a cirurgia como uma “cura rápida”, negligenciando a importância de fatores psicossociais na recuperação, de acordo com Lanini *et al.* (2022).

Suporte social: esta variável pode ser avaliada por meio de questionários que investigam a qualidade e quantidade de apoio social disponível para o paciente, incluindo o suporte de familiares, amigos e grupos de apoio, e como isso influencia sua adesão ao tratamento psicológico. Uma das escalas psicométricas mais utilizadas para medir o suporte social é a Medical Outcomes Study Social Support Survey (MOS-SSS), desenvolvida por Sherbourne e Stewart em 1991. Esta escala avalia a percepção de suporte social em diversas dimensões, incluindo suporte emocional, informacional, instrumental, e interações sociais positivas (COHEN; WILLS, 1985).

Estresse pré e pós cirúrgico: esta variável pode ser avaliada por meio de escalas que mensuram o nível de estresse percebido pelo paciente antes e depois da cirurgia bariátrica, e como isso influencia sua capacidade de aderir ao tratamento psicológico. Uma escala psicométrica comumente utilizada para medir o nível de estresse pré e pós-cirúrgico é o Perioperative Anxiety Scale (PAS). Essa escala foi desenvolvida para avaliar os níveis de ansiedade e estresse em pacientes que estão prestes a passar por uma cirurgia ou que já passaram pelo procedimento. Ela é útil para avaliar o estado emocional dos pacientes em relação à cirurgia, incluindo preocupações com o procedimento, a recuperação e os resultados (MOERMAN *et al*., 1996).

Com isso, com base na literatura, este estudo propôs três hipóteses relacionadas aos fatores que influenciam a Intenção ao Tratamento Psicológico:

- Hipótese 1: A motivação ao Tratamento Médico (Cirurgia Bariátrica), impacta negativamente na Intenção ao Tratamento Psicológico.
- Hipótese 2: O Suporte Social em pessoas que passaram por Cirurgia Bariátrica impacta negativamente na Intenção ao Tratamento Psicológico.
- Hipótese 3: O Estresse pré e/ou pós traumático em pessoas que passaram por Cirurgia Bariátrica impacta positivamente na Intenção ao Tratamento Psicológico.

Já na segunda etapa, foi utilizado um questionário estruturado (Anexo – I) contendo perguntas que abordaram os fatores que poderiam influenciar a adesão ao tratamento psicológico, tais como: motivação para a cirurgia, motivação em relação ao tratamento, suporte social e o nível de estresse pré e pós-cirúrgico, entre outros. A seleção da amostra da pesquisa foi realizada a partir de pacientes que passaram por procedimento de cirurgia bariátrica, além das variáveis psicométricas, as seguintes variáveis qualitativas foram utilizadas: idade, sexo, escolaridade, estado civil.

Foram coletados 136 questionários entre os dias 01 a 15 de Setembro de 2024, com os participantes que passaram por cirurgia bariátrica sendo medido por meio de escala Likert de 1 a 5, as variáveis propostas. Os dados foram coletados por meio de questionário on line. Para atingir o público-alvo, foram utilizados grupos de whatsapp com bariátricos, onde o formulário foi disponibilizado.

Foram utilizadas técnicas estatísticas descritivas para analisar os dados quantitativos, como médias, desvios padrão, frequências. Para o tratamento de dados foi utilizado o Programa Stata, versão 14.

Para testar as hipóteses da pesquisa foi utilizada uma Regressão Linear Múltipla, sendo a Intenção ao Tratamento Psicológico (ITP) a variável dependente, e as variáveis Motivação para o Tratamento (MT), Suporte Social (SS) e Estresse pré e pós cirúrgico (EPC) as variáveis independentes.

2.2 Resultados e Discussão

Os resultados da estatística descritiva, indicam que a maior parte das pessoas que fazem cirurgia bariátrica, são mulheres, com escolaridade superior, casadas e com idade, em média, próxima aos trinta anos, conforme as Figuras 1 e 2.

Conforme a tabela 1, a idade a distribuição dos respondentes, seguiu conforme, percentualmente: mulheres, com escolaridade superior, casadas e com idade, em média em torno de 25 anos. Em relação à idade dos participantes, a maioria é do sexo feminino, 41,5% dos participantes têm idade entre 26 e 40 anos, porém o segundo maior percentual é da

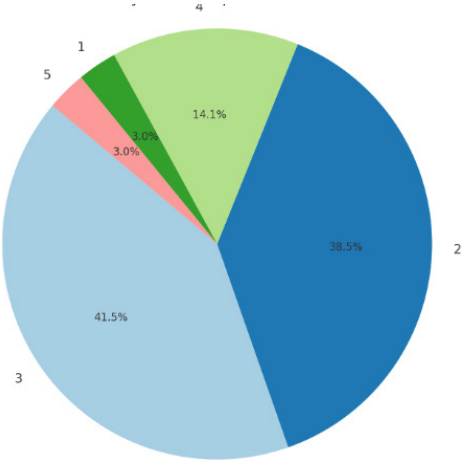
faixa de idade entre 18 a 25 anos. Trazendo a média para essa para próximo de 25 anos.

Tabela 1. Estatística Descritiva da Amostra Pesquisada.

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
Idade	135	2.755556	.8416993	1	5
Sexo	135	1.777778	.4172881	1	2
Escolaridade	135	3.096296	.8540865	1	4
estado_civil	135	1.837037	.6933308	1	3

Fonte: Própria autoria.

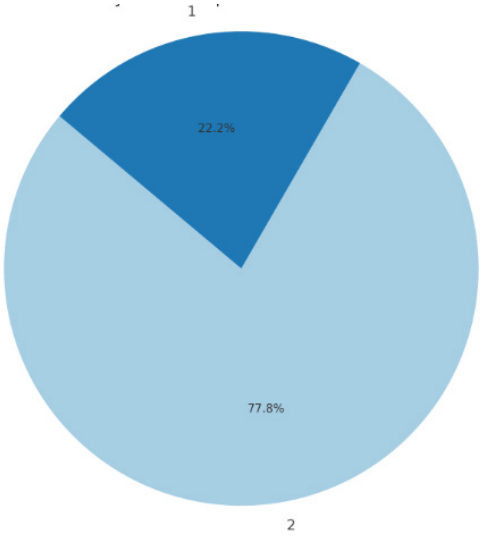
Figura 1. Caracterização da Idade dos Participantes



Nota :1: abaixo de 18 anos; 2: 18 a 25 anos.; 3: 26 a 40 anos; 4: 41 a 55 anos; 5: Acima de 56 anos.

Fonte: Própria autoria.

Figura 2. Caracterização do Gênero.



Nota: 1: Masculino; 2: Feminino. Fonte: Própria autoria.

Os resultados da regressão, conforme tabela 2, indicam as variáveis Motivação para Tratamento (MT) e Suporte Social (SS), não influenciam na Intenção ao Tratamento Psicológico (ITP), no entanto, a variável Estresse Pré e Pós Cirúrgico (EPC) mostrou ter influência

na Intenção ao Tratamento Psicológico.

Tabela 2. Estatística Descritiva da Amostra Pesquisada.

Source	SS	df	MS	Number of obs	=	135
				F(3, 131)	=	51.48
Model	24.9418051	3	8.31393502	Prob > F	=	0.0000
Residual	21.1581949	131	.161512938	R-squared	=	0.5410
				Adj R-squared	=	0.5305
Total	46.1	134	.344029851	Root MSE	=	.40189

ITP	Coef.	Std. Err.	t	P>|t|	[95% Conf.	Interval]
MT	.026107	.0347214	0.75	0.453	-.0425802	.0947942
SS	.0346001	.0417678	0.83	0.409	-.0480266	.1172269
EPC	.658991	.0593026	11.11	0.000	.5416763	.7763057
_cons	1.169504	.2745956	4.26	0.000	.6262884	1.712719

Fonte: Própria autoria.

Os resultados da pesquisa indicam que, apesar da literatura apontar que as variáveis Motivação para Tratamento (MT) e Suporte Social (SS) podem levar os pacientes a procurarem tratamento psicológico, em uma situação de cirurgia bariátrica, neste estudo, não foram encontradas evidências de que essas variáveis motivam a Intenção ao Tratamento Psicológico.

Por outro lado, segundo os resultados da pesquisa, as situações geradas pelo estresse, tanto antes quanto depois da cirurgia, nos aspectos relacionados aos riscos cirúrgicos e do pós-cirúrgico, podem explicar a intenção e busca por tratamento psicológico para esse período antes e após.

3. CONCLUSÃO

Conclui-se que a adesão ao tratamento psicológico em pacientes submetidos à cirurgia bariátrica é um componente vital para o sucesso a longo prazo da intervenção. Embora a cirurgia proporcione benefícios significativos, como a redução do peso e a melhoria das comorbidades associadas, os desafios psicológicos antes e após o procedimento são complexos e requerem suporte contínuo. A literatura destaca a importância do tratamento psicológico, mas os resultados deste estudo apontam que fatores tradicionalmente considerados motivadores para o apoio psicológico, como a motivação para o tratamento e o suporte social, não foram significativos na intenção de busca por tratamento psicológico entre esses pacientes.

O estresse pré e pós-operatório, por outro lado, demonstrou-se como um fator determinante para a busca por suporte psicológico, refletindo o impacto das incertezas e riscos associados à cirurgia. Esse dado ressalta a importância de intervenções voltadas para a gestão do estresse e ansiedade ao longo do processo bariátrico, especialmente considerando que o estresse pode comprometer a adaptação a mudanças de estilo de vida, necessárias para o sucesso do procedimento. Dessa forma, intervenções psicológicas direcionadas ao manejo do estresse devem ser priorizadas como parte integrante do acompanhamento desses pacientes.

Em suma, a pesquisa contribui para o entendimento de como os diferentes fatores influenciam a adesão ao tratamento psicológico no contexto da cirurgia bariátrica, desta-

cando que o estresse exerce um papel central nessa decisão. Profissionais da saúde devem considerar estratégias personalizadas que enfatizem a importância do suporte psicológico para os pacientes bariátricos, com foco específico nas fases de pré e pós-operatório, promovendo, assim, uma adaptação mais saudável e sustentável após a cirurgia.

Referências

BRUZIGUESSI, Simony et al. **Adesão ao tratamento multidisciplinar 6 meses após cirurgia bariátrica:** influência de fatores socioeconômicos, autoeficácia, suporte social, família e personalidade do paciente, 2010.

BAVARESCO, M. V.; PASA, G. G.; KOLOSKI, J.; GOMES, M. A.; HENSCHKE, J. A. Adherence to the psychological treatment in bariatric surgery candidates. **Surgery for Obesity and Related Diseases**, v. 13, n. 10, p. S188, 2017.

COHEN, S.; WILLS, T. A. Stress, social support, and the buffering hypothesis. **Psychological Bulletin**, 1985.

DE ALMEIDA, Luana Novaes et al. Cirurgia Bariátrica: Técnicas e Resultados: revisão das técnicas cirúrgicas no tratamento da obesidade e seus resultados a longo prazo. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 4, p. 2580-2594, 2023.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. The "what" and "why" of goal pursuits: human needs and the self-determination of behavior. **Psychological Inquiry**, v. 11, n. 4, p. 227-268, 2000.

FISCHER, E. H.; TURNER, J. L. Orientations to seeking professional help: development and research utility of an attitude scale. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 35, n. 1, p. 79-90, 1970.

GONÇALVES, Aline Leal et al. **Avaliação da implantação das ações educativas em nutrição para controle da obesidade em adultos:** estudo de caso em duas Unidades de Saúde do Município do Rio de Janeiro. 2009. Tese de Doutorado.

HASSAN, S. A.; SHEIKH, M.; SHIRVANI, A. Psychological factors affecting weight loss after bariatric surgery. **Cureus**, v. 12, n. 9, p. e10660, 2020.

LANINI, Iacopo et al. The influence of psychological interventions on surgical outcomes: a systematic review. **Journal of Anesthesia, Analgesia and Critical Care**, v. 2, n. 1, p. 31, 2022.

LEVESQUE, C. S.; WILLIAMS, G. C.; ELLIOT, D.; PICKERING, M. A.; BODENHAMER, B.; FINLEY, P. J. Validation of the Treatment Self-Regulation Questionnaire (TSRQ) across multiple health behaviors. **Health Education Research**, v. 22, n. 5, p. 691-702, 2007.

MOERMAN, N.; VAN DAM, F. S.; MULLER, M. J.; OOSTING, H. The Amsterdam Preoperative Anxiety and Information Scale (APAIS). **Anesthesia & Analgesia**, v. 82, n. 3, p. 445-451, 1996.

OLIVEIRA, Aline Ferreira de. A influência do acompanhamento psicológico de base analítico-comportamental na manutenção do peso-meta em pessoas que passam pela cirurgia bariátrica. 2021.

PINTO, A. G. A.; GARBOS, G. M. A. B.; DELGADO, M. R. Behavioral changes in patients who underwent bariatric surgery: a literature review. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v. 13, n. 2, p. 152-157, 2015.

PROCHASKA, J. O.; DICLEMENTE, C. C. Stages and processes of self-change of smoking: toward an integrative model of change. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 51, n. 3, p. 390-395, 1983.

REZENDE, Fabiana Faria. **Percepção da imagem corporal, resiliência e estratégias de coping em pacientes submetidos à cirurgia bariátrica**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ROCHA, Ana Lara Mazzoni et al.. Análise dos efeitos da cirurgia bariátrica no controle da obesidade: resultados e complicações. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 5, p. 3276-3287, 2023.

RODRIGUES, Eduarda Marques. **Cirurgia bariátrica:** uma análise do perfil e da adesão dos usuários do pós-cirúrgico do Hospital Universitário de Brasília. 2015.

ROSA, Marta Filipa Cardoso. **Bem-estar psicológico e estratégias de coping em adolescentes com e sem obesidade**. 2016. Tese de Doutorado.

SILVA, P. D.; LIMA, C. M. P.; LIMA, S. V. M. A.; SILVA, R. M.; LIMA, V. M. M. D.; CARNEIRO, G. F. Psychological evaluation and adherence to bariatric surgery. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, supl. 2, p. 271-277, 2019.

SMITH, K. E.; ORCUTT, M.; STEFFEN, K. J. Psychosocial predictors of adherence to preoperative and postoperative behavioral recommendations among gastric bypass surgery patients. **Surgery for Obesity and Related**

Diseases, v. 14, n. 7, p. 951-957, 2018.

TEIXEIRA, P. J.; CARRAÇA, E. V.; MARKLAND, D.; SILVA, M. N.; RYAN, R. M. Exercise, physical activity, and self-determination theory: a systematic review. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 9, n. 1, p. 78, 2012.

VALENTE, Sibelie Souto et al. Impacto de fatores psicológicos no fracasso da cirurgia bariátrica. **Psico**, v. 54, n. 1, p. e39907-e39907, 2023.4o

ANEXO - I - QUESTIONÁRIO APLICADO ON LINE – GOOGLE FORMS

Meu nome é Vanessa de Sena Braga, sou acadêmica do Curso de Psicologia, convido-lhe a participar de minha pesquisa sobre o tratamento psicológico e cirurgias bariátricas. Não é necessário se identificar e as respostas serão armazenadas de forma CONFIDENCIAL e ANÔNIMA. Algumas respostas estão vinculadas a uma escala que varia de 1 (Discordo Totalmente) a 5 (Concordo Totalmente). As informações serão utilizadas unicamente para fins acadêmicos.

PERFIL DESCRITIVO

Já realizou ou vai realizar cirurgia bariátrica?

1_____ Sim

0_____ Não

Idade

1_____ abaixo de 18 anos

2_____ 18 a 25 anos.

3_____ 26 a 40 anos.

4_____ 41 a 55 anos.

5_____ Acima de 56 anos.

Sexo:

1_____ Masculino

2_____ Feminino

Estado Civil

1_____ Solteiro(a)

2_____ Casado(a)

3_____ Outros.

Escolaridade:

1_____ Ensino Fundamental

2_____ Ensino Médio

3_____ Ensino Superior

4_____ Pós-Graduação.

VARIÁVEIS

INTENÇÃO AO TRATAMENTO PSICOLÓGICO (IT)

Se eu acreditasse que estava tendo um colapso mental, minha primeira inclinação seria procurar ajuda profissional.

( ) 1 - Discordo totalmente

( ) 2 - Discordo parcialmente

( ) 3 - Nem concordo, nem discordo

( ) 4 - Concordo parcialmente

( ) 5 - Concordo totalmente

Se eu estivesse passando por uma crise emocional séria, estaria confiante de que encontraria alívio na psicoterapia.

( ) 1 - Discordo totalmente

( ) 2 - Discordo parcialmente

( ) 3 - Nem concordo, nem discordo

( ) 4 - Concordo parcialmente

( ) 5 - Concordo totalmente

.

Uma pessoa com um problema emocional não é provável que o resolva sozinha; ela provavelmente o resolverá com ajuda profissional

( ) 1 - Discordo totalmente

( ) 2 - Discordo parcialmente

( ) 3 - Nem concordo, nem discordo

( ) 4 - Concordo parcialmente

( ) 5 - Concordo totalmente

Dificuldades emocionais, como muitas coisas, tendem a se resolver sozinhas.

( ) 1 - Discordo totalmente

( ) 2 - Discordo parcialmente

( ) 3 - Nem concordo, nem discordo

( ) 4 - Concordo parcialmente

( ) 5 - Concordo totalmente

MOTIVAÇÃO PARA O TRATAMENTO (MT)

Eu escolho seguir este tratamento porque acho que é o melhor para minha saúde

( ) 1 - Discordo totalmente
( ) 2 - Discordo parcialmente
( ) 3 - Nem concordo, nem discordo
( ) 4 - Concordo parcialmente
( ) 5 - Concordo totalmente

Eu sigo o tratamento porque outras pessoas dizem que eu devo

( ) 1 - Discordo totalmente
( ) 2 - Discordo parcialmente
( ) 3 - Nem concordo, nem discordo
( ) 4 - Concordo parcialmente
( ) 5 - Concordo totalmente

Eu sigo o tratamento porque me sentiria culpado (a) se não o fizesse.

( ) 1 - Discordo totalmente
( ) 2 - Discordo parcialmente
( ) 3 - Nem concordo, nem discordo
( ) 4 - Concordo parcialmente
( ) 5 - Concordo totalmente

Eu sigo o tratamento porque quero tomar decisões responsáveis sobre minha saúde.

( ) 1 - Discordo totalmente
( ) 2 - Discordo parcialmente
( ) 3 - Nem concordo, nem discordo
( ) 4 - Concordo parcialmente
( ) 5 - Concordo totalmente

Não sigo o tratamento porque não acho que fará diferença.

( ) 1 - Discordo totalmente
( ) 2 - Discordo parcialmente
( ) 3 - Nem concordo, nem discordo
( ) 4 - Concordo parcialmente
( ) 5 - Concordo totalmente

SUPORTE SOCIAL (SS)

Tenho alguém com quem você possa contar para ouvir quando precisar desabafar.

( ) 1 - Discordo totalmente
( ) 2 - Discordo parcialmente
( ) 3 - Nem concordo, nem discordo
( ) 4 - Concordo parcialmente
( ) 5 - Concordo totalmente

Tenho alguém que me ajude se você eu estiver acamado.

( ) 1 - Discordo totalmente
( ) 2 - Discordo parcialmente
( ) 3 - Nem concordo, nem discordo
( ) 4 - Concordo parcialmente
( ) 5 - Concordo totalmente

Tenho alguém que me dê bons conselhos em uma crise.

( ) 1 - Discordo totalmente
( ) 2 - Discordo parcialmente
( ) 3 - Nem concordo, nem discordo
( ) 4 - Concordo parcialmente
( ) 5 - Concordo totalmente

Tenho alguém para fazer coisas divertidas comigo.

( ) 1 - Discordo totalmente
( ) 2 - Discordo parcialmente
( ) 3 - Nem concordo, nem discordo
( ) 4 - Concordo parcialmente
( ) 5 - Concordo totalmente

Tenho alguém que me demonstre amor e carinho

( ) 1 - Discordo totalmente
( ) 2 - Discordo parcialmente
( ) 3 - Nem concordo, nem discordo
( ) 4 - Concordo parcialmente
( ) 5 - Concordo totalmente

ESTRESSE PRÉ E PÓS CIRURGIA (EPC)

Tenho preocupação com a anestesia.

( ) 1 - Discordo totalmente
( ) 2 - Discordo parcialmente
( ) 3 - Nem concordo, nem discordo
( ) 4 - Concordo parcialmente
( ) 5 - Concordo totalmente

.

Tenho preocupação com a cirurgia.

( ) 1 - Discordo totalmente
( ) 2 - Discordo parcialmente
( ) 3 - Nem concordo, nem discordo
( ) 4 - Concordo parcialmente
( ) 5 - Concordo totalmente

Tenho que receber todas as informações sobre a anestesia.

( ) 1 - Discordo totalmente
( ) 2 - Discordo parcialmente
( ) 3 - Nem concordo, nem discordo
( ) 4 - Concordo parcialmente
( ) 5 - Concordo totalmente

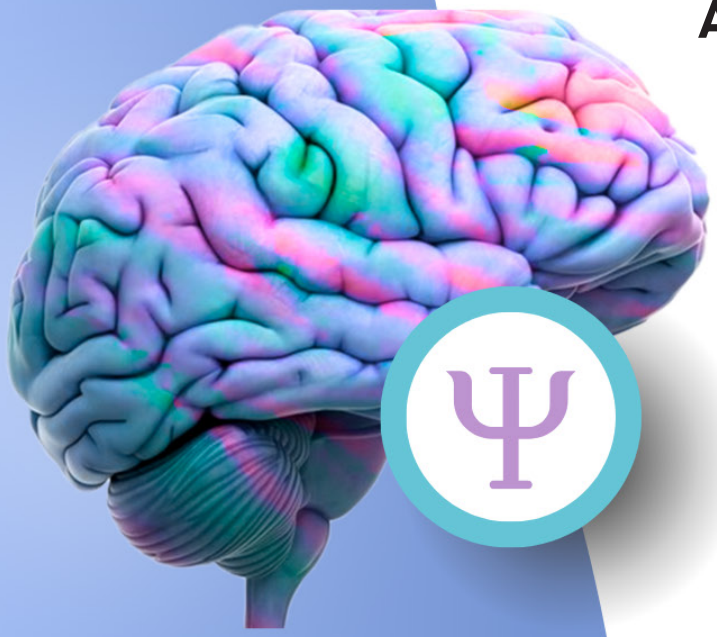
Tenho que receber todas as informações sobre a cirurgia.

( ) 1 - Discordo totalmente
( ) 2 - Discordo parcialmente
( ) 3 - Nem concordo, nem discordo
( ) 4 - Concordo parcialmente
( ) 5 - Concordo totalmente

Tenho preocupações sobre o que acontece na sala de operações.

( ) 1 - Discordo totalmente
( ) 2 - Discordo parcialmente
( ) 3 - Nem concordo, nem discordo
( ) 4 - Concordo parcialmente
( ) 5 - Concordo totalmente

2



A ANSIEDADE EM ACADÊMICOS EM FASE DE CONCLUSÃO DE CURSO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA À LUZ DA PSICOLOGIA

ANXIETY IN GRADUATING STUDENTS: A LITERATURE REVIEW IN THE LIGHT OF PSYCHOLOGY

Emmely Boavida Dos Santos

Pascal
Editora

Resumo

A presente pesquisa teve como principal objetivo, compreender os fatores que possam desencadear o transtorno de ansiedade em acadêmicos em fase de conclusão de curso, além de destacar as estratégias de enfrentamento baseadas na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) para a redução da ansiedade nesse período crítico. Para alcançar esses objetivos, realizou-se uma revisão bibliográfica, de natureza qualitativa, baseando-se nas principais bases de dados, utilizando-se descritores previamente delimitados, considerou-se o período de publicação dos últimos cinco anos. Analisou-se assim, estudos e artigos científicos que abordam a ansiedade em estudantes universitários, especialmente em fase de conclusão de curso. Os resultados da revisão bibliográfica indicam que a ansiedade em acadêmicos em fase de conclusão de curso é um problema prevalente, influenciado por múltiplos fatores contextuais e individuais. Entre as estratégias de enfrentamento destacadas pela TCC, incluem-se a reestruturação cognitiva, que ajuda os indivíduos a identificar e modificar pensamentos disfuncionais, e as técnicas de relaxamento e mindfulness, que promovem uma maior regulação emocional. Conclui-se que a aplicação da TCC pode ser eficaz na redução da ansiedade entre acadêmicos, proporcionando ferramentas práticas para enfrentar os desafios dessa fase acadêmica. A revisão sugere que a implementação de programas de apoio psicológico nas instituições de ensino, baseados na TCC, pode contribuir significativamente para o bem-estar mental dos estudantes. Além disso, a conscientização sobre a importância de buscar ajuda profissional e o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento são cruciais para minimizar os impactos negativos da ansiedade na vida acadêmica e pessoal dos estudantes em fase de conclusão de curso.

Palavras-chave: Acadêmicos, Transtorno de ansiedade, Terapia Cognitivo-Comportamental.

Abstract

The main objective of this study was to understand the factors that can trigger anxiety disorder in students completing their degree, as well as to highlight coping strategies based on Cognitive Behavioral Therapy (CBT) to reduce anxiety in this critical period. To achieve these objectives, a qualitative literature review was carried out, based on the main databases, using previously delimited descriptors, considering the publication period of the last five years. It analyzed studies and scientific articles that deal with anxiety in university students, especially at the end of their course. The results of the literature review indicate that anxiety in undergraduates is a prevalent problem, influenced by multiple contextual and individual factors. Among the coping strategies highlighted by CBT are cognitive restructuring, which helps individuals to identify and modify dysfunctional thoughts, and relaxation and mindfulness techniques, which promote greater emotional regulation. It is concluded that the application of CBT can be effective in reducing anxiety among academics, providing practical tools to face the challenges of this academic phase. The review suggests that the implementation of psychological support programs in educational institutions, based on CBT, can contribute significantly to the mental well-being of students. In addition, raising awareness of the importance of seeking professional help and developing coping skills are crucial to minimizing the negative impacts of anxiety on the academic and personal lives of graduating students.

Keywords: Academics, Anxiety disorder, Cognitive-Behavioral Therapy.

1. INTRODUÇÃO

A fase de conclusão de curso é um período particularmente desafiador para os acadêmicos, caracterizado por uma série de demandas e pressões que podem desencadear elevados níveis de ansiedade. Em diversos estudos, o ambiente acadêmico tem sido apontado como importante causa de transtornos mentais em estudantes durante a fase de conclusão de curso. Embora existam poucos estudos epidemiológicos sobre doenças mentais no Brasil, sabe-se que muitos estudantes universitários sofrem de transtornos mentais durante os estudos, correspondendo a um número estimado de 15 a 25% dos estudantes. Neste grupo, entre as doenças mentais mais comuns, temos problemas de ansiedade e depressão (Barbosa *et al.,* 2024).

A ansiedade é uma resposta emocional natural diante de situações estressantes, mas quando se torna crônica e intensa, pode prejudicar significativamente o desempenho acadêmico e o bem-estar geral dos estudantes. Fatores relacionados a essa etapa, como carga e procedimentos acadêmicos, pressões familiares e institucionais, contribuem para sua ocorrência. Em cada etapa do curso, existem preocupações que podem causar esses problemas. No início do curso ocorre uma mudança repentina na forma como os alunos aprendem e, ao final do curso, as preocupações com o mercado de trabalho e novas responsabilidades são fatores relevantes.

Dessa forma, a problemática do material expressa-se da seguinte forma: quais fatores contribuem para suscitar sintomas de ansiedade em acadêmicos em fase de conclusão de curso?

Estudos apontam que os acadêmicos em fase de conclusão de curso enfrentam pressões adicionais, como a necessidade de cumprir prazos rigorosos para entrega de trabalhos finais, a preparação para exames finais, a inserção no mercado de trabalho e, muitas vezes, a conciliação de estudos com atividades profissionais e pessoais. Esses fatores podem contribuir para o aumento da ansiedade, afetando a saúde mental e o desempenho acadêmico dos estudantes.

A Terapia Cognitivo-Comportamental tem se mostrado uma abordagem eficaz para o tratamento de transtornos de ansiedade. A TCC atua na identificação e modificação de pensamentos distorcidos e comportamentos disfuncionais, promovendo o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento e a regulação emocional.

Considerando-se o enorme impacto que a ansiedade tem no desempenho acadêmico e nos aspectos gerais da formação dos discentes. O estudo possui relevância acadêmica e social. A investigação tem valor social porque pode contribuir para a identificação e prevenção de futuras condições médicas. Com isso, pode-se identificar as variáveis presentes na história de cada gênero, ou seja, pode-se facilitar a identificação destes fatores prejudiciais aos sujeitos. Como acadêmicos e pesquisadores, este estudo nos traz o benefício de adquirir conhecimento na elaboração e desenvolvimento de estudos e projetos, contribuindo para a ampliação do conhecimento científico na comunidade científica.

Em suma, a presente pesquisa pretende contribuir para a literatura existente sobre ansiedade acadêmica, oferecendo *insights* valiosos para a implementação de programas de apoio psicológico nas instituições de ensino. Ao destacar a importância da TCC como uma ferramenta eficaz para o manejo da ansiedade, espera-se proporcionar aos acadêmicos recursos práticos para enfrentar os desafios dessa fase e promover um ambiente acadêmico mais saudável e produtivo.

Assim, o objetivo geral do presente trabalho, consistiu em compreender os fatores que possam desencadear o transtorno de ansiedade em acadêmicos em fase de conclusão de curso. De forma específica, buscou-se: contextualizar sobre os aspectos conceituais e característicos da ansiedade; descrever os sintomas da ansiedade no meio acadêmico, e como pode impactar negativamente no desempenho do discente, e destacar as estratégias de enfretamento com base a Terapia Cognitivo-Comportamental com finalidade de redução da ansiedade nesse período acadêmico.

Para atingir os objetivos propostos, realizou-se uma revisão bibliográfica abrangente, analisando estudos e artigos científicos que abordam a ansiedade em estudantes universitários, com foco nas técnicas e estratégias da TCC. A revisão permitiu uma compreensão aprofundada dos fatores desencadeantes da ansiedade e das intervenções mais eficazes para sua redução.

2. DESENVOLVIMENTO

Recentemente, tem sido evidente o aumento de casos de transtornos mentais na população como um todo, que se tornam cada vez mais tema de debate nas políticas brasileiras e internacionais. Entre as preocupações, os sintomas de ansiedade são um dos problemas de saúde mental mais significativos no Brasil. Os transtornos de ansiedade estão entre os mais comuns na população em geral. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) apontam que o Brasil é o país com o maior número de pessoas ansiosas: 9,3% da população (Santos *et al.,* 2024).

Nascimento *et al.* (2024), afirmam que este aumento significativo é atribuído às mudanças significativas ocorridas nas esferas econômicas, sociais e culturais, as quais, levaram a uma alteração na atenção da sociedade para novos padrões de vida. Pontua-se que a ansiedade pode ter vários níveis de intensidade e duração, pode afetar indivíduos de diversas maneiras e pode tornar-se a causa de outras doenças. Com base nestas informações, os possíveis danos aos estudantes acadêmicos que podem causar ansiedade são considerados importantes para discussão e estudos.

Segundo Barbosa *et al.* (2021) situações ameaçadoras fazem com que o corpo tome consciência do perigo, isso faz com que o indivíduo tenha a motivação necessária para fugir da situação de ameaça. Uma vez consciente do perigo, o organismo liberará mais hormônios que promoverão a segurança do indivíduo, emitirão comportamentos de fuga ou atacarão a causa de sua consciência. Essa liberação de hormônios provoca diversas alterações fisiológicas e produz sintomas, diferentes para cada indivíduo, que podem levar a mal-estar gástrico, dor precordial, palpitações, sudorese excessiva, dores de cabeça etc. Em alguns indivíduos, pode aparecer como sintomas de doença cardiovascular, ou pode aparecer como sintomas intestinais, e em algumas pessoas podem não apresentar tais sintomas.

Além disso, segundo Lopes e Santos (2018), assim que o indivíduo conseguir eliminar o estressor (comportamento de fuga) que causou a disfunção do corpo, este deverá retornar à condição em que se encontrava antes do estressor, no entanto, se esta fase de alerta do organismo perdurar, pode-se estar diante de uma patologia, ou um Transtorno de Ansiedade.

Maluf (2002) descreveu esse estado de ansiedade como uma condição do organismo, causada por um estímulo específico, este é caracterizado por um aumento tônico da tensão e da apreensão, que é percebido como incômodo, e é acompanhado por um aumento de

significativo a atividade do sistema nervoso simpático, o que provoca maior produção do hormônio do estresse (cortisol) e altera o funcionamento do sistema digestivo. Isso afeta a motilidade intestinal, causando diarreia e desconforto abdominal.

Freitas *et al.* (2021) destacam a ansiedade como um sentimento preventivo que antecede uma situação de perigo, esse sinal é enviado ao indivíduo de que existe risco de medo, e faz com que ele fique mais excitado e hiperativo, tanto de natureza fisiológica quanto cognitiva.

D'ávila *et al.* (2020) ao revisarem a leitura, evidenciam que existem dois tipos de ansiedade: normal e patológica. Pode ser considerada ansiedade normal, quando se manifesta diante de uma situação que pode representar uma ameaça real ao indivíduo que está vivenciando, mas ansiedade patológica é quando se manifesta de forma envolvente a alguns estímulos, ou seja, diante de uma situação irreal, ameaça, e/ou com um grau de intensidade irrealista, e/ou que dura um período de tempo que não está em consonância com a duração real do estímulo que o originou, ou seja, está preocupado com o perigo envolvido.

Segundo os autores supracitados, as distorções cognitivas que controlam a ansiedade são: catastróficas, que fazem com que o sujeito acredite que as perdas possíveis estão presentes; personalização, que faz com que o sujeito aja como se os acontecimentos externos sejam diretamente relacionados à sua situação pessoal; amplificação e minimização, que ocorrem quando o sujeito foca nos perigos da situação e ignora outros aspectos da situação; abstração seletiva, que ocorre quando o sujeito ignora o contexto e se preocupa apenas com os aspectos perigosos da situação; na inferência arbitrária, o sujeito tirar lições a partir de informações limitadas e, por fim, na generalização excessiva, o sujeito percebe uma situação temporária como sendo eterna.

Pontua-se ainda, que a causa mais frequente de ansiedade é o estresse. A palavra estresse é definida como uma condição em que o organismo é estimulado, isso provoca uma ocorrência fisiológica e emocional, pois prejudica o sistema responsável pela manutenção do equilíbrio do funcionamento do corpo. Ao perturbar o sistema, esse processo provoca uma adaptação no corpo que desencadeia uma descarga de adrenalina, o que causa problemas físicos e mentais.

O evento que causa o estado de estresse é chamado de estressor. Normalmente, os estressores são definidos por gatilhos ambientais que levam ao estresse, esses gatilhos incluem "eventos prejudiciais" (por exemplo, incidentes) e "eventos semanais que são significativos" (por exemplo, situações que envolvem conflito (ou tensão crônica) (Margis *et al.*, 2003).

Apesar das definições e conceitos, é possível fazer um panorama dos diferentes autores que chegam a um consenso de que a ansiedade é o resultado de uma condição do organismo, que faz com que o indivíduo fique em estado de alerta emocional e físico, isso é comum a todos indivíduos que se deparam com uma situação, acontecimento ou fato incômodo, novo e/ou inesperado, ou que oferecem risco, então, diz-se que é desencadeado o estado de ansiedade, que faz com que os demais componentes do corpo fiquem em alerta também. Condição que pode inspirar o indivíduo a agir, realizar alguma ação para escapar da "situação de risco" e retornar a um estado de conforto, com o objetivo de manter seus atributos físicos e psicológicos.

Frente ao exposto, entende-se que a ansiedade é descrita como uma resposta emocional complexa, frequentemente desencadeada por situações de alta demanda e incerteza. Em resumo, segundo Sacramento *et al.* (2021), a ansiedade é caracterizada por sentimentos de apreensão, preocupação e medo, muitas vezes acompanhados por sintomas

físicos como taquicardia, sudorese e tremores. No contexto acadêmico, esses sintomas podem ser exacerbados pela pressão para finalizar o curso, a necessidade de cumprir prazos rigorosos para a entrega de monografias e projetos finais, e a transição iminente para o mercado de trabalho.

Jardim; Castro e Ferreira (2020) destacam que diversos estudos epidemiológicos indicam que os transtornos mentais têm maior probabilidade de aparecer pela primeira vez no início da idade adulta, especialmente durante a faculdade. A literatura sugere que a prevalência de sintomas de ansiedade entre estudantes universitários é elevada, podendo até ser superior à prevalência na população em geral. Assim, de acordo com os autores, os ambientes acadêmicos criam estresse quando o ambiente não é adequado ao desenvolvimento social dos alunos e à comunicação com os professores, a família e a sociedade.

Frente ao exposto, segundo Moura *et al.* (2018) a terapia cognitivo-comportamental pode ser um meio de enfrentamento e auxílio às dificuldades enfrentadas no ambiente acadêmico diante de fatores prejudiciais ao desempenho dos alunos e à saúde mental. A TCC é uma abordagem psicoterapêutica baseada na teoria de que sentimentos e comportamentos não são determinados pela situação, mas pela maneira como o indivíduo os interpreta, que pode ser distorcida ou disfuncional. A TCC ajuda os indivíduos a mudarem sua atenção, mudarem comportamentos e habilidades sociais por meio de técnicas que facilitam a resolução de problemas, gerenciamento de tempo, organização e controle emocional.

Beck (1997) propõe que a TCC ajuda os indivíduos a identificar e modificar pensamentos disfuncionais que contribuem para a ansiedade, além de desenvolver habilidades práticas de enfrentamento. No contexto acadêmico, a TCC pode ser usada para ajudar os estudantes a reestruturar pensamentos negativos e catastróficos relacionados ao desempenho acadêmico e ao futuro profissional.

2.1 Metodologia

A pesquisa proposta neste estudo científico, optou pela abordagem qualitativa. Este trabalho de conclusão de curso, seguiu pelo viés bibliográfico, onde realizou-se uma revisão de literatura, a qual, foi desenvolvida com base em artigos científicos.

Dessa forma, a pesquisa foi realizada nas bases de dados: SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*), LILACS (*Literatura Latino-Americana* e do Caribe em Ciências da Saúde), PubMed (*National Library of Medicine and the National Institutes of Health*), e Google Acadêmico, foram incluídas publicações dos últimos 5 anos, com uso dos seguintes descritores: ansiedade, saúde mental, e acadêmicos.

2.2 Resultados e Discussão

A fase de conclusão de curso universitário é um período crítico na vida acadêmica, caracterizado por um aumento significativo na pressão e nas responsabilidades dos estudantes. Diversos estudos apontam que a ansiedade é um dos transtornos mais comuns entre os acadêmicos durante essa fase, afetando negativamente seu desempenho acadêmico e bem-estar geral. Neste contexto, faz-se necessário compreender os principais fatores que contribuem para o surgimento e a intensificação da ansiedade.

Um dos fatores mais destacados na literatura é a pressão por desempenho. Segundo

Dias, Sousa e Vilanova-Campelo (2023), a exigência por altas notas e a necessidade de produzir trabalhos de alta qualidade aumentam significativamente a ansiedade dos estudantes. A constante preocupação em atender às expectativas acadêmicas, tanto dos professores quanto dos próprios alunos, pode gerar um estado de estresse contínuo, impactando a saúde mental dos acadêmicos.

Lucio *et al.* (2019) acreditam que existem diferentes estressores nos cursos universitários, e que esses fatores podem influenciar a prevalência de depressão entre estudantes. Fatores como a grande quantidade de tempo de estudo e as exigências dos professores que existem na vida de estudo dos alunos podem causar rupturas, mudanças bruscas na realidade que fazem com que os alunos se sintam infelizes, ainda, as crescentes exigências do mercado de trabalho, e a insegurança de concluir o curso e enfrentar o mercado de trabalho, o que os deixa com medos antecipados de darem conta das demandas, os deixando nervosos, cansados, sensíveis, e com vários sintomas físicos de desgaste geral.

Na fase de conclusão de curso, ainda pontua-se, inseguranças e medos durante as atividades de avaliação, exercícios excessivos, pressão dos professores, estágios clínicos, maior demanda de atividades e conteúdos, relatórios, e muitos outros fatores semelhantes podem desencadear a ansiedade como estado e traço (quando persiste por um período considerável de tempo).

Enfatiza-se ainda, para a o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso (TCC), período em que os discentes sofrem muita pressão do ambiente e de si mesmos, porque caracteriza-se como um trabalho importante para concluir o curso. Assim, os estudantes ficam ansiosos diante do TCC devido ao medo do fracasso e à insegurança de não conseguir fazer uma boa apresentação, ou a possibilidade de uma reprovação (Silva *et al.,* 2021).

Ainda de forma consoante, Mendes *et al.* (2020) argumentam que os estudantes das áreas da saúde são os que mais apresentam sintomas de ansiedade, depressão e estresse. Os cursos da área da saúde apresentam fatores desencadeantes de sintomas como experiência na prática clínica, trabalho com pessoas, exposição ao sofrimento psíquico, observação constante dos tutores nos ambientes de prática, medo de errar e sentimentos de inadequação.

Segundo Pereira *et al.* (2021), quanto maior o nível de ansiedade, maiores serão os prejuízos nos aspectos cognitivos do indivíduo, como atenção, memória, concentração e capacidade de raciocínio, reduzindo assim o desempenho nos estudos.

Uma pesquisa conduzida por Pereira e Oliveira (2019) indicou que a maioria dos acadêmicos em fase de conclusão de curso relatou níveis elevados de ansiedade, atribuídos principalmente à sobrecarga de tarefas e à percepção de alta expectativa de desempenho. Além disso, os estudantes que enfrentam dificuldades financeiras ou que têm responsabilidades familiares adicionais tendem a apresentar níveis ainda mais altos de ansiedade.

De forma concordante, Oliveira *et al.* (2023) destacam também em seus estudos sobre a sobrecarga de tarefas. Os autores pontuam que a fase final do curso envolve a realização de projetos de conclusão, estágios obrigatórios e, muitas vezes, a preparação para exames finais. De acordo seus achados, a acumulação dessas tarefas em um curto espaço de tempo contribui para o aumento da ansiedade. A falta de habilidades de gerenciamento de tempo e técnicas de estudo eficazes pode exacerbar essa sobrecarga, levando os estudantes a se sentirem sobrecarregados e incapazes de lidar com todas as demandas.

A insegurança quanto ao futuro profissional é outro fator significativo. A transição iminente para o mercado de trabalho, combinada com a incerteza sobre as perspectivas de emprego, pode causar uma ansiedade considerável. Jesus Novais (2024) destaca que

muitos estudantes se preocupam com a competitividade do mercado e com a adequação de suas habilidades e conhecimentos às exigências profissionais. Esta insegurança pode resultar em um medo paralisante de fracasso, intensificando os níveis de ansiedade.

Além desses fatores, a falta de suporte emocional e social é amplamente reconhecida como uma causa de ansiedade. Estudantes que não dispõem de uma rede de apoio sólida, seja de colegas, família ou mentores acadêmicos, tendem a apresentar níveis mais altos de ansiedade. Malheiros, Vanderlei e Brum (2023) observam que o suporte emocional adequado pode atuar como um amortecedor contra o estresse, proporcionando aos estudantes os recursos necessários para lidar com os desafios acadêmicos e pessoais.

Desse modo, estudantes que não dispõem de uma rede de apoio sólida, seja de colegas, família ou mentores acadêmicos, tendem a experimentar maiores níveis de ansiedade. Além disso, a ausência de habilidades de gerenciamento de tempo e técnicas de estudo eficazes contribui para a sensação de estar sobrecarregado e incapaz de lidar com as exigências acadêmicas.

A situação financeira também desempenha um papel significativo na ansiedade dos acadêmicos. Segundo estudos de Soares e Melo (2023) preocupações com dívidas estudantis, custo de vida e a necessidade de equilibrar estudos com trabalho podem aumentar significativamente os níveis de estresse e ansiedade. Estudantes que enfrentam dificuldades financeiras estão frequentemente sob uma pressão adicional para completar seus estudos com sucesso, o que pode agravar ainda mais sua ansiedade.

Por outro lado, Costa *et al.* (2021) destacam que a falta de tempo para lazer e descanso, a pressão para alcançar notas altas, e a insegurança quanto ao futuro profissional são os principais fatores estressores. A sobrecarga de trabalho acadêmico e a necessidade de equilibrar estudos com outras responsabilidades pessoais também são apontadas como causas significativas de ansiedade.

Por fim, a percepção de inadequação ou falta de competência pode contribuir para a ansiedade. Muitos estudantes sofrem do que é conhecido como síndrome do impostor, onde sentem que não merecem seus sucessos acadêmicos e temem ser “descobertos” como fraudes. Silva, Almeida e Carvalho (2020) argumentam que essa percepção pode levar à autossabotagem e ao aumento da ansiedade, à medida que os estudantes tentam compensar sua suposta inadequação através de um perfeccionismo extremo.

Em resumo, a ansiedade entre acadêmicos em fase de conclusão de curso é um fenômeno multifacetado, influenciado por uma combinação de pressão por desempenho, sobrecarga de tarefas, insegurança profissional, falta de suporte emocional, dificuldades financeiras e percepções de inadequação. A compreensão desses fatores é crucial para desenvolver estratégias de intervenção eficazes, como a Terapia Cognitivo-Comportamental, que podem ajudar os estudantes a navegar por esse período desafiador com maior resiliência e bem-estar.

Esta, tem se mostrado uma abordagem eficaz para ajudar estudantes a lidar com essa ansiedade, oferecendo estratégias práticas e baseadas em evidências para enfrentar os desafios emocionais e cognitivos que surgem nesse período.

A TCC parte do princípio de que nossos pensamentos influenciam nossas emoções e comportamentos. Portanto, uma das principais estratégias da TCC é a reestruturação cognitiva, que envolve identificar e modificar pensamentos negativos e distorcidos. De acordo com Oliveira *et al.,* (2024), essa técnica permite que os acadêmicos reconheçam pensamentos automáticos disfuncionais, como “Eu nunca vou conseguir terminar a tempo” ou “Se eu falhar, minha carreira estará arruinada”. Ao substituir esses pensamentos por

versões mais realistas e equilibradas, os estudantes podem reduzir a ansiedade e melhorar seu estado emocional.

Outra estratégia é a exposição gradual a situações ansiogênicas. Segundo Reis e Rodrigues (2023) a exposição controlada a situações que provocam ansiedade, como apresentações de trabalho ou reuniões com orientadores, pode dessensibilizar os alunos a essas situações, diminuindo a ansiedade associada. Esta técnica permite que os estudantes enfrentem seus medos de maneira controlada e progressiva, construindo confiança e reduzindo a aversão às situações que inicialmente causavam desconforto.

Além disso, a gestão do tempo e das tarefas é outra área onde a TCC pode fornecer suporte crucial. Acadêmicos frequentemente experimentam sobrecarga de trabalho, e técnicas de organização, como a definição de metas SMART (específicas, mensuráveis, alcançáveis, relevantes e com prazo definido), podem ajudar a estruturar suas atividades de forma mais gerenciável. Segundo Vaz *et al.* (2023), essa abordagem ajuda os estudantes a dividir grandes tarefas em etapas menores e mais manejáveis, reduzindo a sensação de estar sobrecarregado e, consequentemente, a ansiedade.

Destaca-se ainda, a prática de habilidades de relaxamento, como a respiração diafragmática e a meditação mindfulness, também é integrada na TCC para reduzir os sintomas físicos de ansiedade. Malheiros, Vanderlei e Brum (2023) destacam em seus achados que a meditação mindfulness, ajudou os estudantes a se tornarem mais conscientes de seus pensamentos e sentimentos no momento presente, reduzindo a ruminação e promovendo um estado de calma e foco.

Ainda salienta-se o Apoio social, como componente importante no manejo da ansiedade. Segundo Hofmann (2024), o isolamento social pode exacerbar os sintomas de ansiedade, enquanto o suporte de amigos, familiares e colegas pode atuar como um buffer contra o estresse. A TCC encoraja os estudantes a construir e manter redes de apoio, utilizando técnicas como a comunicação assertiva para fortalecer essas conexões.

Por fim, a automonitorização e avaliação contínua são aspectos importantes da TCC. Pellissari (2023) sugere que manter um diário de pensamentos e emoções pode ajudar os estudantes a identificar padrões e gatilhos de ansiedade, permitindo intervenções mais eficazes. A avaliação contínua do progresso também ajuda a ajustar as estratégias conforme necessário, garantindo que os alunos estejam sempre utilizando as técnicas mais eficazes para sua situação particular.

Frente ao exposto, entende-se que a aplicação da TCC oferece um conjunto robusto de ferramentas para ajudar acadêmicos a enfrentar a ansiedade na fase de conclusão de curso. Combinando reestruturação cognitiva, exposição gradual, gestão do tempo, habilidades de relaxamento, apoio social e automonitorização, os estudantes podem desenvolver resiliência e bem-estar emocional, facilitando a navegação por esse período desafiador de suas vidas acadêmicas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise e compreensão da ansiedade em acadêmicos na fase de conclusão de curso revela a complexidade e a intensidade dos desafios emocionais enfrentados por esses estudantes. Esta revisão bibliográfica à luz da psicologia destacou que a pressão para finalizar projetos, as incertezas sobre o futuro profissional e a gestão de múltiplas responsabilidades são fatores que contribuem significativamente para o aumento dos níveis de ansiedade. Diante desse cenário, a Terapia Cognitivo-Comportamental se apresenta como

uma abordagem essencial para o enfrentamento da ansiedade.

A TCC oferece uma variedade de técnicas que são eficazes na identificação e modificação de padrões de pensamento negativos, na exposição gradual a situações ansiogênicas, e na implementação de estratégias de gestão do tempo e das tarefas. As práticas de relaxamento e a construção de redes de apoio social também são componentes fundamentais que auxiliam na redução dos sintomas de ansiedade.

Os benefícios da TCC são amplamente respaldados por estudos e autores renomados na área da psicologia. Portanto, a aplicação da TCC não apenas proporciona um alívio imediato dos sintomas de ansiedade, mas também equipa os acadêmicos com habilidades duradouras para gerenciar o estresse e a ansiedade no longo prazo. A capacidade de enfrentar e superar os desafios emocionais durante a conclusão de curso é crucial para o sucesso acadêmico e o bem-estar geral dos estudantes. Assim, a promoção e a integração de técnicas de TCC nas práticas de suporte psicológico para acadêmicos são de extrema importância para garantir que esses indivíduos possam transitar por essa fase crítica de maneira saudável e equilibrada.

Conclui-se que a aplicação da TCC pode ser eficaz na redução da ansiedade entre acadêmicos, proporcionando ferramentas práticas para enfrentar os desafios dessa fase acadêmica. A revisão sugere que a implementação de programas de apoio psicológico nas instituições de ensino, baseados na TCC, pode contribuir significativamente para o bem-estar mental dos estudantes. Além disso, a conscientização sobre a importância de buscar ajuda profissional e o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento são cruciais para minimizar os impactos negativos da ansiedade na vida acadêmica e pessoal dos estudantes em fase de conclusão de curso. Sugere-se futuros estudos empíricos, com abordagens quantitativas e qualitativas, para validar e expandir os achados desta revisão, bem como para explorar intervenções específicas adaptadas a diferentes realidades acadêmicas.

Referências

BARBOSA, Leopoldo Nelson Fernandes *et al.* Frequência de sintomas de ansiedade, depressão e estresse em brasileiros na pandemia COVID-19. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 21, p. 413-419, 2021.

BARBOSA, Tatiane Muniz *et al.* Acadêmicos de medicina e o impacto do serviço de apoio psicológico. **Debates em Psiquiatria**, v. 14, p. 1-21, 2024.

BECK, A. T; RUSH, A., SHAW, B., E EMERY, G. **Terapia cognitiva da depressão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

COSTA, Deyvison Soares da et al. Sintomas de depressão, ansiedade e estresse em estudantes de Medicina e estratégias institucionais de enfrentamento. **Revista brasileira de educação médica**, v. 44, p. e040, 2020.

D'ÁVILA, Lívia Ivo et al. Processo patológico do transtorno de ansiedade segundo a literatura digital disponível em português-revisão integrativa. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 155-168, 2020.

DIAS, Francisca Aline; SOUSA, Bianca Caroline Damasceno; Vilanova-Campelo, Regina Célia. Uso combinado de aromaterapia e meditação: efeitos nos níveis de estresse e ansiedade em universitários maranhenses. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 15, n. 44, p. 517-532, 2023.

FREITAS, Ronilson Ferreira et al. Prevalência e fatores associados aos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores universitários durante a pandemia da COVID-19. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, p. 283-292, 2021.

HOFMANN, Stefan G. **Ansiedade Social:** Enfrentando Seus Medos e Aproveitando os Contatos Sociais com a Terapia Cognitivo-comportamental. Artmed Editora, 2024.

JARDIM, Marília Guimarães Leal; CASTRO, Tathyane Silva; FERREIRA-RODRIGUES, Carla Fernanda. Sintomatologia depressiva, estresse e ansiedade em universitários. **Psico-USF**, v. 25, n. 4, p. 645-657, 2020.

JESUS NOVAES, Arianny. Aspectos psicossociais e sintomas de ansiedade relacionados à graduação entre estudantes de enfermagem. **Revista Brasileira de Saúde Funcional**, v. 12, n. 1, 2024.

LOPES, Keyla Crystina da Silva Pereira; SANTOS, Walquiria Lene. Transtorno de ansiedade. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 1, n. 1, p. 45-50, 2018.

LÚCIO, Saislany Sheury Rafael et al. Níveis de ansiedade e estresse em estudantes universitários. **Revista Temas em Saúde**, v. 19, p. 260-274, 2019.

MALHEIROS, Pablo Coutinho; VANDERLEI, Aleska Dias; BRUM, Evanisa Helena Maio de. Meditação para estresse e ansiedade em universitários: um ensaio clínico randomizado. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 47, p. e025, 2023.

MARGIS, Regina et al. Relação entre estressores, estresse e ansiedade. **Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 25, p. 65-74, 2003.

MENDES, Tassia Barcelos et al. Atividade física e sintomas de ansiedade e depressão entre estudantes de medicina durante a pandemia. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 27, p. 582-587, 2021.

MONDARDO, Anelise Hauschild; PEDON, Elisangela Aparecida. Estresse e desempenho acadêmico em estudantes universitários. **Revista de Ciências Humanas**, v. 6, n. 6, p. 159-180, 2005.

MOURA, Inara Moreno et al. A terapia cognitivo-comportamental no tratamento do transtorno de ansiedade generalizada. **Revista científica da faculdade de educação e meio ambiente**, v. 9, n. 1, p. 423-441, 2018.

OLIVEIRA, Jonas et al. A intervenção da terapia cognitivo comportamental no transtorno de ansiedade em jovens e adultos. **Epitaya E-books**, v. 1, n. 57, p. 201-226, 2024.

OLIVEIRA, Rinara Soares et al. A depressão em estudantes de medicina. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 3, p. e12665-e12665, 2023.

PELLISSARI, Marina Cruz. **Ansiedade de desempenho acadêmico: um ensaio clínico aleatorizado**. 2023. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

PEREIRA, Daniele Santiago et al. Efeitos reiki no estresse e ansiedade em universitários: revisão integrativa. **Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem**, v. 11, n. 33, p. 64-71, 2021.

REIS, Veronilda Adriele Matias; RODRIGUES, Roger Giovane. A INFLUÊNCIA DA ANSIEDADE NO APRENDIZADO ACADÊMICO. **Revista FAROL**, v. 18, n. 18, p. 30-41, 2023.

SACRAMENTO, Bartira Oliveira et al. Sintomas de ansiedade e depressão entre estudantes de medicina: estudo de prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, p. e021, 2021.

SAMPAIO, Leonardo; OLIVEIRA, Letícia; PIRES, Michelle. Empatia, depressão, ansiedade e estresse em Profissionais de Saúde Brasileiros. **Ciencias psicológicas**, v. 14, n. 2, 2020.

SANTOS, Laurany Barbosa *et al.* Escala de estratégias de enfrentamento de ansiedade e incerteza pré-exame: evidências psicometricas no Brasil. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 17, n. 50, p. 67-93, 2024.

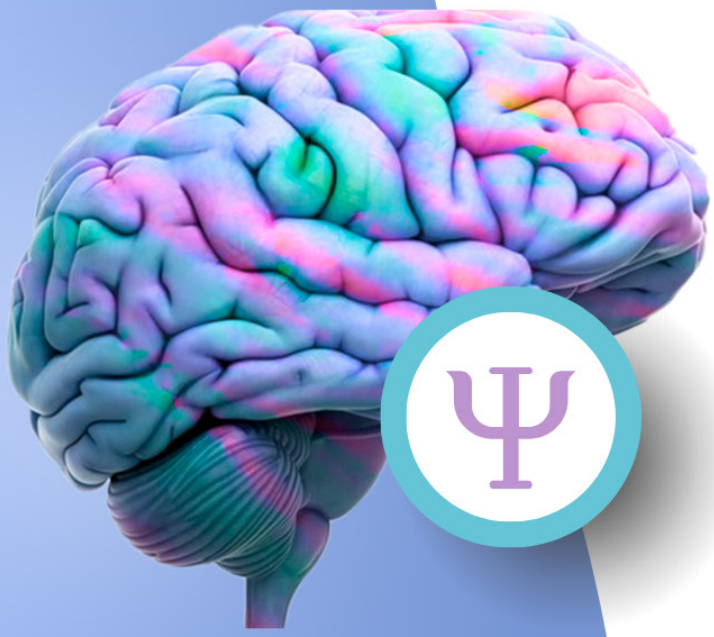
SILVA, Amanda Maria Graça *et al.* Ansiedade em acadêmicos de enfermagem e suas complicações futuras. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, v. 10, n. 2, p. 269-279, 2021.

SILVA, Ismael; ALMEIDA, Israel Rodrigues; CARVALHO, Leyla Regis Meneses. Estudo comparativo dos transtornos de ansiedade e fatores associados em acadêmicas do curso de educação física e demais áreas da saúde. **RBPFEX-Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 14, n. 92, p. 665-672, 2020.

SOARES, Wisandria Arruda; MELO, Tatiana Lima. Ansiedade e transtornos alimentares em graduandos. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, v. 15, n. 2, 2023.

VAZ, Samara *et al.* Prevalência de sintomas de depressão e ansiedade em acadêmicos da área da saúde. **CIPEEX**, v. 4, 2023.

3



PANDEMIA E COVID-19: MUDANÇAS NO COTIDIANO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS EM PROFISSIONAIS NO AMBIENTE HOSPITALAR

PANDEMIC AND COVID-19: CHANGES IN EVERYDAY LIFE AND THEIR PSYCHOLOGICAL CONSEQUENCES ON PROFESSIONALS IN THE HOSPITAL ENVIRONMENT

Ananias Ferreira Santos
Marcos Aurélio Fernandes
Bruno Luan da Silva dos Santos

Pascal
Editora

Resumo

A resposta global à pandemia de COVID-19 destacou rápidos avanços científicos, como a sequenciação genética do vírus Sars-CoV-2 e o desenvolvimento de uma vacina em menos de um ano. No entanto, apesar deste progresso, as respostas políticas em alguns países, como o Brasil, a Índia e os Estados Unidos, continuam a falhar, resultando em elevados números de casos e mortes evitáveis. Além dos sintomas respiratórios comuns, este artigo explora as complicações cardiovasculares da COVID-19. A pandemia sobrecarregou os profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros, e destacou a importância dos equipamentos de proteção individual (EPI) e do apoio à saúde mental. O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) criou um canal de apoio psicológico para esses trabalhadores. Os psicólogos hospitalares desempenham um papel importante no apoio aos pacientes, familiares e profissionais da linha da frente, ajudando a gerir o stress, a lidar com a síndrome de burnout, a promover o bem-estar emocional em ambientes hospitalares desafiantes e a participar em processos multidisciplinares para garantir um cuidado integral.

Palavras-chave: Pandemia; Covid-19; Saúde mental.

Abstract

The global response to the COVID-19 pandemic has seen rapid scientific advances, such as the genetic sequencing of the SARS-CoV-2 virus and the development of a vaccine in less than a year. However, despite this progress, policy responses in some countries, such as Brazil, India and the United States, continue to fail, resulting in high numbers of cases and preventable deaths. In addition to common respiratory symptoms, this article explores the cardiovascular complications of COVID-19. The pandemic has overburdened healthcare workers, especially nurses, and has highlighted the importance of personal protective equipment (PPE) and mental health support. The Brazilian Federal Nursing Council (COFEN) has created a psychological support channel for these workers. Hospital psychologists play an important role in supporting patients, families and frontline workers, helping to manage stress, deal with burnout syndrome, promote emotional well-being in challenging hospital environments and participate in multidisciplinary processes to ensure comprehensive care.

Keywords: Pandemic; Covid-19; Mental health.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa justifica-se pela importância e os benefícios que o psicólogo apresenta no ambiente hospitalar, principalmente após a covid-19. A presença do psicólogo no hospital facilita a expressão de sentimentos, a comunicação entre paciente, família e da equipe de saúde, além de demonstrar o quanto a psicologia e a escuta acolhedora podem fazer para amenizar o sofrimento da pessoa doente e de sua família, pois se trata de mostrar para aquela pessoa em sofrimento que ela não está sozinha e pode compartilhar o que está sentindo.

Através de artigos com ênfase no contexto hospitalar, é possível perceber que o sucesso das intervenções psicológicas realizadas deve em grande parte à realização de uma boa avaliação, pois é através dela que o psicólogo conhece a história de vida, detecta condições reativas ou patológicas e escolhe os focos a serem trabalhados com o paciente. Contudo, são poucos os artigos que exploram o tema da avaliação psicológica no contexto hospitalar.

A clínica psicanalítica no hospital não visa transformar o sujeito. Essa transformação às vezes acontece, pois, ao passar pelo adoecimento, o sujeito não sai do outro lado da mesma forma que entrou, mas isso é uma consequência, e não uma meta a ser perseguida, como numa análise tradicional, pois os encontros de dois seres, por vezes modificam um ao outro, como uma troca.

A importância do psicólogo no ambiente hospitalar se tornou ainda mais evidente após a pandemia da covid-19, destacando os benefícios que a presença desse profissional pode proporcionar tanto aos pacientes quanto às suas famílias. A atuação do psicólogo facilita a expressão de sentimentos e a comunicação entre o paciente, seus familiares e a equipe de saúde, criando um espaço seguro para que os indivíduos compartilhem suas angústias e preocupações.

Essa escuta acolhedora é fundamental para amenizar o sofrimento, oferecendo apoio emocional em momentos de vulnerabilidade. Em um contexto onde o isolamento e o medo se tornaram comuns, a presença de um psicólogo pode ajudar os pacientes a perceberem que não estão sozinhos em sua jornada, promovendo uma conexão humana essencial para o processo de cura.

No entanto, a literatura sobre a avaliação psicológica no contexto hospitalar ainda é escassa, o que representa um desafio significativo para a prática clínica. A eficácia das intervenções psicológicas depende de uma avaliação cuidadosa, que permite ao psicólogo compreender a história de vida do paciente e identificar as condições que precisam ser abordadas.

A abordagem psicanalítica no hospital não busca uma transformação do sujeito como meta, mas reconhece que o adoecimento pode levar a mudanças significativas na forma como o indivíduo se vê e se relaciona com o mundo.

Assim, a pesquisa se propõe a explorar os desafios enfrentados por pacientes no ambiente hospitalar durante a pandemia, investigando as repercussões das mudanças nas rotinas diárias e como isso impactou o atendimento psicológico. O artigo também apresentará uma visão geral da pandemia, do ambiente hospitalar e das contribuições da psicologia, enfatizando a relevância desse campo no cuidado aos pacientes em momentos críticos.

Diante do contexto apresentado, a pergunta norteadora foi “quais os desafios encon-

trados por pacientes no ambiente hospitalar no período de pandemia da covid-19?", logo também se faz importante que o leitor compreenda o processo de mudanças no cotidiano geral e suas consequências em pacientes no âmbito hospitalar. Ao longo do artigo você também encontrará informações sobre a pandemia do covid-19, a história do ambiente hospitalar e as contribuições da psicologia nas condições de pacientes no período de pandemia da covid-19.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

O tipo de pesquisa que foi realizada se trata de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo, onde serão pesquisados livros, dissertações e artigos científicos selecionados através de busca nas seguintes bases de dados "SciELO", "google acadêmico" e "biblioteca virtual Anhanguera". O período dos artigos pesquisados foram os trabalhos publicados nos últimos 10 anos. Os critérios de inclusão foram através de palavras-chave e os acontecimentos nos últimos anos, desta forma foram utilizados 10 artigos. As palavras-chave utilizadas na busca serão: "Psicologia Hospitalar"," Covid 19" e "Pandemia".

2.2 Resultados e Discussão

A emergência de saúde pública global desencadeada pela virulência da COVID-19 destacou a capacidade da humanidade para entender, conceituar e responder às pandemias e para procurar as melhores evidências para a tomada de decisão. Depois das medidas tomadas em Wuhan, na China, em dezembro de 2019, os cientistas levaram apenas duas semanas para fazer o sequenciamento genético do vírus Sars-CoV-2 identificado em pacientes infectados e em menos de um ano criaram vacinas eficazes contra a infecção causada por esse patógeno. Dessa maneira, se comparado com outras pandemias como H1N1, Gripe Espanhola e Peste Negra, foi uma reação rápida e eficaz (Freire, 2021).

Por mais que os cientistas tenham tomado as medidas necessárias para lidar com a pandemia da COVID-19, isso não evitou o fracasso recorrente nas estratégias de nações como o Brasil, a Índia e os Estados Unidos no enfrentamento à COVID-19, isso se confirma pelo volume expressivo de casos confirmados e mortes evitáveis registrada nesses países. No mais, além das políticas de saúde pública equivocadas, como a imunidade coletiva e o foco em medicamentos para os quais não há evidências cientificas, esse resultado está ligado a ênfase em curas milagrosas, teoria da conspiração, notícias sensacionalistas e demagogia contra vacinas, em prejuízo de medidas sanitárias simples com a utilização de máscaras, lavar as mãos com frequência, manter distância social, entre outros (Freire, 2021).

O quadro clínico da COVID-19 apresenta semelhanças com outras viroses respiratórias, manifestando sintomas como febre, tosse seca e cansaço, com 80% dos casos sendo leves. No entanto, conforme destacado por Strabelli (2020), a doença também pode desencadear complicações mais severas, especialmente relacionadas ao sistema cardiovascular.

A ênfase inicial no tratamento da COVID-19 frequentemente desviou a atenção dos clínicos das complicações cardíacas significativas que podem ocorrer, como evidenciado por um estudo realizado em um hospital na Itália. Neste estudo, que avaliou 138 pacientes internados, 16,7% desenvolveram arritmia e 7,2% apresentaram lesão cardíaca aguda, ressaltando a necessidade de uma abordagem integrada que considere as implicações cardíacas da infecção.

> Num estudo que avaliou 138 pacientes internados por COVID-19, 16,7% desenvolveram arritmia e 7,2% apresentaram lesão cardíaca aguda.2 Por outro lado, os cardiologistas do Hospital San Raffaele, em Milão, Itália, hospital de referência para complicações cardiovasculares da COVID-19, coletaram enzimas (BNP, troponina, CK-MB) de todos os pacientes para detectar a prevalência de acometimento cardíaco. Em 9 de março, dos 82 pacientes internados, sendo 19 pacientes em UTI, apenas uma paciente de 43 anos foi admitida por dor torácica com alteração do segmento ST e foi diagnosticada com pneumonia. A angiocoronariografia foi normal. Um grande estudo publicado pelo Centro Chinês de Controle e Prevenção de Doenças, com dados de 44.672 casos confirmados do COVID-19, relatou mortalidade de 2,3%. As comorbidades mais frequentes nos pacientes que evoluíram a óbito foram hipertensão arterial, diabetes mellitus, doença cardiovascular e idade acima de 70 anos (Strabelli, 2020, p. 598–600).

Com tudo que acontece durante a pandemia, principalmente a superlotação dos leitos, os profissionais de saúde dos hospitais, especialmente os enfermeiros, ficaram muito sobrecarregados.

A sobrecarga enfrentada pelos profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros, durante a pandemia destacou a importância de estruturar não apenas a infraestrutura hospitalar, mas também as condições de trabalho desses trabalhadores essenciais.

A modernização dos ambientes hospitalares se tornou uma necessidade urgente para atender o fluxo crescente de pacientes, mas isso também exigiu um comprometimento significativo com a saúde mental e o bem-estar da equipe. Em meio à pressão extrema para proporcionar cuidados adequados, a falta de suporte emocional e psicológico para os profissionais pode levar a um aumento nos casos de burnout e estresse, o que compromete tanto a qualidade do atendimento quanto a saúde dos próprios trabalhadores.

Na época, o estado de calamidade tomado pela doença tem dividido espaço com a modernização de ambientes hospitalares para atendimento de novos pacientes (MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR), 2022; COFEN, 2020-A; COFEN, 2020-B). No mais, havia uma grande preocupação em fornecer equipamentos de proteção individual (EPI) e coletiva (EPC), assim como o treinamento das equipes de enfermagem, foram ganhando destaque (Rosa, 2021).

Além disso, a ênfase na disponibilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) e no treinamento das equipes de enfermagem, conforme indicado pelas diretrizes do Ministério da Saúde e do COFEN, deve ser complementada por iniciativas que promovam um ambiente de trabalho mais saudável e seguro.

As instituições de saúde precisam reconhecer que a proteção dos profissionais vai além dos equipamentos físicos; ela deve incluir também estratégias que abordem o apoio psicológico e a saúde mental dos enfermeiros e outros membros da equipe de saúde. Criar um espaço para a escuta ativa e o suporte emocional é fundamental para garantir que os profissionais possam lidar com a carga emocional e física que enfrentam, contribuindo, assim, para uma prestação de cuidados mais efetiva e humana. Apesar das mudanças no cenário hospitalar, havia uma grande preocupação em relação ao suporte à saúde mental desses profissionais, então se deu início ao projeto:

> Em março de 2020, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) disponibilizou um canal de atendimento aos enfermeiros, com o objetivo de ofertar apoio aos profissionais da linha de frente da COVID-19 (COFEN, 2020-A). O

> atendimento é também realizado por enfermeiros voluntários, que trabalham especificamente na assistência à saúde mental e buscam auxiliar em melhorias à saúde emocional desses profissionais (Rosa, 2021, p. 44293-44317).

O Atendimento Psicológico Hospitalar é um método de atividades associadas à Psicologia da Saúde. Através da Psicologia da Saúde, explica-se doença e saúde com base na interação complexa entre múltiplos fatores, como fatores biológicos, cognitivos, afetivos, comportamentais e sociais. Sendo assim, é necessária uma atenção envolvendo todos esses fatores para dar uma fidedignidade no foco da investigação. Segundo Simonetti (2016) afirma que seus esforços estão centrados na subjetividade do paciente, com base no conceito de escuta psicológica, isso auxilia o paciente a lidar com sua doença, comunicar seus sintomas e até mesmo quando não consegue falar.

O Atendimento Psicológico Hospitalar, portanto, se destaca como uma abordagem fundamental que busca integrar diferentes dimensões da experiência humana em relação à saúde e à doença. Essa perspectiva é essencial, pois reconhece que a vivência de um paciente em um ambiente hospitalar vai além dos aspectos físicos da doença, englobando também as emoções, crenças e contextos sociais que influenciam sua percepção e enfrentamento da condição de saúde.

A escuta psicológica, como mencionado por Simonetti (2016), é um elemento-chave nesse processo, permitindo que o paciente se sinta acolhido e compreendido, o que pode ser crucial para sua recuperação emocional. Essa escuta não apenas oferece um espaço seguro para a expressão de sentimentos, mas também facilita a comunicação de sintomas, promovendo uma melhor compreensão entre o paciente e a equipe de saúde.

Além disso, ao considerar a subjetividade do paciente, o Atendimento Psicológico Hospitalar contribui para um tratamento mais personalizado e humanizado. Isso se reflete na criação de um vínculo de confiança entre o paciente e o profissional de saúde, que é vital para o sucesso das intervenções terapêuticas. Quando os pacientes se sentem ouvidos e valorizados, eles tendem a estar mais engajados em seu tratamento, o que pode levar a melhores resultados clínicos.

Assim, a integração da psicologia no ambiente hospitalar não apenas melhora a qualidade do atendimento, mas também enriquece a experiência do paciente, reconhecendo sua complexidade como ser humano e não apenas como portador de uma doença. Essa abordagem holística é essencial para a promoção de um cuidado mais eficaz e compassivo dentro das instituições de saúde.

Com isso, acredita-se que a psicologia não tem como objetivo tratar doenças, como a medicina. No entanto, acaba por conduzir a uma preocupação mais profunda: devemos intervir face às consequências desta doença, tanto para o paciente, como para a família e para os profissionais de saúde.

As Referências Técnicas para a profissão de psicólogo em hospitais especializados em serviços do SUS indicam que a psicologia está envolvida em diversos processos integrantes do tratamento dos pacientes ou de seus familiares, esses processos são conduzidos por uma equipe multidisciplinar que leva em consideração as necessidades do paciente ou desejos, esse processo também é utilizado como meio de criação de vínculo e administração de cuidados de saúde. Um serviço prestado por um profissional de psicologia envolve cuidados de saúde e a administração de tratamentos (Castro, 2004).

Dessa forma, a atuação da psicologia no ambiente hospitalar transcende o simples atendimento clínico, focando em um modelo holístico de cuidado que reconhece a complexidade da experiência humana diante da doença.

A psicologia contribui para a saúde mental dos pacientes, auxiliando na adaptação emocional ao tratamento e na elaboração de medos e ansiedades que surgem com o diagnóstico.

Além disso, o suporte psicológico se estende às famílias, que muitas vezes enfrentam um processo de luto antecipado e estresse significativo.

A integração do psicólogo na equipe multidisciplinar permite que as intervenções sejam mais eficazes, uma vez que aborda não apenas as condições médicas, mas também as dimensões emocionais e sociais da saúde, promovendo um tratamento que respeita as individualidades e as relações interpessoais. Essa abordagem integrada é fundamental para melhorar a qualidade do atendimento e a experiência do paciente e seus familiares, reforçando a importância da psicologia como um componente essencial nos cuidados de saúde contemporâneos.

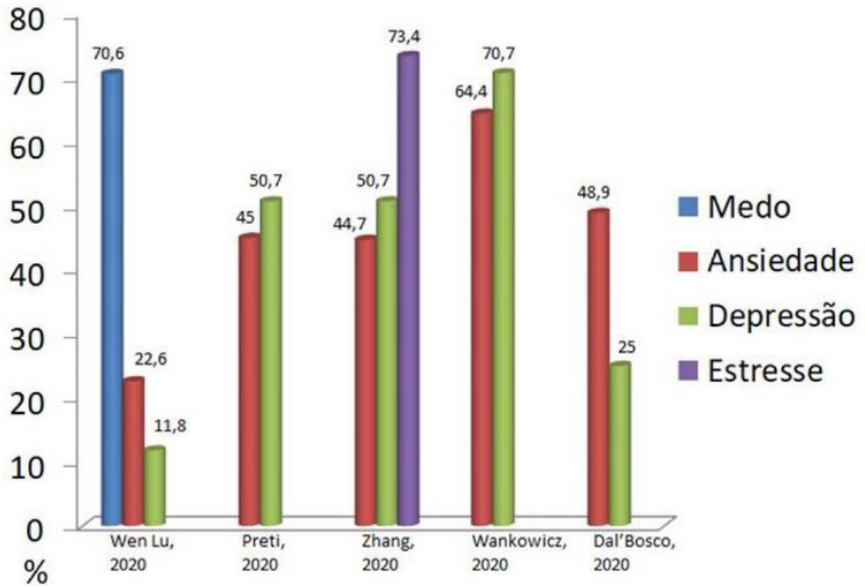
A exposição contínua ao sofrimento e à morte, bem como a carga de trabalho intensificada, contribuíram para altos níveis de estresse e esgotamento, desencadeando a síndrome de Burnout entre muitos profissionais de saúde.

Os psicólogos hospitalares desempenharam um papel crucial no apoio a esses profissionais, oferecendo intervenções para gerenciar o estresse e promover o autocuidado. E por muitas vezes, tendo que lidar com diversas questões intrapessoais (Silva *et al*., 2015)

Os profissionais de psicologia desempenham um papel vital no suporte psicológico às famílias de pacientes internados, especialmente em Unidades de Terapia Intensiva (UTI), conforme relatado por Dias et al. (2019). Durante as sessões, esses profissionais não se limitam apenas a oferecer suporte emocional, mas também atuam como mediadores entre os familiares e a equipe médica.

A complexidade da situação hospitalar pode levar a mal-entendidos em relação às informações fornecidas pelos médicos, e é nesse contexto que a intervenção dos psicólogos se torna essencial para esclarecer regras e procedimentos relacionados às consultas. Essa função de esclarecimento é crucial para que os familiares compreendam plenamente a situação de seus entes queridos, ajudando a reduzir a ansiedade e a incerteza durante um período já desafiador.

Figura 1. Os impactos da pandemia na saúde mental dos profissionais de UTIs.



Fonte: PESQUISA GOOGLE (2024).

Além de facilitar a comunicação entre a família e a equipe de saúde, o trabalho dos psicólogos contribui para a criação de um ambiente mais acolhedor e colaborativo. A escuta ativa e o suporte emocional que os profissionais oferecem permitem que os familiares expressem suas preocupações e sentimentos, o que é fundamental para o seu próprio bem-estar durante momentos de crise.

Essa abordagem não apenas melhora a compreensão das informações médicas, mas também fortalece os laços familiares, proporcionando um espaço onde os entes podem se sentir apoiados e ouvidos.

Assim, o papel dos psicólogos é multifacetado, abrangendo desde a intervenção informativa até o suporte emocional, essencial para lidar com os desafios que surgem no contexto hospitalar.

Sendo assim, os psicólogos hospitalares desempenham um papel multifacetado durante uma pandemia, assim como outros profissionais que ficam na linha de frente na área da saúde. O psicólogo hospitalar fornece suporte emocional e prático para pacientes, familiares e profissionais de saúde, enquanto trabalham para promover a saúde mental e o bem-estar geral da comunidade.

3. CONCLUSÃO

A presença do psicólogo no ambiente hospitalar desempenha um papel fundamental na humanização do atendimento, facilitando não apenas a expressão de sentimentos, mas também a comunicação entre pacientes, familiares e a equipe de saúde.

A psicologia hospitalar, por meio de uma escuta acolhedora e atenta, proporciona um suporte valioso que contribui significativamente para amenizar o sofrimento da pessoa adoecida e de seus entes queridos. Esse tipo de suporte permite que os indivíduos enfrentem o processo de adoecimento de forma mais consciente e preparada, ajudando-os a lidar com os desafios emocionais que surgem ao longo do tratamento.

Além disso, os estudos ressaltam que o sucesso das intervenções psicológicas em ambiente hospitalar está intimamente ligado à realização de uma avaliação psicológica cuidadosa e detalhada. Essa avaliação permite ao psicólogo conhecer a história de vida do paciente, identificar fatores emocionais ou patológicos e, assim, direcionar o tratamento de maneira mais eficaz.

No entanto, há uma carência na literatura de artigos que tratem da avaliação psicológica no contexto hospitalar, apesar de sua importância inegável para a eficácia das intervenções.

Em situações extremas, como a pandemia da COVID-19, a relevância do psicólogo hospitalar foi ainda mais evidente. Durante esse período, os profissionais de saúde estiveram sob extrema pressão, enfrentando superlotação dos hospitais, escassez de recursos e exposição constante ao risco de contaminação.

Essas condições aumentaram consideravelmente o estresse e o desgaste emocional dos profissionais da linha de frente, levando a um aumento dos casos de síndrome de Burnout. Nesse cenário, os psicólogos hospitalares desempenharam um papel crucial, oferecendo suporte psicológico tanto aos pacientes quanto aos profissionais de saúde, ajudando-os a gerenciar o estresse e a evitar o esgotamento total.

Além de trabalhar diretamente com os pacientes, os psicólogos também atuaram na mediação das relações entre os profissionais de saúde e as famílias dos pacientes, espe-

cialmente em casos graves, como os de internação em UTI.

Muitas vezes, os familiares tinham dificuldades para compreender as informações fornecidas pela equipe médica, e o psicólogo se tornou um intermediário essencial para garantir que essas informações fossem transmitidas de forma clara e compreensível, contribuindo para um maior entendimento e alívio emocional.

Outro aspecto relevante da atuação do psicólogo hospitalar é o impacto que ele pode ter na equipe de saúde.

A exposição contínua ao sofrimento e à morte, combinada com a carga de trabalho intensificada, gerou um aumento significativo dos níveis de estresse entre os profissionais de saúde, que muitas vezes lidavam com seus próprios dilemas emocionais enquanto prestavam assistência aos pacientes. Nesse contexto, o psicólogo hospitalar também se dedicou a promover o bem-estar mental dos colegas de trabalho, oferecendo intervenções voltadas para o autocuidado e a prevenção do esgotamento mental.

Portanto, o papel do psicólogo no ambiente hospitalar vai muito além do atendimento ao paciente. Ele atua de maneira multifacetada, proporcionando suporte emocional e prático a todos os envolvidos no processo de tratamento – pacientes, familiares e equipe de saúde. A atuação do psicólogo não apenas promove a saúde mental e o bem-estar geral, mas também contribui para a criação de um ambiente hospitalar mais humanizado e eficiente.

Em tempos de crise, como durante a pandemia, essa atuação se torna ainda mais essencial, evidenciando a importância de um cuidado integral que leve em consideração os aspectos emocionais e psicológicos de todos os envolvidos no contexto hospitalar.

Referências

CASTRO, E. K.; BORNHOLDT, E.. Psicologia da saúde x psicologia hospitalar: definições e possibilidades de inserção profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 24, n. 3, p. 48–57, set. 2004.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Cofen apoia dia nacional de lutas em defesa da vida.** 2019. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/cofen-apoia-dia- nacional-de-lutas-em-defesa-da-vida_67976.html. Acesso em 24 mai. 2024.

DOS SANTOS RODRIGUES, José Victor et al**. Intervenções em psicologia hospitalar durante a pandemia da covid-19 no Brasil:** uma revisão integrativa da literatura. Research, Society and Development, v. 10, n. 12, p. e332101220288- e332101220288, 2021.

Ministério da Saúde (BR). **Coronavírus e o novo coronavírus:** o que é, causas, sintomas, tratamento e prevenção [Internet]. 2020. Disponível em: https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/coronavirus. Acesso em 23 mai. 2024.

Resolução n° 11 (2018). **Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP N° 11/2012.** Brasília: Conselho Federal de Psicologia.

ROSA, Thiago José Lima et al. **Análise sobre a saúde mental dos profissionais de enfermagem no enfrentamento da covid-19:** uma análise num hospital regional. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 5, p. 44293-44317, 2021.

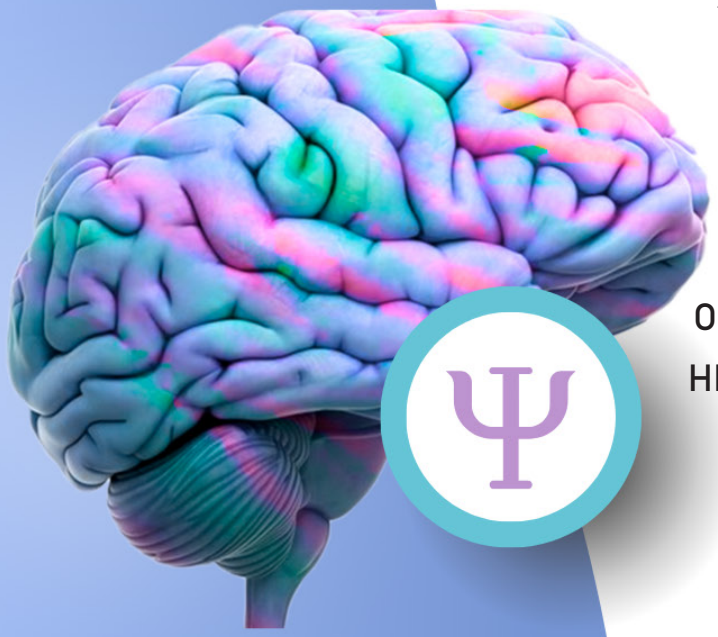
SERAFIM, Roseana Sá; DO BÚ, Emerson; NUNES, Aline Lima. **Manual de diretrizes para atenção psicológica nos hospitais em tempos de combate ao Covid-19.** Revista Saúde & Ciência, v. 9, n. 1, 2020.

SILVA, S. C. P. S. *et al*.. A síndrome de burnout em profissionais da Rede de Atenção Primária à Saúde de Aracaju, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 10, p. 3011–3020, out. 2015.

Simonetti, A. **Manual de psicologia hospitalar.** Casa do psicólogo, 2006.

STRABELLI, TMV; UIP, DE. COVID-19 e o Coração. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia** , v. 4, pág. 598–600, abr. 2020

4



AMBIENTE ORGANIZACIONAL E A SAÚDE MENTAL: A RELAÇÃO DE COMPROMISSOS EM FUNCIONÁRIOS DE EMPRESAS E O ESTADO MENTAL DE SEUS COLABORADORES

ORGANIZATIONAL ENVIRONMENT AND MENTAL HEALTH: THE RELATIONSHIP OF COMMITMENTS IN COMPANY EMPLOYEES AND THE MENTAL STATE OF THEIR EMPLOYEES

Keila Raquel Sakamoto Alves Goltzman
Marco Aurélio Fernandes

Pascal
Editora

Resumo

A importância das relações interpessoais e da saúde mental nos ambientes organizacionais, enfatizando como esses fatores impactam diretamente o bem-estar dos funcionários e o desempenho da empresa. Ele mencionou que os humanos sempre viveram em grupos durante o processo de evolução, e as necessidades interpessoais como controle, tolerância e emoção desempenham um papel fundamental nas relações sociais. No ambiente de trabalho, a forma como as emoções são vivenciadas pode gerar conflitos, estresse e até doenças mentais, afetando tanto os indivíduos quanto as organizações. O artigo sublinha ainda que as empresas devem melhorar a qualidade de vida profissional e a saúde mental dos seus colaboradores, pois isso não só aumentará a produtividade, mas também evitará problemas como a perda de competitividade e o absentismo. Por último, a saúde mental é vista como um fator chave no bem-estar económico e social, refletindo a sustentabilidade das empresas e a qualidade do seu trabalho.

Palavras-chave: Relações interpessoais, Saúde mental, Ambiente de trabalho, Qualidade do trabalho.

Abstract

The importance of interpersonal relationships and mental health in organizational environments, emphasizing how these factors directly impact employee well-being and company performance. He mentioned that humans have always lived in groups throughout the evolution process, and interpersonal needs such as control, tolerance and emotion play a fundamental role in social relationships. In the workplace, the way emotions are experienced can generate conflicts, stress and even mental illness, affecting both individuals and organizations. The article also emphasizes that companies must improve the quality of professional life and mental health of their employees, as this will not only increase productivity but also prevent problems such as loss of competitiveness and absenteeism. Finally, mental health is seen as a key factor in economic and social well-being, reflecting the sustainability of companies and the quality of their work.

Keywords: Interpersonal relationships, Mental health, Work environment, Quality of work.

1. INTRODUÇÃO

A saúde mental no ambiente de trabalho é de extrema importância, pois influencia diretamente o bem-estar e o desempenho dos colaboradores, além de impactar a produtividade e a eficiência das organizações. Algumas das razões pelas quais a saúde mental é crucial no ambiente de trabalho é que visa a prevenção de problemas futuros e o bem-estar dos funcionários.

No entanto, é de extrema importância que o ambiente de trabalho valorize e promova a saúde mental dos colaboradores e que contribua para o seu bem-estar geral. Isso pode reduzir o estresse, a ansiedade e a depressão, melhorando a qualidade de vida no trabalho e fora dele, ajudando na boa relação consigo mesmo e com as outras pessoas ao seu redor. Ao promover a saúde mental desde o início, as organizações podem ajudar a prevenir problemas mais sérios no futuro, como burnout, estresse crônico e outros transtornos mentais que podem afetar significativamente a vida profissional e pessoal dos colaboradores.

Em suma, a saúde mental no ambiente de trabalho não apenas beneficia os colaboradores individualmente, mas também contribui para o sucesso e a sustentabilidade das organizações como um todo. Portanto, é fundamental que as empresas invistam em programas e políticas que promovam um ambiente de trabalho saudável e acolhedor para todos.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

O tipo de pesquisa a ser realizada será uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo, onde serão pesquisados livros, dissertações e artigos científicos selecionados através de busca nas seguintes bases de dados “SciELO” e “google acadêmico”. O período dos artigos pesquisados serão os trabalhos publicados nos últimos 10 anos. Os critérios de inclusão desta forma serão utilizados (números) artigos. As palavras-chave utilizadas na busca serão: “Saúde Mental” e” ambiente organizacional” e “mercado de trabalho”.

2.2 Resultados e Discussão

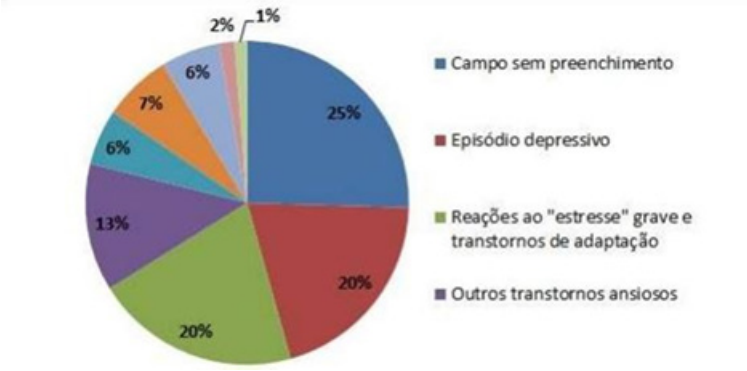
Desde os primórdios da civilização, os seres humanos têm se destacado como animais sociais, caracterizados por uma propensão inata a viver em grupos. Essa tendência de sociabilidade é um dos fatores que os diferencia de outras espécies animais, sendo a capacidade de raciocínio uma de suas principais características. Ao longo da história da evolução, o ser humano passou por um complexo processo de transformação, impulsionado pelas pressões ambientais que, muitas vezes, se mostraram hostis, instáveis e limitantes. Essas adversidades foram fundamentais para o desenvolvimento da espécie, contribuindo para a seleção natural e a adaptação às mudanças ao seu redor. Após atravessar essas diversas fases existenciais, os humanos adquiriram uma gama de necessidades que vão além da mera sobrevivência. Compreender essas necessidades é crucial para garantir a continuidade da vida, uma vez que elas são fundamentais para a motivação que orienta o comportamento individual e coletivo. Essas motivações não apenas moldam as interações sociais, mas também são a base para o funcionamento da sociedade e o desenvolvimento cultural, sendo sempre permeadas pelas relações que estabelecem com os outros. Através

dessas conexões, os indivíduos constroem significados, valores e práticas que enriquecem a experiência humana e sustentam o progresso social.

De acordo com Schultz (1979), existem três necessidades interpessoais básicas que devem ser levadas em consideração, como o controle, a afeição e a inclusão, definidas como: Schutz (1979) aborda os conceitos de inclusão, que envolve estar dentro ou fora; controle, relacionado a estar por cima ou por baixo; e afeição, que se refere à proximidade ou distanciamento. Dessa forma, Hintze e Scatolin (2018) destacam que as relações interpessoais no ambiente organizacional estão profundamente conectadas às emoções, uma vez que estão vinculadas às necessidades pessoais de cada indivíduo.

Assim, pode-se afirmar que, no ambiente organizacional, as emoções vivenciadas impactam diretamente a qualidade das interações sociais. Esse impacto pode tanto gerar conflitos quanto servir de base para o suporte no processo de relacionamento interpessoal (Gondin *et al*., 2018).

Figura 1. Distribuição dos diagnósticos específicos das notificações, por transtornos mentais relacionados ao trabalho.



Fonte: distribuição dos diagnósticos específicos das notificações, por transtornos mentais relacionados ao trabalho – pesquisa google. Acesso em 17 de outubro de 2024.

O ambiente organizacional é uma construção abstrata e pode ser visto de diversos ângulos. Esses ambientes turbulentos se modificam com frequência e acabam por introduzir graus elevados de incerteza na organização (Moresi, 2001), mas também, por sua vez, podem ser fontes de recursos financeiros, tecnológicos, humanos etc., dos quais a organização depende. Dessa forma, à medida que apresenta desafios que conduzem um processo de seleção das organizações, estas estão mais aptas a sobreviverem a ambientes instáveis (Hannan; Freeman, 1977).

Segundo Gondim e Siqueira (2010), a maneira como as emoções são sentidas podem interferir diretamente na qualidade dos relacionamentos sociais, resultando em conflitos emergenciais, no qual também é responsável pelo processo de relações interpessoais. Continuamente, é notável e considerável, o número de pessoas encontradas que estão enfrentando algum conflito e desafios, podendo causar uma grande inquietação, medo ou ansiedade, relatando estresse, e quando se referem ao termo “estresse” significa dizer que é uma exposição que remete a um sentimento negativo. Sendo assim, ficam alguns questionamentos a serem feitos:

A reflexão proposta por Hintze e Scatolin (2018) questiona se é apropriado classificar todas as situações que nos tiram da zona de conforto como experiências negativas e estressantes. Ela sugere que, em vez de simplesmente ver essas situações como desconfortáveis, devemos considerar o que elas podem nos ensinar e como podem servir como indicadores para melhorar nossas interações sociais. Além disso, essas percepções podem ser valiosas para otimizar o ambiente organizacional, promovendo um convívio mais har-

monioso e produtivo.

A partir disso, é importante compreender o quanto os relacionamentos interpessoais no ambiente organizacional podem direcionar o trabalhador ao estado de estresse, ao adoecimento e as suas consequências tanto na vida pessoal quanto na vida profissional e até da organização. Além disso, Zanelli (2002), diz que o psicólogo para que tenha a capacidade de analisar as ações, atitudes, comportamentos humanos, com o intuito de tentar compreender como elas atuam no meio organizacional, é necessário levar em consideração suas crenças, seus sentimentos, as normas, percepções, os valores, as expectativas, interações e entre outros que vão muito além das questões topográficas apresentadas no campo, observando também os aspectos individuais, sociais e institucionais (Hintze; Scatolin, 2018).

Sendo assim, ao compreender a individualidade dos colaboradores pode-se desempenhar uma função que mais trará benefícios tanto pra empresa quanto para o próprio funcionário. De acordo com os impactos em que a saúde mental dos colaboradores influência na produção e desempenho, nota-se a importância que os funcionários tenham saúde mental para assegurarem melhores condições ao trabalho. A saúde mental dos funcionários é de extrema importância para as organizações, pois assim é feito um bom uso dos processos e desempenhos dentro das empresas e indústrias (Valencio; Daniela, 2023).

Dessa maneira, saúde e trabalho podem ser definidos como a inter-relação entre os processos saúde-doença, cuja dinâmica se inscreve nos fenômenos mentais, por mais que seja social (Nardi; Bernardes, 1997). É de grande relevância o entendimento de cuidar da saúde dos colaboradores, pois assim também é possível garantir uma maneira em que muitos colaboradores não fiquem sem o seu trabalho por ausência de produtividade, causando problemas psicológicos e que as empresas possuam competitividade entre as indústrias e fazendo com que o mercado cresça (Valencio; Daniela, 2023).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2022), relata que a saúde mental é vital não apenas para a saúde, mas o bem-estar social e econômico, pois quando o ser humano está com a mente adoecida, é tanto causa quanto consequência da pobreza, da educação comprometida, da desigualdade de gênero, de problemas de saúde e de outros desafios globais. O mundo vem enfrentando mudanças e a globalização consiste em desafios, incerteza aos trabalhadores e competitividade no mercado de trabalho, podendo resultar no adoecimento psíquico, pois resulta em baixos salários, discriminação, carga de horário em excesso e entre outros.

> Os problemas relacionados ao sofrimento mental no trabalho, suas causas e consequências são cada vez mais estudados, principalmente devido à alta incidência e prevalência nos ambientes de trabalho, ocasionando sérios prejuízos ao desempenho profissional do trabalhador e prejuízos econômicos ao empregador, além dos custos ao nível macroeconômico (Valencio; Daniela, 2023, P. 626).

É importante promover uma cultura de produtividade que não cause danos à saúde dos trabalhadores. É necessário a Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) por parte da empresa, pois é o principal ponto para despertar o emocional dos trabalhadores. Assim, os funcionários se sentem motivados a se dedicarem as suas tarefas e são estimulados também na criatividade, alcançando então as metas. Para uma empresa ter sucesso, é fundamental criar um ambiente de crescimento também para os funcionários.

3. CONCLUSÃO

É evidente que o ambiente de trabalho pode desencadear estresse e adoecimento psicológico, afetando tanto a vida pessoal quanto o desempenho profissional dos trabalhadores, além de prejudicar a organização como um todo.

A análise aponta que a interação entre emoções, relações interpessoais e as demandas do ambiente organizacional pode gerar conflitos e, por consequência, estresse. No entanto, a pesquisa também sugere que esses conflitos podem ser transformados em oportunidades para melhorar as interações sociais e a qualidade do ambiente de trabalho. O bem-estar mental dos colaboradores é visto como essencial não só para garantir a produtividade, mas também para assegurar a competitividade das empresas no mercado.

Portanto, é fundamental que as organizações adotem estratégias de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), visando promover um ambiente que favoreça tanto o crescimento pessoal quanto o profissional. Ao priorizar a saúde mental dos funcionários, as empresas garantem um ciclo de produtividade saudável, onde o equilíbrio entre trabalho e bem-estar psicológico é preservado. Assim, criar uma cultura organizacional que valorize a saúde emocional dos colaboradores não só melhora o desempenho, mas também promove um ambiente de crescimento sustentável para todos.

Referências

BARBOSA, Ricardo Rodrigues et al. **Inteligência empresarial: uma avaliação de fontes de informação sobre o ambiente organizacional externo.** Data Grama Zero– Revista de Ciência da Informação, v. 3, n. 6, 2002.

HANNAN, M. T., FREEMAN, J. The population ecology of organizations**, American Journal of Sociology.** v.82, n.5, p.929-964, 1977.

HINTZE, Simone Silvério; SCATOLIN, Henrique Guilherme. Relações interpessoais no ambiente organizacional: um olhar sobre a saúde do trabalhador. **Rev Espacios**, v. 2018, p. 39, 2018.

MORESI, E. A. D. **O contexto organizacional.** In: TARAPANOFF, K (Org.). Inteligência organizacional e competitiva. Brasília: Ed. UnB, 2002. p. 51-91.

NARDI, Helena; TITTONI, José; BERNARDES, João. Subjetividade e trabalho. In: CATTANI, André (Org.). **Trabalho e tecnologia:** dicionário crítico. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 240–246

OMS. Organização Mundial da Saúde. Diretrizes sobre saúde mental no trabalho. 2022.

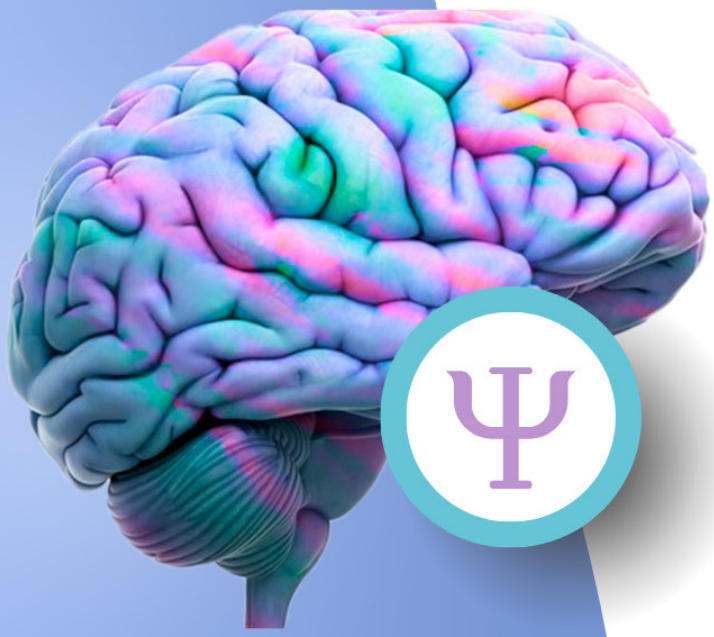
SCHULTZ, T. Paul. Interpretation of Relations Among Morality, Economics of the Household, and the Health Environment. **Center Discussion Paper**, 1979.

VALENCIO, V. I.; DANIELA. **Saúde mental e sua influência na**

Produtividade. Revista Interface Tecnológica, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 622–633, 2023. DOI: 10.31510/infa.v20i2.1797. Disponível em: https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/1797. Acesso em: 22 maio. 2024.

ZANELLI, José Carlos. **O psicólogo nas organizações de trabalho**. Artmed Editora, 2009.

5



HOSPITALIZAÇÃO E TRATAMENTO ONCOLÓGICO: O IMPACTO PSICOLÓGICO DO CÂNCER NOS PACIENTES E FAMILIARES

HOSPITALIZATION AND ONCOLOGICAL TREATMENT: THE PSYCHOLOGICAL IMPACT OF CANCER ON PATIENTS AND FAMILIES

Aline Kelly Pereira de Souza
Marco Aurélio Fernandes

Pascal
Editora

Resumo

O estudo objetivou identificar e descrever os impactos causados psicologicamente nos pacientes acometidos com câncer e seus familiares cuidadores, trazendo como foco central a importância fundamental do atendimento psicológico especializado e suas nuances, que se revelam essenciais para mitigar o sofrimento emocional e promover a resiliência. A demanda e a carga psicológica para o paciente oncológico e seu familiar são demasiadamente pesadas e cansativas, afetando significativamente sua qualidade de vida, e exigindo uma abordagem integral que considere as necessidades físicas, emocionais e psicológicas. Durante todo o artigo, é enfatizada a necessidade premente de entender e buscar a ajuda psicológica para conseguir melhor lidar com os anseios, lutas, tristezas, incertezas e perspectivas perdidas que acompanham o diagnóstico e tratamento do câncer. Desta maneira, o presente artigo visa compreender e analisar profundamente os impactos psicológicos adquiridos nos pacientes oncológicos e seus familiares, destacando a grande importância de um psicólogo nesse contexto, que desempenha um papel fundamental no processo de hospitalização e tratamento oncológico, oferecendo suporte emocional, alívio do sofrimento e melhoria da qualidade de vida para pacientes e familiares, e contribuindo para uma jornada mais digna e humanizada.

Palavras-chave: Doença, Processo, Mental, Psicólogo, Emocional.

Abstract

The study aimed to identify and describe the psychological impacts on cancer patients and their family caregivers, focusing on the fundamental importance of specialized psychological care and its nuances, which are essential to mitigate emotional suffering and promote resilience. The psychological demands and burden on cancer patients and their families are extremely heavy and tiring, significantly affecting their quality of life and requiring a comprehensive approach that considers physical, emotional and psychological needs. Throughout the article, the pressing need to understand and seek psychological help to better cope with the anxieties, struggles, sadness, uncertainties and lost perspectives that accompany the diagnosis and treatment of cancer is emphasized. Thus, this article aims to understand and deeply analyze the psychological impacts acquired by cancer patients and their families, highlighting the great importance of a psychologist in this context, who plays a fundamental role in the process of hospitalization and cancer treatment, offering emotional support, alleviating suffering and improving the quality of life for patients and families, and contributing to a more dignified and humanized journey.

Keywords: Disease, Process, Mental, Psychologist, Emotional.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é relevante devido à escassez de discussões sobre a temática apresentada, bem como à gravidade da doença em questão, que representa uma ameaça significativa à vida. Os efeitos sobre uma família, seja ela bem ou mal estruturada, podem ser imensos, especialmente quando levamos em conta fatores estressantes, como a ausência de saúde mental, problemas financeiros, o cuidador que se torna a pessoa a ser cuidada, pais incapazes de cuidar dos filhos, filhos que estão perdendo os pais e familiares que se preparam para a perda de um ente querido. Além disso, há uma infinidade de impactos que muitas vezes não recebem a devida atenção.

Este artigo aborda aspectos que frequentemente ficam relegados ao esquecimento, ocultos atrás de um diagnóstico que é difícil de enfrentar e aceitar. Questões como “por que isso está acontecendo comigo?” ou “por que com minha família?” são comuns. É essencial compreender as limitações que surgirão a partir desse momento, como se adaptará a nova rotina, quais estratégias serão adotadas nesta nova fase da vida para garantir a sobrevivência, e como lidar com tratamentos como quimioterapia, radioterapia, a perda de cabelo, intervenções cirúrgicas, seja de mama, estômago ou próstata, e ainda, o impacto de um diagnóstico em uma criança ou adolescente.

Se torna imprescindível a ajuda psicológica nesse momento da vida, desde o diagnostico com possível remissão ou um diagnostico indicativo para cuidados paliativos, o adoecimento mental vai sendo acometido ao longo de todo o tratamento oncológico, é um tratamento cansativo e pesado, a família e o paciente necessitam entender a importância de receber a ajuda psico-oncologia nesse período.

Diante do contexto apresentado, questiona-se quais as problemáticas diante do impacto psicológico referente a um diagnóstico de câncer, tanto para o paciente quanto para seus familiares, o prejuízo do impacto psicológico advindo de um diagnóstico de câncer traz transtornos não somente por ser uma doença ameaçadora da vida, mas por uma questão sociocultural, que a mulher “precisa” cuidar do lar, o homem “precisa” prover a família, ninguém quer precisar depender de ninguém. Os impactos ainda sofrem grande influência pelo tipo de câncer que foi diagnosticado, trazendo assim mais fragilidade, limitações, dependências, e principalmente intensidade de dor.

Essa pesquisa teve como objetivo descrever a importância de entender como os pacientes e familiares lidam com um diagnóstico de câncer, compreendendo a necessidade da busca do psicólogo após o diagnóstico, apontando a importância do entendimento que o paciente deve ter sobre o câncer e demonstrando a importância do apoio emocional que os familiares precisam ter com o paciente sem o tornar impotente.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

Este artigo trata-se de uma revisão de bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo, onde foram pesquisados livros, dissertações e artigos científicos e através dos critérios de inclusão, foram selecionados 3 (três) artigos nas bases de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online), 6 (seis) da plataforma do Google Acadêmico, e 1 (um) livro que ressalta sobre a temática, os artigos que não retratam sobre o assunto discutido foram excluídos desta revisão. O período dos artigos pesquisados foram os trabalhos publicados nos últi-

mos 10 anos. Os critérios de inclusão foram relatos de pacientes oncológicos e profissionais que vivenciaram o âmbito hospitalar e/ou oncológico. As palavras-chave utilizadas da busca foram: câncer; paciente; familiares; impacto.

2.2 Resultados e Discussão

A partir da segunda metade do século XX, cresceram as preocupações com o câncer na sociedade brasileira. Esse fenômeno transformou a doença em uma realidade significativa no cotidiano, e em uma intensa preocupação social. Seu impacto epidemiológico cresce a demanda por maior abrangência nas ações destinadas ao seu controle, especialmente por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), que coloca o câncer no foco das discussões sobre medicina e saúde pública no Brasil (Neto; Teixeira, 2017).

> A partir de meados da década de 1970 – quando o intenso crescimento econômico se conectou à progressiva busca dos governos militares de ampliação da cobertura das ações de saúde, como concessões a demandas sociais que lhes poderiam garantir o mínimo apoio social (Escorel, 2012) –, o câncer voltou a ter maior visibilidade. Com a criação do Plano Nacional de Combate ao Câncer, em 1973, a doença passou a ocupar ainda mais espaço nas pautas da saúde pública, tornando-se cada vez mais uma questão socialmente reconhecida. A partir da década de 1980, o maior desenvolvimento do Instituto Nacional do Câncer trouxe uma nova perspectiva para o controle da doença. A elaboração de ações integradas entre o Instituto e o Ministério da Saúde e a mobilização em torno da educação sanitária e da detecção precoce colocavam o câncer em um novo patamar de importância. Nesse contexto, as iniciativas nacionais para a detecção de tumores específicos, como o de colo do útero e o de mama, e as ações para o controle do tabaco ganharam maior dimensão, ampliando ainda mais a visibilidade da doença (Teixeira; Fonseca, 2017, p 185).

Em concomitância, o câncer de mama é a neoplasia mais frequentemente diagnosticada entre as mulheres, constituindo um significativo desafio para a saúde pública em todo o mundo, devido à sua alta incidência e taxa de mortalidade. De acordo com o Observatório Global de Câncer, foram projetados 2,2 milhões de novos casos e 655 mil mortes causadas pela doença em 2020. (Santos, 2016) Apesar de sua progressão ao longo do tempo, o câncer de mama tem demonstrado uma tendência de queda na mortalidade em nações desenvolvidas. Presume-se que isso esteja ligado ao maior acesso a serviços de saúde, o que possibilita o diagnóstico precoce e o tratamento adequado da enfermidade, resultando em um aumento na taxa de sobrevida. No entanto, a mortalidade no Brasil continua alta, sendo o diagnóstico tardio a principal razão (Ferreira *et al.,* 2016).

Apesar das batalhas diárias para promover conhecimentos sobre a recorrência do câncer, por meio de campanhas, ações educativas, palestras, suporte psicológico, assistência médica e divulgação na mídia sobre a importância do autoexame, muitas pessoas sentem um grande medo de receber um diagnóstico de câncer. Como resultado, elas frequentemente adiam a busca por um diagnóstico, o que pode comprometer a qualidade do tratamento ou até mesmo inviabilizar o acesso a um tratamento eficaz devido à demora em procurar ajuda.

> Em relação à escolaridade, quando comparadas àquelas sem nenhuma, mulheres com ensino fundamental incompleto mostraram uma prevalência 17% menor de diagnóstico de câncer de mama em estágio avançado, sendo ob-

> servado gradiente de aumento nessa estimativa quanto maior era a escolaridade. Estudo transversal feito a partir de dados disponibilizados pelo Integrador RHC entre 2000 e 2009 com 59.317 casos de câncer de mama feminina de todo o Brasil apontou que mulheres com sete anos ou menos de estudo apresentaram chance 40% maior de serem diagnosticadas com câncer de mama em estágio avançado. A educação – considerada uma proxy da situação socioeconômica – é um fator determinante das condições de saúde dos indivíduos, pois baixos níveis de escolaridade estão associados a piores condições de saúde, conforme mostram os resultados do presente estudo. O conhecimento sobre a doença e as formas de detecção precoce, além do adequado acesso aos serviços de saúde, podem ser apontados, portanto, como de terminantes de proteção contra o diagnóstico de câncer de mama em estágio avançado em mulheres com níveis de escolaridade mais altos (SANTOS *et al.,* 2015, p, 472).

Por conseguinte, o câncer de próstata é 4° neoplasia mais comum entre a população masculina, sendo crucial que haja iniciativas de conscientização para reduzir o estigma e aumentar a detecção precoce. A falta de informação e a desinformação em relação ao câncer de próstata são fatores que contribuem para a resistência dos homens em buscar cuidados médicos. Muitas vezes, crenças negativas ou os tabus associados a questões de saúde masculina, como a sexualidade e os exames preventivos, podem levar a um diagnóstico tardio, que pode impactar negativamente o tratamento e a qualidade de vida do paciente (Fernandes; Carvalho; Ferreira, 2019).

Além disso, a repercussão psicológica da doença, como a depressão e a sensação de impotência, é uma consequência comum que deve ser abordada, não apenas pelos profissionais de saúde, mas também por programas de apoio e grupos de pacientes. É fundamental que esses pacientes sejam apoiados em suas necessidades emocionais, além do tratamento clínico, promovendo uma abordagem integrada à saúde.

Apesar dos contínuos progressos na ciência e na tecnologia, o câncer continua a ser considerado uma enfermidade incurável que frequentemente está ligada à morte. Por essa razão, é notório que o diagnóstico de câncer traz à tona desafios psicológicos significativos. Ademais, existem indícios de que eventos de grande relevância, como um diagnóstico de câncer, podem impactar a autopercepção do indivíduo, suas relações interpessoais e seus valores, exigindo, portanto, uma reconfiguração de diversas áreas da vida do paciente (Fernandes; Carvalho; Ferreira, 2019).

> A vivência do diagnóstico de câncer pode promover sentimentos de raiva, tristeza, inquietação, ansiedade, angústia, medo da morte e luto (Ramos & Lustosa, 2009), podendo ainda desencadear sofrimento e incerteza em relação ao futuro (Santos *et al*., 2011). No caso das mulheres com câncer de mama, por exemplo, significa lidarem com representações relacionadas à mama, que frequentemente estão associadas à sexualidade, maternidade e feminilidade (Ramos & Lustosa, 2009). Além disso, familiares de mulheres com câncer de mama também tendem a ter medo de que elas morram em decorrência do câncer (Vale, Dias, & Miranda, 2017). Já os homens com câncer de próstata precisam lidar com as fragilidades, limitações e cuidados impostos pelo diagnóstico, como o medo da perda da masculinidade (Modena *et al*., 2014; Porto et al., 2016), mudanças na rotina de trabalho e nas relações familiares (Modena et al., 2014). Além disso, de modo geral, para ambos os sexos, um dos aspectos mais temidos é a dor (Lione, 2008), além do medo da morte e a consciência de finitude da vida (Fernandes; Carvalho; Ferreira, 2019, P. 70).

Um diagnóstico não discrimina: não importa a pessoa, suas crenças, sua condição financeira ou seu gênero. Para todos os seres humanos, a possibilidade de enfrentar uma doença que traz consigo a perspectiva da finitude da vida é, sem dúvida, um desafio emocional e psicológico.

> Sobre as diferenças entre homens e mulheres, o estudo convida à reflexão sobre questões de gênero no cuidado em Oncologia, visto que com a chegada da doença os homens mostraram-se preocupados em não conseguirem trabalhar fora de casa e as mulheres, preocupadas com a possibilidade de não conseguirem mais cuidar da casa, reafirmando assim os lugares tradicionais de homens e mulheres em relação ao trabalho (Alves *et al*., 2011; Tagliamento & Toneli, 2010). Além disso, as mulheres relataram o medo da perda da beleza, já os homens relataram o tratamento como uma possibilidade de garantia da vida, reafirmando assim que questões de gênero devem ser levadas em conta na morbimortalidade pelo câncer (Martins *et al*., 2012), bem como nas fases da descoberta e do tratamento da doença. Portanto, parece que os sentidos negativos associados ao câncer direcionaram os participantes a se igualarem na luta contra a doença e na busca pelo autocuidado (Fernandes, Carvalho, Ferreira, 2019, P. 79).

O câncer é uma doença com um estigma muito grande, associado ao morrer ele ameaça não somente a saúde física do paciente diagnosticado, mas a saúde mental do mesmo e de sua família. É uma doença que assusta, que traz consigo uma real passagem da linha do tempo ainda em vida, pacientes veem muitas das vezes suas vidas se esvaindo em suas mãos e seus familiares sem soluções a serem apresentadas. No entanto, a partir de certo momento, é necessário haver um auxílio psicológico para esse paciente e familiares, seja para lidar com um tratamento difícil com chances de remissão, ou um tratamento paliativo no fim da vida.

O câncer é uma condição que tem ganhado destaque no âmbito da saúde pública atualmente. Essa condição abrange um conjunto de mais de cem doenças que se caracterizam pelo crescimento descontrolado de células, que podem invadir tecidos e órgãos, além de se espalhar para outras partes do corpo. Esse grupo de doenças pode se manifestar de diversas maneiras, afetando áreas variadas do corpo, como ossos, músculos e outros órgãos internos e externos. É uma enfermidade que apresenta altas taxas de incidência em pessoas de ambos os sexos e em todas as idades, tornando-se, por isso, uma das principais causas de mortes em todo o mundo (Fonseca; Castro, 2016).

Os avanços nas pesquisas médicas, especialmente na última década, possibilitaram que diversos tipos de câncer pudessem ser curados, principalmente quando diagnosticados precocemente. Contudo, o câncer ainda é uma doença que está fortemente associada à ideia de fatalidade, além de implicar problemas relacionados às mudanças físicas, à imagem corporal e a diversas crenças formadas ao longo do tratamento. Por ser uma doença crônica, com prognósticos muitas vezes desfavoráveis, o diagnóstico do câncer desencadeia uma série de reações psicológicas negativas em pacientes e em seus familiares, notavelmente ao relacionar a enfermidade à possibilidade de morte e invalidez (Fonseca; Castro, 2016).

É fundamental frisar que o câncer é uma patologia no qual o tratamento é, geralmente, bastante doloroso, com efeitos colaterais que provocam mudanças na vida do indivíduo. Em diversas situações, o indivíduo portador da doença perde sua autonomia, sofre com alterações em sua aparência física, se afasta de suas relações sociais, se afasta de atividades que lhe trazem prazer e apresenta sentimento de impotência, o que pode resultar no

aparecimento de diversos transtornos psicológicos (Fonseca; Castro, 2016).

Entende-se a partir disso o real significado do quão dolorido o processo de adoecimento pode ser, especialmente em situações em que a morte é iminente, é marcado pelo sofrimento psicossocial do paciente. Nos casos de câncer, esses aspectos podem se tornar ainda mais intensos devido às peculiaridades da doença. Com o diagnóstico de câncer, diversas transformações ocorrem na vida do indivíduo, trazendo à tona a ameaça de planos futuros, perda de esperança, ansiedade e medo. O diagnóstico é, assim, percebido como o início de uma crise que se estabelece em meio a muitas incertezas e inseguranças e que não será sancionada logo, haverá espera e muitas vezes, dor por essa espera (Fonseca; Castro, 2016).

> Tratando-se da inserção do psicólogo em contextos de assistência a pacientes hospitalizados, verifica-se que após diversas revisões e questionamentos quanto a aplicação, ela se estabeleceu como uma importante alternativa na busca pela compreensão da existência humana e suas respectivas contribuições para os pacientes submetidos a experiência da hospitalização. Logo, no âmbito hospitalar a Psicologia busca, através de sua intervenção, minimizar o sofrimento provocado no paciente em virtude do processo de internação hospitalar, além de prevenir possíveis sequelas e implicações emocionais futuras provocadas por esse período (Fonseca; Castro, 2016, p. 59).

É importante enfatizar que os pacientes frequentemente atravessam diferentes fases ao longo do seu tratamento, o que pode atuar como um facilitador ou um obstáculo para o processo terapêutico. Ao discutir as reações mais comuns que os pacientes manifestam ao enfrentar uma doença grave, Kübler-Ross (1969) descreve várias etapas que, geralmente, são experimentadas por esses pacientes (Rodrigues *et al.,* 2016).

> 1°) Negação – provocada pelo choque do recebimento da notícia. Frente ao medo causado pelo diagnóstico, o paciente reluta em aceitar sua nova condição de doente, negando a realidade que lhe é revelada: “Não é possível que isso esteja acontecendo comigo!”. 2°) Raiva – quando a negação não mais consegue ser sustentada, ela pode ser substituída por sentimentos de raiva, revolta e ressentimento. Frente à impotência diante de sua condição, o paciente pode reagir a esse desconforto com nervosismo e irritação: “Por que comigo? Tinha que ser eu?!”. 3°) Barganha – é quando o paciente tenta fazer um certo acordo com a doença, na tentativa de com isso, adiar um desfecho inadiável. O paciente promete, por exemplo, se alimentar bem e fazer exercícios (ficar “bonzinho”), e com isso ganhar mais dias de vida. 4°) Depressão – após a negação e a raiva pode sobrevir sentimentos de perdas: perda da saúde, do corpo, da autonomia, das finanças etc. A depressão se configura como um estágio de preparação para as perdas dos objetos amados e causa bastante impacto na família do paciente. 5°) Aceitação – quando recebe apoio e suporte nos estágios anteriores, o paciente pode chegar a uma aceitação de seu estado. Trata-se do momento em que o paciente encara sua realidade com maior equilíbrio e tranquilidade, tendendo a uma maior adesão ao tratamento (Rodrigues, *et al.,* 2016, p.7).

Diante de todas as fases é necessário ser levando em consideração o propósito, que é entender o papel das representações sociais em pacientes com câncer, podem inferir que, devido à forte carga simbólica negativa associada à doença, enfrentar um câncer gera um sofrimento psicológico no paciente que se distingue daquele provocado por outras condi-

ções de saúde.

O indivíduo enfrenta essa enfermidade, pois, ao representar a ideia de um fim, o câncer provoca o medo de se imaginar inexistindo, evoca reflexões sobre perdas e separações que podem advir dessa situação, instiga a avaliação de como sua vida foi vivida, chama a atenção para os desejos não concretizados e a incerteza sobre a possibilidade de realizá-los no futuro. Em suma, aborda tudo que diz respeito à vida e à contemplação de seu término (Rodrigues *et al.,* 2016).

Em concordância, é valido relembrar a importância que o conforto diante desta doença se torna imprescindível, a doença o leva a esperar o inesperado, a sua rotina não é mais a mesma, a sua vida não é mais a mesma, o paciente as vezes que era o cuidador principal da sua família, se torna o cuidado por ela, diante disso, o acompanhamento psicológico é algo indispensável e necessário para o paciente e sua família, Minuchin afirma, todo fato significativo que afeta um dos seus membros afeta a todos. Dessa maneira, o paciente oncológico e sua família precisam entender a necessidade de um acompanhamento psicológico contínuo e não o emergencial, entendendo a gravidade e o estresse de lidar com uma doença prolongada e fatal se manifesta em ameaças à saúde física e mental da família, resultando no surgimento de sintomas e sinais observáveis nos seus membros, que frequentemente não são reconhecidos como reações ao câncer do ente querido (Aguiar *et al.*, 2019).

A doença imporá novos hábitos, novas tarefas e uma nova rotina para toda a família. O mais comum é que um membro da família assume o papel de cuidador principal. Ele enfrentará as consequências desse cuidado, passando por situações de extremo desgaste físico e emocional, e compartilhará de todo o processo do paciente mais de perto, incluindo todas as dores e angústias sentidas por ele. De qualquer forma, esse cuidador precisará se adaptar à sua nova função, reorganizando sua rotina para fornecer o suporte necessário e de qualidade ao familiar oncológico.

É importante lembrar que, esse cuidador se autodelega a essa função, por se considerar possuidor de determinadas características que, para ele, são pré-requisitos para cuidar da pessoa doente. Muitas vezes, ele também acredita que tem uma certa «dívida de honra» com o paciente, ou até mesmo uma ligação muito forte ou um laço familiar adicional com a pessoa. Para um paciente oncológico, pensar na morte é intolerável e acaba por se refletir em um desejo de imortalidade, a melhor alternativa é buscar maneiras de driblar no inconscientemente, tanto no sentido de desafiá-la como no de fugir dela. Um paciente que precisa se internar com frequência ou fazer cirurgias, ele vai sofrer de maneiras mais intensas do que os demais (Aguiar, *et al*., 2019).

Na perspectiva de entendimento de ser uma doença ruim para um adulto atravessar, quão impactante é para uma criança ou adolescente que tem uma “vida inteira pela frente”. O momento do diagnóstico do câncer na infância é descrito como altamente complicado e de difícil exercício para a família e, também, para a criança. Ao longo do desenvolvimento da doença, o diagnóstico representa a primeira fase de um processo que pode envolver diversas etapas: início do tratamento, remissão, término do tratamento médico, sobrevida, cura, recidiva, fase terminal e óbito e a caso haja necessidade, ajustamento familiar (Caprini; Motta, 2017).

> Na fase do diagnóstico do câncer na criança são observadas reações de estresse e sofrimento psicológico tanto nos pacientes quanto em seus familiares (Hildenbrand *et al.*, 2011; MacLaren & Cohen, 2005; Pai et al., 2008). Tais reações psicológicas podem ser amplificadas por estressores da doença e do tratamento, como o afastamento do ambiente familiar, uma vez que, em geral, é

> no hospital que o processo de diagnóstico e início de tratamento se desenrola (Kohlsdorf & Costa Junior, 2012; Silva & Cabral, 2015). A etapa do diagnóstico caracteriza-se, portanto, como um momento em que a intervenção psicológica precoce junto à família se faz necessária, de modo que ela consiga ser fonte de apoio significativo para a criança (Hildenbrand et al., 2011). As situações que caracterizam o tratamento do câncer infantil envolvem também a família e suas variáveis afetivas, sociais e econômicas, podendo se constituir em uma condição de risco psicossocial tanto para o próprio paciente como para sua família (Rech, Silva, & Lopes, 2013). Esse risco psicossocial, somado ao risco biológico da presença do câncer, torna essa população vulnerável ao manejo dos desafios da doença e de seu tratamento (Caprini; Motta, 2017, p, 166).

Diferente do câncer infantil, a experiência da doença em adolescentes geralmente traz demandas mais complexas. Nessa fase de transição, os jovens estão em um processo de desenvolvimento da autonomia, da identidade e do amor-próprio. Além disso, eles possuem uma consciência mais clara sobre o que significa viver ou morrer, o que pode intensificar suas vivências e sentimentos diante do diagnóstico e do tratamento. Essa perspectiva demanda uma abordagem diferenciada que leve em conta não apenas os aspectos físicos da doença, mas também os emocionais e psicológicos, visando oferecer um suporte holístico e adequado.

O câncer é uma doença que causa um significativo impacto emocional no ser humano, especialmente na imagem corporal dos adolescentes. Isso ocorre porque a doença frequentemente provoca mudanças visíveis durante a fase de desenvolvimento, como a alopecia, variações no peso e um mal-estar constante resultante dos tratamentos. Essas alterações podem levar os jovens a se isolarem, muitas vezes se trancando em seus quartos e evitando experiências sociais, que poderiam enriquecer seu crescimento pessoal diante da adversidade (Nascimento; Loiola, 2018).

Além disso, doenças crônicas, dependendo de sua gravidade, podem levar à morte ou reduzir a expectativa de vida, causando um profundo impacto biopsicossocial. No entanto, o aumento da sobrevida desses pacientes é atribuído ao avanço das abordagens terapêuticas e ao desenvolvimento de medicamentos que oferecem suporte contra infecções, novas formas de tratamento quimioterápico e transplante de medula óssea, entre outras intervenções (Nascimento; Loiola, 2018).

> Quando o câncer acomete um adolescente surgem novas mudanças no seu cotidiano. Assim, torna-se significativo compreender o processo do adolescer associado ao processo saúde-doença, pois representam dois fenômenos do desenvolvimento acarretados pela fragilidade emocional e pelo comprometimento da integridade física. O sujeito participa agora de um novo grupo social: o do hospital. Sua rotina passa, então, por consultas médicas internações, procedimentos invasivos e alterações corporais decorrentes do tratamento. Para os adolescentes, a hospitalização causa uma ruptura em sua vida, que precisam se adaptar as novas normas e rotinas (Nascimento; Loiola, 2018, p. 07).

Dessa forma, entende-se que cada reação ao diagnóstico de câncer é bastante única e pessoal, uma vez que cada indivíduo tem suas próprias experiências e referências prévias que influenciam essa resposta, além de diferenças específicas entre os tipos de câncer. Diversas situações podem agravar as emoções relacionadas ao diagnóstico, impactando a forma como o paciente compreende e aceita a doença, como a idade, o momento da vida em que se encontra, e transições significativas, como a conclusão de um curso ou a perda

de um ente querido. A aceitação do diagnóstico pode manifestar-se de maneira extremamente conflituosa, levando as pessoas a desenvolverem uma habilidade de racionalização que vem acompanhada de profunda revolta e tristeza (Xavier *et al.,* 2015).

Essa enfermidade acarreta uma série de implicações físicas, emocionais, sociais e econômicas para a vida dos indivíduos afetados, além de impactos significativos para suas famílias. O câncer carrega um estigma em nosso contexto social, relacionado à dor e ao sofrimento, ao medo da morte e à preocupação com a autoimagem. No cotidiano da assistência a pacientes oncológicos e seus familiares, observa-se que essa experiência é extremamente complexa e dolorosa. Muitas vezes, isso resulta em transformações radicais na vida dessas pessoas, afetando, em algum grau, seus papéis dentro da família e na sociedade. As exigências que recaem sobre as famílias se aumentam, uma vez que há um incremento na dependência e na necessidade de cuidados dos pacientes (Dutra *et al.,* 2018).

Existem diversos desafios enfrentados pelas famílias de pacientes oncológicos durante o tratamento dessa condição. As circunstâncias sociais, econômicas e culturais dos pacientes e de seus familiares podem intensificar a vulnerabilidade social imposta pela doença. É fundamental que os profissionais de saúde considerem também a família como parte do atendimento, na assistência oncológica, levando em conta suas limitações e suas capacidades de lidar com a enfermidade. Dessa forma, é essencial criar espaços que promovam a participação da família, com uma abordagem de apoio integral e de qualidade ao longo de todo o processo de tratamento do paciente, permitindo que ela aprenda a cuidar, mas também que receba o cuidado necessário (Dutra *et al.,* 2018).

> A importância da família no apoio ao paciente com câncer é essencial, e ela deve estar consciente dessa necessidade de suporte, uma vez que o enfrentamento poderá se tornar mais estável e tranquilo. Assim, ao receber o diagnóstico e tendo a assistência da família a pessoa será conduzida a um tratamento e cuidado que possa promover se não a cura, mas um conforto ao longo de sua caminhada (Dutra *et al.,* 2018, p. 171).

É fundamental que ambas as partes envolvidas no atendimento psicológico ofereçam suporte adequado ao paciente, seja ele uma criança, adolescente, adulto ou idoso, independentemente do gênero. O impacto emocional de um diagnóstico pode ser profundo e, por isso, é essencial que a família e todos que de alguma maneira são afetados também recebam o apoio necessário.

3. CONCLUSÃO

Este estudo permitiu uma compreensão mais aprofundada dos impactos psicológicos significativos do diagnóstico de câncer, não apenas no indivíduo afetado, mas também em seus familiares. Conclui-se que a busca por ajuda profissional é essencial para lidar com as diversas questões emocionais que podem surgir, incluindo estresse relacionado ao processo de hospitalização, depressão e angústia, sentimento de culpa, inutilidade ou desesperança, medo e ansiedade, e perda de interesse pela vida. Esses desafios emocionais podem afetar significativamente a qualidade de vida do paciente e de seus entes queridos, portanto é fundamental buscar apoio especializado para garantir uma abordagem integral e humanizada no enfrentamento do câncer.

O tratamento oncológico envolve processos extremamente delicados e complexos, exigindo cuidados personalizados e atenção integral. Durante a quimioterapia e radiotera-

pia, o paciente enfrenta desafios físicos e emocionais, incluindo efeitos colaterais debilitantes, mudanças na aparência, perda de autonomia e a angustiante incerteza sobre o futuro. Paralelamente, os familiares assumem papéis de cuidadores, lidando com o peso emocional de assistir ao sofrimento do ente querido, enquanto buscam maneiras de apoiar e confortar. Essa jornada exigente requer uma abordagem multidisciplinar, considerando as necessidades físicas, emocionais e psicológicas do paciente e sua família, para garantir uma qualidade de vida digna e esperança no enfrentamento da doença.

O psicólogo assume um papel fundamental no âmbito hospitalar oncológico, desempenhando uma função integral e essencial aos pacientes e seus familiares desde o diagnóstico inicial até a remissão ou o processo terminal, o psicólogo oferece suporte emocional especializado, orientação e acompanhamento contínuo, ajudando a superar os desafios psicológicos, emocionais e sociais associados à doença. Por meio de uma abordagem humanizada e personalizada, o psicólogo ajuda pacientes e familiares a lidarem com a ansiedade, depressão, medo, perda e incerteza, promovendo resiliência, adaptação e qualidade de vida, tornando-se assim um componente indispensável da equipe multidisciplinar de cuidados oncológicos.

O câncer impõe um fardo emocional esmagador tanto para o paciente quanto para seus familiares, tornando a jornada um desafio quase insustentável. No entanto, com o apoio de uma ajuda profissional psicológica, essa carga se torna mais gerenciável, permitindo que o processo seja enfrentado com maior tranquilidade e compreensão. Cuidar da mente é, de fato, um ato de coragem e resiliência, e buscar esse suporte especializado é um passo fundamental para mitigar o sofrimento emocional e recuperar a qualidade de vida, mesmo diante de todo o processo.

Referências

AGUIAR, Marilia A. de Freitas. GOMES, Paula Azambuja. ULRICH, Roberta Alexandra. MANTUANI, Simone de Borba. **PSICO-ONCOLOGIA: CAMINHOS DE CUIDADOS,** São Paulo: Summus editorial, 2019.

CAPRINI, Fernanda Rosalem. Motta, Alessandra Brunoro. **Câncer Infantil: uma Análise do Impacto do Diagnóstico.** São Paulo, Revista Psicologia: Teoria e Prática, v. 19, n.2, p. 164-176, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v19n2p174-186 Acesso em: 05/08/2024

DUTRA, Thiago Lopes. GUIMARÃES, Vírginia de Souza. SILVA, Caroline Henrique da. NEVES, Yaslyn Freitas. SIMIÃO, Dhara da Silva. Silva, Pierre Augusto Victor da. **A IMPORTÂNCIA DA ASSISTÊNCIA FAMILIAR A PACIENTES COM CÂNCER: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**. Revista Interdisciplinar Pensamento Científico, v. 4, n. 1, 2018.

FERNANDES, Maira Julyê Mota. CAVARLHO, Gabriela Borges. FERREIRA, Cintia Bragheto. **REPERCUSSÕES DO DIAGNÓSTICO DE CÂNCER PARA HOMENS E MULHERES: UM ESTUDO COMPARATIVO.** São Paulo, Revista SPAGESP, v. 20, n. 2, p. 68-83, 2019. Disponível em: Repercussões do diagnóstico de câncer para

homens e mulheres: um estudo comparativo - Dialnet (unirioja.es) Acesso em: 05/08/2024

FONSECA, Renata da. CASTRO, Marcelo Matta de. **A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO JUNTO A PACIENTES COM CÂNCER: UMA ABORDAGEM PSICO ONCOLÓGICA.** Psicologia e Saúde em Debate, v.2, ed. Esp. 1, p. 54-72. 2016. Disponível em: https://doi.org/10.22289/2446-922X.V2EEA5 Acesso em: 07/08/2024

NASCIMENTO, Thatyhellen Rosa Santos. LOIOLA, Karen Setenta. **O IMPACTO PSICOLÓGICO CAUSADO PELO DIAGNÓSTICO DE CÂNCER EM ADOLESCENTES.** 2018, 19f. Trabalho Acadêmico, Colegiado de Psicologia UNIME – Itabuna/BA Disponível em: DIGITE O TÍTULO DO DOCUMENTO (pgsscogna.com.br) Acesso em: 01/08/2024

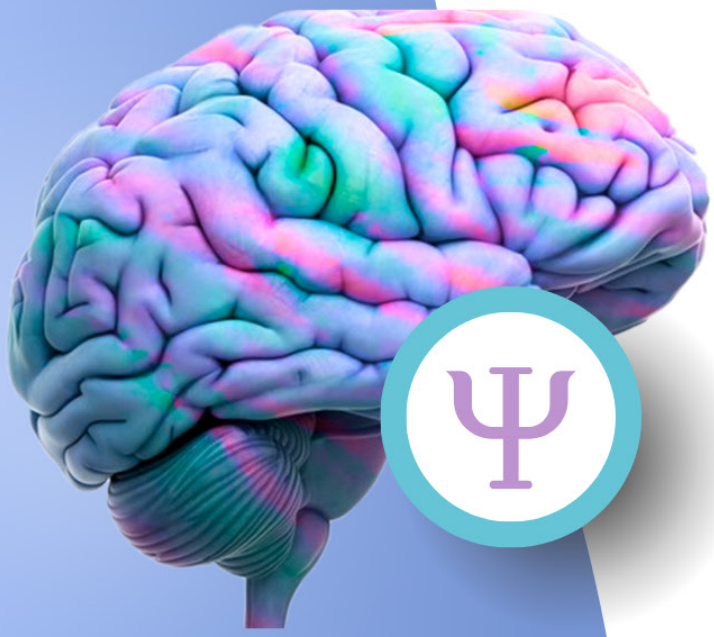
NETOI, Luiz Alves Araújo. TEIXEIRA, Luiz Antonio. **De doença da civilização a problema de saúde pública: câncer, sociedade e medicina brasileira no século XX.** Belém, v. 12, n. 1, p. 173-188, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/wMKHKQbzr4fsRcTTgmkjgLK/# Acesso em: 10/08/2024

RODRIGUES, Nayara Souza. ORSINI, Mara Rúbia de Camargo. TERTULIANO, Ivan Wallan. MACHADO, Afonso Antonio. BARTHOLOMEU, Daniel. MONTIEL, José Maria. **IMPLICAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE PACIENTES COM CÂNCER.** Paraná, Revista Mundi: Saúde e Biológicas, v. 1 n. 2, p. 1-14. 2016. Disponível em: IMPLICAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE PACIENTES COM CÂNCER | Revista Mundi Saúde e Biológicas (ISSN: 2525-4766) (ifpr.edu.br) Acesso em: 07/08/2024

SANTOS, Tainá Bastos dos. BORGES, Anne Karin da Mota. FERREIRA, Jeniffer Dantas. MEIRA, Karina Cardoso. SOUZA, Mirian Carvalho. GUIMARÃES, Raphael Mendonça. JOMAR, Rafael Tavares. **Prevalência e fatores associados ao diagnóstico de câncer de mama em estágio avançado.** Rio de Janeiro, p.471-481, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232022272.36462020 Acesso em:10/08/2024

XAVIER, Maria de Fátima. PEREIRA, Priscila Antunes. PUPO, Ariane Carla da Silva. SILVA, Marjorie Cristina Rocha. **Particularidades do enfrentamento psicológico a partir do diagnóstico de recidiva do câncer**, Boletim Academia Paulista de Psicologia, v. 35, n. 89, p. 409-423 Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/946/94643848010.pdf. Acesso em: 01/08/2024

6



A IMPORTÂNCIA DA SAÚDE MENTAL NO AMBIENTE DE TRABALHO

THE IMPORTANCE OF MENTAL HEALTH IN THE WORKPLACE

Solenita Gonzaga Pontes
Luiza Mariana de Sousa

Pascal
Editora

Resumo

No decorrer das transformações que o mundo do capitalismo sofreu por toda sua história, a saúde do trabalhador não se era levada em consideração a realidade era ter a produção trabalhando intensamente, a concepção do que seja saúde mental do trabalhador sofreu modificações, tem-se uma preocupação neste contexto a Psicologia Organizacional e do Trabalho atua na interface entre o indivíduo e o trabalho, abordando aspectos como gestão de pessoas, condições laborais, prevenção de riscos psicossociais e promoção da saúde mental. O presente artigo busca pesquisar, analisar e descrever o desenvolvimento e a definição de trabalho, o seu contexto histórico e chegar à questão da saúde mental dos trabalhadores hoje, tendo como objetivo buscar diferentes registros que tenham como pesquisa foco em saúde mental nas empresas, e por fim quais ferramentas o profissional da psicologia pode utilizar para uma melhor qualidade do trabalho, dinâmicas em grupo, palestras e a terapia como alternativa de bem-estar.

Palavras-chave: Ambiente. Psicologia Organizacional. Saúde Mental. Empresa. Funcionários.

Abstract

During the transformations that the world of capitalism has undergone throughout its history, the worker's health was not taken into consideration, the reality was that production was working intensely, the conception of what worker mental health is underwent modifications, there is a concern in this context Organizational and Work Psychology works at the interface between the individual and work, addressing aspects such as people management, working conditions, prevention of psychosocial risks and promotion of mental health.,. This article seeks to research, analyze and describe the development and definition of work, its historical context and reach the issue of workers' mental health today, aiming to search for different records that focus on mental health in companies, and finally, what tools can psychology professionals use to improve the quality of work, group dynamics, lectures and therapy as an alternative for well-being.

Keywords: Environment. Organizational Psychology. Mental Health. Company. Employees.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade a aprovação para conclusão do curso de psicologia, bem como engrandecer o conhecimento acerca do que vivenciamos todos estes anos do curso, desta maneira com a junção dos conhecimentos aprendidos durante todo este processo, bem como as pesquisas realizadas e ainda vivencias no mercado de trabalho como funcionaria e agora também em outro lugar de fala a observação do ambiente de trabalho através do estágio.

A pesquisa é de grande valia para voltar os olhos de maneira minuciosa a respeito da saúde mental dos colaboradores de uma empresa seja ela pequena ou grande, e ainda qual apoio e oficinas a empresa fornece para o cuidado da saúde mental deles.

A finalidade é de que mais pessoas, principalmente aqueles que está a frente de uma empresa, tenham conhecimento do assunto e vejam como que é importante que se tenha um cuidado em relação ao bem-estar de seus funcionários, buscar ajuda para tratar a mente, emoções e saber lidar com elas, prevenindo ainda o desenvolvimento de doenças mentais mais difíceis de tratar, há um questionamento a respeito de que maneira é possível identificar e auxiliá-los. Com a demanda de trabalho, correria diária de cada indivíduo é possível identificar problemas na saúde mental, com de desmotivação, cansaço e por consequente a não produtividade.

O presente trabalho tem como objetivo geral discutir os impactos na saúde mental nos funcionários dentro de uma empresa. E ainda, explicar a teoria a respeito da psicologia organizacional, investigar dados bem como a leitura de artigos que levem o entendimento do assunto e acrescente ainda mais os conhecimentos necessários para exercer a profissão e categorizar dados relacionados a saúde mental dos funcionários e quais suportes a empresa pode fornecer. E ainda o surgimento da Psicologia Organizacional do Trabalho sua importância, função e seu desenvolvimento.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

No presente trabalho utilizou-se a revisão bibliográfica, considerada uma pesquisa descritiva e qualitativa, tendo como objetivo buscar diferentes registros que tenham como pesquisa foco em saúde mental nas empresas, utilizar ferramentas que colabora com o gestor para uma melhor qualidade do trabalho, dinâmicas em grupo, palestras e a terapia como alternativa de bem estar. O estudo será feito através de livros, artigos, dissertações e ainda a observação de campo referente ao estágio, cartilha explicativa do Ministério da Saúde (Saúde do trabalhador) e biblioteca virtual (Scielo, PePSIC).

O foco são artigos publicados nos últimos 10 anos, buscando: “saúde mental dos funcionários”, não tendo valia para esta pesquisa artigos que falem de saúde mental, porém da população em um todo, pois entende-se o principal neste contexto é a saúde mental no ambiente corporativo.

2.2 Resultados e Discussão

Com intuito de adentrar ao tema se faz necessário voltar um pouco no contexto histórico de trabalho, bem como seu significado a palavra "trabalho" é entendida para muitos quanto exercício profissional, remunerada ou não, produtiva ou criativa, exercida para definito fim. No entanto existem alguns outros significados que derivam a ideia de um trabalho fruto de acontecimentos históricos, estão profundamente associadas ao discurso ideológico de seu contexto histórico.

No dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, quando se procura a palavra trabalho está inscrito que é uma aplicação de força para alcançar um fim, ou ainda atividade coordenada na realização de qualquer tarefa. Já no Dicionário de Psicologia da APA (2010, p. 967), o trabalho é definido como:

> 1. Aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim. 2. Atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária a realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento. 3. O exercício dessa atividade como ocupação, ofício, profissão, [...]. 1. qualquer atividade física, mental ou emocional dirigida à realização de uma tarefa ou à transformação de insumos na forma de materiais físicos, informação e outros recursos em bens ou serviços. 2. As tarefas e deveres envolvidos em ganhar o sustento.

O trabalho tem grande importância no desenvolvimento de toda uma sociedade para a sustentação da mesma, sem a existência do trabalho dificilmente a comunidade se desenvolve, quando se fala em trabalho existem inúmeros autores falam sobre este tema, porém de diferentes pontos de vista, o tema que mais os interessa é este que eles aprofundam os seus conhecimentos e redigem seus artigos.

Segundo Aristóteles em seu livro A Política (trechos do livro I), a sociedade tem um funcionamento positivo quando unem o intelecto e o trabalho braçal neste caso ele coloca como intelectual os senhores com sua inteligência estes estão no topo da sociedade e fala também dos escravos que utilizam da força física. Aristóteles em seu texto Política ainda diz que:

> A natureza, por assim dizer, imprimiu a liberdade e a servidão até nos hábitos corporais. Vemos corpos robustos talhados especialmente para carregar fardos e outros usos igualmente necessários; outro, pelo contrário, mais disciplinados, mas também mais esguios e incapazes de tais trabalhos, são bons apenas para a vida política, isto é, para os exercícios da paz e da guerra. Ocorre muitas vezes, porém, o contrário: brutos têm a forma exterior da liberdade e outros, sem aparentar, só tema a alma de livre.

Com o passar do tempo e o avanço do capitalismo, principalmente na fase industrial, o trabalho teve que se adequar as concepções práticas exigentes na realidade das fabricas, desta maneira o trabalho requer mais esforços era realizado girando em torno de muitas horas e dias trabalhados, sem legislação, o produto tinha mais valor do que a vida do funcionário. Quando o indivíduo começa a vender sua mão de obra ele é considerado um proletariado.

> A centralidade do trabalho é definida como o grau de importância geral que o trabalho possui na vida de um indivíduo em determinado momento, independentemente das razões às quais se atribui tal importância (por exemplo,

> ocupar parte significativa do seu tempo, propiciar ganhos econômicos ou psicológicos, ou implicar custos decorrentes da sua inter-relação com outras esferas vitais, como família, lazer, religião ou vida comunitária) (Bastos; Pinho; Campos, 1995, p.23).

Nesta parte da história acontece a Revolução Industrial, trazendo com sigo uma transformação na forma de exercer o trabalho e as relações de trabalho, com a chegada nas indústrias de máquinas a vapor, que produziam mais em menos tempo, as grandes fabricas começaram a substituir a força braçal por mão de obra qualificada, que tinha mais condições de operar as novas máquinas.

> A Revolução Industrial, ocorrida a partir do último terço do século XVIII, foi uma das maiores transformações ocorridas na história do homem. Pela primeira vez, o poder humano foi liberado, e a economia pôde fornecer bens e serviços demandados pela sociedade. Passou-se do trabalho manual para a máquina - ferramenta, do atelier ou manufatura para a fábrica e, pouco a pouco, o trabalho do dia a dia, a mentalidade das pessoas, a cultura, enfim, todos os setores da vida, foram atingidos e transformados. Novos trabalhos foram surgindo, enquanto crescia o setor de serviços (MENEGASSO, 2010, p. 15).

Depois de um breve contexto histórico de como o trabalho passou por inúmeras transformações, chegamos aos dias atuais onde algumas empresas têm um cuidado com seus colaboradores. Quando se fala de saúde mental surgem alguns questionamentos a respeito do assunto, a quem diga que é frescura, outros que é preguiça, enfim as pessoas sempre trazem consigo um significado negativo e uma visão distorcida a respeito da saúde mental. Se faz necessário contextualizar o significa certo, em julgamentos errôneos e preconceituosos, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS 2018):

> Saúde mental é definida como um “estado completo de bem-estar físico, mental e social”, “no qual o indivíduo percebe o seu próprio potencial, consegue lidar com o stress normal da vida, consegue trabalhar de forma produtiva e é capaz de contribuir para a sua comunidade”.

Atualmente depois de passar por alguns traumas decorreste da Covid-19 onde empresas fecharam por conta do financeiro e por consequente acabaram por ser obrigados embora seus colaboradores, algumas ainda optaram por continuar com o home office ou híbrido, onde era necessário conciliar trabalho da empresa e casa, todos os indivíduos dentro dela, medo e incerteza do novo, acabaram por afetar o psicológico das pessoas.

A combinação deste isolamento com as mudanças na rotina causou grandes impactos psicológicos na população, ocasionando vários sentimentos, como ansiedade, estresse, depressão e angústia (VIANA; DE LIMA SILVA; DE LIMA, 2020).

Observando não só o mercado globalizado e competitivo em que vivemos, mas também o medo e incerteza associados à pandemia COVID-19 e o desenvolvimento cada vez mais comum de problemas de saúde mental junto dos trabalhadores, levantam-se sérias preocupações associadas ao seu bem-estar. A OMS disparou um alerta a respeito da necessidade de aprofundarmos o valor que damos à saúde mental e de remodelar os ambientes que a influenciam.

Desta Maneira OMS e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) fizeram um apelo para a necessidade de medidas concretas para tratar da saúde mental nos ambientes de trabalho. Indo além, pegando um dado do INSS, descobriu-se que em 2022 mais de 209

mil pessoas foram afastadas do trabalho por transtornos mentais, entre depressão, distúrbios emocionais e Alzheimer.

Atualmente ainda existem gestores que não se preocupam com os colaboradores, os tratam como "números "e não pessoas, se faz necessário dentro de uma empresa ter a qualidade digna de trabalho, é necessário incorporar para uma educação emocional, e criar uma rede de apoio e atuar na implementação de projetos de cuidados psicológicos é essencial.

No Dia Mundial da Saúde Mental [em 2017], a Organização Mundial da Saúde (OMS) lembra a importância de empresas e gestores do mundo todo adotarem iniciativas que promovam o bem-estar físico e psicológico de funcionários no ambiente de trabalho. [...] "Durante nossa vida adulta, uma ampla proporção do nosso tempo é gasta no trabalho. Nossa experiência no local de trabalho é um dos fatores que determinam nosso bem-estar geral" [...] "um ambiente de trabalho negativo pode levar problemas de saúde física e mental de trabalhadores, além do uso abusivo de drogas ou álcool, faltas e perda de produtividade.

O campo da POT se desenvolveu na década de XIX, tendo como nome primeiramente de Psicologia Industrial, onde segundo os autores Tiffin e McCormick (1977), pode ser definida como um campo que tem como objetivo o estudo do comportamento humano, tendo em vista os aspectos da vida que estariam ligados a produção, distribuição e o uso de bens e serviços para a civilização, buscando sempre a aplicação para a solução de problemas no campo industrial.

A psicologia industrial, de acordo com Spector (2003), teve início nos Estados Unidos e rapidamente cresceu para outros países industrializados. Seu principal representante era Hugo Münsterberg, que era um psicólogo experimental, onde escreveu o primeiro livro no ano de 1913, que se chamava chamado Psychologye and Industrial Efficiency (Psicologia e Eficiência Industrial). O conteúdo trazia principalmente a seleção de pessoas e o uso de testes psicológicos.

> Dois psicólogos são considerados os principais fundadores do campo: Hugo Münsterberg e Walter Dill Scott eram psicólogos experimentais e professores universitários que se envolveram na aplicação de recursos da psicologia para resolver problemas em organizações. Münsterberg estava particularmente interessado na seleção de funcionários e no uso de novos testes psicológicos (SPECTOR, 2010, p. 14).

Nesse contexto, a psicologia tentava se firmar como ciência, então os pesquisadores estavam em busca de estabelecer métodos científicos que fossem próprios da psicologia. O uso dos testes psicológicos foi uma das maneiras onde a psicologia conseguiu se firmar como área de pesquisa e atuação, sendo utilizados no campo da psicologia industrial, na seleção e avaliação dos trabalhadores. A seleção de pessoas tinha que ser feita com bases teóricas e técnicas que fossem cientificamente comprovadas.

O surgimento da Escola das Relações Humanas trouxe consigo o estudo de Hawthorne, que tinha como foco trazer um novo olhar acerca do trabalho e das pessoas, como consequência houve uma mudança na forma de atuação do psicólogo no ambiente de trabalho. Com isso, a psicologia industrial passou a se preocupar com os fatores motivacionais e sociais dos trabalhadores. E segundo Palharini (2015), no fator seleção passou a se preocupar com outros critérios na avaliação, entre eles: características sociais, psicológicas e ambientais.

Conforme Ghiraldelli (2000), com o advento da globalização e em razão do vínculo estreito com as atividades administrativas, a Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT) passou por várias transformações em busca do desenvolvimento da produtividade do trabalhador e do seu bem-estar. Atualmente, os profissionais da referida área caminham para uma atuação psicossociologia, orientados por uma visão ampla e dinâmica da organização dentro da sociedade.

Pode-se dizer que, na atualidade, as áreas de atuação são muitas e bastantes variadas, pois, com o passar dos anos, cresceu enormemente o campo de atuação desse profissional. Para Garcia, Valdehita e Jover (2003), buscando acompanhar as rápidas mudanças no contexto laboral, a Psicologia organizacional se viu obrigada a aplicar seus conhecimentos em uma ampla gama de áreas e problemas relativos ao trabalho.

Atualmente, é provável que depare esse profissional implicado com práticas de voto cerebral no trabalho, ou ainda, estabelecendo planos de organização e produção de pessoal, estudando problemas laborais que diminuam de estresse, abstencionismo e inatividade ou comportamento de introdução de pessoas com falha em postos de trabalho adequados, entre outros.

Em suma, o papel do psicólogo dentro das organizações é atuar como facilitador e conscientizador do papel dos vários grupos que compõem a instituição, considerando a saúde e a subjetividade dos indivíduos, a dinâmica da empresa e a sua inserção no contexto mais amplo da organização. As atividades exercidas dentro desse papel, que são fundamentadas em 8 técnicas e instrumentos da Psicologia e relacionadas à díade “homem & trabalho”, podem trazer desenvolvimento para a empresa, o trabalhador e a sociedade (Orlandini, 2008).

A Psicologia do trabalho é uma disciplina ao mesmo tempo teórica e aplicada, que busca, mediante o uso de conceitos, modelos e métodos procedentes da Psicologia, descrever, compreender, predizer e explicar o comportamento laboral de indivíduos e grupos, assim como os processos subjacentes ao mesmo. Objetiva ainda a intervenção, tanto sobre a pessoa como sobre o trabalho, com o propósito de melhor satisfazer as necessidades dos trabalhadores, sem nunca esquecer de incrementar os benefícios e rendimentos da empresa (Garcia; Valdehita; Jover, 2003, p. 22).

O psicólogo do trabalho tem como principal objetivo compreender esse homem que trabalha e as implicações do seu trabalho no cotidiano e resgatar a dignidade humana nas relações trabalhistas. Pode-se dizer que, na atualidade, as áreas de atuação são muitas e bastante variadas, pois, com o passar dos anos, cresceu enormemente o campo de atuação desse profissional.

Cabe ao profissional da psicologia fazer um levantamento através de questionários para entender como está a saúde mental dos funcionários, neste questionamento eles tem a oportunidade e liberdade de dizer o que pensam da gestão, da forma de trabalho e do ambiente.

Após este levantamento buscar maneiras juntamente com a gestão da empresa para trazer melhores qualidades de trabalho para os funcionários, quando se tem uma equipe empenhada em buscar crescimento e uma empresa que oferece isso e ainda tratamento para saúde mental o retorno dela será bem maior do que retorno financeiro.

Em suma, é mais produtivo para as organizações investirem em prevenção do que afastar o colaborador das suas atividades. Pessoas contentes e saudáveis formam times engajados e prósperos.

3. CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo principal contextualizar a respeito do desenvolvimento do trabalho e ainda analisar como estão e quais são limites da Saúde Mental no trabalho através de uma análise do que diz os artigos e o vivenciado em estágio.

Mesmo que seja um suporte necessário para o trabalhador algumas empresas ainda não dão um suporte necessário para melhor qualidade de trabalho dos seus funcionários, vale ressaltar que não é somente a empresa que precisa se prontificar, o trabalhador precisa deixar o medo de perder o emprego de lado e expor o que está lhe acontecendo para ser ajudado.

Diante de algumas pesquisas foi possível verificar que muitos trabalhadores se encontram afastados por conta de sua saúde mental, a empresa quando tem a visão de se preocupar com seus colaboradores e ainda sabem do valor que eles têm para seu negócio, ambos saem ganhando.

Vê-se que, no início das atividades da hoje chamada de "POT", havia ênfase na avaliação e na seleção de pessoal. Posteriormente, os fatores relacionados aos interesses e as motivações dos empregados, bem como a sua satisfação, ampliaram o campo de atuação para o foco dito mais organizacional.

A POT reforça a importância de entender que as organizações são compostas por indivíduos com necessidades, valores e motivações únicas. Investir no bem-estar dos trabalhadores resulta em maior engajamento, produtividade e retenção de talentos, promovendo uma cultura organizacional positiva.

Referências

BASTOS, A. V. B.; PINHO, A. P. M.; COSTA, C. A. **Significado do trabalho: um estudo entre trabalhadores inseridos em organizações formais**. Rev. adm. empres., São Paulo, v. 35, n. 6, p. 20-29, dez. 1995.. Disponível em : (cielo.br/j/rae/a/ZrvqCwgjTx9SKSsGhzwPH8R/?format=pdf&lang=pt).

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3 ed. Curitiba:Positivo, 2004.

MENEGASSO, M. E. **O declínio do emprego e a ascensão da empregabilidade: um protótipo para promover condições de empregabilidade na empresa pública do setor bancário.** Florianópolis, 1998. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - CFP. **Quem é o psicólogo brasileiro**. São Paulo: Edicon, 1988.

_____. **Resolução Conselho Federal de Psicologia Nº 3 de 16/03/2022.** Institui condições para concessão e registro de psicóloga e psicólogo especialistas. 2022. Disponível em: https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-3-de-16-de-marco-de-2022-386760566 Acesso em 10 de novembro de 2024.

PALHARINI, F. de A. Recrutamento de Recursos Humanos: fundamentos e tendências. **Cadernos do ICHF**, v. 1, n. 80, p. 1-24, 2011.

GARCIA, J. M.; VALDEHITA, S. R.; JOVER, J. L. **¿Que és la psicología del Trabajo?** Madrid: Biblioteca Nueva, 2003.

GHIRALDELLI, J. As teorias educacionais na modernidade e no mundo contemporâneo: humanismo e sociedade do trabalho. In P. GHIRALDELLI JR. **Didáticas e teorias educacionais**. São Paulo: DP&A, 2000.

ORLANDINI, C. C. R. A **importância da psicologia organizacional e do trabalho**. 2008 Recuperado em novembro 2024, da Coluna de Psicologia Virtual online: http://www.psicologiavirtual.com.br/psicologia/principal/noticia_view.asp?id=25281

SCHEIN, E. H. **Psicologia organizacional**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1982.

SPECTOR, Paul E. Introdução. In:_____. **Psicologia nas organizações**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

TIFFIN, J.; E MCCORMICK, E. J. **Psicologia Industrial.** Epu - Editora Pedagógica E Um. 1977.

RIBEIRO, A. F. **Taylorismo, fordismo e toyotismo. Lutas Sociais**. São Paulo, vol.19 n.35, p.65-79, jul./dez. 2015. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/viewFile/26678/pdf

SPECTOR, P. E. **Psicologia das organizações**. São Paulo: Saraiva, 2003.

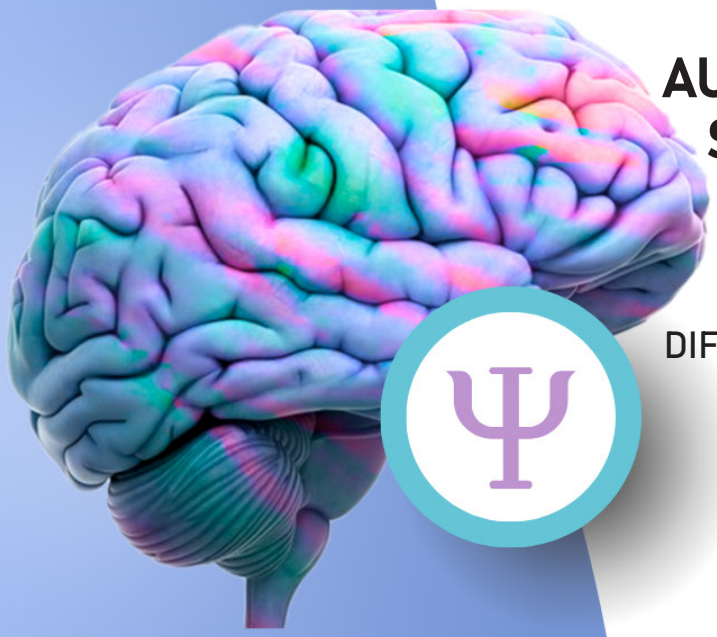
VANDENBOS, G. R. (org). **Dicionário de Psicologia da APA**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

https://nacoesunidas.org/oms-empresas-devem-promover-saude-mental-de-funcionarios-no-ambientetra-balho/>. Acesso em 25 de agosto de 2024

https://apeiron.webnode.com/segundo-ano/aristoteles-politica-trechos-do-livro-i/ Acesso em 25 de agosto de 2024

https://pt.linkedin.com/pulse/sa%C3%BAde-mental-%C3%A9-importante-sim-e-n%C3%A3o-pode-ser-deixada-araujo Acesso em 25 de agosto de 2024

7



TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: E AS DIFICULDADES DE SOCIALIZAÇÃO E INSERÇÃO NO ÂMBITO ESCOLAR

AUTISM SPECTRUM DISORDER: AND THE DIFFICULTIES OF SOCIALIZATION AND INSERTION IN SCHOOL

Kauany de Sousa Ribeiro
Luiza Mariana de Sousa

Pascal
Editora

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento que se manifesta por dificuldades na comunicação e interação social, gerando desafios significativos no ambiente escolar. Escolas que priorizam a comunicação verbal e a interação em grupo frequentemente apresentam barreiras para esses alunos, tornando necessária a adoção de estratégias inclusivas. Os alunos com TEA enfrentam dificuldades que vão além das interações sociais, como a escassez de recursos pedagógicos adequados e o estigma social, além da falta de capacitação de professores e demais indivíduos que compõem o âmbito escolar. Esta pesquisa justifica-se pela importância de compreender esses desafios e desenvolver práticas eficazes para favorecer a inclusão, diminuindo preconceitos e promovendo a aceitação das diferenças individuais. O estudo ressalta que ações como apoio individual, programas de conscientização e capacitação dos professores são fundamentais para aprimorar a integração e o bem-estar desses estudantes. A metodologia empregada consistiu em uma revisão bibliográfica qualitativa e descritiva, realizada através da pesquisa de livros, teses e artigos científicos publicados nos últimos dez anos em bases como Scielo, Google Acadêmico e Catálogo de Teses. Incluíram-se estudos em português que discutem a integração de estudantes com TEA no ambiente escolar. Os achados deste estudo têm como objetivo auxiliar na criação de políticas públicas e práticas educacionais que fomentem uma educação mais inclusiva, enriquecendo as áreas de psicologia e educação especial e trazendo benefícios tanto para a comunidade escolar quanto para a sociedade.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Educação inclusiva. Interação social. Psicologia escolar.

Abstract

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental disorder that manifests itself through difficulties in communication and social interaction, generating significant challenges in the school environment. Schools that prioritize verbal communication and group interaction often present barriers for these students, making it necessary to adopt inclusive strategies. Students with ASD face difficulties that go beyond social interactions, such as the lack of adequate pedagogical resources and social stigma, in addition to the lack of training for teachers and other individuals who make up the school environment. This research is justified by the importance of understanding these challenges and developing effective practices to favor inclusion, reducing prejudices and promoting the acceptance of individual differences. The study emphasizes that actions such as individual support, awareness programs and teacher training are essential to improve the integration and well-being of these students. The methodology used consisted of a qualitative and descriptive bibliographic review, carried out through research of books, theses and scientific articles published in the last ten years in databases such as Scielo, Google Scholar and Catalog of Theses. Studies in Portuguese that discuss the integration of students with ASD in the school environment were included. The findings of this study aim to assist in the creation of public policies and educational practices that promote more inclusive education, enriching the areas of psychology and special education and bringing benefits to both the school community and society.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Inclusive education. Social interaction. School psychology.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento que, dentre outras possíveis características, pode ser evidenciado por dificuldades na comunicação e socialização. No contexto escolar, essas características se tornam desafios particularmente evidentes, uma vez que as salas de aula que priorizam a interação social e a comunicação verbal, podem constituir barreiras consideráveis para esses alunos.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender os desafios enfrentados pelos alunos com TEA no ambiente escolar e desenvolver estratégias eficazes para superá-los, promovendo uma educação mais inclusiva e acessível. Ao ampliar o entendimento sobre o TEA e suas consequências, busca-se diminuir estigmas e preconceitos, além de fomentar uma aceitação mais ampla das diferenças individuais.

Os resultados poderão contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas, práticas educacionais e programas de intervenção mais eficazes, beneficiando tanto a sociedade quanto a comunidade acadêmica, e enriquecendo o campo da educação especial e da psicologia.

Os alunos TEA enfrentam diversos desafios no contexto escolar, especialmente em relação à socialização e inserção. Esses desafios podem incluir dificuldades de comunicação, interação social e a presença de barreiras estruturais e atitudinais, como a falta de recursos adequados e o estigma social.

Para promover uma educação mais inclusiva e acessível, é fundamental estudar e compreender estratégias e intervenções eficazes que possam mitigar esses obstáculos. Entre as barreiras que impedem a plena inserção desses alunos, destacam-se a ausência de apoio especializado, atitudes discriminatórias e a falta de capacitação de professores e colegas para lidar com as necessidades desses indivíduos.

Por isso, para que essas dificuldades sejam superadas, é necessário implementar práticas e intervenções que favoreçam a inclusão, como o suporte individualizado e programas de sensibilização no ambiente escolar. Além disso, capacitar educadores e conscientizar os estudantes sobre o Transtorno do Espectro Autista, são medidas essenciais para promover o bem-estar e a participação ativa dos alunos autista no ambiente escolar.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

A metodologia adotada para a presente pesquisa foi uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo, onde foram utilizados livros, dissertações e artigos científicos selecionados através de buscas nas seguintes bases de dados, scielo, catálogo teses e google acadêmico, utilizando termos-chave como, “Psicologia Escolar”, “Educação Inclusiva”, “Psicologia”, “Autismo”. O período dos artigos pesquisados são trabalhos publicados nos últimos dez anos. Os critérios de inclusão serão artigos no idioma português que abordem a inclusão do aluno TEA no âmbito escolar.

2.2 Resultados e Discussão

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por dificuldades nas habilidades de sociocomunicação, afetando tanto a comunicação quanto a interação social. Além disso, pessoas com TEA apresentam comportamentos marcados por padrões restritos de interesses ou atividades (APA, 2013) (Weizenmann; Pezzi; Zanon, 2020).

Conforme descrito no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-5 (APA, 2013), os sintomas desse transtorno geralmente aparecem no início da infância. Essas manifestações podem prejudicar ou limitar significativamente o funcionamento do indivíduo (Weizenmann; Pezzi; Zanon, 2020).

Ensinar crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta desafios, devido às próprias dificuldades impostas pelo transtorno, essas dificuldades afetam áreas essenciais como comportamento, socialização e comunicação. Ainda, é importante destacar que, apesar de um desenvolvimento atípico nessas áreas, essas crianças ainda conseguem absorver e associar pistas do ambiente linguístico. Sendo assim, muitas delas são capazes de internalizar essas informações e utilizá-las de maneira contextual em sua vida social (Pimentel; Fernandes, 2014).

A escola compõe um sistema de ensino que sofreu alterações significativas através do fenômeno da inclusão. Mendes (2017, p.61) em compatibilidade com os dicionários de língua portuguesa fomenta que a palavra “inclusão” está diretamente relacionada ao “ato ou efeito de incluir, o que significa pôr ou estar dentro, inserir ou fazer parte de um grupo; abranger, compreender, conter ou ainda envolver, implicar”. (Da Cruz; Coelho, 2022).

Desde que se deu início ao processo de inclusão no âmbito escolar, inúmeros são os questionamentos realizados sobre quais as formas mais adequadas de trabalhar e promover a inclusão, de maneira que o acesso à educação de todos os estudantes envolvidos nesse processo seja garantido (Brasil, 2008) (Benitez; Domeniconi, 2015).

Após a publicação dos documentos regulamentários, como, a Declaração Mundial de Educação para Todos (Unicef Brasil, 1990) e a Declaração de Salamanca (Unesco, 1994), a criação e o crescimento de novas práticas tomou impulso nas escolas e incentivou a inserção de mais alunos nesse ambiente educacional (Benitez; Domeniconi, 2015).

Os princípios de inclusão, mencionados nesses documentos, também se aplicam diretamente aos aspectos educacionais. Eles destacam a importância de que a educação seja oferecida em ambientes de ensino comuns a todos, promovendo a integração. Esses princípios visam romper com atitudes e práticas discriminatórias e excludentes, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas diferenças, tenham acesso a uma educação de qualidade (Romeiro; Noma, 2014).

A cada dia que passa as instituições escolares recebem mais crianças portadoras de alguma deficiência, transtornos ou distúrbios que devido as suas comorbidades, muitas vezes possuem dificuldades durante o processo de aprendizagem (Vieira; Alvez; Bringel, 2023).

Desse modo, é importante que os profissionais, principalmente professores, psicólogos e psicopedagogos que atuam no ambiente escolar, e encontram desafios constantemente, estejam atentos aos diagnósticos e as características, para assim conseguirem realizar intervenções a fim de auxiliar e/ou melhorar a qualidade de vida e a aprendizagem desses estudantes (Vieira; Alvez; Bringel, 2023).

Ainda, é interessante destacar que o diagnóstico do TEA, não é constatado através de exames, visto que, as características estão presentes em comportamentos e no desenvol-

vimento do indivíduo, portanto, é necessário compreender o autismo e suas nuances, para assim auxiliar de forma adequada no processo de desenvolvimento dos indivíduos diagnosticados com o transtorno (Vieira; Alvez; Bringel, 2023).

É comum que alunos autistas prefiram realizar atividades de forma individual na escola, passando mais tempo sozinhos, do que inseridos no coletivo. Tal comportamento pode ser justificado pelas dificuldades que essas crianças enfrentam ao se relacionar em grupos, especialmente em momentos recreativos (Schmidt, 2019).

Conversar sobre o cotidiano e assuntos variados, participar de atividades que necessitem de interação social compartilhada ou brincar em jogos interativos, como pega-pega ou esconde-esconde, entre outros, pode ser um desafio para elas, devido à suas dificuldades relacionadas a interação social (Schmidt, 2019).

Além disso, é comum observar alunos com autismo tapando os ouvidos com as mãos durante as aulas ou em outras situações que envolvam barulhos e muito contato social. Isso ocorre devido às alterações sensoriais que afetam grande parte dessas crianças, resultando em uma percepção auditiva diferente dos sons do ambiente (Cunha, 2020).

Essas variações podem ser manifestadas de duas formas, através da hipersensibilidade auditiva, quando os sons são percebidos como muito intensos e causam incômodos significativos, ou a hipossensibilidade auditiva, quando os sons são percebidos de forma reduzida (APA, 2013) (Cunha, 2020).

Um ambiente escolar inclusivo é fundamental para a educação de crianças com necessidades especiais. Além de contar com uma estrutura adequada e recursos pedagógicos, o envolvimento dos profissionais é indispensável, a afetividade, o acolhimento e a atenção são forças motrizes para promover a inclusão (Cunha, 2020).

Os educadores, além de estarem preparados de forma pedagógica, é fundamental que também se envolvam diretamente com o progresso de cada aluno. É nesse ambiente inclusivo que a criança desenvolve habilidades fundamentais para o seu desenvolvimento, como interesse, afetividade, criatividade e sociabilidade (Cunha, 2020).

O método de ensino e aprendizado para crianças com Transtorno do Espectro Autista é único para cada indivíduo, devido às suas características particulares. Em alguns casos a dificuldade em reconhecer emoções, expressões faciais e corporais, entonações vocais, e outros elementos limita sua compreensão das normas sociais de interação (Poersch, 2020).

Sua percepção e interpretação dos contextos são singulares e frequentemente mal compreendidas pelas pessoas ao seu redor, o que consequentemente dificulta o processo de socialização com os demais indivíduos que compõem o ambiente escolar (Poersch, 2020).

Cunha (2020) destaca a importância de que o educador possua instrumentos adequados para trabalhar a inclusão de forma efetiva. Não basta o professor ter conhecimento teórico sobre o tema se ele não conseguir aplicar essa inclusão durante a prática. A inclusão começa, primeiramente, com a eliminação de rótulos. Rotular significa também limitar a visão sobre as capacidades e o potencial da criança com TEA (Cunha, 2020).

Quando o professor acredita no aluno, a inclusão se torna uma experiência real, promovendo a autonomia do estudante. Embora o conteúdo disciplinar seja importante, o educador não deve focar apenas no aspecto científico. É essencial que ele tenha uma visão ampla da estrutura humana, considerando a singularidade de cada aluno como um ser social, biológico e afetivo (Cunha, 2020).

Segundo Benini et al. (2016) são inúmeras as barreiras enfrentadas pelas crianças TEA

dentro das escolas, e a falta de recursos adequados para intervenções, é uma delas. As autoras Seabra e Mendes (2009), enfatizam a importância de recursos de base tecnológica para a promoção de acessibilidade e autonomia a alunos portadores de deficiência (Benini; Castanha; Benini, W, 2016).

Reafirmando ainda mais a importância de uma boa estrutura e recursos dentro das escolas, Seabra e Mendes (2009, p.1) ainda enfatizam, “Colocar um aluno com deficiência numa sala de aula sem oferecer recursos que possibilitem que ele enfrente as diferentes situações de forma funcionalmente competente pode não ser suficiente”. (Benini; Castanha; Benini, W, 2016).

Com isso, Benini et al. (2016) destaca a importância de refletir sobre o processo de inclusão, levantando hipóteses e traçando estratégias que estejam correlacionadas a realidade dos alunos para que eles aprendam de forma justa e eficaz (Benini; Castanha; Benini, W, 2016).

Galvão Filho (2009), enfatiza que existem inúmeras possibilidades de materiais simples e de baixo custo que podem ser utilizados na produção de recursos artesanais, para serem manuseados na diretiva das intervenções dentro da educação inclusiva, essas produções podem ser adaptadas e disponibilizadas em sala de aula. Além desses, podem ser utilizados também os recursos estruturados e a base de tecnologia, como eletrônicos, aplicativos e computadores (Benini; Castanha; Benini, 2016).

Leite e Martins (2018), apontam que barreiras atitudinais são comumente encontradas no âmbito escolar, e que estas, por sua vez acabam interferindo diretamente no processo de inclusão, principalmente para crianças autistas. Tavares (2012), caracteriza barreiras atitudinais como obstáculos que são produzidos, condicionados e fortalecidos através de movimentações sociais que reforçam a omissão de comportamentos praticados ao longo da história humana, que danificam a imagem dos deficientes ou de outras pessoas em situação de vulnerabilidade, pois refere-se a sentimentos e pensamentos sobre as mesmas, as quais muitas vezes remetem a desprezo, insuficiência, fraqueza e incapacitação do exercício dos indivíduos como cidadãos sociais (Da Cruz; Coelho, 2022).

Ainda, segundo Lima e Silva (2008) essas barreiras vão aparecendo e evoluindo de acordo com o desenvolvimento da sociedade e apesar dessa movimentação por muitas vezes não acontecer de forma intencional, o aumento dessas barreiras acaba passando despercebido, e os problemas a elas relacionados acabam não sendo solucionados após serem identificados (Bregue, 2023).

Poersch (2020) destaca que os indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) enfrentam desafios decorrentes de percepções equivocadas, que os rotulam como incapazes de se comunicar, estabelecer laços afetivos ou exigem deles um alto nível de funcionalidade ou atrasos cognitivos (Poersch, 2020).

Tais generalizações restringem as oportunidades de ensino e aprendizado para aqueles com o transtorno, alimentando uma compreensão distorcida na sociedade devido à falta de informação e conhecimento sobre o TEA. A autora ainda ressalta a importância da despatologização do autismo como um passo crucial para superar as barreiras atitudinais existentes na sociedade (Poersch, 2020).

Conforme Melo, Lima e Cardoso (2019) afirmam, é responsabilidade da escola promover o respeito às diferenças entre os alunos e adotar uma abordagem inclusiva na educação, que garanta igualdade e elimine qualquer forma de discriminação, rejeitando práticas segregadoras associadas às barreiras atitudinais (Poersch, 2020).

Fonseca, Freitas e Negreiros (2018), destacam que para a organização do ensino apren-

dizagem dirigido a alunos que fazem parte da educação especializada, se faz necessário uma abrangente reflexão, uma vez que é indispensável definir um novo entendimento relacionado a direitos humanos e debates para que praticas inclusivas sejam ajustadas e efetivadas no ambiente educacional (Benitez; Domeniconi, 2015 p. 1010).

Então, segundo Benitez e Domeniconi (2015 p. 1010).

> Quando os comportamentos desses agentes são congruentes e interdependentes no ambiente escolar, aumentam-se as possibilidades de aprendizagem, além de serem mantidos e propagados com o tempo (Benitez; Domeniconi, 2015 p. 1010).

Devido à escassez de formações específicas sobre autismo centradas em práticas pedagógicas, um passo crucial para alterar essa realidade identificação de estratégias que visem ser aplicadas com objetivo na redução das barreiras à aprendizagem. Essas práticas, uma vez identificadas, poderiam ser os principais objetivos das formações. No caso do autismo, é fundamental adotar práticas voltadas tanto para o desenvolvimento de habilidades sociais no ambiente escolar quanto para a valorização da aprendizagem acadêmica (Schmidt *et al*., 2019).

3. CONCLUSÃO

O presente estudo buscou compreender os desafios de socialização e integração escolar que estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrentam, além de sugerir estratégias para fomentar uma educação mais inclusiva e receptiva. Como demonstrado, a inclusão de estudantes com TEA vai além da simples inclusão física no ambiente escolar. É imprescindível ultrapassar obstáculos atitudinais e estruturais, investindo em estratégias pedagógicas inclusivas, recursos especializados e capacitação contínua dos educadores.

Além disso, constatou-se que a implementação das estratégias sugeridas ainda enfrenta desafios, principalmente pela carência de políticas públicas que incentivem a inclusão e ofereçam apoio técnico e financeiro para as escolas. A falta de uma formação continuada para os docentes e a resistência a mudanças estruturais no ambiente escolar são obstáculos que precisam ser superados para que a inclusão seja efetiva e sustentável.

A revisão de literatura permitiu identificar que os principais desafios estão ligados à falta de formação dos professores, escassez de recursos especializados e barreiras comportamentais, como o preconceito e a falta de entendimento sobre as necessidades particulares desses alunos. Portanto, o trabalho atingiu o seu objetivo ao proporcionar reflexões acerca dos obstáculos encontrados e sugerir estratégias para vencê-los.

Contudo, embora o estudo tenha apresentado sugestões para a inclusão, também expôs limitações significativas. Dentre elas, ressalta-se a importância de mais pesquisas empíricas que avaliem a eficácia das intervenções propostas em variados contextos escolares, considerando que cada realidade apresenta necessidades únicas.

A investigação também se restringiu ao uso de fontes secundárias e literatura disponível, sem incluir informações de campo ou pontos de vista diretos de estudantes, educadores e familiares, o que poderia aprimorar a compreensão dos fenômenos estudados. Devido a essas restrições, sugere-se que pesquisas futuras realizem estudos qualitativos e quantitativos, examinando práticas de inclusão que já demonstraram bons resultados em outras instituições de ensino.

Ademais, a criação de programas de formação contínua para docentes e a execução de políticas públicas que promovam uma maior sensibilização acerca do TEA são medidas essenciais para assegurar a inclusão completa. Com isso, espera-se que este estudo auxilie na promoção de discussões acerca da relevância da educação inclusiva e incentive estudos futuros que fortaleçam a área da psicologia escolar e da educação especial. Por fim, é fundamental que a escola não apenas reconheça, mas valorize as potencialidades desses alunos, proporcionando um ambiente acolhedor, equitativo e transformador.

Referências

BENINI, Wiviane; CASTANHA, André Paulo; BENINI, W. Castanha. **A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades**. Cadernos PDE, Paraná, v. 1, 2016.

BENITEZ, Priscila; DOMENICONI, Camila. **Inclusão escolar: o papel dos agentes educacionais brasileiros**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 35, p. 1007-1023, 2015. https://doi.org/10.1590/1982-3703000652014

BREGUE, Sthéfani Borges**. Avaliação da aprendizagem e a inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista (TEA): as percepções, a prática pedagógica e as barreiras encontradas pelos professores de Ciências**. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

DA CRUZ, Adriana Nunes; COELHO, Gilson Gomes**. Inclusão escolar do aluno com autismo: desafios para o (a) psicólogo (a) escolar**. Revista Augustus, v. 30, n. 57, p. 79-97, 2022.

PIMENTEL, Ana Gabriela Lopes; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. **A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo**. Audiology-Communication Research, v. 19, n. 2, p. 171-178, 2014.

POERSCH, Lauren Azevedo. **“O essencial é invisível aos olhos e cativa o coração”: investigação sobre a superação de barreiras atitudinais no processo de ensino de estudantes com TEA na educação infantil**. 232 f.: il. 2020. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ensino) – Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, Bagé, 2020.

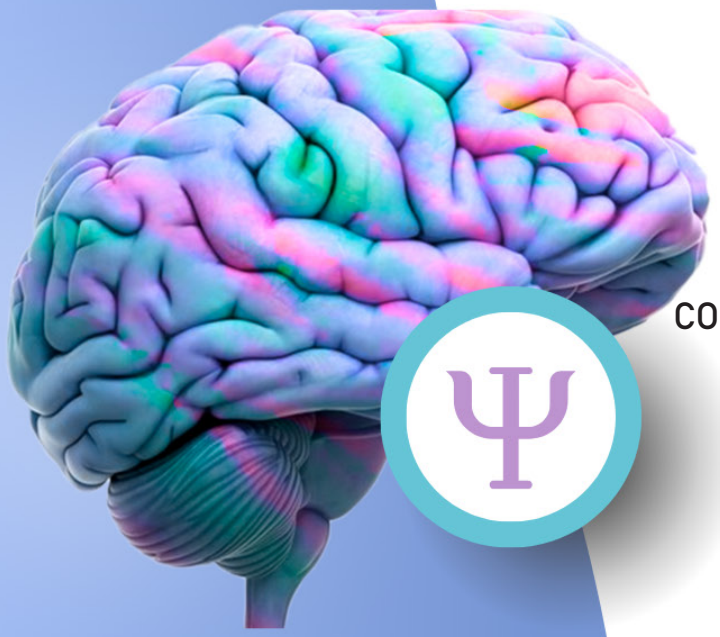
ROMERO, Ana Paula Hameriski; NOMA, Amélia Kimilo. **A educação para todos e a inclusão escolar: o que propõem as agências internacionais**. 2014.

VIEIRA, Laíza da Silva; ALVES, Francisca Ivoneide Benicio Malaquias; BRINGEL, Maricélia Félix Andrade. **Inclusão da Criança Autista no Âmbito Escolar**. Id on Line Rev. Psic., Dezembro/2023, vol.17, n.69, p.168-179, ISSN: 1981-1179.

WEIZENMANN, Luana Stela; PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; ZANON, Regina Basso. **Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 24, p. e217841, 2020.

SCHMIDT, Carlo; DOS SANTOS RAMOS, Fabiane. **Intervenção mediada por pares como prática pedagógica para alunos com autismo**. INCLUSIVAS, 2019.

8



INTRODUÇÃO À LOGOTERAPIA: A CONTRIBUIÇÃO DA LOGOTERAPIA NA FORMAÇÃO SOCIOEMOCIONAL DE ADOLESCENTES E JOVENS

INTRODUCTION TO LOGOTHERAPY: THE CONTRIBUTION OF LOGOTHERAPY IN THE SOCIO-EMOTIONAL TRAINING OF ADOLESCENTS AND YOUNG PEOPLE

Leonildo Soares de Sousa
Virlene Viana Aguiar
Marco Aurélio Fernandes

Pascal
Editora

Resumo

O artigo consiste em uma pesquisa qualitativa que visa investigar quais benefícios a Logoterapia pode trazer para a vida de um adolescente ou jovem em sua formação socioemocional, em quais aspectos pode contribuir, no que pode melhorar, de quais formas pode ajudar essa pessoa. Para a construção deste trabalho foi necessário fazer buscas em várias fontes que apresentassem dados importantes para esta pesquisa. Sendo assim, ao longo do texto pode-se compreender e encontrar respostas significativas para o que o tema propõe, pois sabe-se que a logoterapia é uma abordagem muito procurada por pessoas que querem ter mais conhecimento de si mesmas, tendo uma resposta positiva em vários aspectos. Podemos notar sua relevância na vida dos jovens e adolescentes que possuem essa curiosidade e procuram ajuda para o seu desenvolvimento pessoal e social através desta abordagem. Ajudando-os a lidar com os problemas encontrados no cotidiano, em que muitas vezes, os jovens acabam tendo uma certa dificuldade quando confrontam suas emoções.

Palavras-chave: Psicologia. Psicoterapia. Desenvolvimento.

Abstract

The article consists of qualitative research that aims to investigate what benefits Logotherapy can bring to the life of a teenager or young person in their socio-emotional formation, in what aspects it can contribute, what it can improve, and how it can help. person. To build this work, it was necessary to search for several sources that present important data for this research. Therefore, throughout the text it is possible to understand and find meaningful answers to what the topic proposes, as it is known that logotherapy is an approach highly sought after by people who wish to have more knowledge of themselves, having a positive response in several aspects. . . We can see its relevance in the lives of young people and teenagers who have this curiosity and seek help for their personal and social development through this approach. Help them deal with the problems they encounter in everyday life, in which young people often end up having some difficulty confronting their emotions.

Keywords: Psychology. Psychotherapy. Development.

1. INTRODUÇÃO

Dentro da psicologia em si existem várias linhas de pensamentos, logo uma dessas abordagens se trata da Logoterapia, criada por Viktor Frankl e se conceitua como uma ferramenta do terapeuta, se baseando na busca do sentido da vida como impulso primário de motivação, pois foca na importância de agregar significado e propósito como um membro importante que visa o equilíbrio emocional e o desenvolvimento do ser. Dessa maneira, a Logoterapia objetiva a conscientização do espiritual, pois como análise existencial, consiste principalmente em levar o homem à consciência do seu ser-responsável, enquanto fundamento vital da existência humana.

Sendo assim, é importante que o psicólogo desenvolva junto com seu paciente um significado e um propósito em sua vida, estabelecendo metas, e de forma consciente direcionar suas escolhas para uma vida mais resiliente, tento em vista que o profissional responsável é capaz de ensinar estratégias para que o paciente encontre um significado até em situações muito desafiadoras. O psicólogo pode ajudar o paciente estrategicamente com a Exploração de valores: identificando seus valores e facilitando reflexões sobre experiências passadas que apresentaram satisfação e significado; Análise existencial: refletir sobre liberdade, responsabilidade e busca por um propósito para que encontre respostas pessoais; e Desenvolvimento de metas: formulação de objetivos de acordo com os valores do paciente, criando um plano de ação que dê propósito a vida da pessoa, entre outros.

No entanto, quando se trata de adolescentes e jovens, a logoterapia pode ser um caminho a percorrer para o desenvolvimento pessoal e emocional, dando-os a capacidade de enfrentar as dificuldades. Sabe-se que a pressão escolar e a insegurança do futuro nessa idade são muito intensas, causando ansiedade, principalmente em relação a provas e escolha de carreira, fazendo com que os jovens sentem-se perdidos e sem propósito. Nesse caso, o psicólogo poderia fazer uma intervenção com sessões grupais, focando em estratégias como as que já foram citadas acima. Resiliência em dificuldades: os adolescentes compartilham experiências desafiadoras e como essas situações os ajudaram a crescer e a desenvolver habilidades importantes e Definição de Objetivos: cada adolescente estabelece metas realistas, como participar de um projeto comunitário relacionado à sua paixão ou se inscrever em aulas de música.

No mais, resultaria na diminuição significativa da ansiedade e uma sensação renovada de propósito, pois a conexão entre suas paixões, valores e objetivos pessoais traria uma nova perspectiva sobre suas vidas, ajudando-os a enfrentar os desafios escolares com mais confiança. Pode-se notar, então, como a logoterapia pode ser eficiente para ajudar adolescentes a encontrar significado em suas experiências, promovendo um senso de propósito e resiliência diante de desafios. Tendo em vista o que já foi dito, pode-se fazer o seguinte questionamento “a logoterapia pode contribuir com a formação socioemocional de adolescentes e jovens?”, também discutiremos sobre sua importância para essa formação socioemocional, é de suma importância compreender sobre a logoterapia e entender as contribuições da psicologia na relação de adolescentes e jovens e suas relações sociais e emocionais.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

O tipo de pesquisa realizada se trata de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo, no qual foram realizadas pesquisas em livros, dissertações e artigos científicos selecionados através de busca nas seguintes bases de dados “SciELO”, “google acadêmico” e “biblioteca virtual Anhanguera”, pois são sites confiáveis e acessíveis para qualquer pessoa. O período dos artigos pesquisados foram os trabalhos publicados nos últimos 15 anos. Os critérios de inclusão são artigos em português, já que se trata da língua original do país, pois traduzir artigos em outro idioma pode impactar na ideia original do autor, fazendo com que mude totalmente o sentido da frase. Desta forma foram utilizados 08 artigos, considerando suas datas de publicação e seus autores. As palavras-chave utilizadas na busca foram: “Logoterapia”, “Formação Socioemocional” e “Adolescentes e Jovens”.

2.2 Resultados e Discussão

Em 1905, na cidade de Viena, nasceu Viktor Emil Frankl, ele organizou os “Centros Jovens” para atender afetados pelo pós-guerra e onde trabalhava vários problemas psicológicos, com 21 anos, ele recebeu o certificado em Psicologia do Indivíduo, foi nessa mesma época que Viktor Frankl falou pela primeira vez em Logoterapia para o público da rede acadêmica (XAUZA, 2012). A experiência de Frankl nos campos de concentração lhe proporcionou uma compreensão profunda do sofrimento humano e também fundamentou sua crença de que, mesmo em situações extremas, a busca por significado é uma força poderosa e essencial. Assim, a logoterapia emerge como uma abordagem que convida as pessoas a encontrar propósito, promovendo a resiliência e o bem-estar psicológico.

A logoterapia, fundamentada nos valores propostos por Viktor Frankl, tem um impacto direto na prática terapêutica e nas vidas das pessoas. Aqui estão algumas técnicas: busca de significado, sofrimento com propósito, responsabilidade pessoal, valores pessoais e interconexões. Os princípios da logoterapia, quando aplicados na prática terapêutica, proporcionam as pessoas a encontrar um novo sentido na vida, aumentar a resiliência diante das adversidades e cultivar um maior bem-estar emocional (MOREIRA; HOLANDA, 2010). Um exemplo prático seria a redefinição do sofrimento, pois Frankl ensinou que o sofrimento pode ser transformado em significado ao reinterpretar suas experiências dolorosas, pois uma pessoa que passou por uma doença grave pode trabalhar com o terapeuta para entender como essa experiência a fez mais forte e empática. Ela pode decidir se envolver em trabalhos voluntários em hospitais, ajudando outros pacientes a enfrentar desafios semelhantes.

Na logoterapia, o terapeuta ajuda o paciente descobrir e cultivar um sentido em sua vida, seja através do trabalho, dos relacionamentos, da criatividade, da espiritualidade ou de outras fontes de significado pessoal (XAUZA, 2012). A logoterapia também enfatiza a responsabilidade individual e a liberdade de escolha, incentivando os pacientes a assumirem o controle de suas vidas e a encontrarem significado mesmo em meio às circunstâncias mais difíceis, entre um público bastante afetado se encontram os jovens e adolescentes, que começam a assumir mais responsabilidades sobre suas vidas, incluindo escolhas acadêmicas, relacionamentos e identidade, gerando uma sobrecarga psíquica e ansiedade. Na prática clínica, um jovem pode estar em conflito relacionado a sua identidade e como se encaixa socialmente. O terapeuta pode ajudá-lo a explorar seus valores e interesses, pontuando que ele tem a liberdade de definir quem deseja ser e a responsabilidade

de agir de acordo com essa identidade.

A adolescência é uma fase de grandes mudanças e muitas rupturas, causando um deslocamento da família para a criança e ao adolescente na escola e no mundo, pois em meio a tantas novidades, fica difícil saber quem você é quando todos ao seu redor te falam como você deve agir, pensar e se comportar. A formação socioemocional é crucial para a saúde mental dos adolescentes, pois aborda habilidades e competências que ajudam os jovens a navegar pelas complexidades emocionais e sociais dessa fase da vida. Aqui estão algumas razões que reforçam essa importância: regulação emocional, habilidades sociais, reponsabilidade etc., as escolas, famílias e comunidades têm um papel crucial em apoiar e implementar programas que promovam essa formação, reconhecendo que a saúde mental é um componente essencial do desenvolvimento integral dos jovens.

Para falar da educação socioemocional, foi utilizado como base as orientações do grupo CASEL, organização voltada para o aprendizado social e emocional de alunos da educação básica por meio do desenvolvimento da inteligência emocional. O grupo orienta o desenvolvimento desta inteligência por meio de cinco habilidades: autoconhecimento, autogestão, consciência social, habilidades de relacionamento e tomada de decisão responsável (CASEL, 2015), que no Brasil recebeu o nome 'educação socioemocional'. Este grupo é o que há mais tempo trabalha essa modalidade de educação, tendo já produzido estudos e metanálises, uma delas abrangendo 668 investigações, apontando cientificamente que o desenvolvimento dessas habilidades no ambiente escolar contribui não só para minimizar emoções e impulsos perturbadores e aumentar a empatia, mas também para alcançar melhoria considerável no desempenho acadêmico (GOLEMAN, 2007).

Em relação a saúde emocional dos estudantes brasileiros é apontado dados preocupantes através da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (IBGE, 2015), pois a adolescência é uma fase repleta de desafios que exigem habilidades socioemocionais para uma vida saudável. Alguns dos desafios enfrentados por adolescentes se trata de tentar entendem quem eles são, pressões sociais, expectativas externas, construir e manter amizades, relacionamentos amorosos, entre outros. Por isso é tão importante desenvolver habilidades socioemocionais nesta fase, como autoestima saudável, assertividade tomada de decisões para resistir a influências de terceiros, reconhecer e gerencias suas emoções, avaliar opções e lidar com as consequências de suas escolhas.

Mesmo rodeado de pessoas, a solidão se faz presente, e existe uma gama de origens para isso, uma delas é o individualismo e o egoísmo da sociedade pós-moderna. A adolescência é um período crítico para formação de caráter e de habilidades socioemocionais que serão carregadas até o fim da vida, por isso é tão importante desenvolvê-las. Uma maneira eficiente de trabalhar o desenvolvimento socioemocional pode ser realizada na própria escola por meio de uma variedade de estratégias e práticas como resolução de conflitos e comunicação, dinâmicas de grupo, ambiente inclusivo e acolhedor onde todos os alunos se sintam valorizados e respeitados, encorajar os alunos a participar de projetos comunitários, ajudando-os a desenvolver empatia e responsabilidade social, pois a conscientização é benéfica para o bem estar dos alunos evitando bullying e depressão entre os jovens. Pois nessa fase o adolescente necessita sentir-se acolhido e amparado.

> Dessa forma, as habilidades socioemocionais estão relacionadas a um conjunto de competências que incluem a capacidade de entender e gerenciar as próprias emoções, além de reconhecer e influenciar as emoções dos outros. Essas habilidades determinam uma função significativa em várias áreas da vida, um exemplo básico disso está na tomada de decisão responsável que o indivíduo analisa decisões passadas e suas consequências, pois ao conside-

> rar comprar um carro novo, a pessoa avalia custos, necessidade e impacto financeiro a longo prazo, em vez de decidir impulsivamente. No mais, Georgen (2013) afirmava que atualmente não se trata apenas de entender de modo crono e biológico as transformações físicas e psicológicas que ocorrem no sujeito em idade escolar. É preciso entendê-lo nas mudanças que ocorrem também no seio da organização familiar, entre as diferentes culturas que se miscigenam a todo momento, transformando tanto a sociedade como a economia, e, além disso, entender as múltiplas religiões em que a pessoa busca a um deus (GOERGEN, 2013, p. 142).

O resultado extremo dessa crise social, moral e de valores é demonstrado muitas vezes por meio de medidas catastróficas como o suicídio. "No Brasil, a Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde lançou em 2017 o volume 48 de seu Boletim Epidemiológico tratando exclusivamente dos casos de suicídio e de autolesão no território nacional" (HATZENBERGE; REISDORFER, 2021). Adolescentes e jovens ocupam a linha de frente de maior tentativa de suicídio, a faixa etária entre 10 e 29 anos é responsável por mais de 50% das ocorrências gerais. Não dá para negar que há uma crise existencial entre adolescentes e jovens no Brasil.

> A sensação de solidão presente na narrativa dos adolescentes brasileiros é acompanhada do desmantelamento da estrutura familiar e da crise identitária que marca a pós-modernidade. A atual crise demonstra que o modelo social capitalista, que propôs (e prometeu) bem estar por meio do consumo, não consegue atingir a satisfação pessoal, seja pela incapacidade de suprir a todos em suas expectativas de consumo, seja pela impossibilidade desse acúmulo de bens materiais para suprir algo que é interior, da alma do homem (Hatzenberge; Reisdorfer, 2021, p. 256).

O adolescente que está rompendo com a identidade familiar, acaba por procurar em amigos ou grupos externos uma identidade. Segundo Hatzenberge e Reisdorfer (2021) "Construir a identidade pautada em princípios e valores éticos e de valorização da vida são formas de evitar comportamentos de risco", pois acaba agregando uma grande importância desses valores em sua vida, fazendo com que se sinta um fracasso caso chegue a romper e sair do eixo em algum ponto, dessa maneira, pode-se notar a importância e a falta que faz o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, pois:

> O desenvolvimento socioemocional se refere à capacidade dos indivíduos de compreender e gerenciar suas próprias emoções, estabelecer e manter relacionamentos saudáveis, tomar decisões responsáveis e enfrentar desafios de maneira eficaz. Ao promover um ambiente escolar mais positivo e acolhedor, o ensino socioemocional pode reduzir o bullying, o isolamento social e outros problemas que afetam o bem-estar dos alunos. Isso contribui para um clima escolar mais saudável e produtivo. O Desenvolvimento de Empatia e Relacionamentos Saudáveis ajudam os alunos a desenvolver empatia, compreensão e habilidades de comunicação eficazes. Isso é essencial para construir relacionamentos saudáveis e positivos com os colegas, professores, familiares e futuros colegas de trabalho (GIL; SANTOS; VIEIRA, 2023, p. 71).

Rocha e Sampaio (2020), descrevem que "as competências socioemocionais são as formas em como o indivíduo lida com as suas emoções de forma inata. O indivíduo nasce com elas, mas precisa aprender a lidar e controlar suas emoções". As emoções são reações fisiológicas e psicológicas, trazendo a influência na aprendizagem do indivíduo, também

possuem influência nos processos intelectuais, como inteligência e aprendizagem. Quando o indivíduo desenvolve essa estrutura, passa a lidar com as situações corriqueira de maneira prática e segura para melhor passar por dificuldades encontradas durante sua jornada.

Sendo assim, a nossa primeira rede de apoio é a família, e os vínculos familiares são fundamentais para a construção de uma base sólida para o desenvolvimento socioemocional. Consequentemente, à medida que as crianças ingressam na escola, suas chances de socialização aumentam, as amizades se estabelecem permitindo que elas possam partilhar de experiências emocionais manuseando para que essas crianças aprendam habilidades interpessoais, como confiança, empatia, e resolução de problemas facilitando as novas experiencias.

Contudo, como já foi falado, há algumas maneiras de facilitar a vida desses adolescentes e jovens durante essa fase cheia de mudanças em suas vidas, que muitas vezes acabam perdidos e desesperançosos, sem perspectiva. Mas a busca de sentido e de propósito para a vida, não é uma questão exclusivamente de adolescentes e jovens, pois faz parte da história há séculos, já que sempre foi objeto de reflexão na filosofia, ciência e na religião. Em algum momento da nossa vida, cada um de nós, acaba perdido em pensamentos com essas questões buscando respostas que tragam sentido a nossa vida (ARAÚJO; ARANTES; PINHEIRO, 2020).

3. CONCLUSÃO

Os objetivos desta pesquisa foram alcançados segundo aquilo que foi previsto, com o intuito de entregar um texto elaborado e explicativo sobre a logoterapia no desenvolvimento socioemocional na vida dos jovens e adolescentes, os materiais encontrados foram suficientes para responder os objetivos geral e principal da linha de pesquisa escolhida.

Com base em tudo que foi lido neste artigo até agora, podemos chegar à conclusão de tamanha importância e impacto que a logoterapia pode desenvolver na vida dos jovens e adolescentes, visto que o desenvolvimento socioemocional nessa faixa etária é uma das habilidades mais importantes para que este ser possa conviver em sociedade e ingressas para a vida adulta.

Um dos papeis que a logoterapia pode agregar na vida desses jovens é exatamente ensiná-los a lidar com as situações mais complexas da vida de maneira mais consciente para que assim seja evitado que essa pessoa chegue a passar por um sofrimento muito grande pelo simples fato de não saber lidar com suas emoções naquele determinado momento de sua vida.

No mais, é notável o quanto a logoterapia pode ajudar e fazer bem para uma pessoa em sua caminhada, descobrindo um mundo à sua frente cheio de possibilidades, observando e vivendo a vida de uma perspectiva diferente daquilo que costuma estar determinado pela rotina, pelo cansaço ou por outro motivo. Um olhar mais amplo é necessário para encontra-se no melhor caminho.

Referências

AQUINO, Thiago Antônio Avellarde et al. **Logoterapia& Educação**: fundamentos e prática. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

FRANKL, Vitor Emil. **Em busca de sentido:** Um psicólogo no campo de concentração. 36. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2014.

GIL, D. F. V. S; SANTOS, L.A; VIEIRA, B. F.S. **A importância do desenvolvimento socioemocional na educação de crianças e jovens**. Campo Grande, 2023.

HATZENBERGER, D. F; REISDORFER, P. V. F. **Questões existenciais no currículo da escola brasileira: reflexões a partir da BNCC**. Saberes em foco, v. 4, n. 1, p. 251-264, 2021.

KIILL, Ayrton Araujo; NOVAES, Diva Valério. Educação estatística e socioemocional integradas no ensino fundamental ii: reflexão sobre necessidades humanas, 2022.

KROEFF, P. **Logoterapia e Existência**: A importância do Sentido da Vida. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

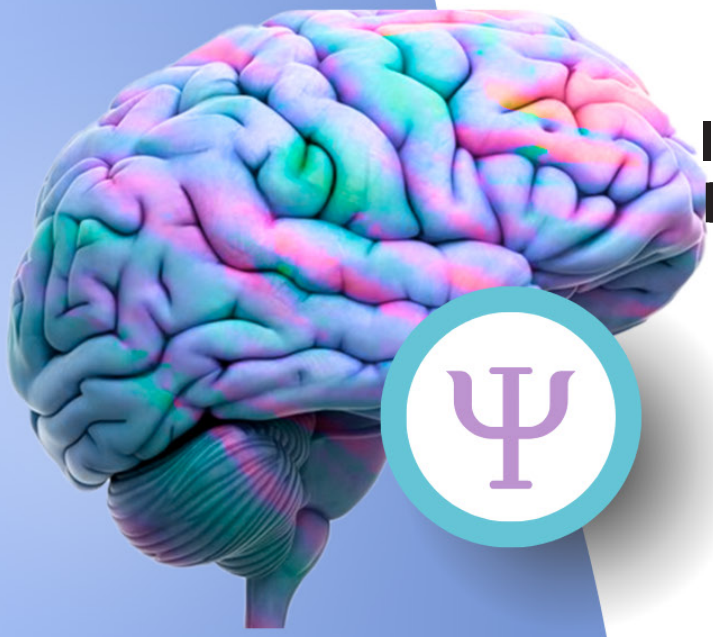
MIGUEZ, E. M. **Educação em busca de sentido**: Pedagogia inspirada em Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2014.

MOREIRA, N.; HOLANDA, A. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, v. 15, n. 3, p. 345–356, set. 2010.

PEREIRA, I. S. **A Ética do Sentido da Vida**: Fundamentos Filosóficos da Logoterapia. Aparecida, SP: Idéias& Letras, 2013.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes**. Viktor E. Frankl entre nós: a história da logoterapia no Brasil e integração pioneira da logoterapia na América Latina**. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

9



OS IMPACTOS DA DOENÇA E ALZHEIMER NA VIDA DOS IDOSOS: UMA ANÁLISE ACERCA DOS ASPECTOS PSICOSSOCIAIS

THE IMPACTS OF ALZHEIMER'S DISEASE ON THE LIVES OF THE ELDERLY: AN ANALYSIS OF PSYCHOSOCIAL ASPECTS

Simone Gama Bezerra
Luiza Mariana de Sousa

Pascal
Editora

Resumo

A Doença de Alzheimer representa uma patologia que acomete a população idosa, causando a perda gradual das capacidades cognitivas da pessoa diagnosticada, incorrendo em impactos psicossociais, que podem resultar na perda da autonomia e da qualidade de vida do paciente. Reconhecendo a relevância de dialogar acerca deste tema, este artigo, por meio de uma revisão bibliográfica de fontes selecionadas, buscou compreender quais são os impactos psicossociais causados pela Doença de Alzheimer (DA) na vida dos idosos, concluindo que tais impactos percorrem por fatores sociais, políticos e culturais, observando ainda, a importância de construir debates acerca da saúde da população idosa, para o campo acadêmico e científico. Por meio da pesquisa desenvolvida, foi possível compreender a importância de um diagnostico eficiente e nos estágios iniciais da doença, como forma de viabilizar tratamentos mais eficazes, que consistem na atuação multidisciplinar e na redução dos danos neurais causados pela patologia, possibilitando a manutenção da qualidade de vida do paciente.

Palavras-chave: Alzheimer; Impactos; Psicossociais.

Abstract

Alzheimer's Disease represents a pathology that affects the elderly population, causing the gradual loss of cognitive abilities in diagnosed individuals, leading to psychosocial impacts that can result in a loss of autonomy and quality of life for the patient. Recognizing the relevance of addressing this topic, this article, through a bibliographic review of selected sources, aimed to understand the psychosocial impacts of Alzheimer's Disease (AD) on the lives of the elderly. It concluded that these impacts encompass social, political, and cultural factors, while also emphasizing the importance of fostering discussions about elderly health within academic and scientific fields. Through the conducted research, it was possible to understand the importance of an efficient and early diagnosis to enable more effective treatments, which involve multidisciplinary approaches, and the reduction of neural damage caused by the pathology, thereby maintaining the patient's quality of life.

Keywords: Alzheimer; Impacts; Psychosocial.

1. INTRODUÇÃO

A Doença de Alzheimer se refere à uma patologia neurodegenerativa, ou seja, uma patologia que provoca a perda gradual dos neurônios, resultando em prejuízos para a memória, linguagem, cognição e alterações comportamentais. Segundo Souza *et al.* (2021), A Doença de Alzheimer (DA), corresponde ao comprometimento severo do Sistema nervoso Central, por meio dos depósitos das proteínas Tau e Beta Amiloide, em regiões específicas do cérebro. A doença de Alzheimer compromete a vida da população idosa por apresentar altas taxas de mortalidade e causar prejuízos psicossociais.

Desta forma, a construção do presente artigo justificou-se através do fato que a elaboração de trabalhos com enfoque na população idosa, representam uma ferramenta de contribuição para a sociedade, de forma ampliada, visto que, todo o ser humano passará pela denominada "terceira idade". Além disto, considerou-se importante sublinhar que, dialogar acerca da qualidade de vida em nível biopsicossocial da população idosa diagnosticada com Alzheimer, corresponde à manutenção de produções científicas que buscam evidenciar a DA, promovendo novas descobertas.

Portanto, através do questionamento de quais seriam os impactos psicossociais da Doença de Alzheimer na vida das pessoas idosas? Que este artigo direcionou as suas investigações ao entendimento dos prejuízos da doença para a população idosa, observando, aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais. Desta maneira, se tornou compreensível que o problema desta pesquisa incorria na questão dos impactos psicossociais, como enfoque central das asserções explicitadas.

Desta forma, se elucidou que o objetivo primordial deste artigo foi compreender os impactos psicossociais da Doença de Alzheimer na vida das pessoas idosas, enquanto os objetivos secundários deste artigo voltaram-se a contextualizar a Doença de Alzheimer e o processo de envelhecimento, descrever os prejuízos decorrentes da doença para os idosos, familiares e cuidadores e discutir possibilidades de abordagem psicossocial para os indivíduos acometidos pelo Alzheimer.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

No que se referiu à elaboração metodológica do presente artigo, em caráter elucidativo, se faz necessário explicitar que foram analisados o total de dez (10) artigos, sendo selecionados seis (06) destes, os quais foram apresentados no tópico Resultados e Discussão. O critério de exclusão dos artigos se deu por fatores como data de publicação ou revisão mais recente sobre o mesmo tópico, destaca-se ainda que as temáticas dos artigos selecionados se voltaram à saúde da população idosa, impactos da Doença de Alzheimer, letalidade por DA e outros.

Além disto, é relevante sublinhar que as datas de publicação dos artigos selecionados após filtragem, remontam aos anos entre 2017 e 2023, o que corresponde a sete anos de publicações voltadas à temática. Além disto, utilizou-se também, uma (01) Portaria Governamental, publicada no ano de 2017.

Os artigos utilizados nesta pesquisa, foram extraídos de bancos de dados online, portanto, foram utilizados durante a escrita deste artigo publicações pesquisadas e captadas

em sites como o Google Acadêmico, Scientific Eletronic Library Online – SciElo e Literatura Latino-americana em Ciências da saúde – LILACS, privilegiando uma busca diversificada de fontes, o que contribuiu para a consolidação deste trabalho acadêmico.

Para além das considerações expostas, é fundamental destacar que este artigo se referiu à uma pesquisa de revisão de literatura ou revisão bibliográfica, ou seja, voltou-se a investigar fontes já publicadas para construir suas interpretações. De acordo com Gil (2022), a revisão bibliográfica possibilita o surgimento de novas interpretações, acerca do material analisado, o que colabora para a atualização da temática em discussão.

2.2 Resultados e Discussão

A Doença e Alzheimer (DA) é uma condição que incorre na perda gradual das capacidades neuro cognitivas, afetando primeiro o hipocampo, que consiste na região do cérebro responsável pela memória. A DA é uma doença que acomete exclusivamente pessoas idosas, sendo a principal causa dos casos de demência em idosos, além disto, Segundo Zanotto *et al.* (2023), os fatores ambientais corroboram para o agravamento da doença, desta maneira, idosos que apresentam comorbidades como diabetes, tabagismo, sedentarismo, dietas inadequadas e algumas patologias de ordem emocional, terão o quadro da Doença de Alzheimer com a evolução mais contundente.

Diante dos fatores apresentados, destacando as asserções de Zanotto *et al.* (2023), é fundamental compreender que para o tratamento da referida patologia, demanda-se que seja estabelecido um planejamento de cuidados interdisciplinares, para que o paciente seja acompanhado de maneira integral, como forma de atenuar os sintomas da doença, estabilizando-a, para que se tenha efeitos significativos na manutenção da qualidade de vida da pessoa diagnosticada com a Doença de Alzheimer, sendo indispensável o acompanhamento, psiquiátrico, psicológico, nutricional, entre outros (Zanotto *et al.*, 2023).

Considerando ainda as asserções de Zanotto *et al.* (2023), através de um estudo de caso, de uma mulher de 71 anos, diagnosticada com a Doença de Alzheimer, é importante destacar que para compreender a evolução da doença durante o tratamento da paciente em questão, os pesquisadores utilizaram como ferramenta de avalição cognitiva o MEEM (Mini Exame do Estado Mental), que é um teste avaliativo recomendado pela Portaria Governamental do Ministério da saúde de 2017, quando dialogam acerca da DA se apresentar em três estágios clínicos, sendo o primeiro o início da perda de memória e algumas alterações cognitivas, na segunda fase o paciente é acometido por delírios e alucinações e na terceira fase o paciente se torna totalmente dependente de cuidados e com redução significativa das capacidades cognitivas (Zanotto *et al.*, 2023).

No que se refere ao tratamento de pacientes diagnosticados com a DA, é fundamental destacar a Portaria Governamental de Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Doença de Alzheimer, publicada pelo Ministério da Saúde, no ano de 2017, que consiste em um documento de respaldo jurídico, para o tratamento de pacientes com DA, descrevendo em seu texto os critérios para o diagnóstico, tratamento, mecanismos de regulação e controle de avalição. Este documento é fundamental no que se refere a promoção de diagnósticos e tratamentos mais assertivos, em observância à proteção integral dos pacientes (Brasil, 2017).

Em consideração ao exposto, se observa que, quanto mais cedo a Doença de Alzheimer for diagnosticada, mais eficaz será o seu tratamento. Além disto, no que se refere a repetição dos testes de estado mental, isto serve para compreender o avanço da doença,

no caso da paciente de 71 anos, a doença se tornou estável, visto que houve eficácia no tratamento (Zanotto *et al*., 2023).

Desta, forma, é fundamental que se compreenda que o tratamento da Doença de Alzheimer só será eficaz, se for respeitado e consolidado, ocasionando que o paciente idoso tenha a possibilidade de manter a sua expectativa de vida. Compreender as nuances do tratamento será a ferramenta mais potente para facilitar que o idoso consiga dar seguimento ao seu estilo de vida, apesar da gravidade do diagnostico (Zanotto et al., 2023).

Além disto, a taxa de letalidade da Doença de Alzheimer na população idosa é alta, bem como explicita Souza *et al.* (2021), portanto não aderir ao tratamento adequado da doença, incorre em assumir os riscos de seu agravamento gradativo e incurável, que culminará na perda global das capacidades neuropsicológicas do idoso. Ainda segundo os autores supramencionados, existe a possibilidade que fatores genéticos e ambientais possam agravar a patologia (Souza *et al.*, 2021).

Portanto, se faz necessário um acompanhamento multidisciplinar e individualizado do paciente, como forma de garantir que todas as necessidades do idoso em tratamento sejam atendidas, como um mecanismo para aumentar a sua expectativa de vida, ressaltando que na Doença de Alzheimer, apesar dos sintomas clássicos serem os mesmos, estes, por sua vez, não impactarão da mesma forma todos os idosos (Souza e*t al.*, 2021).

Quando se dialoga acerca dos impactos psicossociais da Doença de Alzheimer, é relevante observar os aspectos socioeconômicos das pessoas diagnosticadas, pois, conforme as asserções de Souza *et al.* (2021), os sujeitos que possuem menos escolaridade e que vivem em situação precária de acesso à saúde, comumente são aqueles que possuem o diagnóstico tardio, o que influencia diretamente para a evolução do quadro clínico. Portanto, a população idosa menos favorecida socialmente, terá maiores complicações devido a Doença de Alzheimer, o que repercutirá na qualidade de vida destes sujeitos.

Ressalta-se que não existe cura para a Doença de Alzheimer, tornando o tratamento indispensável para a manutenção da qualidade de vida de pessoas diagnosticadas. Desta forma, sublinham-se as asserções de Caetano *et al.* (2017), que expões os seguintes fatores:

> O Alzheimer é uma patologia que pode ser classificada em maior ou menor grau, ou seja, existem pacientes portadores que estão em estado inicial e ainda não possuem comprometimento significativo da memória e das habilidades físicas, motoras e intelectuais. No entanto, existem casos em que o portador se encontra em um estado mais tardio, com quadro demencial por exemplo, onde, na maior parte do tempo não responde por ele e não tem controle. Além da perda da capacidade de resolver questões simples e coordenação motora, suas memórias oscilam, necessitando, assim, de cuidados especiais que demandam maior tempo de cuidado dos responsáveis (Cetano *et al.*, 2017 p. 85).

Através dos fatores expostos, compreende-se que o fato de um idoso ser diagnosticado com a Doença de Alzheimer, não significa, necessariamente, que este sujeito apresentará um quadro de demência ou perdas significativas das capacidades intelectuais, estas condições têm maior relação com o fato do início do tratamento ser recente ou tardio, portanto, o tratamento em estágios iniciais da doença acarretará o menor comprometimento das capacidades mentais do idoso. Por sua vez, quando o tratamento começa tardiamente, alguns impactos psicossociais podem ser observados (Caetano e*t al.*, 2017).

Através dos fatores expostos, se torna possível compreender alguns dos impactos psicossociais na vida do idoso que é acometido pela Doença de Alzheimer, como por exemplo

a perda da autonomia, visto que, quando a DA chega em estágios avançados, o paciente perde a capacidade de tomada de decisões, assim como, discorreu Caetano *et al.* (2017). Quando se pensa na qualidade de vida de forma global, a perda da autonomia pode ser interpretada enquanto um fator incapacitante, que influencia diretamente nas formas de existência do idoso, ou seja, o indivíduo se torna incapaz de realizar atividades cotidianas que outrora eram comuns.

Ainda segundo Caetano *et al.* (2017), no que se refere ao tratamento da pessoa diagnosticada com a Doença de Alzheimer, a socialização dos pacientes em terapias de grupo de apoio, pode ser um fator contribuinte para um tratamento mais consistente, isto aconteceria, segundo os referidos autores, porque em um grupo as vivencias compartilhadas promovem a identificação e o diálogo, fazendo com que as pessoas se tornem ativas em seus processos, através da comunicação.

Para Souza *et al.* (2022), toda produção de conhecimento científico relacionada às patologias, precisa estar situada socio-politicamente e socio-culturalmente, para que os métodos preventivos estejam de acordo com a realidade da população. Desta forma, no que se refere à Doença Alzheimer, através do conceito de *prevenção situada* Leibing (2018 *apud* Souza *et al.*, 2022), discorrem que as questões de gênero precisam estar presentes nestes estudos, pois a taxa de diagnóstico da Doença de Alzheimer é maior em mulheres.

Através da análise das asserções de Souza *et al.* (2022), se tornou possível compreender que a *prevenção situada* se refere a um mecanismo de compreensão das necessidades das pessoas que possuem maior incidência diagnostica, neste caso, as mulheres. Portanto, utilizar demarcadores sociais, pode ser um caminho efetivo para o aperfeiçoamento das técnicas de prevenção e tratamento da Doença de Alzheimer, visto que, quando há o reconhecimento da ausência de padrões de como a DA impacta na vida das pessoas, a *prevenção situada* se torna uma forma de possibilitar tratamentos mais assertivos.

Para além dos fatores explicitados, é fundamental que se compreenda que trabalhar para o desenvolvimento de tratamentos mais assertivos, observando questões de aspectos sociais, contribui significativamente para o desenvolvimento de formas interventivas mais humanizadas. O que consiste em uma forma de atenuar os agravos da doença, sobretudo, os de ordem psicoemocional, visto que, lidar com o diagnóstico de uma patologia neurodegenerativa, representa um impacto emocional contundente na vida da pessoa idosa (Souza *et al.*, 2022).

Outro aspecto importante para compreender os impactos da Doença de Alzheimer, se refere à compreensão das taxas de mortalidade relacionadas ao diagnóstico da doença. Portanto, sublinham-se as asserções de Pachalidis *et al.* (2023), que descrevem o seguinte:

> A mortalidade por doença de Alzheimer mostrou-se crescente no Brasil e regiões entre 2000 e 2019. As regiões Norte e Nordeste apresentaram maior variação anual, em comparação às regiões Sul e Sudeste, em octogenários. As taxas médias de mortalidade por doença de Alzheimer foram elevadas no grupo de indivíduos com ≥ 80 anos e no sexo feminino, nessa faixa etária. Porém, as médias das taxas de mortalidade foram maiores no sexo masculino nas faixas etárias de 60- 69 e 70-79 (Pachalidis *et al.*, 2023 p.4).

Através do trecho em destaque é possível refletir sobre quais são os fatores que fazem as taxas de mortalidade em decorrência da DA, divergirem entre as regiões brasileiras, entre as possibilidades expostas, uma destas está relacionada à compreensão diagnostica, que a depender da região, pode se apresentar de uma forma diferente. Portanto, compreender os critérios socioambientais é um mecanismo fundamental para o fechamento do

diagnóstico, porém existem ainda os fatores técnicos. Desta forma, os autores compreendem que o maior número de fechamento do diagnóstico da Doença de Alzheimer nas regiões norte e nordeste, se devem à erros na compreensão dos sintomas, resultando em diagnósticos equivocados, sendo este o fator contribuinte para o aumento das taxas (Pachalidis *et al*., 2023).

Portanto, no que se refere à construção de estudos acerca da Doença de Alzheimer, é fundamental que se observe a qualidade dos dados apresentados, pois estes, também serão os melhores parâmetros para compreender os impactos da doença na população idosa. Além disto, quando há equívocos no diagnóstico, isto incorre na dificuldade do tratamento de patologias, o que pode ser um fator prejudicial para saúde dos idosos em geral (Pachalidis *et al*., 2023).

Quando se dialoga acerca da manutenção da saúde e qualidade de vida da população idosa, manter uma rotina ativa, com exercícios leves, bem como, ter uma rede de apoio entre idosos e familiares, cuidados com alimentação e outras atividades, são fatores contributivos para uma vida saudável, em uma idade em que o corpo já não apresenta o mesmo vigor de outrora. Por este motivo, quando um idoso é diagnosticado com a Doença de Alzheimer e por meio do avanço da doença, não consegue manter uma rotina ativa, consequentemente esse será um dos impactos mais significativos na sua qualidade de vida (Rodrigues *et al*. 2020).

Segundo as asserções de Rodrigues *et al.* (2020), no que se refere a saúde da população idosa, ter a capacidade de praticar exercícios e, sobretudo, manter a autonomia são fatores fundamentais, para a manutenção da qualidade de vida. Além disto, a perda da autonomia carrega consigo um fator psicológico, que implica em uma perda de uma soberania pessoal, a partir do momento em que o idoso necessita de ajuda para tarefas simples do cotidiano (Rodrigues *et al*. 2020).

Além disto, segundo Rodrigues *et al.* (2020), há a necessidade de observar a perda da qualidade de vida dos cuidadores, visto que, essas pessoas precisarão adequar as suas vidas aos cuidados de um idoso, com o potencial para se tornar totalmente dependente em decorrência da Doença de Alzheimer, somado a isto existe o fato de que o cuidador precisa compreender e se informar acerca do curso da patologia, que em muitos casos pode ser letal. Outro aspecto relacionado à dinâmica de cuidados, está no fato que o cuidador deve ser orientado a estimular o idoso cognitivamente e funcionalmente, em todas as fases da doença, para que o idoso consiga viver com o mínimo de dignidade e autonomia.

3. CONCLUSÃO

Através da pesquisa desenvolvida, se tornou possível compreender como a Doença de Alzheimer afeta diretamente a vida da população idosa, incorrendo em perdas múltiplas, ocasionadas pela degeneração neural gradativa, resultante da patologia, sendo estas perdas referentes à perda da memória, perda das capacidades cognitivas, habilidades motoras e linguagem e, ainda, há a perda da autonomia, portanto, todos estes fatores resultarão em impactos referentes às questões psicossociais, sobretudo, o que se refere à suspenção da autonomia do idoso, visto que, este, precisará de cuidados em tempo integral, à medida que a patologia progredir, principalmente em casos de diagnostico tardio, que será um dos principais fatores de agravamento da doença.

Outros fatores que puderam ser observados acerca da Doença de Alzheimer, se referem as questões sociais, políticas e culturais, pois tais fatores podem interferir diretamente

na compreensão diagnostica da doença. Deste modo, compreender a dinâmica destes fatores, se traduz em uma forma de reconhecimento das individualidades do paciente, o que será um fator contributivo para o diagnóstico correto e, consequentemente, na implementação de um tratamento assertivo, que será fundamental para a manutenção da qualidade de vida do paciente.

No que se refere ao tratamento da pessoa idosa diagnosticada com a Doença e Alzheimer, através dos fatores destacados no decorrer deste artigo, se tornou possível enfatizar a importância o tratamento multidisciplinar, como forma de coibir os agravos da patologia, isto porque o tratamento da Doença de Alzheimer possui nuances especificas, seja porque é necessário um acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, ou porque, o trabalho de um nutricionista se torna indispensável, visto que, o acompanhamento da dieta do paciente implicará na manutenção da saúde, evitando patologias como a Diabetes, isto porque, comorbidades podem resultar no agravamento da DA.

A Doença de Alzheimer implica em profundos impactos psicossociais na vida das pessoas idosas, pois retira a autonomia destas pessoas e as impede de viver uma vida plena, a partir da tomada de decisões pessoais e individuais. Desta forma, o cuidador terá um papel importante na manutenção da qualidade de vida do idoso diagnosticado com a DA, portanto, o cuidador deverá estar atento as necessidades do paciente e compreender as suas responsabilidades, visto que, o estímulo contínuo, será crucial para manter o idoso ativo, reduzindo a sua dependência.

Portanto, existem condições que serão fundamentais para a manutenção da qualidade de vida da pessoa idosa com a Doença e Alzheimer, primeiramente será o diagnóstico correto, nos estágios iniciais da doença, depois será o tratamento multidisciplinar e, por último, a atenção e responsabilidade do cuidador. Desta forma, será possível que, independente das dificuldades ocasionadas pela doença, o idoso consiga viver com dignidade, ressaltando, que os impactos psicossociais causados na vida do paciente idoso, sobretudo, no que se refere a perda da autonomia, não devem colaborar para a desumanização deste paciente, portanto, um olhar humanizado também é um fator contribuitivo para a eficiência do tratamento.

Referências

Brasil, Ministério da Saúde. **Portaria Governamental** – Protocolo Clínico de diretrizes Terapêuticas da Doença de Alzheimer, 2017.

Caetano; Liandra Aparecida Orlando. *Et al.* Alzheimer, sintomas e grupos: uma revisão integrativa. **Revista NESME**, v.14, n.2 p.84-93, 2017. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902017000200010. Acesso em: 30 de setembro de 2024.

Gil; Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2022.

Pachalidis; Mayara. *Et al.* Tendência de mortalidade por Doença de Alzheimer no Brasil, 2000 a 2019. RESS-Revista do SUS 32(2), Brasília, 2023. Disponível em: scielosp.org/pdf/ress/2023.v32n2/e2022886/pt. Acesso em: 02 de outubro de 2024.

Rodrigues; Tamires. de Queirozet al. Impacto da Doença de Alzheimer na qualidade de vida de pessoas idosas: revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v.14.n4, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.25248/reas.e2833.2020. Acesso em: 02 de outubro de 2024.

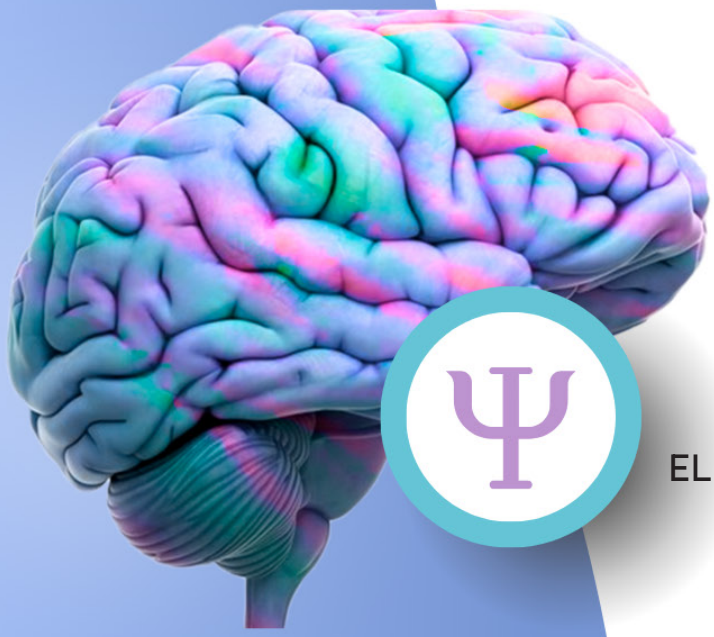
Souza; Elizabeth Scatolino de. *Et al.* Doença de Alzheimer: Abordagem sobre a fisiopatologia. **Revista Episteme Transversalis**; Volta Redonda, v.12, n.2, p. 356-381, 2021. Disponível em: www.arca.fiocruz.br/handle/icict/49903. Acesso em: 30 de setembro de 2024.

Souza; Érica Renata de. *Et al.* Doença de Alzheimer, gênero e saúde: reflexões sobre o lugar da diferença na produção neurocientífica. **Saúde e Sociedade**. v. 31, n. 2, 2022. Disponível em: www.scielosp.org/article/sau-

soc/2022.v31n2/e220048pt/#. Acesso em: 30 de setembro de 2024.

Zanotto, L. F. *Et al.* Doença de Alzheimer: um estudo de caso sobre o transtorno neurocognitivo que mais afeta idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 26, p. e 230012, 2023. Disponível em: www.scielo.br/j/rbgg/a/gKhpzVBNRShbDP98jXKkXMN/#. Acesso em: 30 de setembro de 2024.

10



CUIDADOS GERIÁTRICOS E HOSPITALIZAÇÃO: O DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNOS MENTAIS EM PACIENTES IDOSOS INTERNADOS COM QUADROS GRAVES

GERIATRIC CARE AND HOSPITALIZATION: THE DEVELOPMENT OF MENTAL DISORDERS IN ELDERLY PATIENTS HOSPITALIZED WITH SEVERE CONDITIONS

Andressa Sherlly Passos Cardoso

Luiza Mariana de Sousa

Pascal
Editora

Resumo

Este artigo aborda a crescente demanda por cuidados geriátricos em face do envelhecimento populacional e suas implicações na saúde mental de pacientes idosos hospitalizados com quadros graves. A pesquisa explora como a hospitalização pode desencadear desafios adicionais, aumentando o risco de transtornos mentais, como depressão, ansiedade, delirium e demência. O estudo tem como objetivo compreender a influência dos cuidados geriátricos na prevenção e manejo desses transtornos, identificando fatores de risco e propondo estratégias de intervenção. Por meio de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo, busca-se analisar a relação entre a hospitalização prolongada e a saúde mental dos idosos, destacando a importância de protocolos de tratamento que considerem as particularidades desse grupo. As conclusões ressaltam a necessidade de práticas de cuidados mais humanizadas e adaptadas, que promovam a qualidade de vida e o bem-estar mental dos pacientes durante e após a internação. Este trabalho visa preencher lacunas no conhecimento sobre a eficácia dos cuidados geriátricos na prevenção de complicações psicológicas, contribuindo para um atendimento mais eficaz e centrado no paciente.

Palavras-chave: Cuidados Geriátricos, Pacientes Idosos, Hospitalização, Transtornos Mentais, Prevenção.

Abstract

This article addresses the growing demand for geriatric care in the face of population aging and its implications for the mental health of hospitalized elderly patients with serious conditions. The research explores how hospitalization can trigger additional challenges, increasing the risk of mental disorders, such as depression, anxiety, delirium and dementia. The study aims to understand the influence of geriatric care in the prevention and management of these disorders, identifying risk factors and proposing intervention strategies. Through a qualitative and descriptive literature review, we seek to analyze the relationship between prolonged hospitalization and the mental health of the elderly, highlighting the importance of treatment protocols that consider the particularities of this group. The conclusions highlight the need for more humanized and adapted care practices that promote the quality of life and mental well-being of patients during and after hospitalization. This work aims to fill gaps in knowledge about the effectiveness of geriatric care in preventing psychological complications, contributing to more effective and patient-centered care.

Keywords: Geriatric Care, Elderly Patients, Hospitalization, Mental Disorders, Prevention.

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é uma realidade incontestável em todo o mundo, resultando em um aumento significativo na demanda por cuidados geriátricos e serviços de saúde especializados para a população idosa. Com o avançar da idade, os idosos tornam-se mais suscetíveis a condições de saúde crônicas e agudas, muitas vezes exigindo hospitalização para tratamento adequado. No entanto, a hospitalização em si pode desencadear uma série de desafios adicionais, particularmente no que diz respeito à saúde mental dos pacientes idosos.

Assim, este estudo propõe a explorar a interseção entre os cuidados geriátricos, a hospitalização e o desenvolvimento de transtornos mentais em pacientes idosos com quadros graves. Compreender as complexidades envolvidas nesse contexto é crucial não apenas para a melhoria dos protocolos de tratamento, mas também para a promoção de uma qualidade de vida adequada para os idosos durante e após o período de internação.

A hospitalização de pacientes idosos com quadros graves apresenta uma série de desafios únicos, incluindo o risco aumentado de complicações médicas, a deterioração funcional e o impacto negativo na saúde mental. Estudos sugerem que a hospitalização pode ser um fator desencadeante para o desenvolvimento ou agravamento de transtornos mentais em idosos, tais como depressão, ansiedade, delirium e demência.

Diante desse cenário, torna-se essencial investigar os mecanismos subjacentes que contribuem para o desenvolvimento desses transtornos mentais durante a hospitalização, bem como identificar estratégias eficazes de prevenção e intervenção. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo examinar a relação entre a hospitalização prolongada e a prevalência de transtornos mentais em pacientes adultos, com foco específico nos fatores de risco associados e nas possíveis intervenções para mitigar esses efeitos adversos. Diante do contexto apresentado, a pergunta norteadora da pesquisa foi: Quais os desafios e possibilidades enfrentados por pacientes idosos no ambiente hospitalar?

O objetivo geral da pesquisa foi compreender como os cuidados geriátricos durante a hospitalização de pacientes idosos com quadros graves influenciam o desenvolvimento de transtornos mentais, com o intuito de aprimorar a qual de vida e o tratamento desses indivíduos.

Em relação aos objetivos específicos, buscou- se identificar e analisar os fatores de risco conhecidos que contribuem para o desenvolvimento de transtornos durante a internação hospitalar, realizar uma revisão sistemática de literatura sobre os efeitos dos cuidados geriátricos durante a hospitalização de pacientes idosos com quadros graves e, propor recomendações para melhorar os cuidados geriátricos durante a hospitalização, visando reduzir o risco de desenvolvimento de transtornos mentais em pacientes idosos com quadros graves.

A Organização Mundial da Saúde afirma que a população global envelhecendo mais rápido do que no passado. Estima-se que a prevalência em idosos quase duplicará entre 2015 e 2050, aumentando de 12% para 22% da população global. Neste contexto, o continente americano é a região que envelhece mais rapidamente, prevendo-se que a população idosa atinja os 200 milhões até 2020.

No Brasil a situação não é diferente. Instituto Brasileiro de Geografia o Instituto de Estatística (IBGE) destacou que nosso país passa por um importante processo de mudança do padrão etário, nesse sentido, até 2050, o número de pessoas com 60 anos ou mais de-

verá aumentar em 239%. Recentemente, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), realizada pelo IBGE, mostrou que o número total de idosos no país atingiu 30,2 milhões em 2017.

Uma prevalência maior de sintomas depressivos tem sido notificada entre idosos hospitalizados por condições orgânicas. Um estudo de metanálise brasileiro avaliou a presença de sintomas depressivos entre idosos atendidos em diferentes espaços públicos de saúde, tendo apontado que 36% dos 1.454 idosos hospitalizados apresentavam sintomas depressivos.

Preocupante é notar que pacientes com sintomas depressivos comumente têm outras complicações crônicas de saúde, uma situação que é claramente observada entre pacientes idosos.

Assim, pacientes idosos com sintomas depressivos acabam também apresentando doenças cardiovasculares, problemas gastrointestinais e câncer, assim como têm pior desempenho funcional, ingerem maior quantidade de medicamentos e têm um estilo de vida menos saudável que pacientes sem sintomas depressivos.

Preocupa notar que a conjugação dos sintomas depressivos aos de outras condições médicas acaba implicando um pior manejo dos agravos de saúde, bem como um pior prognóstico para o paciente, constituindo um indicador de risco para a ocorrência de novas internações hospitalares e dias de permanência do paciente no hospital.

Sobretudo, o elevado risco de mortalidade entre pessoas com sintomas depressivos é o indicador de maior preocupação Cuijpers e Smit, por exemplo, ao realizarem uma metanálise de estudos populacionais, contando com uma amostra de 106.628 sujeitos, avaliaram que o risco de morte entre pessoas com depressão é maior que o risco de morte entre pessoas não deprimidas, uma relação que se inicia desde formas mais leves de depressão.

2. JUSTIFICATIVA

Os cuidados geriátricos durante a hospitalização de pacientes idosos com graves são de suma importância, especialmente diante do envelhecimento da população e das complexidades associadas aos desafios de saúde enfrentados por esse grupo. Os idosos hospitalizados frequentemente apresentam múltiplas comorbidades e são mais suscetíveis a complicações durante o tratamento, incluindo o desenvolvimento de transtornos mentais.

Assim, compreender como os cuidados geriátricos podem mitigar esse risco e melhorar o bem-estar desses pacientes é fundamental para a prática clínica e para a qualidade do sistema de saúde como um todo.

Logo, a implementação eficaz de cuidados geriátricos adequados não apenas pode reduzir o impacto dos transtornos mentais, mas também pode influenciar positivamente a recuperação e a qualidade de vida dos idosos hospitalizados, proporcionando-lhes uma experiência de internação mais segura e satisfatória.

Sendo assim, ao entender melhor os fatores de risco surgem a necessidade de investigar como tais cuidados influenciam o surgimento de transtornos mentais nesse contexto.

Embora os cuidados geriátricos sejam amplamente reconhecidos como fundamentais para a saúde do idoso, sua eficácia específica na prevenção de complicações psicológicas durante uma internação ainda carece de uma análise aprofundada. Portanto, esse estudo visa preencher essa lacuna de conhecimento, fornecendo insights que possam orientar práticas de cuidados mais eficazes e centradas no paciente.

Uma das consequências do envelhecimento populacional é o aumento da prevalência de enfermidades características da terceira idade. Os idosos apresentam demandas de cuidados em saúde diferentes daquelas do restante da população. Uma população mais envelhecida exige maiores investimentos de recursos em saúde e seguridade social. O Brasil defronta-se com o desafio de elaborar políticas públicas mais eficientes para oferecer melhores condições de vida e saúde à sua crescente população idosa.

Por isso, ao examinar de perto os fatores de risco e as intervenções preventivas, pretende-se contribuir para aprimorar a qualidade de vida e o tratamento dos idosos hospitalizados, promovendo abordagens de cuidados de saúde mais completas e personalizadas.

3. METODOLOGIA

O tipo de pesquisa a ser realizada será uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo, onde serão pesquisados livros, dissertações e artigos científicos selecionados através de busca nas seguintes bases de dados “artigos”, “banco de dados”, “Scielo”, “Google acadêmico”.

O período de análise foi delimitado a publicações dos últimos dez anos. Os critérios de inclusão e exclusão foram estabelecidos com base na disponibilidade integral dos artigos científicos, legislações e livros em português, excluindo trabalhos disponíveis apenas em outras línguas. As palavras-chave utilizadas na busca serão: “Cuidados geriátricos”, “Hospitalização prolongada”, “Transtornos Mentais”, “Pacientes idosos”.

A coleta de dados consistiu em pesquisas rigorosas, pautadas por um plano de busca dos tópicos abordados na fundamentação teórica. Seguindo os critérios de inclusão, esses tópicos serviram de base para a realização de pesquisas, leituras e fichamentos das principais ideias dos autores. Esse processo foi fundamental para chegar às respostas do problema de pesquisa e aos objetivos propostos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo de revisão bibliográfica os sintomas físicos mais relatados, a saúde mental e a depressão em pessoas que participam de Centros de Convivência, a amostra foi composta por um número maior de mulheres demostrou que as mulheres representam a maioria de participantes em projetos voltados ao envelhecimento, o que pode estar relacionado a uma característica de gênero, uma vez que, independentemente da faixa etária, as mulheres são mais envolvidas e mais relacionadas socialmente que os homens (Neri; 2021).

Floriano (2022) associado ao fato da maioria feminina entre os idosos, afirma que a feminilização da população idosa se explica pelo fato das causas violentas de óbito atingirem com maior frequência o homem, o aumento da tecnologia que permitiu a redução das complicações da gravidez, do parto e do puerpério, contribuindo assim para a diminuição das mortes entre as mulheres.

E desse modo em geral a maior longevidade feminina nem sempre é vista como vantagem. O maior tempo de vida faz com que muitas mulheres idosas passem pela experiência de debilitação biológica devido a doenças crônicas, enquanto os homens têm um tempo de vida menor (Nogales, 1998).

Alguns dos transtornos mentais como depressão e ansiedade pode interferir em to-

dos os aspectos cotidianos da vida da pessoa, estando presentes em graus variados de intensidade o processo de envelhecimento o ser humano pode desenvolver o sentimento de finitude da vida, avaliando-se negativamente, desencadeando um estado depressivo, com a sensação de inutilidade, insuficiência, e irritabilidade, o que pode culminar em falta de motivação, distanciamento da família, progressiva limitação física, sensação de impotência, falta de autonomia e aumento da dependência emocional e financeira (Ramos, 2003).

Rabelo (2020) afirma que a sintomatologia depressiva está associada à baixa qualidade de vida, a um efeito negativo sobre o bem-estar e à maior incapacidade para quem, os sintomas depressivos podem diminuir a motivação da pessoa para a reabilitação e podem diminuir a interação social; baixo suporte social pode aumentar os sentimentos de solidão e a falta de esperança, pode também ocasionar uma incapacidade para dominar ou adaptar-se aos desafios mutantes do ambiente.

No entanto, na população estudada, foram encontrados baixos número de depressão nas pessoas com mais de 60 anos, o que pode ser um indicativo de que a participação em atividades e o engajamento social contribuem positivamente para a saúde mental desses indivíduos, uma vez verificado que, quanto maior a idade, maior o tempo de participação nas atividades oferecidas pela instituição onde a pesquisa foi feita.

Neste estudo, foram analisadas entre as buscas de queixas mais frequentes são as dores nos braços e as dores nas costas, pressão alta e visão fraca. É importante ressaltar que dores constantes podem tornar-se crônicas. A dor crônica é descrita como uma dor que pode durar meses, anos ou a vida toda, podendo haver ocorrências intermitentes que se caracterizam por períodos de dor, intercalados com intervalos isentos de dor, sendo que pode ser constante, persistir e piorar progressivamente, mesmo estando em tratamento (Andrade; 2021), ocasionando outros problemas.

Muitas vezes o idoso pode manifestar os primeiros sintomas psicóticos nessa idade. Nesses casos, isso pode indicar o início de alguma doença cerebral orgânica, alguma doença de causa clínica geral ou mesmo uma doença psiquiátrica de início tardio. A realização de exames específicos e o acompanhamento clínico auxiliam no diagnóstico diferencial e no tratamento adequado. Por transtornos psicóticos nos referimos a ideias delirantes, fenômenos alucinatórios ou mudanças severas do comportamento.

Para Andrade, Pereira e Sousa (2006) é possível supor que os idosos relatam sentir mais dor do que os indivíduos mais jovens, sendo, inclusive, rotulados de poliqueixosos e hipocondríacos, entretanto, os dados encontrados nesta pesquisa indicaram uma diferença significativa no número de sintomas físicos.

O termo “transtorno mental” é utilizado nos sistemas classificatórios atuais da psiquiatria em substituição a outros termos como “doença” ou “enfermidade”, visando à abordagem diagnóstica puramente descritiva (conjunto reconhecível de sintomas ou comportamentos), com a premissa de neutralidade quanto às teorias etiológicas.

Depressão e demência são os transtornos mentais mais frequentes na terceira idade. A prevalência de transtornos depressivos em populações urbanas idosas brasileiras varia de 19,8% até 38,5% 9,10. Os quadros depressivos geriátricos têm características clínicas peculiares, o que torna o subdiagnóstico comum, exigindo abordagem diagnóstica especial.

A demência, por sua vez, apresenta frequências de 4,2% a 7,2% nos idosos, em diversas regiões do mundo e no Brasil, tendo prevalência crescente com o avançar da idade, caracteriza-se por declínio cognitivo, progressiva dependência e incapacidade, até a necessidade indispensável de cuidadores ou de institucionalização. Também são transtor-

nos mentais relevantes na terceira idade os transtornos ansiosos, o alcoolismo, os quadros maníacos, os transtornos mentais de origem orgânica, o uso abusivo e a dependência de sedativos.

Apesar disso, estudos apontam decréscimo na procura por serviços de saúde mental com o passar da idade, para os quais concorrem vários fatores, dentre eles, crenças e atitudes dos idosos frente aos transtornos mentais. Por outro lado, idosos com transtornos mentais apresentam maiores taxas de consultas médicas primárias e de hospitalização por diversas razões, sem que o transtorno mental seja adequadamente investigado, identificado e tratado. Os idosos parecem menos capazes de perceber a presença dos transtornos mentais, e suas manifestações são interpretadas como parte inevitável do envelhecimento

Tudo isso leva a presumir uma situação de desassistência, possivelmente agravada pela escassez de políticas de saúde e de formação profissional voltadas para a atenção à saúde mental do idoso.

Quando se pretende melhorar a atenção em saúde, é importante avaliar e programar intervenções educativas ou terapêuticas, levando-se em consideração as percepções dos próprios pacientes. Para planejar e aprimorar a assistência à saúde mental do idoso é importante considerar as concepções desses pacientes sobre os transtornos mentais e seu tratamento.

Na literatura consultada, não encontramos estudos que tenham investigado as concepções de idosos portadores de transtorno mental sobre o seu quadro. Neste estudo, qualitativo, a abordagem antropológica foi empregada para investigar o universo de representações (maneiras de pensar) e comportamentos (maneiras de agir) dos pacientes idosos diante dos transtornos mentais.

Envelhecer mantendo-se íntegros o funcionamento orgânico e psicossocial não significa problema, quer para o indivíduo, quer para a família e a comunidade. Quando tais funções começam a deteriorar-se de modo a desafiar a reserva funcional do idoso e atingir seu limiar, os problemas e as queixas quanto à saúde começam a surgir com o envelhecimento, a manutenção da qualidade de vida torna-se mais desafiadora.

Assim, a ideia que norteia as questões da saúde do idoso diz respeito à manutenção de vida autônoma e independente, expressa pela capacidade de autodeterminação e execução de atividades de vida diária (AVD) sem necessidade de ajuda durante a velhice, de modo a tornar imprescindível sua avaliação.

Dessa forma, os métodos de avaliação funcional devem ser os mais abrangentes possíveis, especialmente no tratamento de idosos que são frágeis ou apresentam vários problemas de saúde.

A fragilidade é um construto que tem atualmente merecido esforços em sua conceituação, apesar de ser amplamente utilizado. Embora ainda foco de controvérsias quanto à sua conceituação, em linhas gerais, os idosos frágeis são os indivíduos portadores de múltiplas condições crônicas, cujos problemas de saúde poderão levar a limitações funcionais e, frequentemente, ao desenvolvimento de quadro de dependência funcional.

Considerando-se a própria idade como fator de risco para esses eventos, sabe-se que, entre os idosos com idade mais avançada (80 anos e mais), estão os que já são imediatamente caracterizados como frágeis.

Neste contexto, os estudos epidemiológicos continuam a descrever estimativas da prevalência de sintomas depressivos em idosos e seus determinantes, no entanto, os idosos hospitalizados e institucionalizados são frequentemente excluídos das amostras, difi-

cultando a compreensão do que vivenciam.

Além disso, poucos estudos incluem o monitoramento dos pacientes após a alta. Não temos conhecimento de nenhum estudo no Brasil que tenha avaliado desfechos após alta hospitalar em pacientes com depressão, muito menos em idosos. Os resultados de tais estudos serão valiosos para estimular o desenvolvimento de estratégias preventivas e de intervenção precoce para reduzir os sintomas depressivos e suas consequências em pacientes hospitalizados.

Os pacientes sem crítica, cognitivamente prejudicados ou que desistissem de responder os instrumentos de pesquisa foram excluídos da amostra; também foram excluídos aqueles que apresentassem pelo menos uma das seguintes condições clínicas: dificuldade de contato verbal; comprometimento cognitivo; existência de desconforto respiratório (pacientes poderiam estar em pacientes poderiam estar em oxigenoterapia), bem como aqueles com histórico de diagnóstico psiquiátrico na vida.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a pesquisadora principal, com formação profissional em Psicologia, teve a oportunidade de avaliar os pacientes cognitivamente durante a entrevista inicial e, sobretudo, à medida que os participantes respondiam os instrumentos de pesquisa, de tal forma a avaliá-los quanto ao nível de compreensão e processamento das informações, atenção, concentração e memória.

5. CONCLUSÃO

O envelhecimento da população no Brasil é uma realidade, diante disso, Pereira (2005) afirma que o envelhecimento é uma questão prioritária que vem mobilizando a sociedade brasileira, já que as demandas e exigências geradas por essa nova condição populacional trazem consigo enormes desafios e implicações sociais já conhecidas no cotidiano das sociedades.

Neste sentido, há que se refletir também sobre a necessidade de investir na ampliação dos serviços oferecidos nos centros de convivência e assistência integrada para idosos a fim de fortalecer suas possibilidades de intervenção no cuidado à saúde, garantindo assim, um envelhecimento ativo e satisfatório.

Para que estas atividades sejam bem conduzidas, é importante considerar a competência profissional, fundamental para atender as necessidades da população atendida, bem como oferecer serviços efetivos de extensão a comunidade e realizar pesquisas, que possibilitem o desenvolvimento da área da Psicologia do Envelhecimento (Freire, 2018).

As mudanças vividas com o envelhecimento pedem a implementação das políticas públicas já criadas, garantindo direitos, que poderão vir através de ações integradas de instituições que ofereçam diferentes atividades de prevenção e promoção da saúde física e mental na velhice.

À medida que os humanos envelhecem, eles podem desenvolver sentir que a vida é limitada, avaliar-se negativamente, desencadear um estado depressivo, sentir-se inútil, inadequado, ansioso e irritado, levando finalmente à falta de motivação, distanciamento da família, limitações físicas progressivas, sentimento de impotência, falta de autonomia e aumento da dependência emocional e financeira (Ramos, 2021).

Referências

Almeida, O. (2019). Idosos atendidos em serviço de emergência de saúde mental: características demográficas e clínicas. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 21(1), 12-18.

Almeida, O.P. & Almeida, S.A. (2019). Confiabilidade da versão brasileira da Escala de Depressão em Geriatria (GDS) versão reduzida. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, 57(2B), 421-426.

Almeida, R. A.; Malagris, L. E. N. (2015). Psicólogo da Saúde no Hospital Geral: um estudo sobre a atividade e a formação do psicólogo hospitalar no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 35(3), 754-767.

Andrade, F.A, Pereira, L.V., & Sousa, F.A.E.F. (2006). Mensuração da dor no idoso: uma revisão. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 14(2), 271-276.

Assis, M., Pacheco, L.C. & Menezes, I.S. (2002). Repercussões de uma experiência de promoção da saúde no envelhecimento: análise preliminar a partir das percepções dos idosos. **Textos Sobre Envelhecimento**, 4(7).

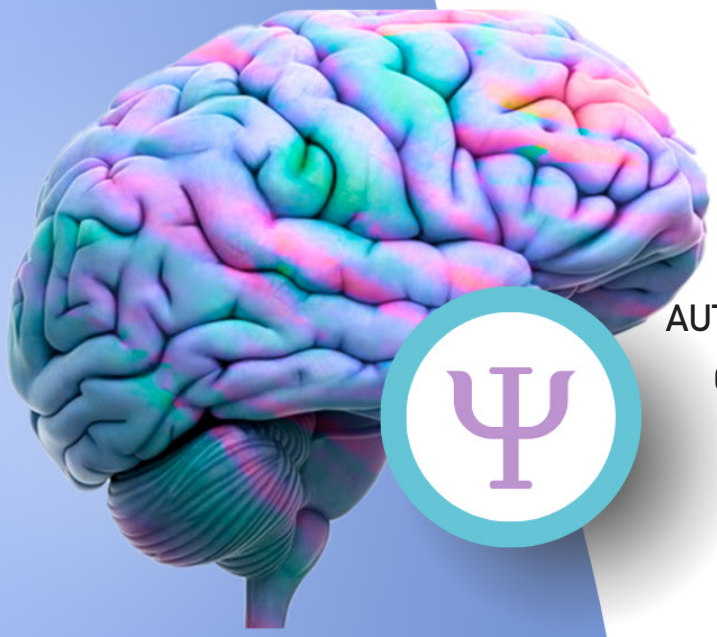
Bleger, J. (1984). **Psico-higiene e psicologia institucional**. Porto Alegre: Artes Médicas.

Carlotto, M. S.; Barcinski, M.; Fonseca, R. (2015). Transtornos mentais comuns e associação com variáveis sociodemográficas e estressores ocupacionais: uma análise de gênero. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 15(3), 1006-1026.

Rabelo, D.F. (2006). **Incapacidade funcional, senso de ajustamento pessoal e bem-estar subjetivo em adultos e idosos afetados por Acidente Vascular Cerebral**. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Estadual de Campinas.

Ramos, L.R. (2002). Epidemiologia do envelhecimento. In: Freitas,E.V., Py, L., Neri, A.L., Cançado, F.A.X., Gorzoni, M.L., & Rocha, S.M. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**, (pp. 72-78). Rio de Janeiro: Guanabara-Kogan.

11



TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO ESCOLAR NA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TEA NO NOVO MODELO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTISM SPECTRUM DISORDER: THE IMPORTANCE OF THE SCHOOL PSYCHOLOGIST IN INCLUDING CHILDREN WITH ASD IN THE NEW MODEL OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Emanuelle da Silva Carvalho
Marco Aurélio Fernandes

Pascal
Editora

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar a importância do Psicólogo Escolar na inclusão educacional da criança com Transtorno do Espectro Autista no novo modelo da educação infantil. A escolha desse tema tem como justificativa proporcionar uma compreensão maior conhecimento sobre o tema que engloba a importância do psicólogo escolar na inclusão de crianças com TEA na educação infantil. Visto que é o processo de aprendizagem de uma criança com TEA é limitado, sendo necessário a intervenção psicológica no desenvolvimento escolar dessas crianças. Vale enfatizar a importância para o ambiente escolar tendo o foco na educação infantil onde é a base educacional de uma criança. Como resultados fica evidente a necessidade de um psicólogo escolar na equipe multidisciplinar, construindo e somando conhecimento sobre as necessidades de aprendizagem dessa criança a ser inserida, assim como os recursos com estratégias de ensino e aperfeiçoamento dos profissionais. As plataformas de dados utilizadas foram Google Acadêmico, Scielo (Scientific Electronic Library Online) e Revistas Científicas, com os artigos publicados, durante o período de 2014 a 2024.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Inclusão. Psicologia Escolar, Atuação do psicólogo. Educação Infantiil.

Abstract

This research aims to present the importance of the School Psychologist in the educational inclusion of children with Autism Spectrum Disorder in the new model of early childhood education. The choice of this theme is justified by providing a greater understanding of the topic, which encompasses the importance of the school psychologist in the inclusion of children with ASD in early childhood education. Since the learning process of a child with ASD is limited, psychological intervention is necessary in the academic development of these children. It is worth emphasizing the importance of the school environment focusing on early childhood education, which is the educational basis of a child. As a result, the need for a school psychologist in the multidisciplinary team is evident, building and adding knowledge about the learning needs of this child to be included, as well as resources with teaching strategies and professional improvement. The data platforms used were Google Scholar, Scielo (Scientific Electronic Library Online) and Scientific Journals, with articles published, during the period from 2014 to 2024.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Inclusion. School Psychology, Role of the Psychologist. Early Childhood Education.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que atualmente, no mundo á uma grande quantidade de crianças acometidas com transtornos mentais e entre estes está o autismo, nesse sentido o presente artigo, tratando-se de uma revisão Bibliográfica, apresenta como tema os estudos e pesquisas central sobre a importância do psicólogo escolar na inclusão de crianças com TEA no novo modelo da educação infantil.

O autismo é um transtorno complexo do desenvolvimento que envolve atrasos e comprometimentos nas áreas de interação social e linguagem incluindo uma ampla gama de sintomas emocionais, cognitivos, motores e sensoriais, por tanto, ao comprometer a interação social, a comunicação e o desenvolvimento, um dos ambientes mais com mais dificuldade de lidar com crianças autistas é a escola, onde o indivíduo necessita de um ambiente acolhedor e que o compreenda como ser biopsicossocial, entendendo o autismo e suas característica.

Diante dessa circunstância a atuação do psicólogo escolar na educação infantil é indispensável para que haja o desenvolvimento educacional de uma criança com TEA. O Psicólogo escolar nesse contexto irá trabalhar na inclusão destes alunos e trabalhar de forma multidisciplinar formas práticas de aprendizagem visando a realidade de cada criança de forma individualizada.

A relevância desse estudo se deve proporcionar uma compreensão maior conhecimento sobre o tema que engloba a importância do psicólogo escolar na inclusão de crianças com TEA na educação infantil. Visto que é o processo de aprendizagem de uma criança com TEA é limitado, sendo necessário a intervenção psicológica no desenvolvimento escolar dessas crianças.

Vale enfatizar a importância para o ambiente escolar tendo o foco na educação infantil onde é a base educacional de uma criança, a inserção da mesma nesse ambiente, de forma inclusiva e igualitária com a ajuda de um psicólogo escolar e mostrar a importância dessa área nesse âmbito, há uma necessidade desse profissional na equipe multidisciplinar, construindo e somando conhecimento sobre as necessidades de aprendizagem dessa criança a ser inserida, assim como os recursos com estratégias de ensino e aperfeiçoamento dos profissionais.

O objetivo geral desse estudo é apresentar a importância do Psicólogo Escolar na inclusão educacional da criança com Transtorno do Espectro Autista no novo modelo da educação infantil. Os objetivos específicos são: a) Compreender as dificuldades encontradas pelo psicólogo escolar quanto a inclusão de crianças autistas na educação infantil, b) Descrever os benefícios que o psicólogo escolar proporciona para os alunos com Transtorno do Espectro Autista.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

Esse estudo, trata-se de uma Revisão Bibliográfica. A Pesquisa bibliográfica é classificada como o modelo de estudo e análise de documentos de domínio científico utilizando livros, periódicos, dicionários e artigos científicos e uma pesquisa na internet que se forma uma ferramenta indesejável à humanidade para informações veloz sobre os mais diversos

assuntos

A pesquisa bibliográfica possibilita a construção de novos conhecimentos, o aprendizado sobre uma determinada área e se apresenta como um dos principais meios de atualização e desenvolvimento intelectual de um pesquisador. A evolução dos meios de comunicação propiciou um avanço muito grande nas possibilidades de pesquisa bibliográfica. Atualmente é possível contar com a internet para acessar e-books, periódicos e revistas digitais com mais facilidade, isso interfere de forma positiva na dinâmica, na qualidade e na atualidade de uma pesquisa bibliográfica (Silva; Oliveira; Silva, 2021)

Trata- se de uma pesquisa que tem como o objetivo estimular o interesse do leitor pelo debate acerca da importância do psicólogo escolar na inclusão de crianças com TEA na educação infantil, criando uma base de conhecimentos a respeito do assunto, visto que é de suma importância compreender o papel da psicologia escolar neste processo.

Foram pesquisados livros, dissertações e artigos científicos através de busca nas seguintes bases de dados: livros, sites (Scielo, Google Acadêmico), artigos e outros materiais que abordem diretamente a atuação prática dos mesmos. O período dos artigos pesquisados corresponde aos trabalhos publicados nos últimos 5 anos (2019-2024). Não foram considerados artigos que passaram da contagem de 5 anos. As palavras-chave utilizadas na busca foram: Transtorno do Espectro Autista; Inclusão, Psicologia Escolar, Atuação do psicólogo, Educação Infantil.

2.2 Resultados e Discussão

As primeiras discussões sobre o autismo, ocorreram no ano de 1940 pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner, no artigo intitulado de: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo (Autistic disturbances of affective contact). Nessa primeira publicação, Kanner (1943) ressalta que o sintoma principal, estava presente na criança desde o início da vida, sugerindo que se tratava então de um distúrbio inato (Silva, 2019).

Em sua pesquisa Kanner, observou 11 crianças com quadro que caracterizou como de um isolamento extremo, aptidão à mesmice, estereotipias e ecolalia, estabelecendo assim o transtorno que conhecemos hoje e para o qual utilizou o termo empregado por Bleuler para um sintoma da esquizofrenia, embora considerando que esse conjunto de sinais caracterizava mais uma doença específica do que relacionada a sinais da linha esquizofrênica (Brito,2022).

Conforme o Manual de Diagnósticos e Estatístico de Transtorno Mentais (Associação Americana de Psiquiatria, 2023), o autismo é considerado um transtorno do neurodesenvolvimento, sendo utilizado o termo Transtorno do Espectro Autista, é caracterizado como prejuízo persistente na comunicação social (Critério A), padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Sintomas que estão presentes desde a infância, limitando ou prejudicando o funcionamento diário (Critérios C e D) (American Psychiatric Association, 2023).

Entre os comportamentos característicos do TEA, identifica-se o apego excessivo a rotinas, interesse intenso em coisas específicas e dificuldade de imaginação. No que diz respeito a sensibilidade sensorial, sujeito pode apresentar aversão ao toque ou necessidade extrema de contato. Na interação social percebe-se a dificuldade de manutenção do contato visual, de reconhecer expressões faciais, de expressar emoções e criar laços de amizade. Na comunicação pode haver o uso repetitivo da linguagem e bloqueios para começar ou manter um diálogo (Neto *et al*., 2024).

Pode-se destacar também os níveis de gravidade para o TEA, a qual se estabelece 3 de níveis de ajuda. O nível 3, exigindo apoio muito substancial, ou seja, a necessidade de um acompanhamento intensivo já que suas características são severas. No nível 2 se exige apoio substancial, necessitando de apoio, porém existe uma independência maior do indivíduo, e o nível 1 se exige apenas apoio leve, já que o indivíduo possui um quadro leve de autismo (American Psychiatric Association, 2023).

O início do autismo ocorre sempre antes dos três anos de idade, os pais em geral desconfiam que haja autismo porque comumente a linguagem não se desenvolve ou porque essas crianças apresentam sinais precoces que indicam a presença dele, exemplo desses sinais: não mantém contato visual, não demonstram interesse por faces humanas, às habilidades lúdicas estão ausentes, não demonstram alegria socialmente e apresentam déficits na interação social (Dutra *et al*., 2016).

Conforme, Sella e Ribeiro (2018), a detecção de indícios iniciais de TEA é importante, pois possibilita a identificação de crianças com fatores de risco para o transtorno. Afirmar que uma criança pode ter TEA não significa que o diagnóstico será fechado no futuro, no entanto, oferece aos profissionais de saúde, educação e aos pais a oportunidade valiosa de acompanhar cuidadosamente o desenvolvimento da criança e encaminhá-la para avaliações profissionais especializadas, seja para diagnóstico, seja para intervenção precoce. Entender os sinais precoces de TEA, portanto, pode ter efeitos significativos no prognóstico das crianças com TEA.

Segundo Olivera (2020), a escola tem um papel fundamental na investigação diagnóstica, uma vez que é o primeiro espaço de interação social da criança longe de sua família. É neste ponto que a criança encontrará o maior obstáculo para se conformar com as normas sociais - uma tarefa extremamente desafiadora para alguém com autismo. O indivíduo com autismo se depara com vários obstáculos ao ingressar na escola regular. Esses obstáculos começam a fazer parte da rotina dos professores e da instituição educacional como um todo, incluindo as crianças com Transtorno do Espectro Autista.

Como mencionado anteriormente, os indivíduos autistas se distinguem por apresentarem um desenvolvimento notavelmente atípico na interação social e comunicação, resultando em um isolamento constante da criança e de seus familiares. Assim, acredita-se que a inclusão escolar pode oferecer a essas crianças a chance de interagir com outras da mesma idade, “em diferentes ambientes e situações”, transformando a escola em um ambiente de aprendizado e aprimoramento da competência social (Paz, 2023).

Para o indivíduo com autismo, especificamente, a escola de educação infantil é mais um local de interação social, tornando-se assim um ambiente sociocultural essencial para a formação dos indivíduos. A inclusão de alunos com deficiências nesses locais está ligada à construção de um ambiente que preza pela diversidade e que atenda às demandas de todos os alunos (Araujo; Santos; Borges, 2021).

No âmbito escolar a criança que apresenta um grau leve de autismo ou que demostra capacidade intelectual obterá maiores benefícios se estiver inserida em um ambiente integrador, entretanto é importante que suas necessidades especiais sejam identificadas. Crianças menos incapacitadas também podem adquirir benefícios em companhia de criança sociáveis, no entanto é necessário que existam métodos disponibilizados e explícitos de ensino que estejam aptos à obtenção desses benefícios. Lamentavelmente, existe uma grande carência na inclusão de crianças com grau mais elevado de TEA em relação a instituições que não reconhecem as necessidades dessa criança, implicando dessa forma em problemas dentro da sala de aula na administração professor, alunos e colegas de classe (Sacramento; Silva 2019).

Considerando esse cenário a importância do psicólogo como o profissional que pode auxiliar todas as partes envolvidas e interessadas, que são os pais, professores, alunos e gestores, com o processo de inclusão do autista. O trabalho do psicólogo em escolas começou no século XX, orientado pelo modelo médico vigente, que focava em "crianças problemáticas". Conforme os aspectos históricos, a relação entre a psicologia escolar, a saúde mental e a perspectiva de doenças estavam associadas a desajustes e desafios de adaptação nesse contexto (Neto *et al*., 2024).

Ao refletir sobre o papel do psicólogo e a necessidade apresentada pela educação inclusiva, nota-se que sua atividade não se limita aos procedimentos clínicos comumente atribuídos à psicologia. Em um modelo de escola inclusiva, o papel profissional do psicólogo escolar nesses contextos busca colaborar com os profissionais da educação e com a família, a fim de identificar as necessidades individuais de cada criança, com o objetivo de focar no seu desenvolvimento e bem-estar psicossocial. Assim, entende-se que o Psicólogo Escolar, através de sua interação direta com as crianças, pode contribuir para o seu desenvolvimento psicológico, facilitando uma integração harmoniosa entre escola, sociedade e família inclusiva (Ataídes; Miranda 2024).

Em seus estudos, Galvão, Matos e Xavier (2022) definem, no Manual Sobre Psicologia Escolar, Inclusão e Artigo Psicólogo Escolar e Educacional, é importante para a execução das tarefas escolares, especialmente no que diz respeito à inclusão de indivíduos com diferenças na maneira de aprender e se comportar socialmente. Esta defesa fundamenta-se na ideia de que o papel do psicólogo é voltado para os processos de aprendizado e crescimento humano resultantes das práticas educativas nos ambientes educacionais. As informações da psicologia científica acerca do funcionamento psicológico humano fornecem técnicas para influenciar positivamente a evolução dos indivíduos nesse cenário.

Segundo Almeida (2022) atuação da psicologia no ambiente escolar é marcada por um trabalho de prevenção e tratamento. Quando se trata da inclusão escolar de indivíduos com deficiência, ela desempenha um papel crucial na orientação dos participantes, suporte aos familiares e apoio à comunidade estudantil. Portanto, o papel do psicólogo é facilitar a compreensão sobre o transtorno e suas manifestações, permitindo que os participantes possam facilitar o processo de inclusão do indivíduo autista

O psicólogo escolar deve criar um ambiente acolhedor para ouvir as necessidades da escola e pensar em estratégias para enfrentar as situações do dia a dia. A intervenção do psicólogo se dá por meio de uma perspectiva analítica, preventiva e cuidadosa. Ao entrar no ambiente, o indivíduo pode experimentar uma variedade de experiências (Galvão; Matos; Xavier, 2022).

Existem diversas possibilidades de atuação do psicólogo escolar na inclusão de crianças com TEA, incluindo: Ajudar na quebra de estereótipos e preconceitos que criam mitos sobre o público da educação especial, fornecer formação teórico-conceitual para a equipe técnico-pedagógica, fornece suporte na adaptação do PEI (Plano Educacional Individualizado). O foco da atuação do psicólogo escolar deve ser o rendimento escolar do aluno com autismo, ajudando a escola nos processos de adaptação curricular, apoiar os professores na adaptação de instrumentos de avaliação, estabelecer canais de comunicação entre a equipe multiprofissional e a equipe escolar acerca das políticas de inclusão e direitos das pessoas com TEA, acolher os professores em relação às suas dúvidas, medos, ansiedades, questionamentos e estimular a autonomia docente para estratégias de inclusão; Orientar o professor para que ele busque expandir, revisar, reinterpretar e inovar sua metodologia de ensino para cada criança com características de aprendizado atípicas; (Galvão; Matos; Xavier 2022)

Há a necessidade de dar prioridade à atuação do psicólogo escolar em colaboração com a equipe pedagógica, equipe interdisciplinar concentrando-se nas intervenções direcionadas às crianças com TEA, proporcionando aos seus familiares mais dignidade ao enfrentar essa jornada. Incentivar um trabalho de qualidade. A socialização é crucial para prevenir o preconceito e a discriminação. Infelizmente, continuam a existir. A atuação da equipe multidisciplinar com os familiares favorece a melhoria da qualidade de vida, para crianças que possuem TEA. O trabalho exclusivo do psicólogo oferece uma perspectiva única. Atuação focada nos sentimentos, pontos de vista e aspirações, assegurando uma experiência de maior qualidade (Sacramento; Silva, 2019).

Ademais, Almeida (2022) evidencia que a função profissional da Psicologia visa minimizar as dificuldades e limitações do estudante autista, promovendo a educação inclusiva, informando e orientando sobre as dúvidas e incertezas que possam surgir sobre o Transtorno do Espectro Autista, servindo como um orientador no processo de inclusão escolar do aluno autista. A sua atuação no contexto escolar é crucial, auxiliando na formação e capacitação de todos os envolvidos no contexto educativo, especialmente dos professores que lidam diariamente com a criança. Assim, poderão ser proporcionados treinamentos, cursos, orientações e outros métodos que habilitem toda a comunidade escolar a aprender e a lidar com as especificidades do autista.

Portanto, destaca-se a relevância de um olhar social e cuidadoso do profissional de psicologia, que pode implementar ações no ambiente escolar, promovendo debates e informações que visem a redução de preconceitos e a quebra de estereótipos por parte de docentes e alunos sem deficiência (Zoghbi *et al.,* 2024).

3. CONCLUSÃO

As interações com o ambiente influenciam o desenvolvimento educacional e social da criança com autismo. A integração da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil favorece seu crescimento pessoal e social. Nesse contexto, a família desempenha um papel crucial junto à escola. A escola é um dos principais locais para a adaptação e inclusão de crianças com autismo, onde o professor, juntamente com outros profissionais, irá lidar com as dificuldades e limitações do autista.

Com isso, vale ressaltar a importância do trabalho do psicólogo escolar, que possui responsabilidades que auxiliam no processo de inclusão, tais como auxiliar na adaptação do ambiente, fornecer apoio técnico aos docentes para estabelecer uma metodologia de ensino adequada ao desenvolvimento da criança, ampliar o entendimento da Psicologia Escolar para que suas funções sejam apropriadas, atividades voltadas para a prevenção e/ou intervenção, envolvimento nos planejamentos pedagógicos e nas relações interpessoais. Além disso, trabalhar em conjunto com a família de uma criança com autismo é um fator que contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança.

O estudo mostrou-se relevante para a compreensão da importância do psicólogo escolar e suas práticas interventivas para a inclusão de crianças autistas na educação infantil e também na capacitação da equipe escolar envolvidas nas realidades dessas crianças. Assim, incentiva reflexões relevantes em relação à capacitação do psicólogo para lidar com essas demandas emergentes no ambiente escolar, gerando a necessidade de aprimoramento profissional e a criação de novas estratégias que conduzam a investigações, estudos e desenvolvimento de ações nesta situação.

A pesquisa bibliográfica requer como característica a obtenção de uma perspectiva mais abrangente para posteriormente desenvolver estudos mais específicos. Assim, percebe-se a necessidade de realizar mais estudos com conteúdo práticos que tratem da Psicologia Escolar em paralelo com a criança autista e seu processo de escolarização.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5**. [s.l.] Artmed Editora, 2023.

ANA CAROLINA SELLA; DANIELA MENDONCA RIBEIRO. **Análise Do Comportamento Aplicada Ao Transtorno Do Espectro Autista**. - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2018.

ARAÚJO, P.H.; SANTOS,V.A; BORGES, I. C. **O autismo e a inclusão infantil: estudo e revisão.Brazilian Journal of Development**, v.7, n. 2, p.19775–19789, 2021.

ATAÍDES, M; MIRANDA F; **Vista do Psicologia escolar e educação inclusiva para crianças autistas**. Disponível em: <http://revistas.unirv.edu.br/index.php/cicurv/article/view/512/183>. Acesso em: 2 out. 2024.

DUTRA, M; SILVA, C; SILVA, G; OLIVEIRA, M; AMORIM, M. **CONTRIBUIÇÕES DO PSICÓLOGO EDUCACIONAL NA ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2016/TRABALHO_EV060_MD1_SA5_ID2703_13102016140746.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.

GALVÃO, P.; MATOS, D.; XAVIER, C. **MANUAL SOBRE PSICOLOGIA ESCOLAR, INCLUSÃO E AUTISMO O Psicólogo Escolar no Processo de Inclusão da Criança com Autismo**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://crpma.org.br/wp-content/uploads/2022/05/Manual-Psicologia-Escolar-e-Autismo.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.

MARTINS, R.; BRITO, D. **UNIVERSIDADE DE UBERABA PSICOLOGIA APLICAÇÃO DA TERAPIA ABA (ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA) NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES AUTISTAS EM ESCOLAS REGULARES**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://dspace.uniube.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2006/1/RAPHAEL%20MARTINS%20DE%20BRITO.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.

NETO, G; COSTA, H; LEAL, S; SOUSA, G. **O Papel do Psicólogo Escolar no Processo de Inclusão de Crianças com Transtorno do Espectro Autista**. Disponível em: <https://revistafesa.com/index.php/fesa/article/view/362/340>. Acesso em: 2 out. 2024.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. **Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista**. *Revista Educação Pública*, v. 20, nº 34, 8 de setembro de 2020. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/joseph-autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista

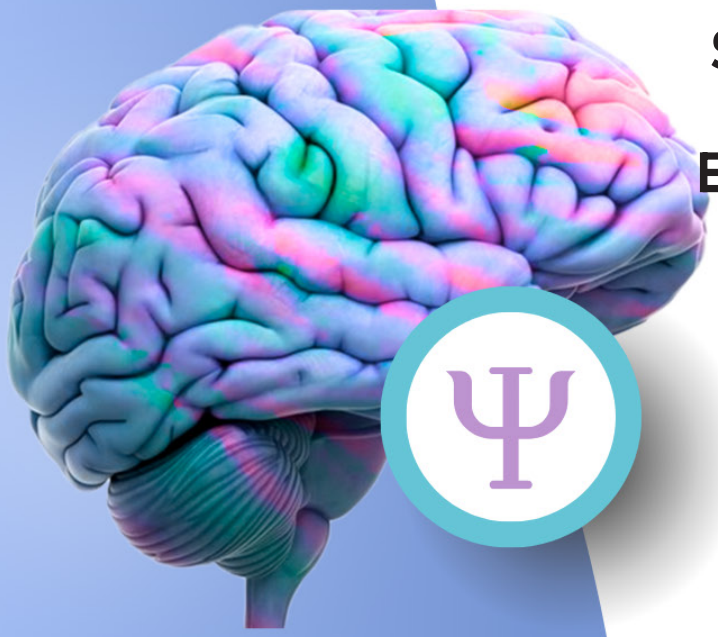
PAZ, F. **SUBJETIVIDADES, CULTURALIDADES, SEUS PREFIXOS E SUFIXOS: LITERATURA, EDUCAÇÃO E ARTES EM DIÁLOGO - 2ª** edição. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/00289630709f7b82f9318>. Acesso em: 2 out. 2024.

SACRAMENTO SJS, SILVA MS. **A atuação do psicólogo escolar na inclusão de crianças com transtorno do espectro autista.** Revista Científica Semana Acadêmica, 2019; 167:1–23

SILVA, H; **Autismo, formação de conceitos e constituição da personalidade: uma perspectiva histórico-cultural**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48138/tde-23052019-170744/publico/HELENA_MARIA_MARTINS_DA_SILVA_rev.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.

SILVA, M. M. DA; OLIVEIRA, G. S. DE; SILVA, G. O. DA. A; **PESQUISA BIBLIOGRÁFICA NOS ESTUDOS CIENTÍFICOS DE NATUREZA QUALITATIVOS**. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 91–103, 25 dez. 2021.

12



ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO(A) FRENTE AS DIFICULDADES DE SOCIALIZAÇÃO E INSERÇÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ÂMBITO ESCOLAR

THE ROLE OF THE PSYCHOLOGIST IN THE FACE OF DIFFICULTIES IN SOCIALIZATION AND INSERTION OF STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN SCHOOLS

Dayane Deyse Lima Freire
Marco Aurélio Fernandes

Pascal
Editora

Resumo

A atuação do psicólogo no processo de inclusão escolar é importante para a similitude do acesso a aprendizagem de habilidades sociais da criança autista dentro da escola e na sociedade. Nesse artigo, foi relatado as colaborações da psicologia na inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no âmbito escolar, buscando compreender os desafios encontrados no processo de inclusão escolar da criança com autismo. A perspectiva de compreender as principais dificuldades encontradas por professores e pela família no processo de inclusão do aluno com TEA, contextualizando os desafios e potencialidades da criança nesse novo ambiente. O resultado do acompanhamento profissional do psicólogo(a) nesse âmbito, permite incentivar outros profissionais da instituição a efetivar a inclusão a partir das técnicas e recursos da psicologia como por exemplo a avaliação funcional que ajuda a discernir as potencialidades e dificuldades da criança no processo de aprendizagem, permitindo a equipe entender como efetuar planos de aula lúdicos para incluir o aluno autista nesse ambiente.

Palavras-chave: Autismo, Inclusão, Atuação, Psicólogo, Escolar**.**

Abstract

The psychologist's role in the school inclusion process is important for the similarity of access to learning social skills for autistic children within the school and in society. In this article, the collaboration of psychology in the inclusion of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the school environment was reported, seeking to understand the challenges encountered in the process of school inclusion of children with autism. The perspective of understanding the main difficulties encountered by teachers and families in the process of including students with ASD, contextualizing the child's challenges and potential in this new environment. The result of the psychologist's professional support in this context allows other professionals in the institution to be encouraged to implement inclusion using psychology techniques and resources, such as functional assessment, which helps to discern the child's potential and difficulties in the process of learning, allowing the team to understand how to create playful lesson plans to include autistic students in this environment.

Keywords: Autism, Inclusion, Acting, Psychologist, School.

1. INTRODUÇÃO

Analisa-se que, o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento, marcado por muitos obstáculos desde sua descoberta em 1943. A Lei 12.764/12 determinou que a pessoa com transtorno do espectro autista (TEA) é considerada pessoa com deficiência para todos os efeitos legais. Nesse contexto, a família passa por situações desconfortáveis ao incluir o filho(a) na escola, precisando assim, de suporte de um psicólogo (a) escolar para lidar com os desafios e as dificuldades do aluno(a) nesse novo ambiente.

Essa pesquisa justifica-se pela importância de entender as contribuições do psicólogo (a) escolar, no intuito de fornecer mais conhecimento aos profissionais, pais de crianças atípicas e sociedade, em respeito e valorização da inclusão ao prestar serviços a pessoa autista. Diante do contexto apresentado, a pergunta norteadora da pesquisa foi. De que forma o psicólogo escolar pode contribuir para favorecer o processo de inclusão do aluno(a) com TEA?

Alguns, sinais comuns do autismo são percebidos na infância, entre eles pode-se destacar, dificuldade de contato visual, interação social, não imitar comportamentos e atitudes simples, não atender ao nome quando são chamados, falta de atenção ou não buscam atenção, dificuldade de controle motor, atraso na fala, movimentos estereotipados atípicos e flapping. (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais V (DSM-5) da American Psychiatric Association (APA, 2014, p. 50). Desse modo, tais condições podem prejudicar o desenvolvimento escolar da criança, caso não tenha acesso a atendimentos de uma equipe multidisciplinar especializada, sendo essas características, consideradas como um dos desafios para que o aluno(a) TEA desenvolva suas habilidades escolares e sociais durante o convívio com outras crianças atípicas e típicas.

Além disso, esse trabalho tem como objetivo geral, apresentar os desafios encontrados no processo de inclusão escolar da criança com transtorno do espectro autista (TEA). Dessa forma, a pesquisa apresenta como objetivos específicos as contribuições da psicologia na inclusão da criança autista no ambiente escolar, além de contextualizar os desafios e potencialidades e compreender as principais dificuldades encontradas pelos professores e pela família nesse processo.

Para isso, uma das principais formas de facilitar a inclusão da criança com transtorno do espectro autista (TEA) na escola é através do trabalho do psicólogo escolar, com a oferta de manejos adequados, fornecendo sua colaboração e entendimento a equipe escolar de professores e cuidadores para oferecer a criança em seu novo ambiente uma adaptação mais tranquila e confiante em meio as descobertas positivas e negativas que possam surgir.

Portanto, contasse, com o estudo de mostrar o trabalho do psicólogo frente aos desafios da criança TEA em meio as dificuldades escolares e a compreensão de um trabalho inclusivo que colabore com ensino de qualidade reconhecido pelo âmbito escolar.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

O tipo de pesquisa a ser realizada seria uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo. A fim, de identificar as dificuldades e desafios enfrentados pela criança com

transtorno do espectro autista. Além disso, o período dos artigos pesquisados se define em trabalhos publicados nos últimos dez anos, com principal critério de inclusão a pesquisa de artigos em português e inglês e que tenham relação direta com a temática, já o critério de exclusão artigo de revisão, primeiras impressões, resumos e outros. Serão pesquisados livros, dissertações e artigos científicos selecionados através de busca nas seguintes bases de dados, google acadêmico, SciELO, bancos de teses e dissertações, periódicos CAPES, PepsiC. Com as palavras-chaves descritas utilizadas: Inclusão; Autismo; Atuação do psicólogo escolar.

2.2 Resultados e Discussão

A proposta de uma escola inclusiva, é fruto de intensos debates nacionais e internacionais e passa, gradualmente, à concretização no país a partir da Constituição Federal (Brasil, 1988). Tendo em vista, esses debates, percebe-se, que atualmente o processo de inclusão é o estudo principal para que as escolas possam promover mais qualidade de vida e desempenho escolar das pessoas com transtorno do espectro autista (TEA). Dessa forma, essa fundamentação teórica aborda a respeito dos principais assuntos que fornece a promoção a inclusão escolar para esse público. (Pimentel *et al.*, 2020).

2.2.1 Compreender as principais dificuldades encontradas por professores e pela família no processo de inclusão do aluno com TEA

No âmbito escolar, é interessante lembrar que a criança com o diagnóstico TEA precisa do total apoio familiar, considerando que a família é modelo para a aprendizagem e ações da criança atípica que são ainda maiores que as necessidades da criança que não possui especialidades e diagnóstico, efetiva-se uma parceria colaborativa da escola com a família para despertar a estimulação correta e eficiente da criança. (Santos *et al.*, 2022).

A estruturação de políticas públicas a respeito da educação inclusiva no Brasil teve início desde a decênio de 1990, com a ajuda da (Organização das Nações Unidas), a favor da Declaração Mundial sobre educação para todos e a Declaração de Salamanca, garantindo a prática de políticas e direitos das pessoas com necessidades especiais de ensino, independentemente das condições físicas, visuais, auditivas e psicológicas. Com essa iniciativa, decretou-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996), possibilitando a elaboração de mais direitos como o (Programa Educação Inclusiva, 2006; Cabral; Falcke; Marin, 2021).

Em primeiro plano, compreender as dificuldades encontradas por professores e pela família no processo de inclusão do aluno com autismo é essencial para iniciar de fato a inclusão escolar dessa criança. Tendo em vista, que é de extrema importância o trabalho de toda a equipe escolar para fornecer o acolhimento a criança e a família. (Pimentel *et al.*, 2020).

As dificuldades dos pais e professores no processo de inclusão se dá muitas vezes devido à falta de entendimento das características e singularidades da criança atípica, é necessário que a escola e a família estejam alinhadas para ajudar a criança nessa nova fase, construindo uma relação afetiva e recíproca entre ambas, (Cabral; Falcke; Marin, 2021).

Além disso, os assuntos essenciais a serem trabalhados em detrimento da inclusão escolar de crianças com deficiência física e mental, concerne não somente perante a imersão da criança no contexto escolar, mas também como esses educadores podem fornecer

ensino, que atenda às necessidades do indivíduo, garantindo a aquisição de habilidades e interações sociais para o desenvolvimento e continuidade da criança nesse novo ambiente (Pimentel et al., 2020). Ademais, a preparação dos professores e cuidadores é essencial para as demandas exigidas na educação escolar das crianças autistas. (Favoretto; Lamônica, 2014).

Para o ensino qualificado da pessoa autista, a escola precisa necessariamente ser inclusiva, favorecer capacitações para os profissionais, fazer planejamentos mais dinâmicos e flexíveis, que se encaixe com as singularidades e necessidades específicas em particular de cada criança, com o objetivo delas se sentirem mais acolhidas e norteadas para um ensino de qualidade a sua realidade (Silva *et al*., 2023).

Diante disso, percebe-se também que capacitar professores e cuidadores para entender as demandas da criança autista é muito importante, pois tendo manejo e entendimento adequado para lidar com as necessidades eventuais possibilitaria uma maior inclusão no ambiente escolar, evitando até mesmo julgamentos e falas inadequadas a respeito de cada criança. Nesse aspecto, cabe ressaltar que algumas crianças podem apresentar comportamentos heteroagressivos e agressivos, isso geralmente ocorre quando ela(e)s apresentam dificuldades para se comunicar insatisfação ou necessidade, por isso a importância de preparar os professores para lidar com essas casualidades no ambiente escolar. Além do mais, essas são algumas das dificuldades encontradas pelos professores. (Pimentel *et al*., 2020).

> Questões relevantes e presentes no processo de inclusão escolar, como os recursos que possuem, a presença de outros alunos com deficiência na sala de aula, a aceitação do colega com autismo pelos pares típicos e a dificuldade de comunicação com a família. Nessa categoria, nove professoras relataram ter dificuldades para utilizar ou relataram que não utilizavam atividades, materiais e estratégias adaptadas para alunos com TEA, seja pelo fato de o aluno conseguir acompanhar e utilizar os mesmos materiais, atividades e estratégias que eram preparados para o resto da turma ou porque a professora e a escola não dispunham de mais tempo para trabalhar com o aluno um planejamento específico de acordo com suas limitações e potencialidades. (Pimentel *et al*., 2020, p.08).

Nota-se, que a realidade enfrentada e vivenciada pelos professores em salas de aula com alunos portadores de necessidade educacional especial ainda é muito desafiadora para concernir todas as necessidades únicas de cada aluno, sendo claro a insegurança, medo, despreparo dos professores para tal responsabilidade. Esses obstáculos tornaram-se caso de estudo por vários profissionais como cita-se o exemplo de Barros, Brito e Guedes (2017), estudiosos que relatam a falta de uma capacitação inicial para os professores, que disponibilizem assuntos como o de inclusão, necessitando preparar tais profissionais para atuarem diante das dificuldades e desafios escolares dos indivíduos com transtorno do espectro autista e os demais que necessitam de mais cuidados devido a sua especialidade (Cícera; Gondim; Freitas, 2020).

2.2.2 Contextualizar desafios e potencialidades no processo de inclusão da Criança com TEA no ambiente escolar

Ao argumentar a respeito das principais dificuldades enfrentadas pelos professores no ensino da educação inclusiva é possível notar que muitas das vezes esses desafios com-

petem com a aprendizagem do aluno atípico e os professores também precisam de capacitações para provê educação de qualidade, pois, por vezes, eles não conseguem entregar o seu trabalho devido a falta de informações, diante das dificuldades, não saber lidar e manejar os comportamentos atípicos, frustração, estereotipias motoras, vocais, flapping, birra, fuga das atividades e entre outras. Dessa forma, cabe salientar através de alguns autores a respeito dos desafios e potencialidades no processo de ensino e aprendizagem inclusivo da criança com Transtorno do Espectro Autista TEA (Silva, 2023).

Para (Orrú, 2012), cabe salientar como potencialidade as contribuições de Vygotsky e a importância da abordagem histórico-cultural enfatizando a função que o professor desempenha na tutoria escolar. Nessa visão, o aluno é considerado ativo no desenvolvimento e desempenho social, afetivo e intelectual, cabe ao professor cumprir o seu papel como mediador e o aluno formar o seu conhecimento. A autora desfruta dessa teoria porque entende a escassez do aluno com autismo de uma abordagem educacional que o entenda como pessoa social, apto para adquirir conhecimentos e internalizá-los, sem que precise reduzir sua educação apenas para o ensino de habilidades, mas com o olhar aberto para novos conhecimentos (Benini; Castanha, 2016).

> Estudos têm evidenciado que a comunicação por meio de imagens é uma das estratégias mais importante na intervenção no TEA. Devemos observar que a maioria dos autistas, possuem dificuldades em representar um objeto ausente, necessitando de instrumentos de apoio para que seja possível esta representação mental. Assim, através do uso de imagens a pessoa com TEA obtém uma melhor compreensão, que vem colaborar significativamente no processo de organização do pensamento e da linguagem. Desta forma, um dos principais motivos para utilização da linguagem visual é considerá-la uma ferramenta importante para potencializar a aprendizagem destes estudantes (Benini; Castanha, 2016 p. 14).

Dessa forma, com o avanço da tecnologia os professores podem utilizar de vários recursos para auxiliar no processo da educação inclusiva, como por exemplo, os Símbolos de Comunicação Pictórica, que pode ser utilizado no ensino de pessoas com transtorno do espectro autista com graves atrasos na fala e comprometimento na linguagem. Além disso, os materiais do PCS são ilustrativos com muitas imagens para ajudar a melhorar o ensino, pois o indivíduo com TEA absorve mais conhecimento através de imagens no processo de pensamento e da linguagem. Dessa maneira, é de suma importância a aplicabilidade da linguagem visual, deve ser considerada como instrumento essencial, a fim de potencializar a aprendizagem destes estudantes (Benini; Castanha, 2016).

> Os alunos com deficiência têm seus direitos garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) que, em seu Art. 5º refere: Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Será punido na forma da lei qualquer atentado, tanto por ação quanto por omissão, aos seus direitos fundamentais. Em seu Art. 54, parágrafo III, consta: —É dever do Estado, assegurar à criança e ao adolescente portador de deficiência, atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (Sacramento; Silva, 2019, p. 04).

O contexto referente a inclusão escolar, não se designa apenas as pessoas com necessidades especiais, mas funciona como um recurso para que a sociedade aprenda a incluir e não causar exclusões. Uma grande potencialidade nesse processo é a área da

neuropsicologia com os estudos relacionados a avaliação funcional, sendo um tipo de análise que identifica déficits de movimento, força e equilíbrio, e que analisa o movimento humano em situações específicas que apresenta grande contribuição através dos estudos de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo, facilitando o entendimento da teoria e prática (Freitas; Cardoso, 2015).

O Atendimento Educacional Especializado (AEE), é um serviço gratuito que complementa a formação escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, que ajuda a promover a participação dos alunos na escola, com a intenção de viabilizar a autonomia e independência da criança, não apenas no ambiente escolar, mas fora da escola em sociedade. Nesse sentido, é de suma importância e responsabilidade que esse recurso esteja inteiramente ligado aos planos pedagógicos de ensino, seja público ou privado (Silva; Faustino, 2020).

2.2.3 Apresentar as contribuições da psicologia no processo de inclusão da criança com TEA no ambiente escolar

A área da psicologia que atua de forma mais especializada frente a inclusão da criança com autismo é a da psicologia escolar, mais precisamente o psicólogo escolar, que fornece seus serviços para a equipe pedagógica, professores, cuidadores, diretores e os demais, através dos seus conhecimentos psicológicos. A atuação do psicólogo contribui para o desenvolvimento de planejamento pedagógico, levando sempre em consideração os indivíduos e suas funções psíquicas, durante o desenvolvimento no âmbito escolar, o psicólogo deve estar sempre atualizado e preparado para os obstáculos da atualidade o que inclui a comunidade que a escola está localizada (Galvão *et al*., 2018).

Conforme os estudos de Marinho Araújo (2014), o trabalho do psicólogo escolar pode ser realizado:

> Apresenta uma proposta de intervenção ancorada em quatro dimensões: mapeamento institucional, espaço de escuta psicológica, assessoria ao trabalho coletivo e acompanhamento ao processo ensino-aprendizagem. Todos esses pontos da intervenção do psicólogo escolar podem visar à inclusão da pessoa com autismo, favorecendo medidas pedagógicas que contribuam para sua permanência no ambiente escolar de forma ativa e integral (Galvão *et al*., 2018, p. 26).

A escola é considerada como um âmbito que prover para o profissional psicólogo atenção, meditação e planos interventivos a respeito da metodologia educativa. Dessa maneira, é trabalho do psicólogo escolar colaborar ações coletivas conforme as necessidades da escola e comunidade, ter um olhar mais ampliado perante as situações que acontecem na instituição. Sendo assim, é viável argumentar que em sua atuação o psicólogo também encontra vários desafios sendo eles (Coelho; Cruz, 2023):

> Gomes e Sousa, (2011) chamam atenção para os desafios dos psicólogos escolares abordando que os mesmos são concretos, assim como os problemas que permeiam as escolas brasileiras, os autores ainda salientam que é preciso romper as tendências fragmentadoras que assolam as escolas no país, é preciso suprir a extrema necessidade da formação política e ideológica para que a formação crítica profissional seja embasada na realidade brasileira. Há vários déficits que dificultam o trabalho do psicólogo escolar frente a inclusão,

> e por mais que nesse campo de atuação a psicologia tenha conseguido se ressignificar com o passar do tempo, dentro da escola ainda existe uma construção ideológica de que o trabalho do psicólogo se restringe somente aos consultórios, Gomes e Sousa (2011) bem como Moreira e Guzzo, (2014) afirmam que essa perspectiva advém da postura política da psicologia hegemônica, pois não há um esclarecimento entre teoria e prática através das ações dentro da escola (Coelho; Cruz, 2023, p. 307).

Entretanto, apesar disso, o trabalho do psicólogo não se resume apenas na clínica, podendo oferecer suporte aos professores, pois advém de conhecimentos para lidar com os comportamentos a nível das dificuldades escolares e sociais da pessoa com transtorno do espectro autista (TEA).

> A psicologia tem seu papel, não somente no emitir laudos, ou aplicações de testes psicológicos, mas disponibilizar suas técnicas para uma melhor adaptação do aluno especial visando à sua socialização. A educação inclusiva no contexto escolar difere da integração escolar. No que se refere à inclusão, é necessário que se discutam maneiras de trabalho escolar, objetivando um benefício em prol de todos os estudantes de modo geral. A psicologia educacional ao elaborar conteúdos visando os alunos com TEA deve priorizar em especial as questões voltadas para a linguagem e comportamento social, gerando resultados promissores dentro do ambiente escolar (Sacramento; Silva, 2019, p. 09).

Dessa forma, capacita-se a equipe escolar para lidar com os desafios do processo de inclusão, principalmente na insegurança dos professores e no medo de não estarem fazendo um bom trabalho por falta, muitas vezes de recursos e de conhecimentos sobre o processo de inclusão da pessoa especial, agregando a esses pedagogos conhecimento, segurança, manejo, novas habilidades que os privilegiarão na compreensão e no surgimento das dificuldades que a pessoa com autismo pode manifestar no ensino escolar. Tendo essa equipe tal suporte psicológico para atuar conforme cada necessidade, esse processo torna-se mais leve tanto para os profissionais que formam a equipe pedagógica, quanto para os familiares que automaticamente sente confiança diante de uma equipe bem capacitada. (Almeida, 2022).

É importante salientar, que a psicologia pode contribuir na formação continuada do professor, sendo muito importante para a atuação do psicólogo, que utiliza os conhecimentos oriundo de Piaget (1999), que elencou quatro estágios que precedem o desenvolvimento infantil, sensório motor, pré-operacional, operacional concreto e operações formais. Dessa forma, o psicólogo (a) não só pode, deve se envolver com a instituição educacional, seja fazendo visitas escolares, para observar os comportamentos da criança em sala, se realmente está ocorrendo o processo de inclusão no ensino regular e se a criança está se desenvolvendo e conseguindo se habituar ao ambiente sem que ele se torne aversivo, além de muitas outras coisas (Dazzani, 2010).

3. CONCLUSÃO

A pesquisa discorreu a importância da atuação do psicólogo(a) frente as dificuldades de socialização e inserção do aluno com transtorno do espectro autista no âmbito escolar. Ao longo do artigo, foi mostrado o trabalho desenvolvido pela psicologia na inclusão escolar, contudo vemos os desafios encontrados pela família e professores nessa etapa, sendo possível explicar através do trabalho do psicólogo os manejos adequados para orientação

do professor e família, deixando claro as possibilidades de enfrentamento e as potencialidades do aluno no processo de inclusão.

Todavia, é de suma importância destacar os principais pontos desse trabalho, que se destaca em entender o processo de inclusão escolar da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), as dificuldades da família e dos profissionais da educação em manejar os comportamentos e entender sua função, contextualizar a capacidade do potencial da criança autista no ambiente escolar e entender as contribuições da psicologia para o enfrentamento desse processo de inclusão escolar para a criança, família e professores. Dessa maneira, entende-se que com os conhecimentos adquiridos esse contexto pode ser vivido adequadamente, obtendo desempenho e desenvolvimento escolar e social da criança. Além disso, foi possível entender e responder de forma destacada a importância do trabalho do psicólogo no âmbito escolar, contribuindo para a quebra de estigmas, preconceitos e para a validação dos direitos das pessoas com deficiências física e mental. O profissional da psicologia pode criar fontes novas de mediação com o educador para superar as barreiras vivenciadas pelo aluno, favorecer a inter-relação entre os estudantes, ajudar a comunidade discente, auxiliar na desconstrução de políticas paternalistas e assistencialistas, preparar os profissionais envolvidos na inclusão, além de apoiar a família e refletir através da psicoeducação de todos os alunos a respeito do bullying e preconceito. Dessa forma, se torna visível a positividade dos resultados obtidos para a escola, família e sociedade.

Portanto, tendo analisado a base teórica da atual pesquisa, é notório a importância de se aprofundar nos artigos científicos, tendo como base de estudos as pesquisas de qualidade ao conhecimento, sendo possível a contribuição para o avanço da ciência, carreira acadêmica, visibilidade do trabalho, contribuições para a sociedade e divulgação de conhecimento.

Referências

ALMEIDA. A importância do psicólogo na inclusão escolar do autista. Revista Eletrônica Acervo Saúde ISSN 2178-2091, v. 15, n. 5, p 1-7, 2022.

ALMEIDA, C, D. **A importância do psicólogo na inclusão escolar do autista.** Revista eletrônica acervo saúde. v.15 (4), p. 1-8, 2022.

American psychiatric Association (2014). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5 (5a ed.; M. I. C. Nascimento, Trad). Porto Alegre, RS: Artmed.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 25 de abril., 2024.

BARROS, M. C. M. S. Educação Inclusiva: Possibilidades e Desafios. In: **ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 10 E FÓRUM PERMANENTE DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL,** Aracaju Anais; ENFOPE, p. 1-13, 2017.

BENINI, W; CASTANHA, P. Os desafios da escola pública paraense na perspectiva do professor PDE: **A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades,** v.1, p. 1-21. Paraná. Cadernos PDE. 2016.

CÍCERA, F; GONDIM, C; FREITAS, L. Educação inclusiva: os desafios da formação e as dificuldades na atuação docente**. Brazilian Journal of Development,** v.6, n.10, p. 79580- 79591, 202

COELHO, G. CRUZ, N. **Psicologia escolar e inclusão de alunos (as) autistas: desafios no contexto brasileiro.** Revista de Educação e Sociedade. Perspectiva em dialógo. V.10, n.23, p. 295-311, 2023.

CABRAL, C, S; FALCKE, D; MARIN, E, H. **Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras.** Revista Bras. Ed. Esp., Bauru v.27, e.0156, p.493-508, 2021.

DAZZANI, M, V, M. A Psicologia Escolar e a Educação Inclusiva: Uma Leitura Crítica. **Psicologia Ciência e Profissão.**

FAVORETTO, N, C; LAMÔNICA, D, A, C. Conhecimento de professores sobre Transtornos do Espectro Autístico. **Rev. Bras. Ed. Esp**., Marília, v.20, n.1, p.103-116, 2014.

FREITAS, P, M; CARDOSO, T, G, D, S. Contribuições da Neuropsicologia para a inclusão educacional: como enfatizar as potencialidades diante das deficiências? **Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação,** v. 1 n. 14 (2015): Ano IX, N.º 14, jan./jun, p 154-173.

GALVÃO, P; MATTOS, D; XAVIER, C. manual sobre psicologia escolar inclusão e autismo: **O psicólogo escolar no processo de inclusão da criança com autismo.** 2ª Edição Revisada e Ampliada. Universidade Ceuma; Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (UNICEUMA); Universidade Ceuma; Processamento técnico Catalogação na fonte elaborada pela equipe de Bibliotecárias. São luís. 2018.

MARINHO, A. C. M. Intervenção institucional: **ampliação crítica e política da atuação em Psicologia Escolar**. In R. S. L. Psicologia escolar: desafios e bastidores na educação pública (p. 153-176). Campinas: Alínea, (2014).

ORRÚ; SILVA ESTER. **Autismo, linguagem e educação:** interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro; Wak, 2012.

PIMENTEL, S; SILVA, D, L, G; CRESPO, O, R; OLIVEIRA, D, R, C; MAGALHÃES, L, S. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. **EDUR; Educação em Revista**, v.36, p. 1- 22, e. 214220, 2020.

SANTOS, C, R. et al. O papel da família durante o processo de inclusão escolar de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. **Revista de Casos e Consultoria,** v. 13, p. 1-16 n. 1, e. 13130413, 2022.

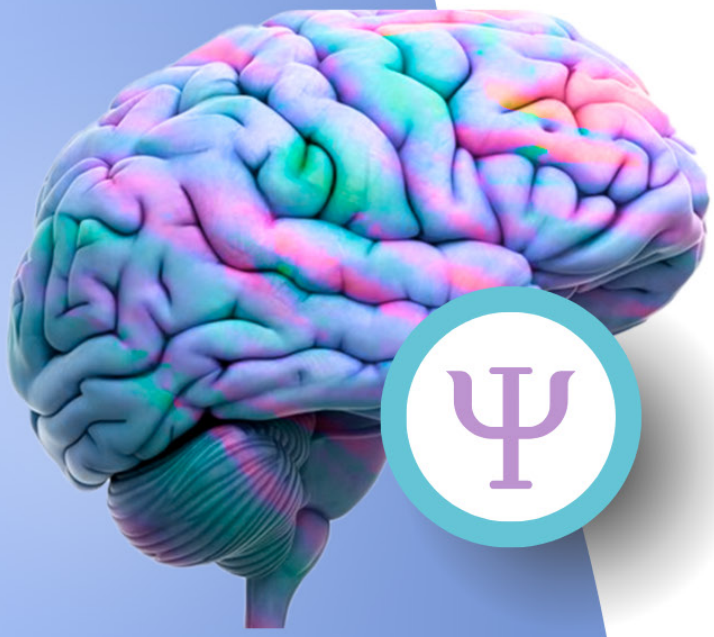
PIAGRT, JEAN. Martins Fontes **(Psicologia e pedagogia).** São Paulo, 1999.

SILVA, G, A; PÁDUA, D, A; TEIXEIRA, S, G; CAMILO, C, A, G; FREITAS, A, M, C, A. Desafios do Professor do Ensino Regular Frente Ao Processo de Ensino e Aprendizagem de Crianças Com Transtorno De Espectro Autista. **Ciência e Educação e Desenvolvimento,** v.8, n.1, p. 92-97.

SACRAMENTO, S, J, S; SILVA, M, S, D. Atuação Do Psicólogo Escolar Na Inclusão De Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista. **Revista Cientifica Semana Acadêmica**. Fortaleza – CE, e.167, v.1, p. 1- 15, 2019.

SILVA, V, P, D; FAUSTINO, G, O. Inclusão Escolar De Alunos Com Transtorno Do Espectro Autista-Tea: Contribuições Da Ciência Psicológica. **Revista Educação e (Trans) formação.** E. 2020, p. 72-85.

13



SAÚDE MENTAL DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO: REFLEXÕES SOBRE AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL

WOMEN'S MENTAL HEALTH IN THE LABOR MARKET: REFLECTIONS ON WORKING CONDITIONS FROM THE PERSPECTIVE OF ORGANIZATIONAL PSYCHOLOGY

Luciana Ferreira Pinheiro
Luiza Mariana de Sousa

Pascal
Editora

Resumo

Este artigo examina a saúde mental das mulheres no mercado de trabalho, focando nas condições de trabalho e suas implicações na perspectiva da psicologia organizacional. A crescente participação feminina no mercado de trabalho tem revisitado à tona questões críticas relacionadas ao bem-estar psicológico das mulheres, refletindo um cenário de desafios e oportunidades. O estudo aborda como fatores como discriminação de gênero, sobrecarga de trabalho, falta de suporte institucional e a conciliação entre vida profissional e pessoal impactam a saúde mental das mulheres. A análise é sustentada por uma revisão de literatura que explora a relação entre condições de trabalho e saúde mental feminina, destacando pesquisas recentes e teorias relevantes da psicologia organizacional. É discutida a importância de práticas organizacionais inclusivas e estratégias de apoio psicológico para promover um ambiente de trabalho saudável e equitativo. Além disso, o artigo considera o papel das políticas de recursos humanos, a importância do suporte social no local de trabalho e as estratégias para mitigar o estresse e a ansiedade entre mulheres trabalhadoras. O objetivo é fornecer uma visão crítica e fundamentada sobre como as condições de trabalho influenciam a saúde mental das mulheres e oferecer recomendações para intervenções que melhorem o bem-estar psicológico no ambiente laboral. Conclui-se que a promoção de um ambiente de trabalho mais inclusivo e a implementação de políticas eficazes são fundamentais para garantir a saúde mental das mulheres e a eficácia organizacional.

Palavras-chave: saúde mental, mulheres, mercado de trabalho, psicologia organizacional, condições de trabalho.

Abstract

This article examines women's mental health in the workplace, focusing on working conditions and their implications from an organizational psychology perspective. The increasing participation of women in the workforce has revisited critical issues related to women's psychological well-being, reflecting a scenario of challenges and opportunities. The study addresses how factors such as gender discrimination, work overload, lack of institutional support, and work-life balance impact women's mental health. The analysis is supported by a literature review that explores the relationship between working conditions and women's mental health, highlighting recent research and relevant theories from organizational psychology. The importance of inclusive organizational practices and psychological support strategies to promote a healthy and equitable work environment is discussed. In addition, the article considers the role of human resource policies, the importance of social support in the workplace, and strategies to mitigate stress and anxiety among working women. The aim is to provide a critical and grounded view on how working conditions influence women's mental health and offer recommendations for interventions that improve psychological well-being in the workplace. It is concluded that promoting a more inclusive work environment and implementing effective policies are essential to ensuring women's mental health and organizational effectiveness.

Keywords: mental health, women, labor market, organizational psychology, working conditions.

1. INTRODUÇÃO

A história das mulheres no brasil é marcada por desigualdades e exclusão. Durante muito tempo, tiveram como principal atribuição, o cuidado com a casa, o esposo e os filhos. Entretanto, a história também se refere a importantes avanços nos cenários político, social e cultural, que acarretaram em mudanças na vida da mulher brasileira. A inserção na política, a ocupação de espaços, antes considerados de domínio masculino, o acúmulo de funções, a dupla jornada de trabalho, são algumas mudanças identificadas no mundo feminino e que, decorrem principalmente da inserção da mulher no mercado de trabalho.

Sistematizar a luta, a história e as questões da vida da mulher correlacionando- a com a psicologia é um assunto que rende bastante discussão e que denuncia uma trajetória de descaso, de silêncio e de omissão de todo um mundo frente as dificuldades cotidianas da vida da mulher moderna. Mas ao mesmo tempo, traz um anúncio da força, da resiliência e da resistência daquela que historicamente vem se desafiando no processo de construção da sua luta social e da conquista pelo seu espaço no mundo.

A psicologia organizacional oferece uma lente valiosa para examinar as interações entre os indivíduos e o contexto de trabalho, considerando fatores como cultura organizacional, liderança, políticas de recursos humanos e dinâmicas de grupo. No caso das mulheres, é essencial considerar não apenas as demandas específicas do trabalho, mas também os desafios adicionais relacionados à dupla jornada, discriminação de gênero e desigualdades estruturais.

Diante do contexto apresentado, a pergunta norteadora da pesquisa foi qual é o impacto das condições de trabalho na saúde mental das mulheres, do ponto de vista da psicologia organizacional, no contexto do mercado de trabalho atual.

O objetivo geral da pesquisa foi correlacionar o impacto na saúde mental das mulheres mediante as relações de trabalho no âmbito feminino já o objetivo específico ou secundários foi contextualizar a mulher na contemporaneidade; discorrer sobre as relações de trabalho e a questão de gênero; conceituar burnout e os impactos de ser sempre produtivo.

Portanto, este trabalho se justifica pela necessidade de ampliar o conhecimento sobre as condições de trabalho das mulheres no mercado laboral, contribuindo para a elaboração de políticas e práticas organizacionais que promovam a equidade de gênero e o bem-estar psicológico das trabalhadoras. A partir da compreensão dessas questões, será possível fomentar discussões e ações que visem mitigar os impactos negativos sobre a saúde mental das mulheres, promovendo, assim, ambientes de trabalho mais justos, saudáveis e produtivos.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

O tipo de pesquisa realizada foi uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo, onde ocorreu pesquisar em livros, dissertações e artigos científicos selecionados através de busca nas seguintes bases de dados da biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Librari (SciELO), e Ministério da Saúde (MS).

O período dos artigos pesquisados deu-se os trabalhos publicados nos últimos 10

anos. Os critérios de inclusão desenvolveram-se em artigos científicos, desta forma foram utilizados 10 artigos. As palavras-chave utilizadas na busca serão palavra saúde mental, palavra 2 desigualdades salarial, palavra 3 burnout.

Este tipo de pesquisa pautou-se no aprofundamento de leituras e de pesquisas que foram se constituindo ao longo do tempo. Entretanto, é preciso muito cuidado e rigor científico para que trabalhos elaborados a partir desta abordagem se constituam com qualidade. Para construir este trabalho, foi utilizado o método da pesquisa bibliográfica, a partir do levantamento de bibliografias seguras.

2.2 Resultados e Discussão

A construção da mulher no mercado de trabalho contemporâneo é um tema multifacetado e em constante evolução. Historicamente, as mulheres enfrentaram diversas barreiras e desafios para ingressar e progredir em diferentes setores profissionais. No entanto, ao longo das últimas décadas, houve alguns avanços significativos na promoção da igualdade de gênero e na conscientização sobre a importância da diversidade e inclusão nos locais de trabalho.

A subjetividade da mulher passou a ganhar outra forma, ela agora perpassa o estereótipo de mãe, dona de casa, responsável pela família, essa subjetividade atravessa os desejos femininos individuais e dá notícia de uma mulher mais livre, questionadora, consciente do seu lugar no mundo. (Lopes; Dellazzana-Zanon, Boeckel, 2014).

No entanto, apesar dos avanços, ainda existem desafios persistentes que as mulheres enfrentam no mercado de trabalho. A disparidade salarial de gênero, por exemplo, continua sendo uma questão importante, com as mulheres geralmente recebendo salários inferiores aos homens por trabalho equivalente. Além disso, as mulheres muitas vezes enfrentam obstáculos relacionados à conciliação entre vida profissional e familiar, bem como preconceitos e estereótipos de gênero que podem afetar suas oportunidades de carreira e progressão.

A participação feminina no mercado de trabalho, a taxa de desemprego, as diferenças de rendimento médio, a composição dos cargos de liderança e a progressão mais lenta na carreira são algumas das evidências da desigualdade de gênero no mercado de trabalho. (Souza; Silva, 2023). A situação das mulheres em cargos de prestígio ainda é um problema, apesar de alguns dos fatores de disparidade estarem evoluindo lentamente, como a sub-representatividade das mulheres em cargos gerenciais. (Braga; Santos, 2024).

O descontentamento das mulheres no trabalho pode ser causado por vários fatores, incluindo a desigualdade no compartilhamento das tarefas domésticas, o cuidado com os filhos, a ascensão profissional e socioeconômica e o impacto disso na remuneração. (Souza; Silva, 2023). Esses fatores contribuem para restringir o número de horas dedicadas ao aperfeiçoamento profissional da mulher. A maternidade, sob essa ótica, intensifica ainda mais o distanciamento de gênero no trabalho (Jones; Floyd, 2024). Além disso, a rotina das mulheres muda quando voltam ao trabalho após o nascimento, principalmente devido aos vários papéis que precisam assumir e adaptar (Rapisarda; Santoro; Dal Corso, 2024).

As relações de trabalho feminino e a saúde mental é uma das principais conquistas ao longo da vida das mulheres certamente foi o direito de trabalhar, de terem o seu próprio dinheiro e de atuarem diretamente na economia, movimentando e circulando as relações de consumo. Não apenas isso, mas também obter independência financeira, o que lhes permite viver sozinhos, caso necessitem, sem precisar estar sujeitas a violência, abuso ou

opressão devido às dificuldades de sobrevivência (Schneider, 2017).

A dupla jornada das mulheres no mercado de trabalho refere-se à situação em que as mulheres assumem responsabilidades tanto no trabalho quanto nas tarefas domésticas ao mesmo tempo ela não deixa por pressão social, a responsabilidade que possui com a sua família. A estrutura familiar ainda segue uma lógica patriarcal e a divisão de tarefas domésticas, infelizmente, mantém uma divisão de gênero: lavar louça, limpar a casa e cuidar dos filhos ainda são erroneamente vistos como tarefas predominantemente femininas. Com isso, as mulheres enfrentam, após uma média de oito horas de trabalho fora, uma segunda jornada que é a jornada de trabalho no lar (Souza; Guedes, 2016).

O trabalho doméstico é profundamente injustiçado, pois não é remunerado. Trata-se de uma atividade que não foi considerada nas relações de venda da força de trabalho, o que faz com que a segunda jornada de trabalho das mulheres, realizada em casa, seja infelizmente não remunerada, para Zart (2019):

> Essa situação ilustra a dupla jornada de trabalho das mulheres, ou seja, uma opressão combinada de gênero e classe. A divisão do sexual do trabalho, que coloca a mulher no espaço privado e o homem no espaço público Parece que o espaço público não pode ser alterado. Apesar das atividades as domésticas são muito importantes para a sobrevivência e o bem-estar de uma família, e também são essenciais para a transmissão da força de trabalho atual e futuro, bem como significativo para o próprio sistema infelizmente não são valorizados pelos capitalistas (Zart, 2019, p. 6).

Segundo Carvalho e Azevedo (2018) relatam que na primeira metade do século XX, o papel social da mulher limitou-se principalmente à manutenção dos laços familiares, da moral cristã e do lar, o que significa que enquanto os homens dominavam a esfera pública, as mulheres permaneciam (e permanecem) “rainhas” na esfera doméstica. Além disso, esperava-se que as mulheres fossem dotadas das qualidades católicas da “mãe virgem”, como castidade, bondade, generosidade, submissão às normas sociais e falta de liberdade sexual (pois eram consideradas meros guardiãs da raça humana e, portanto, responsáveis pela reprodução da espécie).

Assim, as principais realizações das mulheres foram o casamento e a maternidade, que por sua vez foram exigidos pela sociedade. Além da representação social das mulheres, a instituição da ditadura militar no Brasil (de 1º de abril de 1964 a 15 de março de 1985) foi um sério obstáculo para a conquista social das mulheres, uma vez que o regime militar autoritário não se acomodava de forma alguma às demandas e protestos das mulheres, muito menos às lutas das mulheres (Carvalho; Azevedo, 2018).

As relações de trabalho e a saúde mental se deterioram por ser muitas das causas de esgotamento emocional e quando pensamos em uma mulher que, além de vivenciar relações de trabalho estressantes no âmbito profissional, ainda está nas relações de trabalho doméstico que não são menos estressantes. E todas essas tarefas precisam ser realizadas por uma única pessoa, e essa pessoa é a mulher. É a mulher que, ao chegar do trabalho, prepara o jantar e organiza o almoço do dia seguinte. Ela também passa os fins de semana lavando as roupas da família, organizando a casa, o que resulta em exaustão física e mental. No entanto, no dia seguinte, ela estará lá, pronta para a jornada fora (Jesus, 2018).

No geral, as condições de trabalho desfavoráveis podem aumentar o risco de problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão, estresse crônico e burnout entre as mulheres. Maslach e Jackson deram contribuições fundamentais para o desenvolvimento dos estudos sobre o burnout.

Em 1981 as autoras demarcaram a síndrome de burnout a partir de três dimensões: a exaustão mental, pode ser observada a partir do comportamento do colaborador que se encontra sem energia para trabalhar; despersonalização, que é quando o sujeito se isola e tem pensamentos negativos; e a redução da realização pessoal e profissional, que tem como consequência a frustração no ambiente de trabalho. Dessas três dimensões observa-se que as duas últimas dimensões são desencadeadas a partir da exaustão emocional, tornando essa dimensão fundamental para o desenvolvimento da síndrome de burnout (Maslach; Jackson, 1981; Alves *et al.*, 2022).

Na contemporaneidade a síndrome de burnout tem se tornado um fenômeno frequente. As demandas do mundo moderno provocaram mudanças significativas no mundo do trabalho, como o avanço da tecnologia, mais competitividade, a cobrança de que o indivíduo produza mais e com mais velocidade, tudo isso exige novas qualificações e habilidades dos trabalhadores, resultando no surgimento de novas doenças decorrentes dessas mudanças, bem como gerando desgaste físico e mental (Pêgo; Pêgo, 2016).

Os sintomas do burnout podem ser de cunho psicossomático, psicológico e comportamental e geralmente produzem consequências negativas nos níveis individual, profissional e social (Zanatta; Lucca, 2015). Em geral, os indivíduos apresentam-se emocional e fisicamente exaustos, estão frequentemente irritados, ansiosos ou tristes.

É importante reconhecer os sinais de burnout e procurar ajuda profissional se necessário. Os sintomas podem representar alertas para que o indivíduo perceba que seu estilo de vida profissional precisa ser revisto, podendo causar grandes prejuízos psíquicos. Segundo Fasanella (2022), a síndrome é mais prevalente entre profissionais de áreas com alto nível de estresse, como professores, médicos, policiais e aqueles que enfrentam jornada dupla. Os sintomas podem representar alertas para que o indivíduo perceba que seu estilo de vida profissional precisa ser revisto, podendo causar grandes prejuízos psíquicos. Além disso, é essencial adotar estratégias de autocuidado e estabelecer limites saudáveis para prevenir o burnout, como praticar exercícios físicos regularmente, dedicar tempo para hobbies e atividades relaxantes, estabelecer limites claros entre trabalho e vida pessoal e buscar apoio de amigos, familiares e colegas de trabalho.

A igualdade salarial refere-se ao princípio de que homens e mulheres devem receber salários iguais por trabalho igual ou de igual valor. Isso significa que mulheres e homens devem receber o mesmo salário quando desempenham o mesmo trabalho ou trabalho de igual valor, independentemente do gênero. A igualdade entre homens e mulheres no Brasil é garantida pela Carta Magna de 1988, que garante igualdade formal e material. O caput do artigo 5º declara que todos são iguais perante a lei, garantindo assim a igualdade formal (Brasil, 1988; Godoy, 2015, p. 10).

No Brasil, a evolução da mulher brasileira em busca da igualdade legal teve seu início em 1960, através de um movimento feminista que buscava romper definitivamente com o sistema imposto, instalar o feminismo liberal ou igualitário e igualar totalmente a mulher ao homem, reproduzindo ao máximo o modelo masculino. Este movimento foi marcado e ganhou grande repercussão graças a queima dos sutiãs pelas mulheres em praça pública, que, como salientado por Godoy (2015, p. 26), “demonstra a ruptura mais íntima do feminino com o masculino” (Godoy, 2015, p. 25 e 26).

A disparidade salarial de gênero tem um impacto significativo na vida das mulheres, resultando em menor renda ao longo da vida, maior incidência de pobreza entre as mulheres, menor acumulação de riqueza, aposentadorias mais baixas e desigualdades econômicas mais amplas. O pós-feminismo da década de 70 ficou marcado por abrir o mercado de trabalho brasileiro para as mulheres. Desta forma, é possível perceber que, apesar do

trabalho não ser a única forma de independência da mulher, é com o trabalho e com a inserção econômica que a mulher tem sua liberdade feminina mais representativa contra a opressão masculina (Godoy, 2015).

Além disso, as mulheres enfrentam outra forma de discriminação laboral quando recebem salários reduzidos em trabalhos similares ou até mesmo idênticas aos dos homens. De acordo com Godoy (2015), em certos setores a diferença salarial do homem em relação à mulher chega a superar 30% (trinta por cento) da remuneração, no entanto esse percentual tende a diminuir nos casos em que o cargo exige mais qualificações profissionais e a função desempenhada é de alto escalão, por exemplo, diretora ou presidente (Godoy, 2015).

A promoção da igualdade salarial para as mulheres não é apenas uma questão de justiça e direitos humanos, mas também é fundamental para o desenvolvimento econômico e social sustentável. É necessário um esforço conjunto de governos, empregadores, sindicatos e sociedade civil para garantir que as mulheres sejam remuneradas de forma justa e igualitária pelo seu trabalho. O conceito de saúde organizacional está atrelado entre o bem-estar do indivíduo a estrutura, e o funcionamento organizacional como um todo, deveriam ser geradores de prazer, bem-estar, satisfação pessoal e profissional para o indivíduo (Marques *et al*., 2021).

A cultura é um dos fundamentos de uma organização. A cultura está relacionada ao modo de produção social do trabalho, sendo considerada um elemento abrangente, universal e intangível na organização e pode ser claramente observado no modo das pessoas se vestirem, se comunicarem, se organizarem, dentre outros (Marques *et al*., 2021).

Deste modo, entender a cultura organizacional é fundamental para compreender como o trabalhador vive naquela organização e adoece. A cultura organizacional pode ser fator prejudicial, mas também uma cultura saudável promove o bem-estar e realização do colaborador (Marques *et al*., 2021).

A psicologia organizacional desempenha um papel crucial na promoção da saúde mental no local de trabalho. Segundo Zanelli e Bastos (2014) em estudo para identificar movimentos emergentes nas práticas dos psicólogos brasileiros nas organizações de trabalho, observaram como principal eixo de transição do trabalho do psicólogo, a mudança de um fazer tido como técnico para uma atuação estratégica. Essa transição traz em seu bojo a realização de práticas integradas ao contexto atual e dirigidas na busca da saúde e da qualidade de vida dos trabalhadores.

O desenvolvimento das atividades do psicólogo organizacional em determinado momento envolverá complexidades que serão necessárias ações de campos multidisciplinares. Os profissionais de psicologia juntamente com outros profissionais de áreas diversas, ajudarão no processo de compartilhamento de informações, ações integrativas em ambiente laboral, consequentemente, criando uma rede de vivências que pode proporcionar aos funcionários atitudes mais conscientes em relação as suas atividades (Zanelli; Borges-Andrade; Bastos, 2014).

Promoção de uma cultura de aceitação e apoio, treinamento em habilidades de gestão, promoção do equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, e programas de bem-estar. Outra questão que pode ser trabalhada pelos psicólogos é a promoção de qualidade de vida no trabalho, algo que tem ganhado notoriedade no decorrer dos anos. Realizar ações de qualidade de vida no trabalho está intimamente também ligado ao conceito de saúde, ressaltando que o indivíduo é um ser biopsicossocial. É necessário pensar em programas e soluções que venham minimizar inquietações dos colaboradores, ofertando aos trabalhadores um tempo de convivência melhor com sua rede familiar (Campos, 2017).

Em suma, a psicologia organizacional desempenha um papel fundamental na promoção da saúde mental no local de trabalho, ajudando as organizações a criar ambientes que apoiem o bem-estar psicológico dos funcionários e contribuam para sua satisfação, engajamento e desempenho no trabalho.

3. CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo, ficou evidente que as condições de trabalho enfrentadas pelas mulheres impactam diretamente sua saúde mental. A sobrecarga causada pela dupla jornada, a desigualdade de gênero, e as pressões por conformidade a padrões de desempenho muitas vezes inalcançáveis, constituem um cenário que afeta profundamente o bem-estar psicológico das trabalhadoras. Além disso, a falta de apoio adequado no ambiente organizacional agrava esses desafios, gerando um quadro crescente de ansiedade, estresse e burnout.

A psicologia organizacional oferece ferramentas essenciais para a compreensão dessas dinâmicas e para a promoção de intervenções eficazes. Medidas como a criação de ambientes de trabalho mais equitativos, a oferta de suporte psicológico e a implementação de políticas de conciliação entre vida pessoal e profissional são fundamentais para mitigar os efeitos negativos sobre a saúde mental das mulheres.

Essas condições de trabalho frequentemente levam a altos níveis de estresse, ansiedade e burnout, comprometendo não apenas a saúde mental, mas também a produtividade e a satisfação profissional. A psicologia organizacional tem um papel fundamental ao propor estratégias de intervenção que promovam ambientes mais inclusivos, equitativos e saudáveis, como a implementação de políticas de igualdade de gênero, programas de suporte psicológico, e práticas de liderança empática.

Em suma, para que as mulheres possam prosperar no mercado de trabalho de maneira saudável, é imprescindível que as organizações reconheçam e mitiguem os fatores que contribuem para o adoecimento mental. O comprometimento com práticas laborais mais justas e com o bem-estar psicológico deve ser uma prioridade, não apenas para garantir a saúde mental das trabalhadoras, mas também para construir ambientes de trabalho mais produtivos e humanizados. É preciso avançar na criação de políticas e práticas que ofereçam suporte contínuo e promovam a igualdade de oportunidades para que as mulheres possam exercer suas funções sem sofrer com a sobrecarga física e emocional.

Conclui-se que promover a saúde mental das mulheres no mercado de trabalho é não apenas uma questão de justiça social, mas também um fator crucial para o desenvolvimento de ambientes de trabalho mais produtivos e saudáveis. As organizações que adotarem uma abordagem proativa em relação ao bem-estar psicológico de suas trabalhadoras estarão contribuindo para a criação de uma cultura organizacional mais inclusiva e sustentável, na qual todas as pessoas possam atingir seu pleno potencial sem comprometer sua saúde mental.

Esse encerramento enfatiza tanto a relevância do tema quanto a necessidade de mudança no ambiente organizacional para promover a saúde mental das mulheres.

Referências

BRAGA, E. S.; SANTOS, J. N. “A percepção da mulher sobre oportunidade e igualdade de gênero no mercado de trabalho em Rondonópolis (MT)”. **Boletim de Conjuntura (BOCA),** vol. 17, n. 50, 2024.

CAMPOS, D.C.D**. Atuando em Psicologia do Trabalho, Psicologia Organizacional e Recursos Humanos**, 2ª edição. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2017. 9788521633471. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788521633471/. Acesso em: 04 abr. 2024.

CARVALHO, T. C. M.; AZEVEDO, A. W. Liderança feminina em biblioteca universitária e sua influência na motivação organizacional. **Ciência da Informação em Revista**, v. 5, n. 3, p. 20-29, 2018.

FASANELLA, N. A. **Síndrome de Burnout já é classificada como doença ocupacional.** 2022. Disponível em: https://j.pucsp.br/noticia/sindrome-de-burnout-ja-e-classificadacomodoencaocupacional#:~:text=S%C3%ADndrome%20de%20Burnout%20j%C3%A1%20%C3%A9%20classificada%20como%20doen%C3%A7a%20ocupacional,Participa%C3%A7%C3%A3o%20da%20profa&text=Desde%20o%20dia%201%C2%BA%2 0de,Mundial%20da%20Sa%C3%BAde%20(OMS). Acesso em: 29 abr. 2024.

GODOY, S.M. **A mulher e o direito do trabalho:** a proteção e a dimensão constitucional do princípio da igualdade. São Paulo: Boreal, 2015.

JESUS, J.C. **Trabalho doméstico não remunerado no Brasil: uma análise de produção, consumo e transferência.** Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional Faculdade de Ciências Econômicas – UFMG. Belo Horizonte – MG, 2018.

JONES, K.; FLOYD, A. “Women academics experiences of maternity leave in the neoliberal university: Unmasking governmentality”. **Gender, Work and Organization**, vol. 31, n. 1, 2024.

MARQUES, Walter, COELHO, Amanda, MARQUES, Francisca, BIRINO, Jonathan, ARAÚJO, Ivameire, COSTA, Raquel, SOUSA, Verbena e MACHADO, André. **Estresse e cultura organizacional: o papel do psicólogo na prevenção e tratamento da Síndrome de Burnout**. 2021.Conjecturas, 22(1), 193–207. Disponível em: https://doi.org/10.53660/CONJ-528-477-022. Acesso em: 15 Setem. 2024.

MASLACH, C.; JACKSON, S. E. The measurement of experienced burnout. **Journal of Occupational Behavior,** v. 2, n. 2, 99-113, 1981.

LOPES M.N., DELLAZZANA-ZANON L.L., BOECKEL M.G. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Temas Psicol.** 2014 [cited 2017 Oct 18];22(4):917-28.

PÊGO, F. P. L.; PÊGO, D. R. Síndrome de Burnout. **Rev Bras Med Trab.** v. 14, n. 2, p.171- 176, 2016.

RAPISARDA, S.; SANTORO, V.; DAL CORSO, L. “Unleashing the potential of metaphors: a categorization system for exploring return to work after maternity”. **Archives of Women’s Mental Health**, vol. 27, 2024.

SCHNEIDER, Graziela. **A revolução das mulheres [recurso eletrônico]: emancipação feminina na Rússia Soviética** / organização Graziela Schneider; [tradução Cecília Rosas, [et al.]. São Paulo: Boitempo, 2017.

SILVA, M. P.; BERNARDO, M. H.; SOUZA, H. A. Relação entre saúde mental e trabalho: a concepção de sindicalistas e possíveis formas de enfrentamento. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional.** 2016.

SOUSA, L.; GUEDES, D. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados,** 30(87), 123-139.

SOUZA, P. V. S.; SILVA, C. A. T. “Discriminação salarial entre os gêneros no mercado de trabalho assalariado contábil brasileiro”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 13, n. 39, 2023.

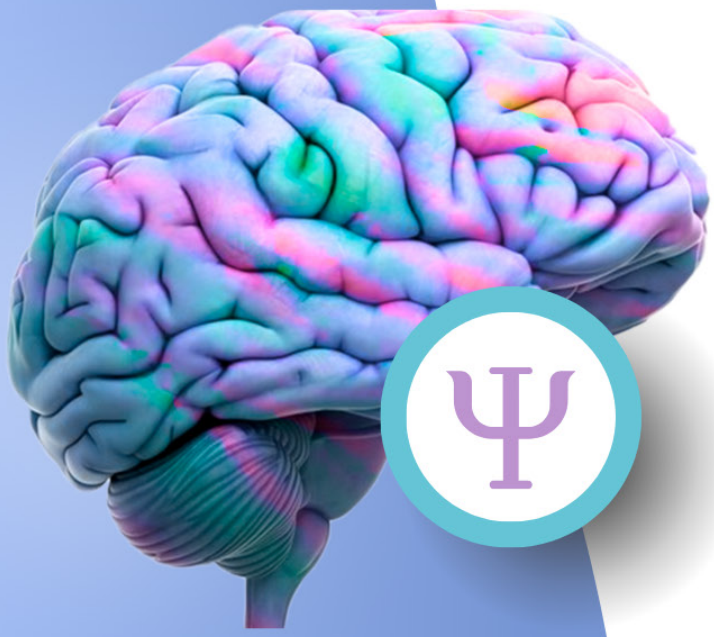
Zanatta, A. B., & Lucca, S. R. (2015). Prevalence of burnout syndrome in health professionals of an onco-hematological pediatric hospital. ***Revista da Escola de Enfermagem da USP****, 49*(2),253-258.

ZANELLI, José C.; BORGES-ANDRADE, Jairo E.; BASTOS, Antônio Virgílio B. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil.** Porto Alegre: Grupo A, 2014. 9788582710852. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582710852/. Acesso em: 30 abr. 2024

Zanelli, J. C. & Bastõs, A. V. B. (2014). **Psicõlõgia e prõduça õ dõ cõnhecimentõ em** õrganizações **e trabalhõ.** In: J. C. Zanelli; J. E. Bõrges-Andrade. &A. V. B. Bastõs (õrgs), Psicõlõgia, Organizações e Trabalhõ nõ Brasil (pp. 492-517). Põrtõ alegre: ArtmedRecebido/received: 02/01/2015Aprovado / Approved: 21/12/2015

ZART, P. E. **A dupla (ou múltipla) jornada de trabalho feminina e o princípio da igualdade:** reflexão sobre a submissão da mulher e a divisão desigual do trabalho doméstico. Lajeado/Rio Grande do Sul: UNIVATES, 2019.

14



A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA ESCOLAR PARA CRIANÇAS NEUROATÍPICAS: INTERFACE ENTRE PAIS E ESCOLA NO ENTENDIMENTO E MANEJO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

THE IMPORTANCE OF SCHOOL PSYCHOLOGY FOR NEUROATYPICAL CHILDREN: INTERFACE BETWEEN PARENTS AND SCHOOL IN UNDERSTANDING AND MANAGING AUTISTIC SPECTRUM DISORDER

Jovana Silva Morais
Luiza Mariana de Sousa

Pascal
Editora

Resumo

O trabalho do psicólogo escolar concentra-se na implementação da proposta pedagógica da escola, visando enriquecer o processo educativo de crianças com desenvolvimento típico e com desenvolvimento atípico, como aquelas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O TEA, conhecido como autismo, apresenta variações na intensidade dos sintomas e manifestações, incluindo comportamentos repetitivos, dificuldades na comunicação e interação social. Nesse contexto, aproximar a família da escola promove aprendizados valiosos para as crianças. Sendo assim, essa pesquisa tem o objetivo de compreender o papel da psicologia escolar na interação entre pais e escola para contribuir na implementação de estratégias educacionais para o desenvolvimento desses alunos. Com vista a alcançar tal finalidade, o método utilizado nessa pesquisa foi uma revisão de literatura, utilizando fontes como SciELO, Periódico CAPES e Google Scholar, considerando o período de publicação dos últimos 10 anos, nos idiomas português e inglês. Compreende-se que a família e a escola desempenham papéis cruciais no desenvolvimento das crianças autistas, uma vez que a escola compartilha com a família a responsabilidade pela sua educação, criando um ambiente inclusivo no qual os pais fornecem informações para o planejamento e implementação de intervenções educacionais. Nesse contexto, o psicólogo escolar atua como mediador, focando no progresso acadêmico, na interação social, no desenvolvimento cognitivo e emocional, além de orientar o planejamento de atividades educacionais, intervindo no processo de aprendizagem. Frente aos desafios enfrentados pelas crianças autistas, é essencial explorar estratégias que o psicólogo escolar possa empregar para estabelecer um ambiente propício ao desenvolvimento acadêmico e social.

Palavras-chave: Transtorno do espectro autista, Psicologia escolar, Pais e escola, Inclusão.

Abstract

The work of the school psychologist focuses on implementing the school's pedagogical proposal, aiming to enrich the educational process of children with typical and atypical development, such as those diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD). ASD, known as autism, presents variations in the intensity of symptoms and manifestations, including repetitive behaviors, difficulties in communication and social interaction. In this context, bringing the family closer to the school promotes valuable learning for children. Therefore, this research aims to understand the role of school psychology in the interaction between parents and school to contribute to the implementation of educational strategies for the development of these students. In order to achieve this goal, the method used in this research was a literature review, using sources such as SciELO, Periódico CAPES and Google Scholar, considering the publication period of the last 10 years, in Portuguese and English. It is understood that the family and school play crucial roles in the development of autistic children, since the school shares with the family the responsibility for their education, creating na inclusive environment in which parents provide information for the planning and implementation of educational interventions. In this context, the school psychologist acts as a mediator, focusing on academic progress, social interaction, cognitive and emotional development, in addition to guiding the planning of educational activities, intervening in the learning process. Given the challenges faced by autistic children, it is essential to explore strategies that the school psychologist can employ to establish na environment conducive to academic and social development.

Keywords: Autism spectrum disorder, School psychology, Parents and school, Inclusion.

1. INTRODUÇÃO

Em vários momentos da história surgiram diversas explicações para esclarecer como as pessoas se agrupavam de acordo com suas características. Baseado nesse interesse, a Psicologia Escolar surge em decorrência da análise de crianças com dificuldade de aprendizagem, realizada por meio da avaliação e mensuração dos princípios que fundamentam esse processo, com o objetivo de distinguir as crianças capazes de aprender daquelas que não eram aptas para a aprendizagem, pois acreditava-se que o fracasso escolar poderia ser justificado a partir dos resultados adquiridos com os instrumentos de avaliação da inteligência, das características emocionais, motoras e outros que culpabilizavam o indivíduo pela problemática. Com base nesse contexto, por um longo tempo, a Psicologia Escolar teve sua prática baseada na psicometria e na área clínica, utilizando-se de intervenções terapêuticas. Contudo, essa perspectiva sobre a atuação do psicólogo escolar modifica-se devido a uma crise gerada nos anos de 1960 e 1970 pela insatisfação por partes desses profissionais.

No entanto, compreende-se que a atuação do psicólogo escolar se baseia em um trabalho voltado para o desenvolvimento e aplicação da proposta pedagógica da escola para potencializar o processo educativo tanto de crianças com desenvolvimentos típicos quanto de crianças neuroatípicas. Vale ressaltar que crianças neuroatípicas apresentam um desenvolvimento neurológico que em alguns aspectos divergem do padrão existente em uma sociedade, como aquelas que recebem o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Sendo assim, o transtorno do espectro autista, também conhecido como autismo, é um transtorno do neurodesenvolvimento, que apesar da sua variabilidade na intensidade dos sintomas e combinações entre si, caracteriza-se pela presença de comportamentos repetitivos e restritos, pela dificuldade na comunicação e na interação social, uma vez que compreende um estado em que há um distanciamento e dificuldade no processamento de informações da realidade externa.

Dessa maneira, percebe-se a importância de estratégias psicopedagógicas afim de desenvolver ferramentas para auxiliar na inclusão dessas crianças e no seu desenvolvimento, visando ganhos relevantes e duradouros. Considerando que as crianças neuroatípicas podem enfrentar dificuldades adicionais devido à sobrecarga no ambiente escolar, entende-se que a aproximação da família à escola promove aprendizados mais significativos para as crianças, uma vez que se torna possível oferecer atividades que reconheçam e enriqueçam as vivências que ocorrem fora da escola. Ademais, a participação da família conjuntamente com a escola é crucial para reconhecer necessidades específicas, estabelecer estratégias de ensino e apoio consistentes e promover a aplicação contínua em diferentes contextos das habilidades obtidas a fim de maximizar o desenvolvimento das crianças.

Partindo do entendimento de que o Transtorno do Espectro Autista tem sua incidência aumentada substancialmente nos últimos anos, este estudo sobre a importância do papel da psicologia escolar para crianças neuroatípicas, com ênfase no Transtorno do Espectro Autista (TEA), justifica-se em razão da imprescindibilidade em ampliar a compreensão sobre esse transtorno, bem como acerca da implementação de intervenções efetivas com vista a favorecer o desenvolvimento dessas crianças. Ademais, vale ressaltar que essa pesquisa possibilitou um melhor entendimento sobre a atuação da psicologia escolar resultando em uma atuação que valorize a inclusão, o desenvolvimento infantil e o sucesso acadêmico das crianças autistas, uma vez que as informações apresentadas nortearam o desenvolvimento de programas de suporte, de práticas eficazes e personalizadas para atender as necessidades desse grupo. Diante do exposto, foi possível, por meio desse es-

tudo, expandir a visão da instituição escolar e da sociedade em geral acerca das pessoas autistas, contribuindo para minimizar o estigma existente sobre esse público, fazendo com que a comunidade escolar auxilie em sua inclusão.

Sendo assim, o cerne dessa pesquisa baseou-se na seguinte indagação: Como a psicologia escolar pode atuar como mediadora na interface entre pais e escola para promover uma compreensão mais profunda do transtorno do espectro autista (TEA), facilitando a implementação de estratégias educacionais inclusivas e o desenvolvimento global desses alunos? Com o propósito de responder tal questionamento, este trabalho tem como objetivo geral compreender o papel da psicologia escolar na interação entre pais e escola para ampliar o entendimento e manejo do Transtorno do Espectro Autista (TEA), com o propósito de promover a implementação de estratégias educacionais para o desenvolvimento acadêmico desses alunos, por meio do delineamento destes objetivos específicos: compreender o papel da psicologia escolar na promoção da interação entre pais e escola no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA); descrever as necessidades específicas dos alunos com TEA em relação ao ambiente escolar, correlacionando o envolvimento dos pais no processo educacional ao progresso acadêmico e social desses alunos; apontar a atuação da psicologia escolar na promoção da aceitação e inclusão de alunos com TEA no ambiente escolar.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Metodologia

O método utilizado para a elaboração dessa pesquisa foi uma revisão de literatura, cujo objetivo caracteriza-se como descritivo, com o intuito de abordar a atuação da psicologia escolar conjuntamente com os pais e a escola visando o desenvolvimento dos alunos com o Transtorno do Espectro Autista. Com isso, a finalidade da pesquisa é de natureza básica, utilizando-se da pesquisa bibliográfica para coletar as informações pertinentes a temática.

Para tanto, a busca dessas informações ocorreu em fontes secundárias como livros, artigos científicos, teses e dissertações encontradas nas bases de dados científicos, como a SciELO, Periódico CAPES e Google Scholar, a qual considerou o período de publicação dos últimos 10 anos (2014-2024), nos idiomas português e inglês. Ademais, foi desconsiderado anais de congressos, como também artigos que não estavam nos idiomas citados anteriormente e que não correspondiam ao período supracitado.

A seleção das referências teóricas ocorreu a partir dos seguintes descritores e suas combinações: “Psicologia Escolar”, “Autismo”, “Inclusão”, e assim se formou o banco de dados das informações coletadas. A partir disso, a análise e interpretação dos materiais selecionados se deu por meio de uma abordagem qualitativa.

2.2. Resultados e Discussão

2.2.1. O papel da psicologia escolar para a interação entre pais de crianças autistas e a escola

As famílias enfrentam alterações significativas no contexto familiar quando uma criança é diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA), principalmente em razão do comportamento desta criança. Essas mudanças muitas vezes geram estresse, especialmente quando os serviços disponíveis são inapropriados, devido à falta de profissionais

qualificados tanto para sua educação quanto para sua saúde (Roriz, 2016). Nesse sentido, compreender o TEA implica reconhecer a interdependência entre família e escola, pois esta última desempenha um papel crucial no apoio às necessidades de desenvolvimento da criança com TEA e na mitigação dos desafios enfrentados pela família. (Cabral; Falcke; Marin, 2021).

Conforme elucidado por Nascimento (2017), essas duas instituições são os pilares essenciais no desenvolvimento integral dessas crianças, influenciando seu crescimento físico, cognitivo e socioemocional, pois a escola compartilha com a família o compromisso da sua educação, proporcionando um ambiente que promove a inclusão e a diversidade, ao mesmo tempo em que favorece o desenvolvimento de habilidades sociais. Sendo assim, Martins, Acosta e Machado (2016) destacam que essa interação é fundamental, especialmente no contexto das crianças com Transtorno do Espectro Autista, em que os pais desempenham um papel vital como fornecedores de informações que auxiliam no planejamento e na implementação de intervenções educacionais adequadas, pois a compreensão das dificuldades de aprendizagem dos alunos implica em uma abordagem ampla que envolve a família, visando otimizar todas as fases do processo educacional.

Uma pesquisa realizada por Cabral, Falcke e Marin (2021) com 4 casais de pais de crianças autistas, permitiu compreender, dentre outros aspectos, diferentes perspectivas dos pais e das professoras sobre a relação entre família e escola. Enquanto algumas mães se sentiam amparadas e valorizavam o diálogo com a escola, uma delas expressou certa desconfiança apesar de ter uma relação positiva com o ambiente escolar. Em contrapartida, os pais destacaram apenas os fatores positivos da escola. Quanto à percepção das professoras, estas enfatizam a importância da comunicação com as famílias, indicando um esforço da escola nesse sentido, especialmente no contexto da inclusão. Ainda segundo esses autores, o relacionamento entre família e escola muitas vezes se limita a uma troca unilateral de informações e expectativas. A escola frequentemente culpabiliza os pais pelas dificuldades de aprendizagem, enquanto os pais, por sua vez, enfrentam obstáculos para apoiar seus filhos devido à falta de orientação. Embora haja diálogo entre pais e professores, raramente há colaboração proativa. Na maioria das vezes, a comunicação ocorre apenas em situações problemáticas ou para transmitir informações sobre regras e avisos escolares.

Nessa mesma direção, Casanova (2016) ressalta que as pessoas com autismo frequentemente enfrentam desafios no convívio social e na comunicação, o que pode resultar em uma reclusão tanto da criança quanto de sua família. Nesse contexto, o auxílio da família e dos profissionais envolvidos é fundamental para maximizar as oportunidades educacionais da criança. Sendo assim, Assis e Alvez (2022) afirmam que o psicólogo escolar tem um papel crucial para a integração não só da criança com TEA, mas também seus familiares e, consequentemente, ao instruir os pais e professores para uma relação agradável, o psicólogo contribui para o desenvolvimento social e educacional da criança, promove a reflexão dos pais sobre seu papel no processo de ensino e facilita discussões genuínas entre família e professores para lidar com as dificuldades e desenvolver abordagens para intervir em conjunto, reconhecendo a influência mútua de todos os envolvidos no desenvolvimento da criança.

Em conformidade com tais afirmações, Galvão *et al*. (2018) abordam a imprescindibilidade do papel do psicólogo escolar como mediador entre alunos, pais, professores e equipe pedagógica, visando o progresso acadêmico, na interação social e o desenvolvimento cognitivo e emocional, especialmente em alunos com TEA. Dessa forma, pesquisas realizadas por Caminha et al. (2016), evidenciam que atuação precoce e adaptada desse profissional, especialmente com o envolvimento ativo da família e da escola, trazem subs-

tanciais significativos para as crianças com Transtorno do Espectro do Autismo, reduzindo a ocorrência de comportamentos desadaptativos, e permitindo que as crianças utilizem suas competências cognitivas para progredir academicamente. Além disso, os estudos de Silva, Artuso e Tortato (2020) indicam que a inclusão dessas crianças e das suas famílias resulta em melhorias da atenção nas atividades, aumento das interações sociais com colegas e maior desempenho nas tarefas escolares. Esses aspectos têm um impacto positivo na dinâmica familiar, pois demonstram o potencial da criança, fortalecendo a confiança dos pais em suas capacidades de aprendizagem.

2.2.2 As necessidades dos alunos autistas no ambiente escolar

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) o qual se caracteriza como um transtorno do neurodesenvolvimento pode surgir desde o nascimento, sendo possível observar na infância os sinais de forma mais evidente, os quais impactam diversas áreas, como habilidades sociais, comunicação e comportamento. Os desafios dos alunos com TEA no âmbito escolar estão relacionados a dificuldade para responder as perguntas solicitadas pela professora, bem como para participar das atividades coletivas devido a propensão em se manter isolado dos demais alunos, precisando de métodos educativos para incluí-lo e não o excluir das atividades (Paiva *et al*., 2024). Segundo Ferreira e França (2017) a falta de compreensão por parte dos profissionais, aliada à insuficiente formação, pode criar barreiras à inclusão escolar. Neste contexto, diversas variáveis envolvidas no processo de aprendizagem das crianças são afetadas, as quais compreendem desde o estabelecimento de metas pedagógicas e avaliação até a intervenção na comunicação, socialização, cognição e comportamento.

Camargo, Givigi e Silva (2023) reafirmam a informação anterior, destacando o impacto nas áreas supracitadas pode acarretar dificuldades na adaptação a situações sociais, no estabelecimento de amizades, na realização de atividades coletivas, ou seja, todo contexto que inclua outras pessoas. Ademais, o comprometimento na imaginação pode prejudicar a participação em jogos simbólicos e na resolução de problemas, ocasionando uma dificuldade à variações, a qual relaciona-se com a rigidez de pensamento presente em crianças autistas. Esta característica pode se tornar um impedidor para a transmissão de novos conhecimentos e habilidades, uma vez que qualquer alteração pode ser perturbadora para essa criança. Enfatizando essa ideia, segundo Barbosa (2014), frequentemente, no contexto escolar, percebe-se que os alunos autistas são excluídos das programações escolares, a partir de uma perspectiva que os reduzem ao seu diagnóstico e os caracterizam como incapazes devido as dificuldades que apresentam para interagir com os demais alunos. Essa realidade evidencia a fragilidade no delineamento de estratégias que contemplem as particularidades desses alunos e a dificuldade enfrentada pela escola para acolher a diversidade e a individualidade, resultando na falta de participação do aluno com TEA no processo de ensino e aprendizagem.

Para Vargas e Schmidt (2017), a escola não deve se limitar a apenas fornecer informações à família, mas também estar disponível ao conhecimento sobre o autismo que os pais podem oferecer, o que acarretará benefícios para essas duas instituições, promovendo uma dependência mútua, e para a educação dos alunos. A participação dos pais na educação dos filhos pode ser alcançada através da participação em reuniões escolares, da assistência constante no desempenho acadêmico dos alunos, e de uma comunicação fluente com a escola, uma vez que esta pode melhorar as estratégias de ensino, resultando em uma intervenção educacional mais eficaz. Essas dificuldades ressaltam a necessidade de medidas inclusivas, acessibilidade e definição de objetivos adaptados às habilidades

individuais de cada aluno, incluindo aqueles com TEA.

Nesse contexto, um estudo realizado por Felizardo, Silva e Cardoso (2015) aborda que a angústia dos pais está mais relacionada a comunicação, socialização e o aprendizado escolar. Sendo assim, as principais estratégias de intervenção e práticas educativas utilizadas pela escola e com o apoio dos pais afim de contribuírem para o desenvolvimento, são: comunicação – são utilizadas alternativas como imagens e gestos; socialização – é realizada a mediação dos alunos e a estruturação das atividades; aprendizado escolar – são utilizadas atividades que permitem a estimulação da criatividade e imaginação, como desenhos, pinturas e jogos. Com vista a favorecer esses processos, tem-se como foco a motivação interna da criança.

Levando em consideração que a participação somente dos profissionais pode não ter um resultado significativo, evidencia-se que a colaboração entre os pais e a escola favorece o processo de adaptação e de ensino individualizado, contribuindo para o restabelecimento da sua individualidade, mediando sua interação com a sociedade e estimulando diversas habilidades comprometidas no TEA, pois por meio desse acompanhamento é possível compreender suas dificuldades e sua forma de aprender, para então ampará-los de forma mais efetiva, colaborando para seu desenvolvimento acadêmico, social e emocional. Dessa forma, torna-se crucial realizar a avaliação o repertório comportamental e as habilidades existentes antes de sugerir qualquer intervenção para esse aluno, para que haja a divisão de competências mais complexas em comportamentos mais simples, uma vez que estes são necessários para a obtenção de tais habilidades (Oliveira, 2015).

2.2.3 A atuação da psicologia escolar para a aceitação e inclusão de alunos autistas no ambiente escolar

Devido a má interpretação dos comportamentos das pessoas com autismo, estão são, com frequência, vítimas de discriminação e preconceito em razão de uma visão equivocada que distorcem e limitam a compreensão acerca do TEA e a individualidade dessas pessoas, bem como suas capacidades, resultando na rotulação de pessoas isoladas, incorrigíveis e violentas, a qual dificulta na construção de vínculos sociais, gerando exclusão dessas pessoas em diferentes contextos (Andrade, 2022). Destarte, Araújo, Silva e Zanon (2023) abordam que a ausência de interação entre pessoas neurotípicas com pessoas neuroatípicas pode promover a perpetuação de estereótipos negativos, favorecida pela escassez de conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista, acarretando discriminação e sérios prejuízos no autoconhecimento das pessoas com TEA e na interação social, resultando em solidão, dada a uma percepção distorcidas de agressividade e imprevisibilidade das pessoas que possuem esse diagnóstico.

Apesar dos avanços nas leis e políticas para a inclusão de alunos com desenvolvimento atípico, muitas instituições escolares não estão preparadas para recebê-los, fazendo com que estes sejam forçados a se ajustar ao ambiente escolar. Nesse contexto, as barreiras mais comuns encontradas por essas pessoas incluem as comunicacionais e atitudinais que impactam na sua interação social e progresso educacional. Além disso, a falta de adaptações na estrutura pedagógica contribui com esses desafios e reforça percepções estigmatizadas e discriminatórias que reduzem o potencial desses alunos (Paiva et al., 2024). Nessa mesma direção, Weizenmann, Pezzi e Zanon (2020) apontam que essa realidade evidencia o maior entrave para os alunos com TEA, uma vez que os profissionais da educação consideram a inclusão como impraticável por apresentarem dificuldade e resistência na compreensão das particularidades no processo de aprendizagem, reduzindo as atividades propostas à

reprodução de materiais infantis e repetitivos, muitas vezes, acreditando que a inclusão visa o desenvolvimento de habilidades práticas, em detrimento aos conteúdos de ensino. Em contrapartida, parte dos educadores acreditam que a inclusão no espaço escolar está restrita apenas à interação social do aluno neuroatípico, limitando a sua aprendizagem.

Em todo o mundo, há um movimento crescente com vista a integrar crianças com necessidades educacionais especiais (NEE) nas escolas, que foi impulsionado pela Declaração Mundial de Educação para Todos, conjuntamente com a Convenção de Direitos da Criança e também com a Declaração de Salamanca, as quais instituíram o direito à educação a todas as pessoas, atendendo às suas necessidades de aprendizagem. Tais documentos apontam alterações significativas na abordagem dos profissionais da educação, devendo estes adotar uma perspectiva interdisciplinar, buscando compreender as necessidades de aprendizagem individuais, para adaptar o currículo em resposta a esse fato. Dessa forma, a educação especial tem o objetivo de oferecer suporte educacional especializado para respaldar o trabalho em sala de aula e promover relações inclusivas, pois o modelo tradicional de ensino, focado na correção do aluno, não é adequado para promover a inclusão efetiva (Cabral; Marin, 2017).

Levando em consideração esse contexto, o psicólogo desempenha um papel crucial, fornecendo um direcionamento para planejar e implementar atividades personalizadas para cada aluno, ou seja, sua atuação não ocorre de forma isolada, mas em consonância com uma equipe multidisciplinar de profissionais da educação, para atingir não somente os alunos da Educação Especial, mas todos aqueles que foram excluídos do sistema educacional, com vista a promover um ensino de qualidade para todos, garantindo práticas que proporcione a igualdade de acesso, favorecendo a propagação da inclusão (Benitez, 2017). Sendo assim, de acordo com Schmengler *et al*. (2022), a atuação do psicólogo escolar no processo de inclusão abrange o treinamento dos professores e fornecimento de suporte às famílias com orientações contínuas para ambas as partes, bem como a assistência à todos os estudantes, tendo em vista suas capacidades para além de suas dificuldades, adotando uma visão holística a respeito desses sujeitos. Para isso, esse profissional poderá desenvolver projetos, campanhas e palestras que promovam a conscientização sobre a inclusão, envolvendo a família dos alunos e toda a comunidade escolar.

Outrossim, a contribuição desse profissional está relacionada à utilização de uma abordagem educacional positiva por meio de teorias e métodos a fim de auxiliar e incluir os alunos neurodivergentes para que se desenvolvam satisfatoriamente. Logo, entende-se que o papel do psicólogo no contexto escolar consiste em intervir no processo de ensino-aprendizagem, haja vista que esse processo envolve aspectos como memória, linguagem, atenção e emoções, as quais são características do seu trabalho, visando assegurar os direitos dos alunos neuroatípicos, reduzir os obstáculos e, consequentemente, suprimir o preconceito que causa isolamento e sofrimento psíquico (Pereira; Silva, 2022). Compreende-se, portanto, que uma abordagem tradicional no trabalho do psicólogo escolar consiste na formação e instrução dos professores, cooperando para o desenvolvimento de competências em relação ao processo de aprendizagem (Fonseca; Freitas; Negreiros, 2018).

Assim, Oliveira e Galvão (2021) argumentam que se torna inviável abordar a inclusão sem apresentar a atuação pedagógica. Nesse sentido, mais do que dominar técnicas de intervenção psicopedagógica e entender as dificuldades de aprendizagem, é necessário que o educador saiba como integrar o aluno com TEA, para que assim seu papel seja concretizado. Visando essa finalidade, as atribuições desse profissional referem-se ao entendimento acerca do contexto no qual o aluno está inserido para que as suas habilidades sejam desenvolvidas de forma efetiva, propiciando ao educador o reconhecimento da imprescindibilidade de um contínuo aprimoramento e, consequentemente, maior conhecimento

que potencializará suas competências.

À vista disso, Ferreira (2017) afirma que a responsabilidade do professor consiste na mediação do processo de inclusão com atividades inclusivas, fomentando uma interação positiva entre o aluno autista e toda comunidade escolar, como também no desenvolvimento de um plano educacional individualizado, a fim de reduzir os obstáculos enfrentados por esses alunos. Assim, nota-se que o processo de inclusão impõe uma reavaliação no sistema educacional para que se tenha alternativas inovadoras de ensino.

3. CONCLUSÃO

O presente artigo atingiu os objetivos delineados ao abordar a importância da psicologia escolar para crianças neuroatípicas, com ênfase específica no transtorno do espectro autista (TEA), destacando a interação entre pais, escola e profissionais da psicologia no entendimento e manejo adequado dessa condição dentro do ambiente educacional, possibilitando a compreensão acerca da contribuição da psicologia escolar para uma abordagem inclusiva e eficaz, identificando desafios enfrentados por pais e escola. Para isso, torna-se fundamental o trabalho mútuo entre os principais agentes envolvidos na educação da criança - pais e escola - haja vista que o entendimento e manejo desse transtorno contribuirá para a uma educação de qualidade e inclusiva para essas crianças.

Além do suporte às crianças neuroatípicas, a psicologia escolar desempenha um papel fundamental na facilitação da comunicação eficaz entre pais e escola; essencial para entender as necessidades específicas da criança, adaptar o ambiente escolar e implementar estratégias educacionais que promovam seu desenvolvimento integral. Diante disso, foi possível observar que a colaboração entre pais, escola e profissionais da psicologia desempenha um papel crucial no progresso acadêmico e social das crianças com TEA. No entanto, limitações na compreensão e formação profissional dos professores aliada a escassez de recursos especializados constituem barreiras significativas à eficácia das intervenções propostas.

Apesar dos esforços empreendidos e avanços significativos, alcançar uma compreensão abrangente e um manejo ideal do TEA continua a ser um desafio substancial. Isso se deve, em parte, à individualidade das crianças e à necessidade contínua de adaptação das práticas educacionais e de intervenção. Percebe-se, portanto, a necessidade de futuras investigações para o desenvolvimento de programas contínuos de capacitação para educadores e profissionais da saúde, visando aumentar a conscientização e competência no manejo do TEA, explorar modalidades inovadoras para envolver mais diretamente os pais no processo educacional a fim de potencializar os resultados para crianças neuroatípicas. Dessa forma, percebe-se a relevância em explorar estratégias disponíveis ao psicólogo escolar para que se estabeleça um ambiente propício ao progresso desses alunos, juntamente com seus colegas, levando em consideração os obstáculos enfrentados pelos pais e educadores, e identificando quaisquer falhas no sistema de assistência.

Referências

ANDRADE, Raquel Barcelos de. **Esteriótipos e preconceito contra pessoas com transtorno do espectro autista**. 2022. 117 f. Dissertação (Pós-graduação em Psicologia) – Centro de Ciências de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

ARAUJO, Ana Gabriela Rocha Araujo; SILVA, Mônia Aparecida da Silva; ZANON, Regina Basso Zanon. Autismo, neurodiversidade e estigma: Perspectivas políticas e de inclusão. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Pau-

lo, v. 27, n. 13 p. 1-8, out. 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/S5FdcTLWS9bPdJwPXcdmnHz/#. Acesso em 25 abr. 2024.

ASSIS, Jennyfer Pereira Gonçalves de; ALVES, Viviane Victoria de Castro. O papel do psicólogo escolar para o desenvolvimento educacional de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Eletrônica da Estácio**, Recife, v. 7, n. 2, p. 1-9, mar. 2022. Disponível em: https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/614. Acesso em 02 abr. 2024.

BARBOSA, Nicole. **Autismo e respostas educativas no contexto escolar**. 2014. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Departamento de Psicologia e Educação, Universidade Portucalense, Porto, 2014.

BENITEZ, Priscila. **Psicologia e educação especial**. Londrina : Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017.

CABRAL, Cristiane Soares; FALCKE, Denise; MARIN, Angela Helena. Relação família-escola-criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de pais e professores. **Revista brasileira de educação especial**, Bauru, v. 27, n. 28 , p. 493-508, jul. 2021. Disponível em:https://www.scielo.br/j/rbee/a/STKcXJNwvxqhGk5QKh8WpLP/. Acesso em 03 abr. 2024.

CABRAL, Cristiane Soares; MARIN, Angela Helena. Inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista: Uma revisão sistemática da literatura. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 33, n. 1, jan. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edur/a/LwWNFfpwcvWRvdwLTkMvdWF/abstract/?lang=pt. Acesso em 02 mai. 2024.

CAMARGO, Erica Daiane Ferreira; GIVIGI, Rosana Carla do Nascimento; SILVA, Giovanna Santos da. A reverberação das dificuldades interacionais do aluno com autismo no contexto escolar. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 16, n. 35, p. 1-14, nov. 2023. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/19433. Acesso em 12 abr. 2024.

CAMINHA, Vera Lúcia et al. **Autismo: Vivências e Caminhos**. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 2016.

CASANOVA, Maria João Ferreira dos Santos Niz. **Um aluno com autismo rumo ao sucesso escolar**. 2016. 87 f. Relatório de Atividade Profissional (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2016.

FELIZARDO, Sara Alexandre; SILVA, Ana Isabel; CARDOSO, Ana Paula. Inclusão e articulação educativa entre professores e pais de crianças com perturbações do autismo. **Revista de estudios e investigación em psicología y educación**, Corunha, v. Extr., n. 11, p.1-4, 2015. Disponível em: https://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/reipe.2015.0.11.622. Acesso em 20 abr. 2024.

FERREIRA, Mônica Misleide Matias; FRANÇA, Aurenia Pereira de. O autismo e as dificuldades no processo de aprendizagem escolar. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, Juazeiro do Norte, v. 11, n. 38, p. 507-519, nov. 2017. Disponível em: https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/916. Acesso em 12 abr. 2024.

FERREIRA, Roberta Flávia Alves. **Inclusão de crianças com transtorno do espectro autista, na educação infantil: O desafio da formação de professoras**. 2017. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Docência) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

FONSECA, Thaisa da Silva; FREITAS, Camila Siqueira Cronemberger; NEGREIROS, Fauston. Psicologia escolar e educação inclusiva: A atuação junto aos professores. **Revista brasileira de educação especial**, Marília, v. 24, n. 3, p. 427-440, jul./set., 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbee/a/zRrFDrCtRP4WKtskcbk4mYj/. Acesso em 03 mai. 2024.

GALVÃO, Polliannaet al. **O psicólogo escolar no processo de inclusão da criança com autismo**. São Luís: UNICEUMA, 2018. Disponível em: https://crpma.org.br/wp-content/uploads/2022/05/Manual-Psicologia-Escolar-e-Autismo.pdf. Acesso em 03 mar. 2024.

MARTINS, Morgana de Fátima Agostini; ACOSTA, Priscila de Carvalho, MACHADO, Gabriela. A parceria entre escola e família de crianças com transtorno do espectro do autismo. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, Vitória, v. 20, n. 43, p. 59-71, jul. 2016. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/14308. Acesso em 03 mar. 2024.

NASCIMENTO, Thamires Thayane Costa do. **A inclusão de uma criança com TEA na rede privada de ensino: um estudo de caso sobre a parceria escola\família**. 2017. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

OLIVEIRA, Andréia Cosme de. **O papel da família no processo de inclusão escolar do aluno com transtorno do espectro autista**. 2015. 50 f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

OLIVEIRA, Suelen da Silva; GALVÃO, Luciana Georgetti Albuquerque. O papel da escola frente a inclusão de alunos autistas. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT**, Itapeva, v. 18, n. 1, p.1-14, mai. 2021. Disponível em: http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/t9DunCz9lW-ZsLm7_2021-6-8-20-47-47.pdf. Acesso em 28 abr. 2024.

PAIVA, Laressa Oliveira et al. Transtorno do Espectro Autista: a trajetória, desafios, necessidades e conquistas de Direitos de crianças autistas na educação básica. **Revista JRGde Estudos Acadêmicos**, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 1-23, jan. 2024. Disponível em: https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/892. Acesso em 12 abr. 2024.

PEREIRA, Mara Dantas; SILVA, Joilson Pereira da. Psicóloga(o) Escolar na Educação Inclusiva: Contribuições e Perspectivas da Profissão no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, n.spe, p. 1-15, ago. 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/cjfshVkNBtBbHNtbWjcK36t/. Acesso em 03 mai. 2024.

RORIZ, Diana Catarina Amorim. **Autismo: o doente a família e a sociedade**. 2016. 111f. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina) – Faculdade de Medicina, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2016.

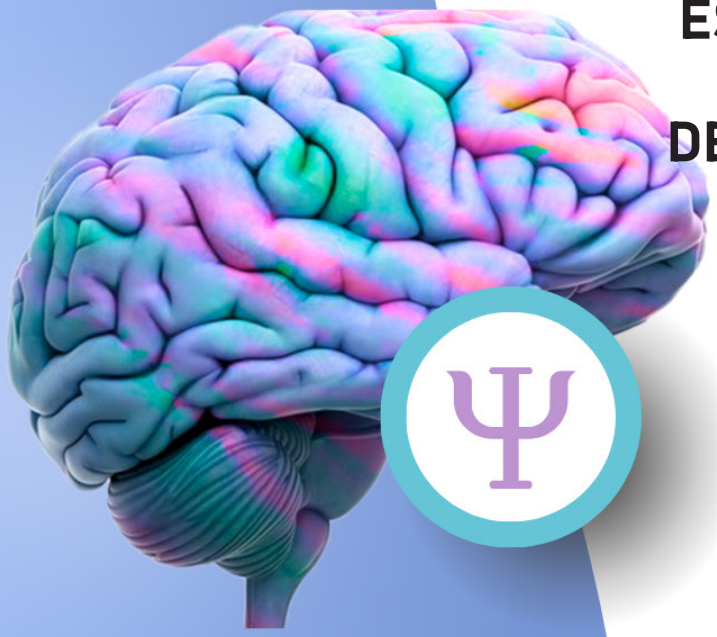
SCHMENGLER, Angélica Regina et al. Atuação do psicólogo escolar na educação inclusiva. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 32, n. 65, p. 1-29, abr. 2022. Disponível em: https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/download/14924/12384/87379. Acesso em 02 mai. 2024.

SILVA, Maria Zildomar de Lima da; ARTUSO, Alysson Ramos, TORTATO, Cíntia Souza Batista. Tecnologias de inclusão no ensino de crianças com TEA. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 12, n. 26, p. 157-179, abr. 2020. Disponível em: https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/947. Acesso em 05 abr. 2024.

VARGAS, RosanitaMoschini; SCHMIDT, Carlo. Envolvimento parental e a inclusão de alunos com autismo. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 39, n. 2, p. 207-214, abr./jun., 2017. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/26423. Acesso em 17 abr. 2024.

WEIZENMANN, Luana Stela; PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; ZANON, Regina Basso. Inclusão escolar e autismo: Sentimentos e práticas docentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 24, n. 44 p.1-8, nov. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/NwnK5kF4zM9m9XRynr53nwF/. Acesso em 28 abr. 2024.

15



O PAPEL DA PSICOLOGIA ESCOLAR NA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO E EMOCIONAL DO ALUNO

THE ROLE OF SCHOOL PSYCHOLOGY IN THE FAMILY-SCHOOL RELATIONSHIP: IMPACTS ON THE STUDENT'S ACADEMIC AND EMOTIONAL DEVELOPMENT

Myrele Karine Pinheiro Rocha
Luiza Mariana de Sousa

Pascal
Editora

Resumo

Tanto a família, quanto a escola, são instituições fundamentais no desenvolvimento do estudante, e a relação entre ambas, precisa ocorrer da melhor forma. Este artigo teve como objetivo geral analisar a contribuição da psicologia escolar na relação família e escola, com foco nos aspectos intelectuais e emocionais dos alunos. A metodologia utilizada foi revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo, envolvendo a pesquisa em vinte e quatro artigos científicos relevantes sobre o tema. As principais conclusões apontam para a importância do papel da psicologia nas instituições educacionais facilitando a comunicação entre pais e educadores, promovendo um entendimento mútuo que é essencial para atender as diversas necessidades dos estudantes. Essa interação contribui significativamente também para o desenvolvimento emocional e acadêmico dos alunos. Essa colaboração é fundamental para garantir que as demandas e necessidades dos estudantes sejam não apenas compreendidas, mas também atendidas de maneira adequada. Os profissionais da psicologia atuam como mediadores nesse processo, facilitando o diálogo entre pais e educadores.

Palavras – chave: Psicologia escolar, Família, Escola. Aluno.

Abstract

Both the family and the school are fundamental institutions in the student's development, and the relationship between them must function in the best possible way. This article aimed to analyze the contribution of school psychology to the family-school relationship, focusing on the intellectual and emotional aspects of students. The methodology used was a bibliographic review of a qualitative and descriptive nature, involving the analysis of twenty-four relevant scientific articles on the topic. The main conclusions highlight the importance of the role of psychology in educational institutions, facilitating communication between parents and educators and promoting mutual understanding, which is essential to meet the diverse needs of students. This interaction also significantly contributes to the emotional and academic development of students. Such collaboration is fundamental to ensuring that students' demands and needs are not only understood but also adequately addressed. Psychology professionals act as mediators in this process, facilitating dialogue between parents and educators.

Keywords: School Psychology, Family, School, Student.

1. INTRODUÇÃO

A relação entre família e escola é um tema central no desenvolvimento educacional dos alunos, uma vez que ambos os ambientes exercem influências significativas na formação integral das crianças e adolescentes. No entanto, por muitas vezes surgem barreiras que dificultam essa colaboração. Este artigo teve como objetivo investigar como o psicólogo escolar pode atuar para superar esses desafios, analisando a contribuição da psicologia escolar nos aspectos acadêmicos e emocionais dos estudantes.

Compreender a dinâmica entre família e escola é essencial para promover um ambiente educativo mais eficaz. Apesar das diversas pesquisas sobre o tema, ainda existem lacunas em relação ao papel específico do psicólogo escolar nesse contexto. Este estudo se justifica pela necessidade de aprofundar essa discussão, visando não apenas enriquecer o conhecimento acadêmico, mas também fornecer subsídios práticos para educadores e profissionais da psicologia.

Nesse sentido, é de suma importância abordar e disseminar o conhecimento sobre a importância da parceria, ressaltando o papel relevante do psicólogo no ambiente educacional. No contexto educacional, o psicólogo escolar atua como um mediador e facilitador, organizando encontros que oferecem orientações aos pais e responsáveis sobre como apoiar o aprendizado dos filhos em casa, o que fortalece a colaboração entre os diferentes ambientes. Por meio de palestras, busca conscientizar a respeito da importância da comunicação e da cooperação familiar no desenvolvimento dos alunos.

Esta pesquisa justifica-se pela relevância na compreensão e melhoria do ambiente escolar e do desenvolvimento dos alunos, considerando que a relação família e escola realiza um papel significativo no processo acadêmico e emocional dos estudantes, e o papel da psicologia escolar torna-se fundamental nessa interação. Ou seja, a relação entre as duas instituições tem um grande impacto no bem-estar e desempenho escolar do aluno.

Diante do contexto apresentado, a pergunta norteadora da pesquisa foi: De que forma o psicólogo escolar pode contribuir para a superação das barreiras existentes na relação família e escola?

O objetivo geral foi analisar a contribuição da psicologia escolar na relação família e escola, considerando os aspectos intelectuais e emocionais do aluno. E os objetivos específicos foram: Realizar uma revisão bibliográfica abrangente sobre as teorias e práticas da psicologia escolar, a fim de compreender seu papel no contexto educacional e pesquisar em bancos de dados os aspectos teóricos relacionados ao estudo da psicologia escolar no contexto educacional.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Metodologia

O tipo de pesquisa realizada foi uma Revisão Bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo, na qual a temática foi pesquisada em artigos científicos selecionados através de busca nas bases de dados *Scielo*, Google acadêmico e em revistas da área da Psicologia e da Educação. O período dos artigos pesquisados foram trabalhos publicados nos últimos dez anos. Os critérios de inclusão consistiram em produções completas que abordaram o papel da psicologia escolar na relação família e escola, escritos em língua portuguesa. E os

critérios de exclusão foram artigos de revisão, primeiras impressões e resumos. A revisão resultou na leitura, fichamento e análise de 24 artigos. As palavras-chave utilizadas na busca consistiram em: psicologia escolar, relação família- escola, desenvolvimento do aluno.

2.2. Resultados e Discussão

É sabido que a família é, em muitas vezes, a base para os indivíduos que a compõem, pois deve ser a responsável por transmitir as práticas e valores que influenciarão o comportamento do ser que nela convive. Por essa razão, é vista como uma das instituições fundamentais da sociedade. Sendo assim, deve ser reconhecida tanto como uma estrutura social quanto como um meio de preparação para próximas gerações, desempenhando um papel na busca por um futuro melhor e por uma sociedade equilibrada (Martinez,2010).

> a palavra família, na sociedade ocidental contemporânea tem ainda para a maioria das pessoas, conotação altamente impregnada de carga afetiva. Os apologistas do ambiente da família como ideal para a educação dos filhos, geralmente evidenciam o calor materno e o amor como contribuição para o estabelecimento do elo afetivo mãe filho, inexistente no caso de crianças institucionalizadas (Campos; Carvalho, 1983, p.19).

Para além da questão afetiva, a família também é a principal responsável pela educação do indivíduo, transmitindo valores, normas e comportamentos que moldam sua percepção do mundo. Essa influência afeta as interações sociais, sendo crucial para a inserção na cultura através da língua materna, dos símbolos e das normas de convívio (Polônia; Dessen, 2010). Por outro lado, conforme propõe Sigmund Freud (1903), a formação do indivíduo não se limita apenas à influência da família; ela também é moldada por fatores psicológicos e sociais.

Sendo assim, a família não é o único ambiente no qual o indivíduo aprende e cresce continuamente (Cezar-Ferreira, 2004). Assim, é importante reconhecer como as dinâmicas familiares se entrelaçam às experiências externas. A compreensão da estrutura familiar e suas interações influenciam a formação da identidade e a capacidade de enfrentar desafios, moldando assim o bem-estar emocional e social do indivíduo (Christenson; Anderson, 2002; Marques, 2002).

Nesse contexto, é fundamental não somente que a família tenha a noção do seu papel e da sua importância para formação do indivíduo, mas também que ela engaje ativamente nesse processo, se vendo como responsável pelo desenvolvimento do indivíduo (Polônia; Dessen, 2010). Para tanto, é relevante que a família tenha uma visão crítica sobre seu próprio papel e busque aperfeiçoar suas ações de forma que contribuam para um desenvolvimento mais completo das crianças e dos jovens (Souza, 2009).

De acordo com López (2002), a família não consegue educar de forma eficaz sem a colaboração da escola. Para que a família e escola atinjam seus objetivos em comum, é importante que ambas partilhem os mesmos valores e metas. Somente assim, poderão enfrentar as dificuldades e conflitos que afligem diariamente os profissionais, assim como os próprios alunos e seus familiares (Reis, 2007).

Assim, para exercer o seu papel, a escola não se limita a transmitir conteúdos acadêmicos; também atua na formação integral dos indivíduos promovendo habilidades sociais, emocionais e éticas. Além disso, o ambiente educacional ajuda os alunos a se tornarem agentes de mudança, capazes de contribuir para o desenvolvimento da comunidade em

que vivem (Oliveira; Marinho, 2010).

"A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a instituição, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos". (Reis, 2007, p. 6). Para Reali e Tancredi (2005), enquanto a escola desempenha a função de facilitar a assimilação dos conhecimentos adquiridos pela sociedade, a família é responsável por estimular a integração social de seus filhos.

Dessa forma, a escola como uma representação da sociedade, deverá oferecer um ambiente estruturado no qual crianças e jovens têm a oportunidade de aprender não apenas conteúdos acadêmicos, mas também habilidades sociais essenciais, como a cooperação, o respeito à diversidade e a resolução de conflitos. Além disso, a interação promove um senso de comunidade e pertencimento essenciais para o bem-estar emocional e acadêmico (Polônia; Dessen, 2010).

Oliveira (2010), complementa essa discussão ao enfatizar que o ambiente educacional atua como extensão do trabalho realizado dentro da família. Portanto, a relação entre essas instituições é essencial para garantir que os aspectos educacionais e acadêmicos sejam desenvolvidos de forma integrada. Assim, ao incentivar uma colaboração, é possível alcançar um desenvolvimento escolar mais abrangente e eficiente.

Entretanto, a qualidade das relações entre essas duas instituições é um ponto crucial destacado por Laureau (1987). Ele aponta que independentemente do tipo de envolvimento, a profundidade e a qualidade dessas interações são mais relevantes. Isso implica que tanto as escolas quanto as famílias devem se esforçar para o estabelecimento de vínculos significativos baseado em confiança e respeito mútuo.

> [...] tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo (Parolim, 2003, p. 99).

Nesse contexto, o psicólogo escolar desempenha um papel fundamental, oferecendo aconselhamento a crianças e adolescentes, auxiliando em seus projetos de vida, promovendo bem-estar emocional e identificando dificuldades de aprendizagem. Além disso, o trabalho desse profissional deve focar parceria com outros profissionais e famílias na superação dos desafios (Martinez, 2010).

> um campo de atuação do psicólogo (e eventualmente de produção científica) caracterizado pela utilização da Psicologia no contexto escolar, com o objetivo de contribuir para otimizar o processo educativo, entendido este como complexo processo de transmissão cultural e de espaço de desenvolvimento da subjetividade (Martinez, 2003, p. 107).

As atividades realizadas de orientação, tanto em nível individual quanto em grupo, são importantes para que o psicólogo escolar alcance os objetivos propostos para o ambiente educacional (Martinez, 2010). Conforme aponta Valle (2003), é vital que a atuação desse profissional se transforme, passando de uma abordagem clínica e reativa que foca em resolver problemas existentes para um modelo preventivo e promotor de saúde.

O desempenho no ambiente escolar, permite que o psicólogo atue ativamente na

identificação e fortalecimento de recursos acadêmicos e emocionais dos alunos, importantes na criação de um canal de comunicação eficaz entre a escola e família, auxiliando na superação de desafios (Valle, 2003). A participação do psicólogo é fundamental para a integração da família na rotina escolar, através de ações como: elaboração de atividades lúdicas, entrevistas com pais ou responsáveis, e em oferecer apoio psicológico a alunos e suas famílias (Moreira; Guzzo, 2014).

Segundo Oliveira e Marinho-Araújo (2010), o psicólogo escolar precisa estar atento às características que permeiam a relação entre família e escola. Para que o profissional compreenda melhor a família do aluno, é importante promover diálogo e entrevistas com pais ou responsáveis. Essas ações permitem planejar intervenções mais eficazes e criar um ambiente onde pais e alunos se sintam à vontade para expressar suas emoções e dificuldades.

A presença desse profissional na escola é fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos, melhorando seu bem-estar emocional e desempenho acadêmico. A atuação como agente de mudanças, promovendo discussões e conscientização sobre a responsabilidade de pais, professores e toda a comunidade escolar, fortalece a parceria família-escola, gerando um impacto positivo e perceptível no desenvolvimento dos estudantes (Andaló, 2012).

3. CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, pude compreender a importância do papel da psicologia escolar na relação família e escola. Essa interação é vital para o desenvolvimento acadêmico e emocional dos alunos, pois a colaboração entre esses dois ambientes pode criar um suporte robusto que favorece o aprendizado. A psicologia escolar atua ativamente facilitando a comunicação e promovendo um entendimento mútuo entre pais e educadores, o que é essencial para identificar e atender às necessidades dos estudantes de maneira eficaz.

A presença do profissional da psicologia é fundamental nesse contexto. Ele não apenas realiza intervenções diretas com alunos, mas também capacita os professores e orienta as famílias sobre como lidar com questões emocionais e acadêmica que podem surgir no âmbito educacional. O psicólogo auxilia na construção de um ambiente seguro e acolhedor, onde os estudantes se sintam valorizados e apoiados. Essa abordagem integrada contribui para que os alunos desenvolvam habilidades que são essenciais não apenas para o desempenho acadêmico, mas também para suas vidas pessoais.

Além disso, a atuação eficaz desse profissional auxilia na identificação precoce de problemas emocionais que podem impactar o aprendizado. Ao trabalhar em conjunto com educadores e familiares, pode implementar estratégias preventivas que minimizam o surgimento de dificuldades mais graves no futuro. Essa proatividade é importante para garantir que todos os alunos tenham acesso a um ambiente educacional que promova seu bem-estar emocional e acadêmico.

Contudo, uma das principais dificuldades encontradas durante a pesquisa foi a escassez de bibliografia voltada especificamente para as questões emocionais dos estudantes. Embora haja uma gama considerável de estudos sobre essa relação entre família e escola, faltam referências que explorem, de forma mais aprofundada, como as emoções afetam o desempenho acadêmico e as dinâmicas sociais.

Referências

ANDALÓ, C. S. A. O papel do psicólogo escolar. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 4, p. 43-46, 1984.

CAMPOS, J.C. CARVALHO, HILZA A. **A Psicologia do desenvolvimento: influência da família**. São Paulo: EDICOM, 1983.

CEZAR-FERREIRA, V. A. M. A pesquisa qualitativa como meio de produção de conhecimento em psicologia clínica, quanto a problemas que atingem a família. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 6, n. 1, p. 81-95, 2004.

CHRISTENSON, S. L.; ANDERSON, A. R. Comentário: A centralidade do contexto de aprendizagem para as habilidades de facilitador acadêmico dos alunos. **Revisão de Psicologia Escolar**, v. 31, p. 378-393, 2002.

Dessen, Maria Auxiliadora; Polonia, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, 2007.

LAUREAU, A. Diferenças de classe social nas relações família-escola. A importância do capital cultural. **Sociologia da Educação**, v. 60, p. 73-85, 1987.

LÓPEZ, J. S. **Educação na família e na escola**. São Paulo: Loyola, 2002.

MARQUES, R. **O envolvimento das famílias no processo educativo**: Resultados de um estudo em cinco países. Disponível em: http://www.eses.pt/usr/Ramiro/Texto.htm. Acesso em: 16 maio 2024.

MARTÍNEZ, A. M. O psicólogo na construção da proposta pedagógica da escola: áreas de atuação e desafios para sua formação. *In*: ALMEIDA, S. F. C. (Org.). **Psicologia Escolar: ética e competências na formação profissional**. Campinas: Alínea, p. 105-124, 2003.

MARTINEZ, A. M. O que pode fazer o psicólogo na escola? **Em Aberto**, v. 23, n. 83, p. 39-56, 2010.

MOREIRA, A. P. G.; GUZZO, R. S. L. O psicólogo na escola: um trabalho invisível? **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Uberlândia, v. 7, n. 1, p. 42-52, 2014. Disponívelem: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202014000100005. Acesso em: 18 jan. 2024.

OLIVEIRA, C. B. E.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.27, n.1, p.99-108, jan./mar.2010. https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100012. Acesso em: 19 nov. 2024.

PAROLIM, I. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares**. Fortaleza, 2003.

POLÔNIA, A. C.; DESSEN, M. A. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 9, n. 2, p. 303-312, 2005.

REALI, A. M. M. R.; TANCREDI, R. M. S. P. **A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva**. Paidéia, v. 15, n. 31, p. 239-247, 2005.

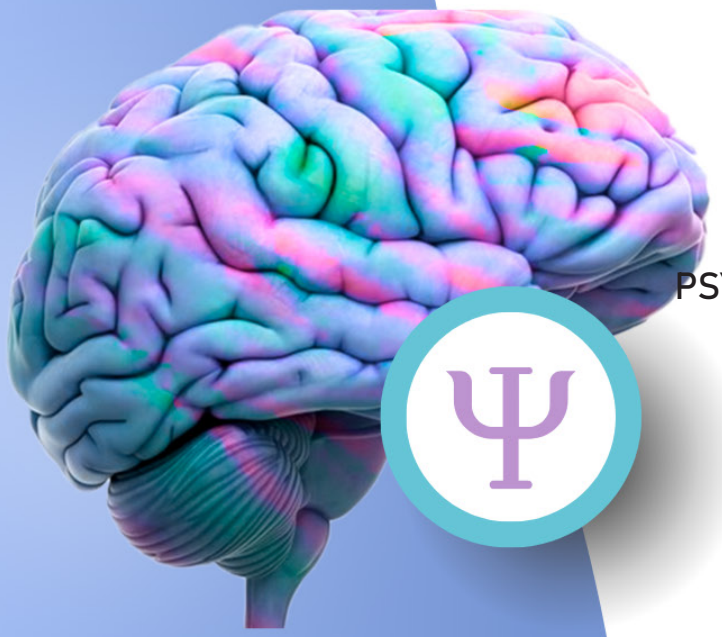
REIS, R. P. Relação Família/Escola e o Desempenho Escolar. **Mundo Jovem**, n. 373, p. 6, fev. 2007.

SOUZA, M. P. R. Reflexões a respeito da atuação do psicólogo no campo da psicologia escolar/educacional em uma perspectiva crítica. In: CAMPOS, H. R. (Org.). **Formação em psicologia escolar: Realidades e perspectivas.** Campinas: Alínea, 2007. p. 149-162.

VALLE, L. E. L. R. Psicologia Escolar: Um duplo desafio. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 23, n. 1, p. 22-29, 2003.

Perspectivas Maranhenses em Psicologia:
da teoria à prática

16



MANEJO PSICOLÓGICO DE INDIVÍDUOS COM IDEAÇÕES SUICIDAS

PSYCHOLOGICAL MANAGEMENT OF INDIVIDUALS WITH SUICIDAL IDEATION

Matheus Gabriel Nascimento Pinheiro

Luiza Mariana de Sousa

Pascal
Editora

Resumo

As ideações suicidas são parte integrante de um processo disfuncional no âmbito psicológico, o suicídio. É um desenvolvimento extremamente amplo que afeta profundamente a psique humana, envolvendo múltiplas camadas de significados e desdobramentos. Para melhor explanação desse ato é critério essencial que seja utilizada uma abordagem empática que vá além de definições simplistas. A análise deve ser ampla e considerar as ideações suicidas não como reações a eventos isolados, mas como produtos de interações disfuncionais e processos psicológicos profundos. Alerta-se para o risco de reducionismos que ignoram o sofrimento individual e afetam perigosamente o serviço prestado pelo profissional. Enfatiza-se que o suicídio pode ser interpretado como uma busca desesperada por alívio e sentido em momentos de pressão psicológica, nessa ótica a ambivalência e a dualidade de pensamentos dos indivíduos com ideações suicidas amplificam a ideia de que é preciso suporte psicológico contínuo e humanizado. Nesse escopo atuação de psicólogos e demais profissionais relacionados ao processo de cuidado mental devem ser embasados na ética e multidisciplinaridade, ter em mente que o contexto familiar e social são importantes e respeitar a vivencia particular e única de cada indivíduo é o caminho a ser trilhado. Esse cuidado é ímpar na prevenção tragédias e na promoção da melhora no bem-estar do indivíduo.

Palavras-chave: Suicídio. Psique Humana. Ideações Suicidas. Ética. Complexidade.

Abstract

Suicidal ideation is an integral part of a dysfunctional psychological process: suicide. It is an extremely broad development that profoundly affects the human psyche, involving multiple layers of meanings and consequences. In order to better explain this act, it is essential to use an empathetic approach that goes beyond simplistic definitions. The analysis must be broad and consider suicidal ideation not as reactions to isolated events, but as products of dysfunctional interactions and deep psychological processes. We warn against the risk of reductionism that ignores individual suffering and dangerously affects the service provided by the professional. It is emphasized that suicide can be interpreted as a desperate search for relief and meaning in moments of psychological pressure. From this perspective, the ambivalence and duality of thoughts of individuals with suicidal ideation amplify the idea that continuous and humanized psychological support is necessary. In this context, the work of psychologists and other professionals involved in the mental health care process must be based on ethics and multidisciplinarity, keeping in mind that the family and social context are important and respecting the particular and unique experience of each individual is the path to be followed. This care is unique in preventing tragedies and promoting improvements in the individual's well-being.

Keywords: Suicide. Human Psyche. Suicidal Ideations. Ethics. Complexity.

1. INTRODUÇÃO

O suicídio é um conceito profundamente interligado a doença mental que se instala na psique de indivíduos acometidos por psicopatologias que passam por um processo mental disfuncional. É algo rico em dados e multifacetado, envolve fatores sociais, ambientais e biológicos, podendo se manifestar em pessoas de todas as regiões do globo terrestre. Incorre em ser um ato muitas vezes premeditado e calculado (em alguns casos até mesmo nos mínimos detalhes) em que indivíduos visando muitas vezes a encerramento do sentimento de angustia e tristeza fazem a escolha de acabar com o sofrimento mental pela via da morte, na grande maioria dos casos relatados o sujeito é acometido anteriormente pela ideação suicida e passa a não enxerga nenhum outro cenário possível para viver a não ser aquele em que vivencia repetidamente os sentimentos de desesperança, angustia profunda e derrotismo emocional, que se não corretamente encarados e lidados, invariavelmente resultam em suicídio. A ideação suicida é parte integrante de uma etapa primordial processo de psicoevolução da doença mental e deve ser vista e manejada com total atenção principalmente pelos profissionais psicólogos.

Compreender este fenómeno e encontrar estratégias de manejo eficaz para aplicação nos casos necessários é importante para profissionais que buscam construir um processo humanizado e que objetivam resultados concretos e duradouros, a demais, para investigadores e público em geral as informações contidas nesse estudo ajudam a compreender melhor a estrutura do que é conhecido na atualidade sobre o processo suicida e uma de suas camadas – as ideações suicidas. Este projeto de pesquisa tem como interesse principal explanar sobre o tema, trazer luz as técnicas e ferramentas catalogadas e em uso nos mais variados documentos presentes nos índices e arquivos científicos que tratam do manejo psicológico de indivíduos que estão vivenciando a psicopatologia em primeira mão e apresentam ideações suicidas. Através desta investigação, pretende-se aumentar e divulgar as expertises sobre este assunto complexo e intrincado, além de fornecer informações para abordar esta questão de forma mais convidativa e assertiva.

Diante dessa proposição, chegou-se a seguinte questão base: Quais os principais métodos e técnicas previamente publicados nos índices e arquivos científicos relativos ao manejo psicológico de indivíduos com ideação suicida? E para responder a esse questionamento, foi traçado o objetivo geral de analisar técnicas através de índices e arquivos científicos relacionados ao manejo psicológico de indivíduos com ideações suicidas e como objetivos específicos compreender os aspectos inerentes que envolvem o manejo psicológico de indivíduos em sofrimento psicológico e que apresentam ideações suicidas; identificar as manifestações psicopatológicas na ênfase ao adoecimento mental e discorrer sobre a sistemática dos comportamentos que anteveem ao suicídio.

Seguindo a premissa, a literatura científica fornece um conjunto de informações e expertises extremamente uteis aos profissionais de saúde, munindo-os de informações acerca do manejo para prevenção, apoio e recuperação de pessoas em sofrimento psicológico decorrente de psicopatologias que apresentam sintomas como a ideação suicida. Esta revisão insere-se neste âmbito, objetivando encontrar melhoras maneiras e práticas aplicáveis no manejo psicológico em casos de ideação suicida outras etapas do processo onde a mesma se insere. Assim, a pesquisa em questão será elaborada com base em uma análise bibliográfica, caracterizada como descritiva e de natureza qualitativa.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

A catalogação e organização dos dados para seleção e extração para posterior aproveitamento de publicações nos mais variados índices científicos foi realizada com base no compilado de informações de fontes seguras, verificáveis e amplamente conhecidas no meio acadêmico como: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Scientific Electronic Library Online - SCIELO (Biblioteca Científica Eletrônica Online) e Portal de Periódicos da Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PPC). Foram catalogados e analisados artigos científicos publicados nos últimos 10 anos, compreendendo o intervalo de tempo entre 2014 a 2024, para fins de padronização e organização foram tomados os seguintes descritores em português: “Suicídio”; “Psique Humana”; “Ideações Suicidas”; “Ética”; “Complexidade”.

Serão considerados para inclusão apenas artigos completos, em língua portuguesa, adequados ao período e temática propostos. Serão excluídos documentos publicados anteriormente do estabelecimento do intervalo de tempo acima mencionado. A interpretação de dados para fundamentação do presente documento é composta de materiais disponíveis integralmente de maneira gratuita para ampla pesquisa e rastreio das informações.

2.2 Resultados e discussão

O suicídio é uma temática que abarca muitas facetas e abrange muitas camadas dentro da mente humana com muitos desdobramentos ainda desconhecidos, não é algo simples e tampouco fácil de ser trabalhado pelo especialista de saúde mental, pela sua recorrência na história humana foi, é e será amplamente estudado e debatido, tendo influenciado os desdobramentos da história humana até o presente momento. É uma das psicopatologias que mais afeta indivíduos ao redor do mundo e mostra-se com uma grande influência nos contextos socioculturais e regionais dos indivíduos afetados. Para o completo entendimento pelo especialista, é necessário que seja reconhecido a dimensão do desafio que é estabelecer uma definição precisa para o suicídio, conforme enfatizado por Durkheim em seu amplamente conhecido livro “O Suicídio”. Ao tentar classificar esse fenômeno com rapidez e sem a devida ponderação, há o risco de se efetuar simplificações inadequadas que são excludentes a condição real de sofrimento do indivíduo que está a ser acometido pala patologia (MELO, 2018).

Penso (2020) através de estudos de casos, exemplifica como a tema do suicídio e seus sinais psicológicos como as ideações suicidas, é amplo e não deve ser encarado apenas como causa e sim também como produto de interações disfuncionais do indivíduo com o contexto social circundante, nessa ótica o suicídio não deve ser ligado muito levianamente a uma casualidade específica, pois vários fatores alteram o modo como as ideações suicidas que são considerados um dos estágios iniciais se apresentam e interagem com a mente humana e os demais fatores ambientais. Em substituição a isso, é imprescindível compreender como as motivações potenciais se traduzem em ações reais, pois cada indivíduo significa e dá sentido aos acontecimentos de uma forma intimamente diferente e singular em face de outros casos similares. Muitas vezes, os eventos antecessores ao suicídio são equivocadamente descritos como geradores ou causadores de ação, nesse sentido em contraponto os textos científicos consultados inferem que o ato suicida é produto de uma complexa rede de fatores não só externos como também internos.

O suicídio é um constructo psíquico que perpassa por várias etapas, com cada etapa contando com certas particularidades, é necessário destaque para uma situação recorrente, em que cada etapa desde a ideação suicida, os desejos, por diante até a finalização do ato, evolui por meio da ideia que encontrou eco na psique através dos sentimentos de desalento e angustia, que produzem por sua vez um processo disfuncional que levou a interpretação da realidade como algo fatigante, pesado e insólito. Nesse sentido, artigos mostram que a afirmativa que pessoas que expressam por meio da fala os pensamento e desejos suicidas, mas não são potenciais suicidas, é falsa (DUTRA 2018).

Para Dutra (2018), grande parte da população acometida pelas ideações suicidas apresenta ou já apresentou durante sua história recente ameaças verbais e, às vezes, comportamento auto lesivo que pode se apresentar por períodos de tempo mais elevados ou intervalados, podendo variar de indivíduo para indivíduo. A psicopatologia em si é um constructo psíquico que pode durar anos até efetivamente desgastar o bem-estar a um ponto ao qual o indivíduo pense em optar por de fato, acabar com seu sofrimento pela via fatal. Nesse intervalo de tempo faz-se necessário a intervenção clínica para mitigar o cenário em que o paciente leve a cabo suas aspirações suicidas.

Esse ato pode ser interpretado em muitas situações como “fuga da realidade” ou “um alivio da pressão interna e externa” e não pode ser descrito limitantemente como gerado por uma única causa, como um único transtorno psicótico ou problemas de convívio e interação a sociedade, Pereira (2018). Ademais, não existe uma correlação direta a uma situação especifica, como uma separação conjugal, demissão ou luto, mas pode ser gerado em decorrência deles e de outras causas somadas. É um desenvolvimento disfuncional que se origina em qualquer fase da vida do indivíduo, se apresentando mais recorrentemente em momentos de crise ou estagnação e em momentos pré ou pós traumas, embora as razões apresentadas sejam muitas vezes apenas fatores precipitantes.

Logo enfatiza-se também a ambivalência que perpassa os indivíduos com ideações suicidas, uma dualidade de pensamentos que emergem de uma mente em constante conflito, “ser e estar valem a pena ou não?” e “quero viver”. O resultado deste atrito leva em consideração a força de cada fração envolvida, das circunstâncias e da presença ou ausência de ajuda. Nesse sentido, interpreta-se o suicida como alguém que não necessariamente não quer morrer, mas busca uma nova perspectiva de vida onde se sinta amado, aceito, compreendido ou apenas “não sinta dor” e por não enxergarem um meio onde consiga chegar a esse objetivo existencial, entendem que a vida não vale mais a pena e a melhor saída é encerra-la. O suicídio muitas vezes é encarado como um derradeiro e resolutivo recurso desesperado em meio a uma total desesperança, uma escapatória para a exaustão mental (BATISTA, 2019).

Para melhor explanar a particularidade do que são as ideações suicidas e o suicídio, apresenta-se uma visão que protagoniza a análise da estrutura social pessoal e como é feita a interação partir das suas próprias respostas emocionais e introspectivas, essa visão entra em contraste com visões que almejam explicar os fenômenos psíquicos por meio de cálculos matemáticos e estatística como a Teoria Cognitivo Comportamental, embora a visão que a Teoria Cognitivo Comportamental e outras teorias façam oposição, e de consenso geral que abordar a questão apenas de maneiras mecanicista e capacitista é um equívoco.

Essa perspectiva busca entender os desenvolvimentos dos atos suicidas, trazendo à tona as nuances da personalidade do paciente objetivando encontrar e tratar disfuncionalidades recorrentes que possam ser identificadas. A metáfora básica da psicologia fala sobretudo da busca de sentido em cada ação humana, incluindo os atos suicidas, tendo essa

premissa em mente infere-se que a pessoalidade de cada ato por menor que seja deve ser levado em conta para criar uma perspectiva maior do cenário geral (PEREIRA, 2018).

Ao explanar sobre a ideação suicida, quando se infere a centralidade de compreende-la como um processo de diminuição do bem-estar biopsicossocial e não como uma situação isolada busca-se entender como o pensamento interfere e interage com a psique, nesse sentido existe uma significativa diferença entre o entendimento planificado das ideações suicidas e um entendimento que leva como princípio a significação psicológica pessoal. Essa abordagem pode ser trabalhada a partir de uma categorização de duas abordagens - uma visão que almeja elucidar as distintas fases do suicídio exclusivamente a partir de uma ótica externa através dos sinais que podem ser interpretados e quantificados para abordar a situação com um método lógico e de reestruturação mental e outra abordagem que tenta entender cada desdobramento de situação com um produto íntimo e único de cada ação, incluindo a motivação basal que gerou as ações disfuncionais (PEREIRA, 2020).

A atuação de especialistas em saúde mental requer um envolvimento psicológico contínuo para melhor adaptação aos cenários voláteis que costumam se apresentar no setting terapêutico nesses casos específicos, dado que os indivíduos muitas vezes confrontados com episódios recorrentes de angustia e pensamentos depressivos buscam ajuda especializada do profissional objetivando alcançar a melhoria do seu bem-estar biopsicossocial e ao adentrarem ao atendimento existe com recorrência o afloramento de processo complexo para ser trabalhado no mesmo desdobramento principal - a interação do profissional com o contexto que é inserido pelo paciente, pode levar o profissional à analise interior das suas próprias agonias, desconfortos e dúvidas, ressoando e gerando desdobramentos (SILVA, 2019).

Entendendo o protagonismo dos serviços psicoterapêuticos no cenário do suicídio, destaca-se a iminência de tratar as compulsões suicidas como cenários altamente relevantes para entender o quadro psicológico do paciente, é indispensável tratar particularmente as tentativas que pertencem ao segundo nível de autodestruição, com empatia e equilíbrio. É importante não supervalorizar nem diminuir essas compulsões, mas sim entendê-las e aceitá-las como parte do processo muito maior que está acontecendo dentro da psique do indivíduo. No caso do terceiro nível de auto destruição, a probabilidade de conclusão do ato final é consideravelmente maior, é aconselhável a atuação de grupos multiprofissionais que incluam diferentes áreas de conhecimento para melhor adaptabilidade, além da mobilização de todo núcleo familiar, pelo fator do objeto de tratamento ser uma patologia que envolve diversos aspectos biopsicossociais, abordar o processo do paciente sem uma equipe plural de profissionais pode se mostrar contraproducente ao mesmo passo que incluir o seio familiar e círculo social no processo tem apresentado contrapartidas positivas para o processo psicológico em diversos casos pois auxilia na reversão de muitos pensamentos disfuncionais.

O processo psicológico de reestruturação de pensamentos ou tentativas de suicídio levanta questões importantes no que tangencia a pratica clinica escolhida pelo profissional, ainda mais quanto à confidencialidade. Existe uma linha de pensamento que é levantada quando o conjunto sintomático é avaliado e os mesmos envolvem comportamentos auto lesivos e a ideação suicida em menores – relatar a família. As ações a serem tomadas devem ser orientadas nesse e nos demais casos pelos valores difundidos e estimados pelos profissionais psicólogos, sendo assim a garantia de uma relação harmoniosa entre todos os participantes do processo psicoterapêutico, respeitando os valores fundamentais da profissão e demais regras sociais.

Seguir pelo caminho ético é desafiador em certas situações pois os desdobramen-

tos psicológicos ocorrem em paralelo a fatores que envolvem circunstâncias particulares, mas não se concretiza como motivo de escusa para praticas erradas. Escolhas feitas na execução de um tratamento podem reverberar com inúmeros resultados no bem estar biopsicossocial do paciente, cada passo tomado tem o peso de ser o alivio ou o aumento de pressão que pode ser a chave para o processo de reestruturação mental individual, ao nortear as ações dentro da premissa do Código de Ética Profissional dos Psicólogos o especialista a proteger o interesse do seu paciente e evitar que informações sensíveis sejam compartilhadas e possam atrapalhar o plano de ação do profissional. Experiências inadequadas podem impactar negativamente a imagem do tratamento como um processo válido e dificultar a intervenção do psicólogo em algo altamente complexo e que pode levar - se não manejado corretamente ao óbito do paciente. Gerir o conflito de interesse que surge da interação entre os diferentes personagens do processo psicológico é ímpar para o bom andamento dos trabalhos desenvolvidos (SOUZA, 2017).

Nesse sentido, o olhar atento e humanizado em sintonia com a ética profissional se traduz em um protagonismo central no processo psicológico de indivíduos que estejam apresentando ideações suicidas ou estejam vivenciando algum outro grau mais elevado da patologia, exigindo meticulosidade e preparo na predição dos desdobramentos de cada ponto implementado no tratamento objetivando que seja alcançada a melhor rota para traçar os demais passos do tratamento. Encontrar um equilíbrio entre a qualidade dos serviços prestados e a observância pelas bases éticas é indispensável para uma boa aceitação e eficácia, objetivando boas respostas a intervenção para de forma coesa obter resultados duradouros e eficazes, levando até o indivíduo ajuda precisa e melhora no bem-estar biopsicossocial (DUTRA, 2018).

3. CONCLUSÃO

Em suma este artigo expõe ao leitor de forma direta a dimensão da profundidade do suicídio como um fenômeno multicamadas e multifacetado, inferindo que uma explicação simplista não abarca todo o contexto, e é preciso entender essa questão de maneira abrangente e sensível. A partir das discussões apresentadas, fica evidente que essa psicopatologia não pode ser atribuída a nenhum fator específico ou evento, mas é preciso descrevê-lo como uma construção que é dinamicamente interativa por natureza, envolvendo fatores psicológicos, sociais e culturais em comum estudo. Além disso, as informações apresentadas indicam um certo sombreamento do processo do suicídio e suas fases com um foco injustificado no componente emocional de rotina.

A figura da pessoa capacitada intelectualmente e com a pratica necessária no ato de intervenção é crucial para o desenvolver um bom processo de reestruturação psicológica que pode determinar se o paciente conseguira resinificar o processo disfuncional ou não. Em paralelo a observação criteriosa do caso, empatia, comunicação e análise das especificidades do paciente são os alicerces que devem embasar a terapia. Acredita-se que o profissional não deve abordar os problemas de um paciente, examinando apenas a sintomatologia, mas abordar os desdobramentos integralmente levando em conta as diferentes influências e consequências que interagem com o indivíduo.

Por fim, compreende-se que a ética profissional é indispensável para o bom processo da Psicologia e o manejo de ideações suicidas, desde que se preze pela empatia, bem-estar, eficácia e boa aplicação os resultados são invariavelmente amplos e satisfatórios. Em suma, o suicídio requer soluções que podem ser encontradas apenas com ações práticas de humanização e respeito, a fim de construir uma rede de apoio que favoreça a recupe-

ração a partir da contribuição dos diferentes atores sociais que compõem o convívio social, como o Estado.

Referências

BATISTA, Cristiano – O Suicídio na Europa da Época Moderna: perspectivas cruzadas. In **Omni Tempore:** atas dos Encontros da Primavera 2018. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019. p. 376-402.

DUTRA, K. et al. Experiencia de suicídio na família: do luto a busca pela superação. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 2146–2153, 2018.

FIGUEIREDO, Ana Elisa Bastos. Suicida: avaliação e manejo. **Ciência & Saúde Coletiva**, São Paulo, ano 2016, v. 1678-4561, ed. 11, pág. 3633-3634, nov. 2016. DOI 10.1590/1413-812320152111.20492016.Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-812320152111.20492016. Acesso em: 7 jun. 2024

LEITE, Kércio Jeaneryson Nogueira de Sousa; LIMA, Thiago Oliveira Sabino; ABRÃO, Ruhena Kelber. ADOLESCENTE COM IDEAÇÃO SUICIDA E O MANEJO ASSISTENCIAL. **JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL: História, Brazil**, ano 2022, v. 02, ed. 36, p. 249-273, 2013. Disponível em: https://revistas.faculdade-facit.edu.br/index.php/JNT/article/view/1574. Acesso em: 7 jun. 2024.

MELO, A. K., Brasil, C. C. P., Figueiredo, I. A. de, Catunda, M. L., & Carioca, S. P. B. (2018). Atuação do psicólogo no hospital geral com pacientes de tentativa de suicídio: estudo fenomenológico. **Revista Brasileira Em Promoção Da Saúde**, 31(4). https://doi.org/10.5020/18061230.2018.8752 Disponível em https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/3709. Acesso em: 19 mai. 2024.

PENSO, M. A.; SENA, D. P. A. DE .. A desesperança do jovem e o suicídio como solução. **Sociedade e Estado**, v. 35, n. 1, p. 61–81, jan. 2020.

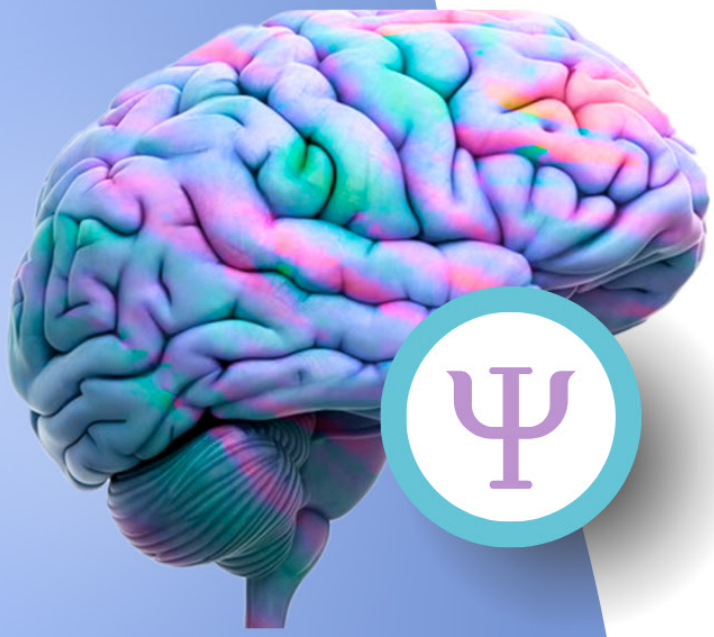
PEREIRA, A. S. et al. Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 11, p. 3767–3777, nov. 2018.

PEREIRA, Dayse de Cássia; ROSAL, Anna Silvia Rosal de. IDEAÇÃO SUICÍDA: Manejo na Clínica Psicanalítica. **Revista Leitura Flutuante**, São Paulo, Brasil, ano 20, v. 11, ed. 02, p. 48-84, 15 jan. 2020. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/45320. Acesso em: 12 jul. 2024.

SILVA D. A. da. A autoestima e o comportamento suicida em estudantes universitários: uma revisão da literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 23, p. e422, mai. 2019.

SOUSA, G. S. DE. et al. Revisão de literatura sobre suicídio na infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 9, p. 3099–3110, set. 2017.

17



AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E O AMBIENTE HOSPITALAR: A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DE INSTRUMENTOS EM AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NO ÂMBITO HOSPITALAR

PSYCHOLOGICAL ASSESSMENT AND THE HOSPITAL ENVIRONMENT: THE IMPORTANCE OF USING INSTRUMENTS IN PSYCHOLOGICAL ASSESSMENT IN THE HOSPITAL SETTING

Eliene Gonçalves Pinheiro

Marco Aurélio Fernandes

Pascal
Editora

Resumo

A avaliação psicológica no ambiente hospitalar é fundamental para uma abordagem holística e humanizada dos pacientes. Pesquisas demonstram que essa prática interdisciplinar, conhecida como psicologia médica, melhora resultados de saúde, reduz estresse e ansiedade, e promove uma assistência centrada no paciente. A utilização de instrumentos validados e adaptados ao contexto hospitalar, além da colaboração entre profissionais de saúde, são essenciais para uma avaliação eficaz. Dessa forma, a integração entre saúde mental e física é fortalecida, proporcionando uma assistência integral aos pacientes. A pesquisa destacou a importância da formação contínua para psicólogos hospitalares, garantindo atualização em técnicas e instrumentos de avaliação. Além disso, a comunicação eficaz entre equipes de saúde e pacientes é crucial para uma assistência efetiva. A avaliação psicológica hospitalar é, portanto, uma ferramenta essencial para melhorar a qualidade de vida dos pacientes e otimizar os cuidados de saúde, onde poderá se investigar com mais precisão determinada queixa passada pela equipe multidisciplinar.

Palavras-chave: Avaliação psicológica, Suporte emocional, Psicologia hospitalar.

Abstract

Psychological assessment in the hospital setting is essential for a holistic and humanized approach to patients. Research shows that this interdisciplinary practice, known as medicais psychology, improves health outcomes, reduces stress and anxiety, and promotes patient-centered care. The use of validated instruments adapted to the hospital context, in addition to collaboration between health professionals, are essential for an effective assessment. In this way, the integration between mental and physical health is strengthened, providing comprehensive care to patients. The research highlighted the importance of ongoing training for hospital psychologists, ensuring updates on assessment techniques and instruments. In addition, effective communication between health teams and patients is crucial for effective care. Hospital psychological assessment is, therefore, an essential tool for improving patients' quality of life and optimizing health care, where a specific complaint reported by the multidisciplinary team can be investigated more accurately.

Keywords: Psychological assessment, Emotional support, Hospital psychology.

1. INTRODUÇÃO

A presença do psicólogo no hospital possibilita a expressão de emoções, a comunicação entre o paciente, a família e a equipe de saúde, bem como a demonstração de quanto a psicologia e uma escuta acolhedora podem ajudar a aliviar o sofrimento da pessoa doente e de sua família.

É possível observar que a eficácia dos tratamentos psicológicos realizados se desviava principalmente de uma avaliação criteriosa, pois é por meio dela que o psicólogo toma conhecimento da história de vida, reconhece comportamentos anormais ou patológicos e escolhe focar em determinados vieses de investigação.

Como resultado, a clínica médica tem um papel significativo no contexto da psicologia, isto porque proporciona uma oportunidade de colaboração interdisciplinar, a identificação de comorbidades, o tratamento de questões psicossomáticas, o apoio aos pacientes e a educação ou prevenção. Essa associação entre saúde mental e física é crucial para proporcionar aos pacientes um tratamento abrangente e eficaz.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

O tipo de pesquisa foi realizado uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo, onde serão pesquisados livros, dissertações e artigos científicos selecionados através de busca nas seguintes bases de dados “SciELO”, “google acadêmico” e “biblioteca virtual Anhanguera”. O período dos artigos pesquisados serão os trabalhos publicados nos últimos 10 anos. Os critérios de inclusão serão., desta forma serão utilizados (números) artigos. As palavras-chave utilizadas na busca serão: “Avaliação Psicológica”, “Psicologia Hospitalar” e” Acolhimento” e “apoio psicológico.

2.2 Resultados e Discussão

Por lei, a avaliação psicológica é uma prática que se limita apenas ao profissional psicólogo. Sustenta-se também, que a avaliação seja realizada por profissionais especialistas que tenham a capacidade e domínio para tal, e não por qualquer psicólogo. Entretanto, a reserva de mercado só deve ser garantida se os psicólogos tiverem condições de compreender a dificuldade de um processo avaliativo e se possuírem o conhecimento que lhes deem a possibilidade de saber em qual circunstância deve ser realizada uma avaliação, qual o melhor instrumento a ser utilizado de acordo com cada situação e caso (Noronha; Reppold, 2010). Então é de extrema importância tomar todos os cuidados necessário para utilizar ferramentas.

> Para tanto, é necessário que essa habilidade, prevista nas diretrizes curriculares, seja de fato desenvolvida durante o período de graduação e atualizada por meio de formação continuada. Somente assim os psicólogos poderão sair das universidades em condição de realizar processos avaliativos adequados e de fornecer diagnósticos e prognósticos seguros (leia-se: baseados em evidências empíricas e normas atualizadas) em diferentes campos de atuação. Com isso, os processos éticos referentes às atividades de avaliação deverão diminuir, até

> cessar. Adicionalmente, se as formações forem mais valorizadas ao longo do curso, é possível que mais psicólogos se interessem pela área, minimizando o pré-conceito e aumentando a quantidade de profissionais e recursos na área (Noronha; Reppold, 2010, p. 192-201).

Sob essa mesma visão, os psicólogos devem sempre estar se atualizando diante deste cenário, já que os anos de formação não são suficientes para agregar o conhecimento necessário para todas as suas ações. Continuamente são construídos novos campos de atuação profissional de maneira interdisciplinar em que o psicólogo também colabora com práticas de avaliação. No mais, alguns profissionais da psicologia se fazem presos a um pensamento de que os anos de graduação lhe permitem ter domínios da ciência psicológica, que são diversos (Noronha; Reppold, 2010). Sendo que os estudos estão sempre se atualizando e é importante sempre fazer essa busca por novos caminhos.

Dessa maneira, podemos compreender a necessidade de rever esses dogmas, pois o psicólogo deve se tornar um consumidor mais adentrado na literatura que é ofertada no país ou fora dele. Por outro lado, "é preciso que os órgãos representativos de classe discutam de forma mais fundamentada a criação do título de Especialista em avaliação psicológica, bandeira defendida pelos Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP) e por outras associações da área de Avaliação Psicológica (AP) desde o passado" (Noronha; Reppold, 2010) Todavia, é um instrumento que demanda muita atenção na hora de sua aplicação, também é muito utilizador por psicólogos hospitalares.

Assim que os primeiros psicólogos foram inseridos em hospitais para trabalhar, não havia um modelo a ser seguido, já que eram pioneiros no país e também porque a psicologia como ciência ainda estava ganhando vida em países mais desenvolvidos, sem muita experiencia. Sendo assim, trazer para o hospital as práticas clínicas de consultório clássico para a beira do leito, não se tornou eficaz, pois não supria as necessidades do paciente e da própria equipe. Também era necessário um lugar apropriado e não supria as necessidades para apoio e informação de acordo com o que o paciente internado relatava. Quando se trata de trabalhar com psicologia no ambiente hospitalar, ali não se faz apenas psicologia, mas sim psicologia médica (Gorayeb, 2001), o que significa dizer que: Segundo Gorayeb (2001), a psicologia médica refere-se ao estudo das situações psicológicas que envolvem a saúde do paciente, especialmente no que diz respeito à saúde física. Nesse contexto, os aspectos psicológicos são considerados parte integrante da saúde física e não devem ser separados dela. A abordagem não diminui a relevância da psicologia, mas busca ajustá-la para alcançar maior eficiência.

Dessa maneira, pode-se perceber que a essência do trabalho do psicólogo em uma unidade prestadora de serviços ligados a saúde volta-se para uma assistência que pretende amenizar aspectos físicos e emocionais do paciente e sua família, sendo uma ponte que leva a comunicação e expressão humana por meio da linguagem. O psicólogo é um facilitador do processo, pois encara a prática profissional no contexto hospitalar elaborando as vivencias do paciente, acolhendo e ouvindo o indivíduo de forma humanizada, atribuindo ações pautadas no uso de técnicas e procedimentos sustentados por construtos e metodologias da psicologia (Lazzaretti *et al*., 2007; Mosimann; Lustosa, 2011; Santos; Sebastiani, 2013; Pinto, 2004; Gorayeb, 2001).

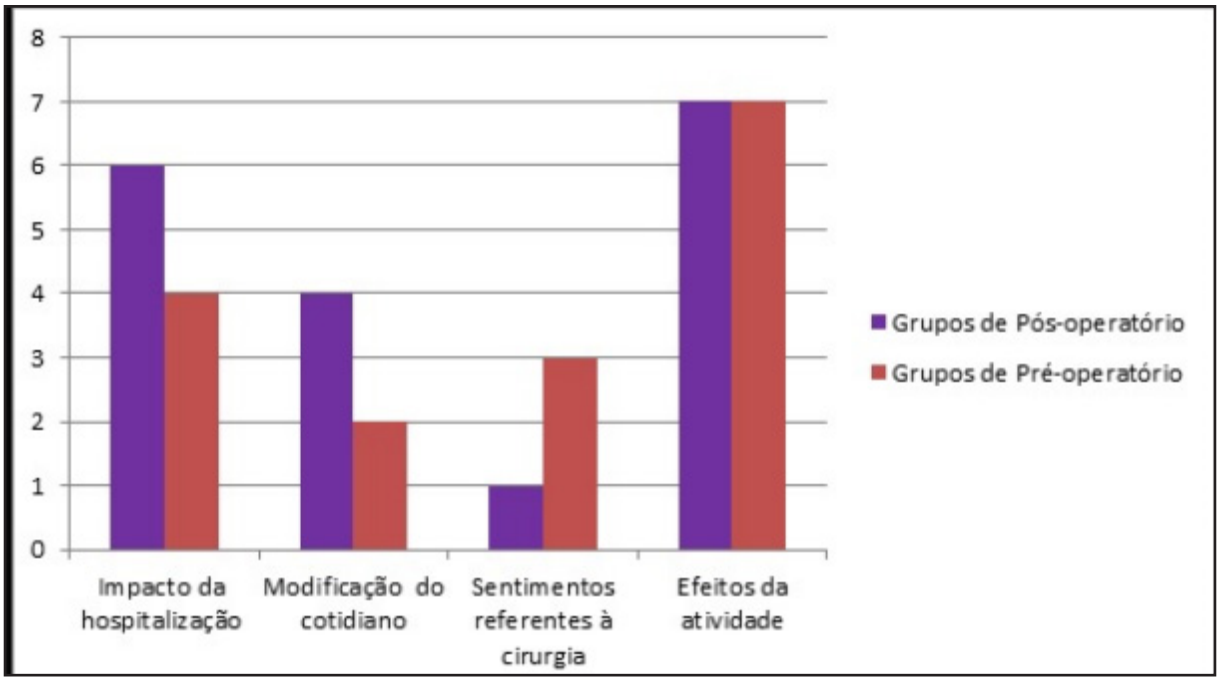
O objetivo da psicologia hospitalar é acolher pacientes de todas as idades, bem como seus familiares, em dores psíquicas decorrentes de doenças, internações e tratamentos, incluindo os aspectos assistenciais, de ensino e de pesquisa. Configurando-se como mais um espaço em que a psicologia pode proporcionar escuta e compreensão, isso justamente no momento da avaliação de valores e há todo um outro associado ao adoecimento (An-

gerami-Camon, 2013; Lazzaretti *et al*., 2007, citado por Neto; Porto, 2017). O diagnóstico e possível tratamento de uma doença podem acarretar questões práticas e financeiras, bem como questões emocionais e não materiais (medo, insegurança e questões interpessoais). De acordo com Liberato e Macieira (2008):

> O modo como cada pessoa enfrenta as circunstâncias advindas neste processo depende de características individuais e da significação do adoecer, relacionado ao momento da vida em que a pessoa se encontra momento em que valores são revistos e há todo um imaginário envolvendo o adoecer (Angerami-Camon, 2013; Lazzaretti *et al*. 2007). O diagnóstico de uma doença e seus possíveis tratamentos pode trazer como consequência tanto problemas práticos e materiais (trabalho e questões financeiras), como emocionais e não materiais (medo, insegurança e problemas interpessoais) (Netto; Porto, 2017, P. 66- 88).

Ressalte-se que a maneira como os indivíduos enfrentam os desafios que surgem nesse processo depende de suas características únicas e do significado da doença, que está interligada com a fase particular da vida que vivenciam atualmente (Liberato; Macieira, 2008).

Figura 1. A importância da avaliação psicológica e a relação entre os grupos de pré-operatório e pós-operatório.



Fonte: Google. Acesso em 17 de outubro de 2024.

É possível perceber a importância da avaliação psicológica e a utilização de testes psicológicos no contexto hospitalar e o quão necessário é a utilização dos mesmos para os profissionais da psicologia. Pois são recursos fundamentais para que se tenha excelência nos atendimentos frente a diferentes demandas dos usuários deste âmbito. Em última análise, a avaliação psicológica nos hospitais é crucial para responder às necessidades emocionais dos pacientes, o que promove uma abordagem holística dos cuidados de saúde.

3. CONCLUSÃO

A avaliação psicológica, como prática exclusiva dos psicólogos, revela-se uma atividade de extrema importância para o exercício da profissão e para a promoção de um atendimento de qualidade, especialmente no contexto hospitalar. A formação do psicólogo deve ser contínua, com capacitações que vão além da graduação, permitindo o domínio de técnicas adequadas e a utilização de instrumentos apropriados para cada situação. Essa formação especializada, somada ao compromisso ético, é essencial para garantir a efetividade dos processos avaliativos e minimizar possíveis equívocos.

Além disso, o trabalho do psicólogo no contexto hospitalar é particularmente desafiador, pois ele deve integrar aspectos emocionais e físicos da saúde do paciente. A psicologia hospitalar, conforme destacado por Gorayeb (2001), exige uma adaptação das práticas tradicionais da psicologia clínica, sendo necessário abordar o paciente de forma mais ampla, considerando o impacto psicológico da doença no seu bem-estar geral. Isso torna o psicólogo uma figura fundamental na promoção de uma abordagem holística, que vai além do tratamento físico, auxiliando na gestão das emoções do paciente e de sua família, muitas vezes diante de situações de adoecimento ou internação.

Nesse sentido, o papel da avaliação psicológica torna-se ainda mais relevante, pois ela não apenas colabora para o diagnóstico de condições emocionais e psíquicas, mas também contribui para uma intervenção mais eficaz. Como ressaltado, o processo de adoecimento pode trazer diversas questões emocionais e práticas que afetam a forma como o indivíduo lida com a situação. A compreensão dessas particularidades por parte do psicólogo permite que o paciente receba um atendimento humanizado, favorecendo seu enfrentamento diante dos desafios impostos pela doença.

Por fim, pode-se concluir que a avaliação psicológica é um recurso fundamental no contexto hospitalar, pois possibilita uma compreensão mais profunda das necessidades emocionais dos pacientes. Sua aplicação eficaz exige uma formação contínua e especializada dos psicólogos, garantindo um atendimento de excelência que contribui significativamente para o bem-estar dos pacientes e para a efetividade dos tratamentos hospitalares.

Referências

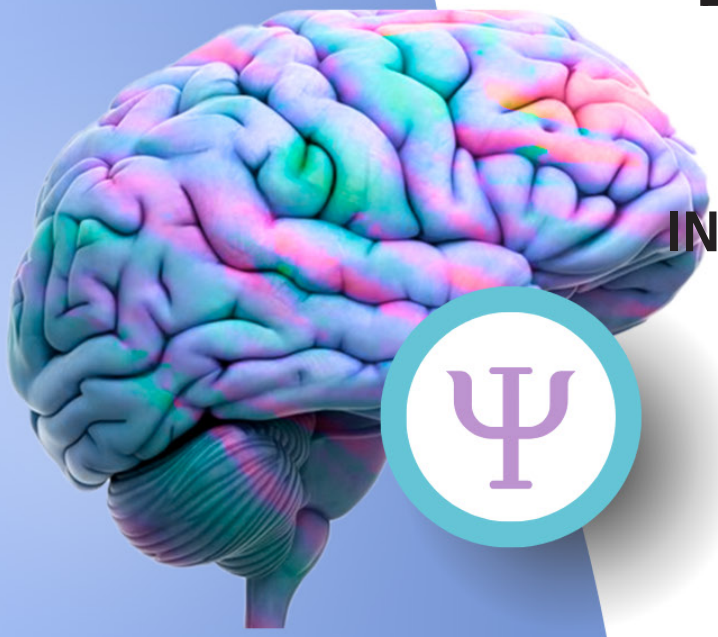
GORAYEB, Ricardo. **A prática da psicologia hospitalar.** Psicologia clínica e da saúde, p. 263-278, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ricardo- Gorayeb/publication/242745738_A_prática_da_psicologia_hospitalar/links/54edd 8410cf25238f9391a26/A-pratica-da-psicologia-hospitalar.pdf. acesso em: 21 mar. 2024

LIBERATO, R. P., & MACIEIRA, R. C. **Espiritualidade no enfrentamento do câncer.** In V. Carvalho, M. H. P. Franco, M. J. Kovács, R. P. Liberato, R. C. Macieira, M. T. Veit, M. J. B. Gomes & L. H. C. Barros (Orgs.), Temas em psico-oncologia, p. 414-431. São Paulo: Summus, 2008.

NETO, Armante Campos Guimarães; PORTO, Joana D.'arc Silvério. **Utilização de instrumentos de avaliação psicológica no contexto hospitalar:** uma análise da produção brasileira. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, v. 20, n. 2, p. 66-88, 2017. Disponível em: https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/254/249. acesso em: 24 mar. 2024.

NORONHA, A. P. P.; REPPOLD, C. T. **Considerações sobre a avaliação Psicológica no Brasil.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 30, n. spe, p. 192– 201, dez. 2010. disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/xP9Jv6j9x-3TfskxgcXm4XqH/?format=html&lang=pt. acesso em: 03 mai. 2024.

18



PSICÓLOGO HOSPITALAR E EQUIPE MULTIPROFISSIONAL: A ATUAÇÃO PRÁTICA DA EQUIPE E O SUPORTE OFERTADO AOS FAMILIARES DE PACIENTES INTERNADOS EM ESTADO GRAVE

HOSPITAL PSYCHOLOGIST AND MULTIDISCIPLINARY TEAM: THE PRACTICAL PERFORMANCE OF THE TEAM AND SUPPORT OFFERED TO RELATIVES OF PATIENTS HOSPITALIZED IN A SERIOUS CONDITION

Thaímelly Pavão Silva

Pascal
Editora

Resumo

O presente artigo tem como objetivo elaborar e elucidar pesquisas feitas acerca do tema sobre o psicólogo no hospital frente as equipes multiprofissionais e o suporte que é oferecido aos familiares de pacientes internados, sobretudo os que apresentam estados graves. O ambiente hospitalar é cheio de nuances próprias que rodam os profissionais e os pacientes que se fazem presente, podendo ser um espaço de estranheza para muitas pessoas. Por isso é necessário que se tenha a maior atenção possível voltado aos pacientes, tendo em vista os efeitos que uma hospitalização pode causar. Dessa forma, as equipes multiprofissionais são de extrema relevância nesse processo, não só no de recuperação, mas na ambientação das pessoas dentro do mesmo. O profissional de psicologia, mesmo com sua recente história no hospital e na saúde, é o responsável por mediar algumas questões, principalmente no que diz respeito a relação paciente, família e equipe hospitalar, tendo um papel considerável em alguns conflitos e resoluções. Por conseguinte, este trabalho se valeu de diversas referências para explorar o tema de forma mais ampla possível, tendo em vista o vasto material encontrado.

Palavras-chave: Psicologia hospitalar; Equipe multiprofissional; Família; Pacientes graves; Hospital.

Abstract

This article aims to elaborate and elucidate research carried out on the theme about the psychologist in the hospital in front of multidisciplinary teams and support which is offered to family members of hospitalized patients, especially those with serious conditions. The hospital environment is full of its own nuances that rotate the professionals and patients who are present, and can be a space for strange to many people. Therefore, it is necessary to pay the greatest attention possible aimed at patients, taking into account the effects that hospitalization can cause. Therefore, multidisciplinary teams are extremely important in this process, not only in recovery, but in the ambiance of people within the same. The psychology professional, even with his recent history in the hospital and in health, is responsible for mediating some issues, especially with regard to respect for the patient, family and hospital team relationship, playing a considerable role in some conflicts and resolutions. Therefore, this work made use of several references to explore the topic as broadly as possible, given the vast material found.

Keywords: Hospital psychology; Multidisciplinary team; Family; Patients serious; Hospital.

1. INTRODUÇÃO

O hospital é, possivelmente, o local mais propicio aos processos de recuperação da saúde, pois é dotado de múltiplos simbolismos culturais onde a condição da saúde pode gerar diversos tipos de reações, entre elas as de angústia, medo e insegurança. Um olhar absoluto para as dinâmicas deste processo se faz necessário na busca pelo cuidado integral, tanto ao sujeito assistido quanto aos seus familiares, haja vista que o ambiente hospitalar acaba por abranger essas pessoas. Desse modo a atuação do psicólogo juntamente com a equipe multiprofissional se tornam extremamente importantes, pois se percebe a família como uma parte do paciente e o seu cuidado como uma ajuda no seu processo de recuperação.

A psicologia hospitalar tem construído sua história, passo a passo, considerando que há menos de duas décadas, a atuação do psicólogo em instituições hospitalares não estava nem regulamentada como uma ampla e necessária ação psicológica, desse modo as políticas públicas de saúde fazem parte de um campo de atuação fundamental para toda a equipe naquele ambiente inserido. No âmbito do Sistema Único de Saúde, o psicólogo exerce papel importante na defesa dos princípios do sistema, bem como na atenção, recuperação e promoção da saúde.

O suporte emocional oferecido contribui para uma melhor adesão ao tratamento por parte dos pacientes, influenciando positivamente em sua recuperação física. Para os familiares, esse suporte pode proporcionar um espaço para compreender e lidar com as emoções decorrentes da situação, ajudando a fortalecer os laços familiares e a enfrentar o processo de hospitalização de forma mais equilibrada, promovendo uma abordagem mais integral e acolhedora para todos os envolvidos.

É importante destacar a necessidade de compreender e valorizar a saúde mental no contexto hospitalar. A presença do psicólogo e da equipe multiprofissional se faz crucial para prestar suporte emocional, psicológico e social aos pacientes em estado grave e aos seus familiares, que enfrentam situações de grande estresse e sofrimento, que muitas vezes se vê diante de situações desconhecidas e emocionalmente intensas. Explorar esse tema é contribuir para a disseminação de conhecimento e conscientização sobre a importância de incluir a família como parte ativa do cuidado hospitalar.

Dessa forma, deve se atentar que uma equipe humanizada, além de abranger a dimensão física, estende o seu olhar para as dimensões psicológicas e sociais, fazendo com que esse paciente e essa família que o acompanha possam ser cuidados de forma integral, buscando a minimização do sofrimento provocado pela hospitalização, resultando em uma melhora na capacidade de enfretamento da situação, na redução do estresse e na promoção de um ambiente mais acolhedor e favorável ao processo de recuperação do paciente.

Por conseguinte, a atenção à família tem como objetivo atividades de prevenção e promoção a saúde, fornecendo informações sobre cuidados específicos, orientações sobre medidas preventivas, e estratégias para apoiar a recuperação, por isso o psicólogo e a equipe multiprofissional se fazem tão importante neste momento, principalmente quando se trata de pacientes em estado grave.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É importante ressaltar que a psicologia hospitalar é uma área relativamente recente no Brasil e a forma como o seu trabalho é desenvolvido tem uma certa distância entre o cenário ideal e a prática diária (Gorayeb, 2015), sobretudo na saúde pública brasileira, mas em contrapartida existem programas que tentam ampliar essa realidade, um deles é a extensão do trabalho do psicólogo não se atendo somente ao paciente mas a sua rede de suporte familiar e a enxergando como parte fundamental do estrutura de melhoramento da prestação de serviço (Vieira; Waischunng, 2018).

Marcon, Luna e Lisboa (2004, p. 29) dizem que "observa-se que, desde a década de 1960, a atuação do psicólogo na saúde pública brasileira esteve ligada à área da saúde mental, principalmente junto aos hospitais psiquiátricos, sendo o enfoque clínico o modelo de atuação priorizado". Ou seja, o trabalho do psicólogo nas instituições hospitalares esteve primeiro ligado estritamente a saúde mental, fazendo com que o trabalho desse profissional fosse limitado e tivesse um foco muito específico, ainda longe do que se percebe atualmente.

A Psicologia Hospitalar está para além da área clínica, tendo em vista que ela engloba áreas como a social, a organizacional e a educacional, podendo se utilizar de recursos técnicos, metodológicos e teóricos, pois o ambiente hospitalar se mostra muito amplo e bastante diversificado. A Psicologia Hospitalar compromete-se com a qualidade de vida dos usuários, assim como dos profissionais da saúde (pois são tão importantes quanto os usuários). Dessa forma, a psicologia hospitalar está além de um atendimento clínico, por mais que seja uma de suas vertentes mais conhecidas. O pressuposto do psicólogo hospitalar é a visão biopsicossocial do sujeito, tendo este direito inalienável à dignidade e respeito (Fongaro; Sebastiani, 1996).

A presença do psicólogo na área da saúde tem sido tradicionalmente focada em atendimentos particulares, no entanto, é visível a atuação desse profissional nos hospitais do Brasil desde os anos 50. Além disso, houve um aumento significativo da presença dos psicólogos na saúde mental e na atenção básica com a criação do Sistema Único de Saúde – SUS (Marcon; Luna; Lisbôa 2004). Vale destacar que este foi um marco importante para o psicólogo na saúde, pois com a fundação do SUS e seus diversos braços, conseguimos ganhar mais espaço e adentrar lugares importantes.

Com a implementação do SUS, a saúde passou a ser vista como um reflexo da organização social e econômica do país, garantindo o acesso à saúde como um direito fundamental dos cidadãos, levando em consideração o bem-estar físico, mental e social de todos (Lei nº 8080, 1990). Um dos princípios fundamentais do SUS é o da integralidade, que engloba atendimentos em diversas áreas para os usuários, ressaltando a importância de considerar a pessoa de forma integral, levando em conta os aspectos físicos, mentais e sociais (Carnut, 2017). Ao reconhecer a subjetividade e o sofrimento emocional, que muitas vezes estão associados a doenças físicas, justifica-se a presença do psicólogo nos hospitais (Conselho Federal de Psicologia, 2019).

No ambiente hospitalar, a colaboração em equipe de profissionais de diversas áreas tem se destacado com o avanço do modelo de saúde biopsicossocial, no qual o psicólogo agora trabalha em conjunto com outros profissionais, aspirando uma visão global do sujeito e colaborando para que sua recuperação seja mais plena possível, dentro dos limites de sua atuação. A área da Psicologia Hospitalar visa abordar questões relacionadas à qualidade de vida dos pacientes e dos profissionais de saúde, indo além do atendimento clínico, embora este seja uma prática comum dos psicólogos hospitalares (Moreira; Martins; Castro, 2012).

A abordagem adotada pelo psicólogo no ambiente hospitalar mostra uma visão integral do indivíduo, não fragmentada, considerando-o como um ser completo, composto por aspectos biológicos, psicológicos, sociais e espirituais, com direito à dignidade e respeito. A humanização no contexto hospitalar significa resgatar a dignidade do ser humano e garantir o respeito aos seus direitos (Carvalho, 2008). Portanto, humanizar é implementar uma abordagem baseada em relações interpessoais, que promova um ambiente de acolhimento e cuidado, pretendendo levar um bem-estar possível para estes momentos.

A abordagem integral do indivíduo no hospital escancara justamente o trabalho da equipe multiprofissional, pois quando se trata esse sujeito através de sua totalidade o colocamos no lugar de alguém que tem direitos e que necessita dessa atenção geral para que possa se recuperar da melhor forma possível. É justamente essa perspectiva que se adota dentro das instituições de saúde (Marcon; Luna; Lisbôa 2004).

O papel do psicólogo hospitalar parte da tríade paciente, equipe e família. Portanto orientar, instruir, dar suporte nos 3 contextos é fundamental para que o trabalho seja desenvolvido da melhor forma, ou seja, o psicólogo se permite flutuar entre os respectivos nichos na intenção de humanizar os processos, e o contexto de internação em casos graves naturalmente expõe essa necessidade (Vieira; Waischunng, 2018).

O hospital com enfoque humanizado não se limita apenas ao aspecto físico, mas também se preocupa com os aspectos psicológicos e sociais. Nesse sentido, a psicologia passou a ser integrada ao ambiente hospitalar, desempenhando um papel fundamental na humanização, pois proporciona recursos e técnicas que favorecem as interações interpessoais. Ao facilitar a adaptação e a identificação da tríade pacientefamília-equipe, além de compreender as questões emocionais relacionadas a doença e à hospitalização, contribui significativamente para a recuperação do paciente (Moreira; Martins; Castro, 2012).

> O hospital desmobiliza a segurança e a tranquilidade do consultório tradicional, levando o profissional a realizar seus atendimentos entre macas no pronto-socorro ou no centro cirúrgico, ao lado dos leitos dos pacientes nas enfermarias, muitas vezes conjuntamente com procedimentos terapêuticos e rotinas hospitalares (Chiattone, 2006, p.113).

Para além de ouvir o sofrimento do paciente, é importante considerar todos os aspectos dos laços de amizade e familiares, com o intuito de ter uma compreensão mais abrangente da doença que ele enfrenta. A ajuda psicológica no ambiente hospitalar também deve se preocupar com os familiares e os profissionais de saúde. De acordo com Pinheiro (2005, p. 33), “tanto a família quanto a equipe podem se beneficiar da psicologia diante dos desafios enfrentados no processo de recuperação ou diante da possibilidade de perda ou morte”.

No ambiente hospitalar, os sentimentos de vida e morte, cura e sofrimento, qualidade de vida plena e limitada, alegria e tristeza são vivenciados de forma ambivalente. Isso expõe tanto o paciente quanto a família ao sofrimento, colocando em uma posição de vulnerabilidade. O paciente se afasta de sua rotina habitual e do convívio social, o que pode prejudicar sua recuperação. Enquanto toda a equipe de saúde está lá para ouvir as preocupações do paciente, é o psicólogo que se dedica especialmente a essa escuta, se preocupando não apenas com a parte física. Para Angerami-Camon (1996), a Psicologia Hospitalar é essencial para trazer esperança e humanidade ao enfrentar a dor, tanto para o paciente quanto para sua família e os profissionais envolvidos. Portanto, a Psicologia Hospitalar se torna parte integrante do tratamento oferecido, ocupando um lugar de destaque na instituição hospitalar.

A família que acompanha o paciente internado muitas vezes compartilha da mesma angústia e busca informações sobre a doença. É de extrema importância que a família seja incluída e informada sobre o progresso do tratamento. De acordo com Campos (1995), o médico deve comunicar ao paciente e seus familiares a real condição e é responsabilidade do psicólogo lidar com os aspectos emocionais que surgem, os desejos, os receios, as incertezas, além de apoiar os familiares. A autora ainda ressalta que no ambiente hospitalar, o suporte psicológico é essencial para acalmar o estado emocional tanto do paciente quanto dos familiares, analisar como a doença afeta a estrutura psicológica, como a família e o paciente interpretam as fantasias criadas e como estão lidando com a situação. De toda forma a família se faz importante no andamento da recuperação do paciente.

> [...] podem garantir ao paciente a integridade da sua subjetividade, que muitas vezes fica diluída no ambiente profissional e impessoal do hospital, auxiliando-o a fortalecer-se internamente, suportando o afastamento do mundo externo e lidando com situações aversivas e difíceis, como procedimentos, exames e cirurgias (Oliveira; Sommermam, 2008, p.124).

O psicólogo que atua em ambientes hospitalares deve estar preparado para lidar não apenas com os pacientes, mas também com suas famílias, a fim de minimizar o impacto emocional decorrente da hospitalização. É fundamental que o profissional busque proporcionar conforto emocional a todos os envolvidos, considerando uma abordagem interdisciplinar (Saldanha; Rosa; Cruz, 2013).

Um dos papéis mais importantes do psicólogo hospitalar frente as famílias é justamente gerar um espaço seguro e de confiança, onde estes possam externalizar suas dores e elaborar uma perda, expressar uma raiva, uma tristeza ou algo do tipo, esforçando-se para que estes sujeitos possam colocar em palavras aquilo que possam estar sentindo, podendo trazer um alívio momentâneo e uma espécie de descarrego emocional, visando deixar as pessoas mais aliviadas (Ferreira; Mendes, 2013).

De acordo com Campos (1995, p.97), o psicólogo precisa necessariamente estar atento a "[...] buscar a conscientização de todos os profissionais para o trabalho multiprofissional". Ajudando cada profissional a ter claras suas funções, definindo seus objetivos, facilitando a comunicação entre membros da equipe, sendo muitas vezes, o interlocutor entre os membros da equipe e os pacientes e familiares. O psicólogo buscará alertar os profissionais para a necessidade do conhecimento das atividades dos outros membros da equipe, trocando informações e buscando atender o mais completamente possível o paciente.

No que diz respeito a equipe profissional o psicólogo hospitalar se faz importante também na ressignificação de um óbito, pois se não estiver bem trabalhado a temática da finitude da vida, pode gerar a sensação de fracasso dos profissionais envolvidos (Gorayeb, 2015), fazendo com que esse trabalho tenha que ser feito diariamente, tendo em vista que o hospital acaba por ser um ambiente muito imprevisível e irregular, pois quando se trata da vida de pessoas que estão diariamente em risco deve-se estar "pronto" para basicamente tudo, ou pelo menos em alerta.

O psicólogo que atua em ambiente hospitalar tem como papel promover a expressão das emoções por parte dos profissionais da equipe frente à situação de internação do paciente. No ambiente hospitalar, é essencial que o profissional esteja focado em cuidar não só do paciente, mas também de sua família e da equipe, facilitando a compreensão e o tratamento dos fatores psicológicos envolvidos. Além disso, contribui para humanizar o ambiente hospitalar ao enxergar o paciente de forma integral, considerando sua totalidade biopsicossocial (Saldanha; Rosa; Cruz, 2013).

Dessa forma, percebemos o quanto o papel do psicólogo no hospital é de suma importância para o desenvolvimento de atividades que possam integrar as equipes e a família, tendo em vista a situação de cada paciente e as delicadezas que rodam o fazer no hospital. Por isso, devemos buscar cada vez mais a valorização e presença desses profissionais, pela sua importância global nos processos psíquicos.

4. CONCLUSÃO

Percebemos que a dinâmica do psicólogo hospitalar nesse contexto de internação grave, muitas vezes é restrita, seja pelo contingente desnivelado frente às demandas em pauta, seja pelo planejamento das instituições de saúde que focam apenas no paciente e não conseguem abarcar o seu entorno, seja ele a família/amigos na condição de acompanhante ou até mesmo a própria equipe da casa, fazendo com que o psicólogo necessite de um desdobramento grande no que diz respeito a sua atuação.

É necessário promover uma reflexão, e por conseguinte repaginar certas práticas ofertadas, a fim de que a assistência seja prestada da melhor forma para toda a tríade envolvida na prestação (paciente, acompanhantes e equipe), haja vista que o ambiente hospitalar já traz complicações que afetam bastante os profissionais, os pacientes e as famílias, principalmente quando se trata de sujeitos em internação grave.

A humanização da prática de cuidados se faz necessária principalmente quando tratamos em estado de internação com agravantes, cuidado paliativos ou até mesmo a finitude da vida, pois esses são momentos delicados da vida do ser humano, e um trabalho mal feito pode agravar bastante o que já é um problema instalado. Por isso uma boa relação da equipe multiprofissional é de suma importância para o desenvolvimento de um bom atendimento, uma boa recuperação e uma boa morte quando for o caso.

O psicoeducar, confortar, orientar a dar vazão às emoções em ponto de ebulição em um momento de grande vulnerabilidade é uma prática institucional que precisa ser melhor enfatizada na questão qualitativa em seu modus operandi, e o psicólogo hospitalar é peça central dessa engrenagem, pois ao lidarmos com vidas precisamos seguir a liturgia e até o pragmatismo que a situação pede, porém sem abrir mão do ser humano, demasiadamente humano.

Referências

ANGERAMI-CAMON, V. (Org.). **E a psicologia entrou no hospital**. São Paulo: Pioneira, 1996.

CAMPOS, T. C. (1995). **Psicologia hospitalar: a atuação em hospitais**. (2ª ed.). São Paulo: EPU.

CARNUT, L. **Cuidado, integralidade e atenção primária**: articulação essencial para refletir sobre o setor saúde no Brasil. Saúde debate | Rio de Janeiro, v. 41, n. 115, p. 1177-1186, out-dez 2017.

CARVALHO, K. B. (2008). **A atuação do psicólogo no suporte ao paciente, família e equipe multiprofissional no processo da humanização hospitalar**. Psicópio: Revista Virtual de Psicologia Hospitalar e da Saúde, 4, 14-22.

CHIATTONE, H. B. (2006). **A significação da psicologia no contexto hospitalar**. In V.A. Camom (Ed.). Psicologia da saúde: um novo significado para a prática clínica (pp. 73-167). São Paulo: Thomson.

Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 out. 1988. _____. **Lei n.º 8080**, de 19 de setembro de 1990.

FERREIRA, P. D. MENDES, T. N. (2013). **Família em UTI**: importância do suporte Psicológico diante da iminência de morte. Revista SBPH, 16(1), 88-112. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516- 08582013000100006&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 01 OUT, 2024.

FONGARO, M. L. SEBASTIANI, R. W. (1996). Roteiro de avaliação psicológica aplicada ao hospital geral. In: ANGERAMI-CAMON, Valdemar (Org.). **E a psicologia entrou no hospital**. São Paulo: Pioneira.

MARCON. C. LUNA, I. J. LISBÔA, M. L. **O Psicólogo nas Instituições Hospitalares**: Características e Desafios. Psicologia ciência e profissão, 2004, 24 (1), 28-35.

MELO. C. B. **História da psicologia e a inserção do psicólogo no hospital**. Psicologia, saúde e hospital: Contribuições para a prática profissional, p. 19-32, 2015.

MOREIRA, E. K. C. B. MARTINS, T. M. CASTRO, M. M. **Representação social da Psicologia Hospitalar para familiares de pacientes hospitalizados em Unidade de Terapia Intensiva**. Rev. SBPH vol.15 no.1, Rio de Janeiro - Jan/jun. – 2012.

PINHEIRO, L. M. H. **A importância da psicologia para a humanização hospitalar**. Psicópio: Revista Virtual de Psicologia Hospitalar e da Saúde. Belo Horizonte, JanJun 2005, Ano 1, Vol. 1, n.1.

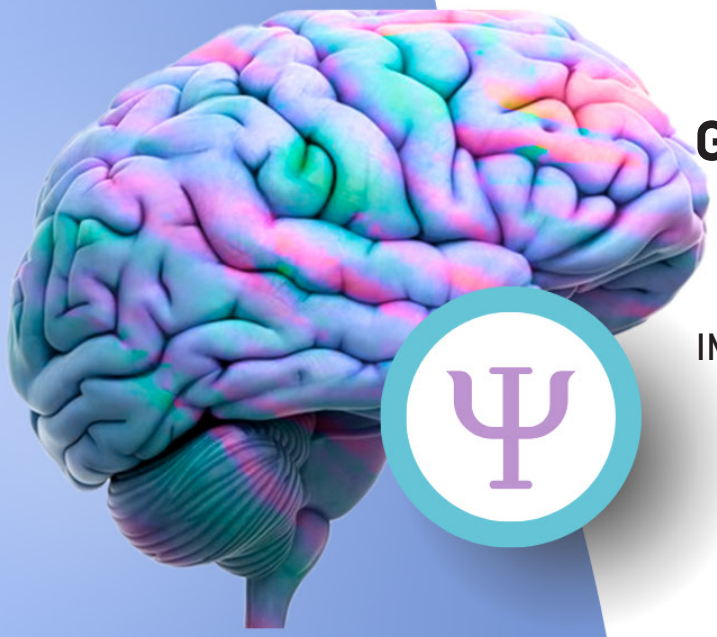
Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) nos serviços hospitalares do SUS / **Conselho Federal de Psicologia**, Conselhos Regionais de Psicologia e Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. —— 1. ed. —— Brasília: CFP, 2019.

SALDANHA, S. V. ROSA, A. B. CRUZ, L. R. **O Psicólogo Clínico e a equipe multidisciplinar no Hospital Santa Cruz**. Rev. SBPH vol.16 no.1, Rio de Janeiro – Jan./Jun. – 2013.

OLIVEIRA, B. S. SOMMERMEM, R. D. G. **A família hospitalizada**. In: Belkiss, W. Romano (Org.). Manual de Psicologia Clínica para Hospitais. 1° ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

VIEIRA, A. G. WAISCHUNNG, C. D. **A atuação do psicólogo hospitalar em Unidades de Terapia Intensiva**: a atenção prestada ao paciente, familiares e equipe, uma revisão da literatura. Rev. SBPH vol. 21 no. 1, Rio de Janeiro – Jan./Jun. – 2018.

19



IMPACTO DA ANSIEDADE GENERALIZADA NA QUALIDADE DE VIDA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

IMPACT OF GENERALIZED ANXIETY ON QUALITY OF LIFE: A LITERATURE REVIEW

Fabiana Costa Amancio

Pascal
Editora

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar o impacto da ansiedade generalizada na qualidade de vida, por meio de uma revisão da literatura. A ansiedade generalizada é um transtorno psicológico caracterizado por preocupação excessiva e persistente, que afeta diversas áreas da vida. A pesquisa baseou-se na seleção e análise de estudos publicados nos últimos dez anos, com foco em entender como os sintomas da ansiedade interferem no bem-estar físico, emocional e social dos indivíduos. A metodologia adotada consistiu na revisão sistemática de artigos científicos encontrados em bases de dados como Scielo, PubMed e Google Scholar. Os principais resultados indicam que a ansiedade generalizada prejudica significativamente a qualidade de vida, gerando dificuldades no desempenho profissional, relacionamentos interpessoais e no autocuidado, além de contribuir para o surgimento de outras comorbidades, como depressão e distúrbios do sono. A revisão conclui que a ansiedade generalizada apresenta um impacto profundo e multifacetado, exigindo intervenções terapêuticas integradas para melhorar o bem-estar dos indivíduos afetados. O estudo reforça a importância de estratégias de tratamento que abordem não apenas os sintomas psicológicos, mas também as dimensões sociais e físicas da vida dos pacientes.

Palavras-chave: Ansiedade generalizada. Qualidade de vida. Revisão da literatura, Transtornos psicológicos. Comorbidades.

Abstract

This study aims to analyze the impact of generalized anxiety on quality of life through a literature review. Generalized anxiety is a psychological disorder characterized by excessive and persistent worry that affects several areas of life. The research was based on the selection and analysis of studies published in the last ten years, focusing on understanding how anxiety symptoms interfere with the physical, emotional and social well-being of individuals. The methodology adopted consisted of a systematic review of scientific articles found in databases such as Scielo, PubMed and Google Scholar. The main results indicate that generalized anxiety significantly impairs quality of life, generating difficulties in professional performance, interpersonal relationships and self-care, in addition to contributing to the emergence of other comorbidities, such as depression and sleep disorders. The review concludes that generalized anxiety has a profound and multifaceted impact, requiring integrated therapeutic interventions to improve the well-being of affected individuals. The study reinforces the importance of treatment strategies that address not only psychological symptoms, but also the social and physical dimensions of patients' lives.

Keywords: Generalized anxiety. Quality of life. Literature review, Psychological disorders. Comorbidities.

1. INTRODUÇÃO

A ansiedade é uma emoção natural que ocorre em situações em que o indivíduo não está acostumado, como apresentações em público, avaliações ou entrevistas de emprego. Nessas circunstâncias, é comum sentir-se ansioso, pois são momentos que exigem respostas rápidas e específicas. No entanto, a ansiedade torna-se patológica quando prejudica o desempenho do indivíduo, afetando sua qualidade de vida e equilíbrio emocional, e, em alguns casos, levando-o a evitar essas situações devido ao desconforto extremo que elas geram (CASTILLO *et al*., 2000).

Os transtornos de ansiedade são considerados distúrbios psicológicos que resultam em grande sofrimento, desconforto e comprometimento funcional. Uma crise de ansiedade atua como um estado de alerta, caracterizada por um conjunto de sensações difusas e desagradáveis, acompanhadas de uma expectativa apreensiva, podendo incluir diversos sintomas físicos (NARDI; FONTENELLE, 2012).

A prevalência dessa patologia tem crescido significativamente ao longo do último século, em parte devido às rápidas transformações sociais, culturais e econômicas. Essas mudanças têm exigido que as pessoas se adaptem a um ritmo de vida mais acelerado, o que fez com que o século XXI fosse rotulado como a “era da ansiedade”. Nesse contexto, o conhecimento aprofundado sobre os transtornos de ansiedade nos âmbitos científico e clínico é essencial para o manejo adequado de seus sintomas, que incluem taquicardia, tontura, náuseas, cefaleia, tensão muscular, entre outros (CASTILLO *et al*., 2000).

Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017), cerca de 264 milhões de pessoas em todo o mundo sofrem de transtornos de ansiedade, e entre 2005 e 2015 houve um aumento de 14,9% nos casos, impulsionado pelo crescimento populacional e o envelhecimento. A prevalência é maior em mulheres (4,6%) do que em homens (2,6%), sendo o Brasil o país com a maior incidência desses transtornos.

Andrade *et al.* (2019) apontam que o aumento da ansiedade na população mundial está relacionado às pressões sociais e econômicas, que exigem resultados cada vez mais competitivos, o que, por sua vez, intensifica a autocrítica, leva ao adoecimento mental e agrava as crises de ansiedade.

A sensação de desconforto e o medo iminente ocorrem frequentemente em situações onde o indivíduo é avaliado com base em seu desempenho, especialmente em contextos que exigem algum tipo de julgamento específico. A ansiedade torna-se patológica quando esses sinais e sintomas persistem por mais de seis meses. Esse quadro pode afetar o bem-estar social, levando o indivíduo a se isolar para evitar possíveis constrangimentos. Se não for devidamente tratada, a ansiedade pode evoluir para outros transtornos psicológicos, como a depressão (RUA; SANTOS, 2017).

A ansiedade tem afetado um número crescente de pessoas de todas as idades, incluindo crianças, adolescentes e adultos, sendo causada por fatores psicológicos, fisiológicos e comportamentais. Há uma prevalência maior em mulheres, com o pico de incidência ocorrendo na meia-idade. Caracteriza-se por preocupação excessiva, tensão, apreensão e medo de situações futuras, sejam elas reais ou distorcidas pela percepção do indivíduo.

De acordo com a American Psychological Association (APA, 2014), no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), existem 11 tipos de transtornos de ansiedade, sendo o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) o foco deste estudo. A escolha dessa categoria como objeto de análise se baseia nos impactos negativos que o

TAG provoca nas pessoas que convivem com essa condição, afetando significativamente suas vidas. Esse transtorno causa improdutividade e incapacidade, já que os indivíduos gastam mais energia lidando com os sintomas do que sendo eficientes em suas atividades diárias, o que resulta em uma perda de performance considerável. Segundo o DSM-5, essa condição contribui para cerca de 110 milhões de dias de incapacidade por ano nos Estados Unidos.

O TAG é uma condição crônica, caracterizada por preocupações excessivas e constantes que prejudicam o funcionamento psicossocial do indivíduo. Os sintomas são intensos e angustiantes, ocorrendo na maioria dos dias e persistindo por um período de pelo menos seis meses (APA, 2014).

A ansiedade é uma reação emocional natural que surge diante de situações que exigem desempenho, como apresentações, avaliações ou entrevistas de emprego. Em certos contextos, ela pode atuar como um estímulo para que o indivíduo responda adequadamente às demandas do ambiente. No entanto, essa emoção se torna patológica quando passa a interferir de maneira significativa nas atividades cotidianas, causando desconforto constante e afetando negativamente a qualidade de vida. A ansiedade generalizada, foco deste estudo, é uma condição que impacta tanto o bem-estar emocional quanto a capacidade funcional dos indivíduos, comprometendo o desempenho em diferentes esferas da vida.

A escolha do Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) como objeto de estudo justifica-se pela sua alta prevalência e impacto crescente nas sociedades contemporâneas. O TAG é caracterizado por uma preocupação excessiva e persistente, que se estende por períodos prolongados e afeta tanto a esfera pessoal quanto profissional dos indivíduos. Além disso, esse transtorno pode levar ao desenvolvimento de outros problemas psicológicos, como a depressão, e comprometer gravemente a produtividade, o que reflete em altos índices de incapacidade funcional. Com base nesses aspectos, torna-se relevante investigar as implicações desse transtorno, considerando o crescente número de casos registrados mundialmente.

O problema de pesquisa deste estudo busca entender como a ansiedade generalizada afeta a qualidade de vida dos indivíduos que convivem com essa condição, identificando os principais fatores que contribuem para esse comprometimento. A pesquisa também pretende explorar as possíveis consequências desse transtorno, incluindo o surgimento de comorbidades, e os desafios enfrentados no tratamento eficaz do TAG.

O objetivo geral deste artigo é analisar os impactos do Transtorno de Ansiedade Generalizada na qualidade de vida, com base em uma revisão da literatura científica disponível sobre o tema. Para isso, os objetivos específicos são: identificar os principais sintomas associados ao TAG; verificar as consequências desse transtorno na vida social e profissional dos indivíduos; e discutir as abordagens terapêuticas utilizadas para o tratamento dessa patologia.

Portanto, este estudo busca contribuir para a compreensão do TAG e seus efeitos na vida das pessoas, fornecendo uma base teórica que possa auxiliar tanto no diagnóstico quanto no tratamento desse transtorno. Ao discutir as implicações da ansiedade generalizada, espera-se oferecer uma reflexão sobre a importância de intervenções terapêuticas que considerem tanto os aspectos emocionais quanto sociais e funcionais dos indivíduos afetados.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

A metodologia deste estudo foi baseada em uma revisão bibliográfica, de natureza qualitativa e descritiva, com o objetivo de analisar o impacto do Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) na qualidade de vida. A revisão bibliográfica é adequada para este trabalho por permitir a síntese e análise de estudos já existentes sobre o tema, sem a realização de experimentos ou coleta de dados primários. O foco foi na identificação e organização de informações relevantes para compreender o fenômeno investigado, através de uma ampla consulta a artigos científicos e publicações especializadas.

A pesquisa abrangeu publicações realizadas nos últimos dez anos, compreendendo o período entre 2013 e 2023, com o intuito de garantir que as informações utilizadas estivessem atualizadas e em consonância com as abordagens mais recentes sobre o tema. Foram definidos como critérios de inclusão artigos em português e inglês, revisados por pares, que abordassem diretamente o Transtorno de Ansiedade Generalizada e seus impactos na qualidade de vida. Trabalhos de revisão de literatura, estudos com dados empíricos e publicações com análises descritivas foram incluídos. Por outro lado, foram excluídos artigos de opinião, primeiras impressões, resumos expandidos e publicações que não apresentassem revisão adequada ou não abordassem diretamente a temática proposta.

As fontes de pesquisa utilizadas incluíram bases de dados acadêmicas reconhecidas, como Google Acadêmico, SciELO, bancos de teses e dissertações, além do portal de Periódicos CAPES. Os descritores empregados para a busca dos artigos foram “Transtorno de Ansiedade Generalizada”, “TAG”, “Ansiedade e Qualidade de Vida” e “Impacto da Ansiedade Generalizada”. Esses termos foram combinados para refinar os resultados e garantir a relevância do material selecionado para a análise.

Dessa forma, o procedimento de pesquisa seguiu uma linha estruturada e rigorosa, permitindo a seleção de estudos que contribuíssem de maneira significativa para a compreensão dos efeitos da ansiedade generalizada na vida dos indivíduos, sem a necessidade de propor novas intervenções ou hipóteses.

2.2 Resultados e Discussão

O Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) é um transtorno crônico caracterizado por um estado de preocupação constante e excessiva. Barlow (2016) descreve que essas preocupações tendem a girar em torno de cenários pessimistas, com ênfase em eventos futuros, tornando-se difíceis de controlar. Pacientes que atendem aos critérios para TAG geralmente exibem um padrão de preocupação recorrente que abrange diversos temas. De acordo com o DSM-5 (APA, 2014), o diagnóstico do TAG requer a presença de preocupação excessiva por um período mínimo de seis meses, acompanhada de pelo menos três dos seguintes sintomas: agitação, irritabilidade, fadiga, distúrbios do sono, tensão muscular ou dificuldades de concentração. O excesso de preocupação consome tempo e energia, resultando em consequências negativas para a execução de tarefas que demandam agilidade e eficácia. Os sintomas físicos podem variar em intensidade, desde leves até graves, especialmente se o paciente não receber tratamento adequado.

Andreatini, Boerngen-Lacerda e Zorzetto Filho (2001) destacam que o TAG é um dos transtornos mentais mais comuns na prática clínica. Inicialmente considerado leve, atualmente é reconhecido como uma condição crônica que frequentemente coexiste com

outras doenças, acarretando custos significativos, tanto para os indivíduos quanto para a sociedade. Os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostram que, em outubro de 2021, cerca de 18,6 milhões de brasileiros enfrentavam problemas relacionados à ansiedade, refletindo um aumento de 25% nas novas investigações em março de 2022. Esses números evidenciam a relevância do TAG no contexto da saúde mental contemporânea e sua influência negativa nas diversas dimensões da vida dos indivíduos afetados.

Caballo (2003) observa que a preocupação associada ao TAG deve ser complexa o suficiente para causar impactos significativos em áreas essenciais da vida do paciente, como a vida social e o desempenho no trabalho. O autor ressalta que o TAG é um diagnóstico recorrente em casos de ansiedade, conforme evidenciado em diversas pesquisas clínicas. Indivíduos com TAG tendem a se preocupar desproporcionalmente com o futuro, frequentemente interpretando as situações de maneira errônea. Essa distorção cognitiva compromete sua capacidade de raciocinar de forma realista e distorce sua percepção da realidade, levando a uma ampliação das situações negativas em detrimento das positivas. Como resultado, esses indivíduos enfrentam dificuldades em relaxar, tomar decisões, resolver problemas e promover mudanças em suas vidas.

No contexto do TAG, Clark e Beck (2012) afirmam que a ansiedade deve ocorrer na maior parte dos dias, de forma persistente por um período de quatro a seis meses, impactando o desempenho acadêmico ou profissional. Além disso, a ansiedade está frequentemente associada a sintomas como irritabilidade, palpitações, tensão muscular, angústia, problemas gastrointestinais, boca seca, distúrbios do sono, hipervigilância e dificuldades de concentração. Esses sintomas não apenas afetam a qualidade de vida do indivíduo, mas também sua capacidade de realizar atividades cotidianas, resultando em um ciclo vicioso de preocupação e incapacidade.

A Tabela 1 a distribuição dos critérios de diagnóstico conforme descrito no DSM-5.

Tabela 1. Critérios diagnósticos para o transtorno de ansiedade generalizada

Transtorno de Ansiedade Generalizada
Critérios Diagnósticos
A. O transtorno se caracteriza por ansiedade e preocupação excessivas (expectativa apreensiva) que ocorrem na maioria dos dias durante um período de pelo menos seis meses, abrangendo diversos eventos ou atividades, como desempenho escolar ou profissional.
B. O indivíduo enfrenta dificuldades para controlar essas preocupações.
C. A ansiedade e as preocupações estão acompanhadas de pelo menos três dos seguintes seis sintomas, que devem estar presentes em muitos dias nos últimos seis meses. (Para crianças, apenas um sintoma é necessário.)
1. Inquietação ou sensação de nervosismo.
2. Fadiga fácil.
3. Dificuldade de concentração ou sensações de “mente vazia”.
4. Irritabilidade.
5. Tensão nos músculos.
6. Distúrbios do sono (dificuldade para iniciar ou manter o sono, ou sono insatisfatório e agitado).
D. A ansiedade, a preocupação ou os sintomas físicos causam um sofrimento significativo ou prejudicam o funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.
E. A condição não é atribuída aos efeitos de substâncias (como drogas recreativas ou medicamentos) ou a outra condição médica (como hipertireoidismo).
F. A perturbação não pode ser melhor explicada por outro transtorno mental (como a preocupação com ataques de pânico no transtorno do pânico, avaliação negativa no transtorno de ansiedade social, obsessões de contaminação no transtorno obsessivo-compulsivo, angústia em relação à separação de figuras de apego no transtorno de ansiedade de separação, lembranças traumáticas no transtorno de estresse pós-traumático, preocupações com ganho de peso na anorexia nervosa, queixas físicas no transtorno de sintomas somáticos, preocupações com a aparência no transtorno dismórfico corporal, a crença de ter uma doença grave no transtorno de ansiedade de doença, ou o conteúdo de crenças delirantes na esquizofrenia ou transtorno delirante).

Fonte: DSM-5

Conforme dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), em outubro de 2021, aproximadamente 18,6 milhões de brasileiros sofriam com problemas de ansiedade. Esse número apresentou um aumento de 25% em novas investigações realizadas em março de 2022. O transtorno de ansiedade generalizada tem efeitos significativos em várias dimensões da vida das pessoas afetada.

A preocupação associada ao TAG deve ser complexa o suficiente para causar impactos significativos em áreas essenciais da vida do paciente, como a vida social e o desempenho no trabalho. Os indivíduos afetados frequentemente se veem obrigados a adotar estratégias de enfrentamento que envolvem a evitação de pessoas, lugares ou situações que possam ser percebidos como ameaçadores, como evitar elevadores ou recusar-se a viajar de avião. Isso reflete não apenas o impacto direto do transtorno na vida diária, mas também as limitações que ele impõe, restringindo a liberdade e a qualidade de vida do

indivíduo (LEAHY, 2011).

Essas pessoas frequentemente enfrentam problemas como insônia, doenças cardíacas, desconfortos gastrointestinais e fadiga, tornando-se também mais vulneráveis a desenvolver transtornos depressivos, o que pode resultar em comorbidades. O custo financeiro associado ao TAG é significativo, visto que os indivíduos necessitam de tratamentos médicos, psiquiátricos e psicológicos, levando a um aumento do uso de serviços de saúde e emergências devido a crises ansiosas ou reações somáticas (CLARK; BECK, 2012).

Em um estudo sobre ansiedade, Clark e Beck (2014) destacam que o padrão cognitivo dos pacientes com TAG é repleto de medos diversos, incluindo o temor de perder o controle, sofrer danos físicos e ter pensamentos perturbadores. Esses aspectos cognitivos não apenas intensificam os sintomas de ansiedade, mas também prejudicam a capacidade de concentração e memória, resultando em baixa produtividade em várias situações. A execução de tarefas comuns, como realizar atividades acadêmicas ou profissionais, torna-se desafiadora, e a insegurança diante de novos desafios, aliada à dificuldade em lidar com incertezas, contribui para um alto índice de incapacitação e interferência nas atividades diárias (BARLOW, 2016).

Indivíduos com transtornos de ansiedade tendem a interpretar a maioria das situações de forma negativa, vendo-as como ameaçadoras, em comparação com aqueles que não têm esse transtorno. Como resultado, situações que seriam consideradas cotidianas e inofensivas podem assumir proporções catastróficas em sua percepção, fazendo com que se tornem mais impacientes, irritados e nervosos do que o habitual. Isso impacta severamente sua vida social, gerando conflitos e experiências desagradáveis nas relações interpessoais, resultantes do estresse elevado e da preocupação excessiva. A propensão a agir com irritabilidade, desconfiança e insegurança sugere que o TAG está associado a problemas de relacionamento e desavenças em contextos conjugais (CLARK; BECK, 2012).

Esses resultados não apenas corroboram os dados existentes na literatura, mas também revelam a complexidade do TAG e sua inter-relação com outros transtornos, destacando a necessidade de intervenções direcionadas que abordem tanto os sintomas físicos quanto as distorções cognitivas. Para uma abordagem eficaz do TAG, é fundamental considerar estratégias terapêuticas que visem não apenas o alívio dos sintomas, mas também a promoção de habilidades de enfrentamento que ajudem os indivíduos a lidarem de forma mais eficaz com suas preocupações e a melhorarem sua qualidade de vida.

Por fim, a discussão dos resultados encontrados sugere que a compreensão do TAG deve ser ampla, considerando as nuances da experiência individual e as implicações sociais e econômicas do transtorno. A partir das evidências apresentadas, é possível argumentar que a abordagem terapêutica deve ser holística e personalizada, levando em conta a intersecção entre os aspectos psicológicos e sociais que moldam a experiência do indivíduo com o TAG, conforme sugerido por autores como Barlow (2016) e Clark e Beck (2012). Essa perspectiva integrativa poderá facilitar não apenas a compreensão do transtorno, mas também a implementação de práticas mais eficazes no tratamento e na gestão do TAG na prática clínica.

3. CONCLUSÃO

A conclusão deste trabalho reflete sobre a importância do Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) e sua influência significativa na qualidade de vida dos indivíduos afetados. Ao longo da pesquisa, foi possível identificar que o TAG não apenas causa um estado

persistente de preocupação e ansiedade, mas também gera um impacto considerável nas relações sociais e no desempenho profissional. Os objetivos propostos foram alcançados, pois a investigação revelou como a percepção negativa e a distorção cognitiva afetam o cotidiano das pessoas com TAG, resultando em consequências como a evitação de situações cotidianas e o aumento do estresse.

No entanto, algumas limitações foram observadas durante o estudo. A pesquisa baseou-se em uma revisão da literatura existente, o que significa que não houve a coleta de dados primários ou a análise de casos específicos que poderiam enriquecer a compreensão sobre a experiência individual dos pacientes com TAG. Além disso, a literatura revisada pode não contemplar todas as nuances e variações do transtorno, especialmente em diferentes contextos socioculturais. Assim, futuras investigações poderiam focar em estudos empíricos que explorem a vivência cotidiana de indivíduos diagnosticados com TAG, bem como as intervenções que têm se mostrado eficazes.

Dessa maneira, o trabalho evidencia a relevância de se aprofundar no entendimento do TAG e a necessidade de abordagens terapêuticas eficazes que considerem a complexidade das preocupações e das reações emocionais dos pacientes. Recomenda-se que os profissionais da saúde mental utilizem estratégias integradas que abordem não apenas os sintomas, mas também as distorções cognitivas que permeiam a experiência do transtorno. O desenvolvimento de programas de prevenção e suporte, voltados para a promoção da saúde mental e a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos com TAG, é essencial para mitigar os efeitos negativos associados a esse transtorno.

Referências

ASSOCIATION, American Psychiatric (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico De Transtornos Mentais: DSM-5**. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDREATINI, R.; BOERNGEN-LACERDA, R.; ZORZETTO FILHO, J. **. Tratamento farmacológico do transtorno de ansiedade generalizada: perspectivas futuras.** Revista Brasileira de Psiquiatria v.23, n.4, p.233-242. 2001.

ANDRADE, J. V. et al. **Ansiedade, um dos problemas do século XXI.** Revista de Saúde da ReAGES, v. 2, n. 4, p. 34-39. Paripiranga-BA, Jan./Jun. 2019.

BARLOW, D. H. **Manual Clínico dos Transtornos Psicológicos**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

CABALLO, V. E. **Manual para o Trat. Cognitivo Comportamental: Transtornos de Ansiedade, Sexuais, Afetivos e Psicóticos**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

CASTILLO, A. R. GL. et al. **Transtorno de ansiedade**. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 22, n. 2, p. 21-23. São Paulo, Dez. 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s2/3791.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

CLARK, D. A.; BECK, A. T. **Vencendo a ansiedade e a Preocupação – com a terapia cognitivo comportamental**. E. Porto Alegre: Artmed, 2014.

LEAHY, Roberth L. **Livre de ansiedade.** Ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

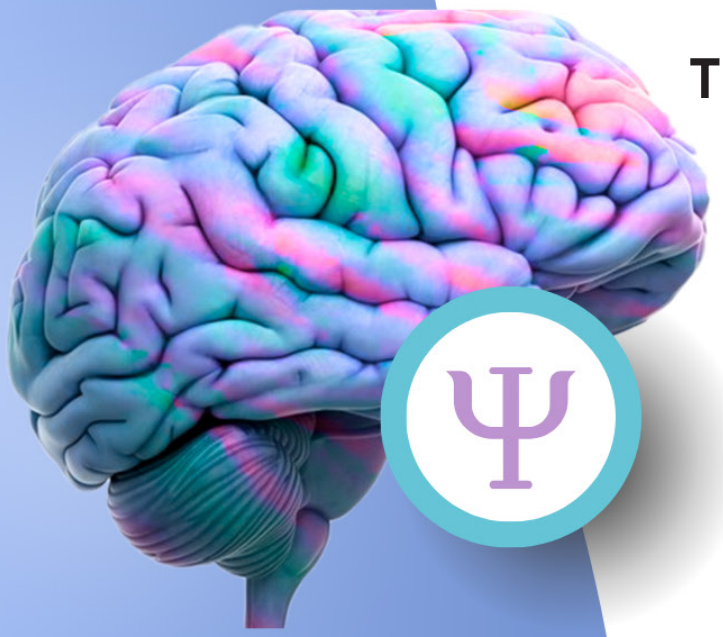
NARDI, A. E.; FONTENELLE, L. F**. Novas tendências em transtornos de ansiedade. Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 34, n. Supl. 1, p. 5-8, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Depression and other common mental disorders: global health estimates**. Geneva, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE**. Relatório sobre a saúde mental no Brasil**. Genebra, 2021.

RUA, J. O.; SANTOS, M. A. R. **Depressão e ansiedade: um olhar psicológico**. 2017. Projeto de Extensão. II Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar. Centro Universitário de Mineiro - Unifimes. Maio, 2017.

20



TECNOLOGIA E SAÚDE MENTAL: OS IMPACTOS DISFUNCIONAIS DO USO DA INTERNET

TECHNOLOGY AND MENTAL HEALTH: THE DYSFUNCTIONAL IMPACTS OF INTERNET USE

Carlos Rafael de Almeida Jansen
Marco Aurélio Fernandes

Pascal
Editora

Resumo

Durante toda a trajetória humana, procurou-se estudar e entender as diferentes civilizações, culturas – e com os avanços da era digital, este século se torna absolutamente singular em toda história humana, trazendo mudanças comportamentais e cognitivas, as quais tem total importância para compreendermos o modo de vida das pessoas. A internet conseguiu se adequar ao uso do ser humano de modo que se precisa dela para quase tudo, tornando-se assim, altamente sedutora ao uso diário, inicialmente pela necessidade, até começar a fazer parte do trabalho, do estudo e do lazer. O foco deste trabalho foi analisar os impactos e disfunções que esse uso diário pode desenfrear no público jovem, de modo a fomentar o debate sobre a linha tênue entre tecnologia e saúde mental. Portanto, é um tema que carece de uma análise atenta, não apenas da comunidade científica, mas que também atinja a população como um todo. Afinal, a internet facilitou bastante o acesso às informações, porém, cabe aos profissionais democratizar essas informações e atingir a população da maneira correta. A Psicologia, ao investigar o indivíduo e a sociedade, deve acompanhar as transformações provocadas pela tecnologia, garantindo sua presença nos contextos em que o ser humano se insere.

Palavras-chave: Psicologia. Internet. Cognitivo. Comportamento.

Abstract

Throughout human history, we have tried to study and understand different civilizations and cultures - and with the advances of the digital age, this century has become absolutely unique in all of human history, bringing behavioral and cognitive changes, which are totally important for understanding people's way of life. The internet has managed to adapt to human use in such a way that people need it for almost everything, making it highly seductive to use on a daily basis, initially out of necessity, until it became part of work, study and leisure. The focus of this work was to analyze the impacts and dysfunctions that this daily use can have on young people, in order to encourage debate on the fine line between technology and mental health. It is therefore a topic that needs careful analysis, not only by the scientific community, but also by the population as a whole. After all, the internet has made access to information much easier, but it's up to professionals to democratize this information and reach the population in the right way. Psychology, when investigating the individual and society, must accompany the transformations caused by technology, ensuring its presence in the contexts in which human beings are inserted.

Keywords: Psychology. Internet. Cognitive. Behavior.

1. INTRODUÇÃO

Produzida inicialmente para atender uma demanda do ser humano, a internet passou a ser uma parceira irresistível onde se busca apoio a todo momento. O presente trabalho tem como objetivo apresentar informações pertinentes referente à relação entre a tecnologia e a saúde mental pelo olhar da psicologia e analisar tais fatos observados, os quais versam sobre o uso disfuncional da internet, mais fundamentalmente sobre os impactos do uso diário, os benefícios e prejuízos causados pelas redes sociais, como afeta o público jovem e as contribuições do profissional psicólogo diante desta realidade que é a internet.

As redes sociais assumiram o protagonismo, desempenhando um papel importante que mudou a forma de se ver a internet. O intuito de meramente fazer uma pesquisa ou tirar uma dúvida, perdeu o foco com a chegada triunfal das redes sociais, trazendo à tona uma enorme vitrine de inspirações, onde cada um vende sua vida como um lindo sonho de consumo, deixando à sombra a vida real.

De maneira análoga, sua rota de desenvolvimento foi se aprimorando durante o percurso, e aliada à criação dos smartphones, a internet conquistou – em um espaço de pouco mais de uma década – um lugar insubstituível na vida de mais da metade da população brasileira. Segundo dados do IBGE, em 2023 cerca de 84% da população registrou acesso à internet, um número bastante expressivo considerando o número de habitantes do Brasil.

Em suma, tal espaço ocupado pela internet se deu pelo fato dela se adequar às demandas do indivíduo, se fazendo presente em todas as dimensões de sua vida, seja na escola, no trabalho, no lazer, em todos os âmbitos que se pode imaginar. Dessa forma, será exposto ao longo deste artigo como essas mudanças substanciais que a era digital trouxe podem ser prejudiciais ao jovem, e evidentemente, como o profissional psicólogo pode intervir em relação a isso.

A internet se adaptou ao cotidiano da população de modo que, com as redes sociais e os aplicativos de mensagens que permitem uma comunicação em segundos entre pessoas em qualquer lugar do mundo, a comunicação virtual passou a ser mais vistosa diante das outras pela praticidade. O foco deste trabalho é explorar os impactos e disfunções que esse uso diário pode causar nos jovens, de modo a fomentar o debate sobre a linha tênue entre tecnologia e saúde mental.

Diante do contexto apresentado, ao decorrer deste trabalho foi atentamente aprofundada a relação entre tecnologia e saúde mental, como a psicologia pode intervir em relação à essa problemática e as dificuldades dessa nova realidade em torno do vício relacionado ao uso desenfreado da internet.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

O presente trabalho utilizou como modelo de pesquisa a Revisão Bibliográfica qualitativa e descritiva, tomando como base artigos publicados nos últimos dez anos. Os locais que foram utilizados como fontes de pesquisa foram artigos científicos disponibilizados no Google Acadêmico, no portal Scielo, onde as palavras-chave para pesquisa são: Tecnologia, Saúde mental, Redes sociais.

O foco dessa pesquisa é estimular o interesse pelo debate acerca da realidade digital

e até onde ela nos faz bem, ou não nos faz mal – por isso, utilizamos como base materiais que consigam ofertar ao leitor um conhecimento acerca do comportamento, através da abordagem Terapia Cognitiva Comportamental de Beck, materiais atualizados que contenham dados do avanço tecnológico no país, além de trazer o ponto de vista de grandes teóricos acerca desse cenário abordado.

2.2 Resultados e Discussão

No mundo atual, a evolução tecnológica, conforme destacado por Ferreira *et al*. (2020), tem um papel crucial na transformação das vidas das gerações contemporâneas, facilitando a troca de informações e interações sociais. Embora esse avanço seja importante para o conhecimento e preparação da sociedade, a influência das mídias sociais pode prejudicar a percepção da realidade, especialmente entre os adolescentes (De Silva Junior *et al*., 2022).

De acordo com a análise dos autores citados, as redes sociais oferecem muitos benefícios, como conexão com amigos, compartilhamento de interesses e informações de modo que a população se torna cada vez mais engajada nesses novos modelos de comunicação e interação, resultando em um aumento significativo da presença humana na internet e nas plataformas de mídia social.

Segundo Lustosa (2021), o conceito de "rede social" alcançou ampla notoriedade como um termo correlacionado à tecnologia de comunicação e informação, tornando-se popular e de fácil uso, com alta aplicabilidade em uma variedade de contextos, transcendendo as barreiras estabelecidas por diversos agentes sociais.

De conformidade com Silva (2016), um dos principais problemas relacionados ao uso das redes sociais é a desestruturação familiar, tendo em vista que as redes sociais podem tanto substituir como enfraquecer as interações sociais reais, como o diálogo e o convívio familiar.

Silva e Silva (2017) afirmaram que o uso da internet todos os dias causa conflitos familiares, decorrentes da falta de diálogo, além disso, leva a relações superficiais, dificuldades de aprendizagem, transtornos de ansiedade e déficit de atenção. A comunicação tradicional, como a troca de cartas ou chamadas telefônicas, praticamente desapareceu, sendo amplamente substituída pelas redes sociais, que se tornaram um instrumento poderoso na era da sociedade da informação.

Uma temática importante é como os jovens se apropriam das tecnologias. Durante a pandemia de Covid-19 em 2020, muitos recorreram à tecnologia para se manter conectados e realizar suas atividades remotamente, evidenciando seus benefícios. No entanto, o uso excessivo pode causar distúrbios do sono, como insônia, e prejudicar a interação social. Segundo Rafidi (2019), estudos globais indicam que a incidência de insônia entre universitários varia entre 10% e 30% (Oliveira *et al*., 2020; Junior *et al*., 2021).

O fenômeno das redes sociais ganhou destaque a partir da década de 2000, especialmente entre os jovens, com um aumento significativo de adesão à essas plataformas (Rosado; Tomé, 2015). As redes sociais ajudam a criar laços por meio de perfis que se conectam e interagem. Um perfil inclui fotos e vídeos pessoais, gostos culturais, número de amigos, comunidades e viagens preferidas. Além disso, pode representar objetos culturais, de consumo (como filmes e música), lugares e movimentos sociais.

Silva (2016) alerta sobre o protagonismo das redes sociais. Entre os jovens, a tecnologia pode causar dependência, pois é onde pré-julgamentos são realizados, a exibição

pública de relacionamentos, geralmente para pessoas desconhecidas. O foco principal é aumentar a popularidade e conquistar o maior número de "amigos". Essa incessante busca por aceitação se reflete na necessidade de obter curtidas e comentários, levando até a exclusão de postagens que não atingem a expectativa.

A utilização da tecnologia de forma indiscriminada pelas crianças, ocasionam um desequilíbrio físico e psicológico, o que potencializa o isolamento social através do sedentarismo, fator preponderante no estilo de vida digital, capaz de desenvolver embotamento afetivo, despersonalização, ansiedade e depressão, impedindo o pleno desenvolvimento e amadurecimento afetivo, físico, cognitivo e social das crianças.

O cérebro das crianças e dos jovens continua sendo fisiologicamente moldado por seu meio, além de ser um período de traçar planos, a adolescência é também uma época de riscos. Dessa forma, a maneira como o cérebro do adolescente reage, tem relação direta com o modo de mundo construído por eles, assim como reflete também em decisões impulsivas, irracionais e desatinadas que os adolescentes parecem tomar com tanta frequência (Jensen, 2016).

Segundo Viana *et al*. (2023), a luz azul emitida por dispositivos eletrônicos afeta o ritmo circadiano dos adolescentes, reduzindo a síntese de melatonina, o hormônio que auxilia no sono. A exposição a essa luz antes de dormir diminui a produção de melatonina, dificultando o adormecer e prejudicando a qualidade do sono. Além disso, pode confundir o cérebro, fazendo-o acreditar que ainda é dia, o que altera o ciclo natural de sono e vigília, resultando em distúrbios como insônia ou sonolência diurna.

As pesquisas sobre os malefícios do uso excessivo de tecnologia têm crescido, evidenciando impactos negativos à saúde física. Estudos indicam que 87,8% dos adolescentes apresentam cefaleia relacionada ao uso excessivo de computadores e à exposição à luz azul das telas, que prejudica o sistema visual e o sistema nervoso central. Isso pode resultar em fadiga ocular, degeneração macular, catarata, miopia, hipermetropia e astigmatismo, além de provocar alterações comportamentais como "autismo virtual" (Vieira *et al*., 2022).

A utilização das novas tecnologias da informação pode influenciar o processo cognitivo dos jovens, pois a exposição a conteúdo não válidos pode levar à formação de ideias erradas sobre determinados assuntos (Morais, 2014). Assim, as tecnologias intelectuais desempenham um papel crucial nos processos cognitivos dos jovens.

A pesquisa de Koutamanis, Vossen e Valkenburg (2015 *apud* Bryant, 2018) buscou entender a relação entre o desenvolvimento emocional e social dos jovens e o uso das redes sociais. Os autores mostraram que é provável que ocorram feedbacks negativos nessas plataformas, o que pode impactar negativamente o desenvolvimento social dos adolescentes, já que a aceitação e aprovação do grupo de pares são fundamentais nessa fase.

Bryant (2018) aponta que as redes sociais podem ser utilizadas pelo público jovem para acessar conteúdos que sejam do seu interesse. Porém, embora isso possa ser positivo, o tipo de conteúdo consumido pode impactar áreas importantes no desenvolvimento desses jovens.

Cada etapa do desenvolvimento apresenta uma maneira distinta de como os públicos se conectam e o que buscam nessas interações. Enquanto algumas crianças começam a usar essas ferramentas por meio de jogos e atividades voltadas para o universo infantil, os adolescentes tendem a se conectar principalmente através de aplicativos de mensagens e redes sociais, que são característicos de sua faixa etária. A mesma lógica se aplica aos adultos e idosos (Brasil, 2015).

Diante desse contexto em que as mídias, os videogames, os celulares e os compu-

tadores conectados à internet têm um papel cada vez mais significativo para crianças e adolescentes, é essencial buscar entender o impacto desses meios de comunicação sobre o comportamento desse público (Martorell, 2014).

O uso da internet e sua adição têm sido objeto de crescente estudo, pois parece ser um fenômeno em expansão na sociedade atual. Segundo Davis (2001 *apud* Lira, 2014), o uso da internet pode ser classificado em duas categorias: o uso saudável, que envolve um propósito claro e um tempo razoável de navegação, sem causar desconforto cognitivo ou comportamental, e o uso problemático, que se refere ao tempo excessivo gasto online, resultando em efeitos negativos físicos e psicológicos para o indivíduo.

Segundo Nascimento (2015), o indivíduo não consegue ponderar o momento de conexão à internet através de jogos, celular, smartphones, tabletes e computadores, superando o tempo esperado ou imaginado que este indivíduo passa conectado, sem nem ter notado o tempo passar, o que causa sofrimento e prejuízos em distintas áreas da vida.

De acordo com Picon (2015), muitas pessoas procuram apoio emocional nas redes sociais, o que pode ser uma situação bastante arriscada, pois pode levar à dependência desse uso. Quando as expectativas em relação às redes não são atendidas, o indivíduo pode experimentar um profundo vazio, semelhante ao que um dependente químico sente quando não está sob a influência da substância ou quando é impedido de acessá-la.

A dependência do uso excessivo da internet e das redes sociais é um problema crescente, afastando os adolescentes do mundo real e tornando-os mais vulneráveis a diversos riscos. Um dos principais perigos é a violência virtual, ou cyberbullying, que se intensifica pelo anonimato da internet. Esse anonimato faz com que muitos acreditem que podem agredir ou perseguir outros usuários sem enfrentar consequências, colocando os jovens em situações de perigo (Beserra *et al*., 2016).

Kaess (2020) observa que a saúde mental dos jovens tem se deteriorado, em parte devido ao uso excessivo de computadores e smartphones, que aumenta o risco de cyberbullying e tentativas de suicídio. Para enfrentar esses problemas, foram desenvolvidas estratégias focadas em questões emocionais, considerando diferentes idades, gêneros e condições sociais. Esses métodos mostraram resultados positivos na redução do cyberbullying e no tratamento da depressão (Yang, 2020).

O uso das redes sociais conecta pessoas de diferentes origens e personalidades, facilitando amizades com interesses semelhantes. Essas interações virtuais oferecem um sentimento de aceitação em comunidades online. No entanto, o excesso de convivência virtual pode intensificar a solidão e resultar em isolamento social. Assim, é fundamental valorizar os relacionamentos fisicamente próximos, equilibrando as interações online e presenciais (Acácio, 2021).

Segundo Piva (2020), as tecnologias de informação e comunicação estão inseridas no meio social, familiar, com facilidade de acesso a qualquer hora do dia ou da noite, essa geração digital, busca a todo momento estar conectado ao mundo virtual, vivendo em função da flexibilização, buscando satisfazer suas necessidades imediatas, o que impõe os seres humanos às novas adaptações, costumes e atos, sobretudo, fatos ligados ao comportamento humano.

O aumento da dependência das telas tem gerado implicações significativas, elevando o nível de ansiedade devido à longa exposição a informações. Essa sobrecarga pode gerar uma necessidade compulsiva de conexão, resultando em estresse que reflete no humor, causando irritabilidade em casos de desconexão. O hábito de verificar o celular ao acordar, antes da exposição à luz solar, prejudica o organismo, interferindo na percepção de si e do

autocuidado (Mayara, 2020).

De acordo com Santrock (2014), há aspectos tanto positivos quanto negativos relacionados ao impacto da revolução tecnológica e à exposição na internet e nas redes sociais sobre crianças e adolescentes. A tecnologia pode proporcionar uma vasta quantidade de conhecimento, desde que utilizada de maneira construtiva, possibilitando melhorias na educação desses jovens (Santrock, 2014).

Assim, o potencial da tecnologia digital está intimamente ligado à sua habilidade de estimular os indivíduos, gerando estímulos nos sistemas auditivo, visual e emocional, modificando assim suas habilidades cognitivas, de forma benéfica ou prejudicial, dependendo do uso e da intensidade utilizada (Silva, 2016).

Para Silva (2022), considerando que a presença das tecnologias de informação e comunicação digital é uma realidade atual e que tem influências tanto positivas como negativas no âmbito familiar, faz-se necessário que profissionais da psicologia, da saúde e educação atualizem-se às novas maneiras de comunicação e relações interpessoais dentro do sistema familiar.

A partir dessa análise, fica evidente a necessidade de se trabalhar as orientações necessárias para potencializar espaços de diálogo entre famílias, sociedade, escolas e instituições para uma melhor compreensão acerca dos impactos negativos a respeito do exagero e entender a importância da conscientização sobre o uso da tecnologia, para promover a saúde e o bem-estar das pessoas diante da nova realidade tecnológica (Freitas, 2022).

3. CONCLUSÃO

O objetivo geral desse trabalho se baseou em analisar os impactos e disfunções que o uso diário da internet pode desenfrear no público jovem, alertar em relação à saúde mental e física, pois, como visto anteriormente, o uso desenfreado pode estar relacionado ao vício e a uma maior probabilidade de possíveis adoecimentos de ordem psicológica, além de, no geral, estimular o debate sobre a linha tênue entre tecnologia e saúde mental.

Sob o viés da psicologia – mais especificamente da Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) – as possibilidades diante dessa problemática permeiam desde o enfraquecimento da dependência por meio de técnicas e recursos, à elucidação das consequências do uso excessivo das telas ou até mesmo da psicoeducação para diferentes públicos, através de palestras, sendo uma possibilidade que, adaptada, pode atingir todas as faixas etárias, afinal é uma problemática que afeta a população como um todo.

Embora tenha sido um grande desafio a elaboração deste artigo, é impactante refletir criticamente sobre os detalhes que passam despercebidos durante a rotina de uma grande parcela da população. Trazer luz aos hábitos disfuncionais, comportamentos adquiridos pelo *lifestyle* digital, os quais tomam o tempo e prejudicam a qualidade de vida das pessoas, são medidas que devemos adotar daqui em diante, afinal, a era digital já é uma realidade, no entanto, que aprendamos a utilizar sem abrir mão da saúde e do bem-estar.

A expectativa diante desse trabalho era justamente gerar a reflexão e análise acerca da realidade digital, fomentar esse tema ao público em geral. A psicologia deve acompanhar de perto as mudanças trazidas pela era digital, afinal, impacta diretamente na saúde mental das pessoas, e estimular este questionamento acerca do comportamento e modo de vida das pessoas é essencial para tal.

Referências

ARIRAMA, A. S., Reis, S., & Ribeiro, A. C. (2023). **A relação entre redes sociais e saúde mental: uma análise crítica**. Ciências da Saúde, 26(127), 29-10. Disponível em: https://revistaft.com.br/a-relacao-entre-redes-sociais-e--saude-mental-uma-analise-critica/ Registro DOI: 10.5281/zenodo.10051223. Acesso em: 29 mar. 2024.

DU MONT, Louise Gabrielle; FILHO, Ronaldo V.S.; PACHECO, Patricia M. de A.; AMBROSOLI, Silvana S.; PINHEIRO, Andrea M. S. G.. **O Impacto do Uso das Redes Sociais no Nível de Ansiedade**. RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218, *[S. l.]*, v. 3, n. 12, p. e3122418, 2022. DOI: 10.47820/recima21.v3i12.2418. Disponível em: https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/2418. Acesso em: 25 set. 2024.

GARCIA, I. et al. **Revista Brasileira de Saúde**. Revista Brasileira de Saúde, n. 3, p. 1–16, [sd]. 2024. Registro DOI: https://doi.org/10.34119/bjhrv7n3-322. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/70413. Acesso em 24 Out. 2024.

LOPES, Andressa Pereira; LARANJEIRAS, Ana Letícia Canuto; NEVES, Reyniel Wandebil Sobrinho; ALENCAR, Valéria Viana. **O Uso Excessivo das Tecnologias Digitais e Seus Impactos nas Relações Psicossociais em Diferentes Fases do Desenvolvimento Humano**. Caderno de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde - UNIT - ALAGOAS, *[S. l.]*, v. 6, n. 3, p. 166, 2021. Disponível em: https://periodicos.set.edu.br/fitsbiosaude/article/view/8964. Acesso em: 25 set. 2024.

LORENZON, A. J. G.; SEIXAS, L. C.; LANGE, N. S.; ALVES, N. O.; JAEGER, F. P.; CARLESSO, J. P. P. **Impactos do uso excessivo de redes sociais na adolescência: uma pesquisa bibliográfica**. Disciplinarum Scientia | Saúde, Santa Maria (RS, Brasil), v. 22, n. 3, p. 71–82, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/3874. Acesso em: 25 set. 2024.

MIRANDA, Francilda de S.; SANTOS, Jéssica F. **As tecnologias: impactos na saúde mental dos adolescentes.** 2023. TCC (Graduação) – Curso de Psicologia, Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), Parauapebas, 2023. Disponível em: https://fadesa.edu.br/wp-content/uploads/2024/04/FRANCILDA-DE-SOUSA-MIRANDA.pdf. Acesso em: 13 mai. 2024.

NEVES, K. et al. **Da infância à adolescência: o uso indiscriminado das redes sociais**. Rev. AMBIENTE ACADÊMICO, v. 1, n. 2, p. 119–139, 2015. Disponível em: https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/04/revista-ambiente-academico-edicao-2-artigo-7.pdf. Acesso em: 25 set. 2024.

PAIVA, Natália M. N.; COSTA, Johnatan da Silva. **A influência da tecnologia na infância: Desenvolvimento ou ameaça?.** Teresina; 2015 Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0839. Acesso em: 13 mai. 2024.

RIO, F. M. M. DO. **O impacto das novas tecnologias nas relações interpessoais dos jovens**. 2021. Disponível em: https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/23859. Acesso em: 23 out. 2024.

RONDON, M. C. de S. .; ESTRELA, A. C. G. dos S. .; SALES, S. C. de .; COSTA, V. V. da .; SANTOS, A. B. dos .; COSTA, B. F. da .; LIMA, N. C. . **O impacto das redes sociais na saúde dos jovens durante o período de isolamento: uma revisão integrativa**. Research, Society and Development, *[S. l.]*, v. 10, n. 4, p. e5310413747, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i4.13747. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13747. Acesso em: 26 set. 2024.

SANTOS, Tânia C. Alves dos; RODRIGUES, Karen L. A. **Impactos das Redes Sociais em Relação à Autoestima e Autoimagem**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, *[S. l.]*, v. 9, n. 3, p. 851–862, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i3.8724. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/8724. Acesso em: 25 set. 2024.

Silva, V. H.; Otávio, M. **Acesso à internet cresce no Brasil e chega a 84% da população em 2023, diz pesquisa**. Disponível em: https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/11/16/acesso-a-internet-cresce-no-brasil-e-chega-a-84percent-da-populacao-em-2023-diz-pesquisa.ghtml. Acesso em: 20/04/2024.

Souza, K., & Cunha, M. X. (2019). **Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura.** Revista Educação, Psicologia e Interfaces, 3(3), 204-217. Disponível em: https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/156 DOI: 10.37444/issn-2594-5343.v3i3.156. Acesso em: 29 mar. 2024.

SOUZA, K.; CUNHA, Maria X. C. **Impactos Do Uso Das Redes Sociais Virtuais Na Saúde Mental Dos adolescentes: Uma Revisão Sistemática Da Literatura**. Revista Educação, Psicologia e Interfaces, v. 3, n. 3, p. 204–2017, 26 dez. 2019. DOI: https://doi.org/10.37444/issn-2594-5343.v3i3.156. Disponível em: https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/156. Acesso em: 26 set. 2024.

21

A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA: IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL E O PAPEL DA ESCOLA COMO REDE DE APOIO

THE RELATIONSHIP BETWEEN FAMILY AND SCHOOL: IMPACTS ON CHILD DEVELOPMENT AND THE ROLE OF SCHOOL AS A SUPPORT NETWORK

Dayane Gabriele Pereira Rodrigues

Pascal
Editora

Resumo

Este artigo analisa a complexa relação entre família e escola no desenvolvimento infantil, destacando a importância do envolvimento familiar na vida escolar e os impactos da ausência desse suporte. Explora-se o papel da escola como rede de apoio emocional e psicológico, discutindo as consequências cognitivas, emocionais e comportamentais da transferência do acolhimento familiar para o ambiente escolar. O estudo aborda teorias relevantes sobre dinâmica familiar e escolar, incluindo as perspectivas de Henri Wallon e John Bowlby. Conclui-se que uma colaboração efetiva entre família e escola é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, ressaltando a necessidade de políticas públicas que promovam essa parceria.

Palavras-chave: Relação família-escola; Desenvolvimento infantil; Suporte emocional; Intervenções psicológicas; Políticas educacionais.

Abstract

This article analyzes the complex relationship between family and school in child development, highlighting the importance of family involvement in school life and the impacts of the absence of this support. The role of the school as an emotional and psychological support network is explored, discussing the cognitive, emotional and behavioral consequences of transferring family care to the school environment. The study addresses relevant theories on family and school dynamics, including the perspectives of Henri Wallon and John Bowlby. It is concluded that effective collaboration between family and school is fundamental for the integral development of the child, highlighting the need for public policies that promote this partnership.

Keywords: Family-school relationship; Child development; Emotional support; Psychological interventions; Educational policies.

1. INTRODUÇÃO

A relação entre família e escola é um dos temas centrais na educação e no desenvolvimento infantil. A escola, além de ser um espaço para o desenvolvimento acadêmico, tem se consolidado como um ambiente que influencia diretamente o desenvolvimento emocional, social e comportamental das crianças. Ao mesmo tempo, a família é reconhecida como o primeiro agente socializador, desempenhando um papel fundamental na transmissão de valores, normas e suporte afetivo. A combinação e integração entre essas duas instituições são essenciais para a formação integral do indivíduo. Diversos estudos têm apontado que uma parceria sólida entre a família e a escola pode resultar em benefícios significativos para o desenvolvimento da criança, promovendo melhores resultados acadêmicos e maior estabilidade emocional.

No entanto, com a crescente complexidade das dinâmicas familiares e sociais, a interação entre família e escola tem se tornado mais desafiadora. A ausência de apoio familiar ou a falta de participação ativa dos pais na vida escolar dos filhos pode ter consequências negativas tanto para o desempenho acadêmico quanto para o desenvolvimento emocional das crianças. Diante disso, surgem questionamentos sobre a importância do papel da escola como rede de apoio emocional e psicológico para alunos que, por diversas razões, não recebem esse suporte em casa. A necessidade de intervenções psicológicas e de acolhimento no ambiente escolar é crescente, visto que muitos alunos enfrentam desafios emocionais que afetam diretamente sua capacidade de aprender e se desenvolver de forma saudável.

Justifica-se, portanto, a realização de um estudo que explore a relação entre família e escola, investigando como a participação familiar pode influenciar positivamente o desenvolvimento infantil e, ao mesmo tempo, como a escola pode agir como uma rede de apoio fundamental. Ao aprofundar o conhecimento sobre as consequências da ausência de envolvimento familiar e sobre os limites e possibilidades da escola nesse processo, este trabalho busca fornecer uma compreensão mais clara sobre as estratégias mais eficazes para integrar família e escola no suporte ao aluno.

Diante desse cenário, o problema de pesquisa que este trabalho se propõe a investigar é: Qual o papel da escola e da família no desenvolvimento cognitivo, emocional e comportamental das crianças e como essas instituições podem colaborar para otimizar esse processo?

O objetivo geral deste estudo é realizar uma revisão de literatura narrativa, a fim de discutir e avaliar as teorias e práticas relacionadas à interação entre família e escola e o papel dessas instituições no desenvolvimento infantil. Para alcançar esse objetivo, foram definidos os seguintes objetivos específicos: analisar a importância da participação familiar no ambiente escolar e seus impactos no desenvolvimento da criança; investigar os efeitos da ausência de apoio familiar no desenvolvimento acadêmico e emocional dos alunos; e examinar como a escola pode atuar como uma rede de apoio psicológico e social para alunos que enfrentam adversidades no ambiente familiar.

Em termos metodológicos, este estudo caracteriza-se como uma revisão de literatura narrativa, onde foram analisados artigos acadêmicos, livros e outras fontes relevantes que discutem as interações entre família, escola e desenvolvimento infantil. A seleção de referências baseou-se na relevância dos estudos para os temas centrais deste trabalho, abordando intervenções psicológicas no ambiente escolar, teorias sobre o desenvolvimento infantil e práticas de integração entre escola como está disposto no capítulo metodológico

a seguir.

2. METODOLOGIA

Este estudo adota como metodologia a revisão de literatura narrativa, um método de investigação que visa integrar, analisar e sintetizar de forma crítica o conhecimento existente sobre determinado tema. Essa abordagem é amplamente utilizada nas ciências sociais e humanas, especialmente quando o objetivo é reunir diferentes perspectivas teóricas e empíricas, sem a rigidez metodológica das revisões sistemáticas, o que permite uma compreensão mais abrangente do fenômeno estudado (Marconi; Lakatos, 2021).

Neste caso, a revisão narrativa é empregada para investigar a relação entre família e escola no desenvolvimento cognitivo, emocional e comportamental das crianças, além do papel da escola como rede de apoio em contextos onde o suporte familiar é ausente ou insuficiente.

O processo de elaboração deste estudo seguiu as seguinte etapas descritas a seguir:

> Inicialmente, foram estabelecidos os critérios de inclusão e exclusão das fontes. Para garantir a relevância do material revisado, foram incluídos artigos publicados em periódicos revisados por pares, livros e capítulos de livros acadêmicos, bem como teses e dissertações que abordassem a temática central de interação entre família e escola e seus impactos no desenvolvimento infantil. Além disso, foi considerada a inclusão de estudos que explorassem intervenções psicológicas no ambiente escolar. A temporalidade dos estudos foi limitada aos últimos cinco anos, assegurando uma revisão atualizada e coerente com as práticas e teorias contemporâneas. Por outro lado, foram excluídos materiais que não abordassem diretamente a relação entre família, escola e desenvolvimento infantil, ou que não trouxessem contribuição significativa para o tema.

Com os critérios estabelecidos, deu-se início à busca das referências em diversas bases de dados acadêmicas, Google Scholar e a plataforma Consensus, estas plataformas foram escolhidas por serem agregadoras de base de dados, isto é, eles têm um amplo acesso a outros repositórios de dados científicos.

A pesquisa utilizou os seguintes termos-chave “família e escola”, “desenvolvimento infantil”, “acolhimento emocional na escola”, “psicologia escolar”, “envolvimento parental” e “intervenções psicológicas no ambiente escolar”. Essa estratégia permitiu a identificação de estudos relevantes que cobrissem a interação família-escola sob diferentes ângulos e abordagens.

Após a pesquisa, os estudos identificados inicialmente passaram por uma leitura do título e do resumo, onde foram avaliados pela sua consistência teórica e metodológica, bem como pela relevância para os objetivos deste trabalho.

A síntese dos achados buscou, então, integrar os estudos de forma a oferecer uma visão crítica e interpretativa sobre o tema. Nesse sentido, o estudo não apenas sumariza os principais resultados encontrados na literatura, mas também discute as lacunas e limitações presentes nas pesquisas revisadas. Essa análise crítica inclui uma reflexão sobre as implicações teóricas e práticas da interação entre família e escola para o desenvolvimento infantil, apontando a importância de intervenções coordenadas entre essas instituições para promover o bem-estar integral da criança.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Importância da Participação Familiar na Vida Escolar

A relação entre escola e família é amplamente reconhecida e amparada pela Constituição Federal de 1988 e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), ambos conferindo direitos fundamentais às crianças e adolescentes. A Constituição, em seu artigo 205, estabelece que "a educação é direito de todos e dever do Estado e da família", sendo essencial para o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).

O ECA, por sua vez, reforça essa parceria ao afirmar que "a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho" (Brasil, 1990).

Esses dispositivos legais evidenciam a importância de uma relação colaborativa entre família e escola, em que ambas as instituições atuam conjuntamente na formação integral da criança, oferecendo não apenas suporte acadêmico, mas também emocional, social e ético, promovendo o desenvolvimento de cidadãos conscientes e atuantes na sociedade.

A participação familiar no contexto escolar é frequentemente considerada um dos principais fatores para o sucesso acadêmico e o desenvolvimento integral da criança. Segundo Epstein (2021), a parceria entre a família e a escola cria um ambiente de suporte que reforça o processo de aprendizagem tanto em casa quanto na escola. Pais que se envolvem nas atividades escolares de seus filhos tendem a fomentar um ambiente de estudo mais favorável, o que influencia diretamente o desempenho acadêmico e a motivação dos alunos.

Barbosa (2001, p.1) aponta que

> É a família que propícia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, onde se aprofundam os laços de solidariedade (Barbosa, 2001, p.1).

Além disso, o apoio emocional fornecido pela família fortalece a autoestima e a resiliência das crianças. Esse suporte é fundamental para que elas possam enfrentar os desafios da vida escolar, como dificuldades acadêmicas e relações interpessoais. Em um estudo conduzido por Fantuzzo, McWayne e Childs (2024), foi observado que crianças cujos pais participavam ativamente das atividades escolares apresentaram melhor comportamento em sala de aula e maior envolvimento com os colegas, resultando em uma experiência educacional mais enriquecedora.

A participação dos pais também tem um impacto positivo nas atitudes dos professores em relação aos alunos. Quando a família está envolvida, os professores tendem a ver os alunos de forma mais positiva, o que melhora a comunicação e a colaboração entre os dois lados (Hoover-Dempsey *et al*., 2021).

3.2 Efeitos da Ausência Familiar no Desenvolvimento da Criança

Por outro lado, a ausência de participação familiar pode ter consequências significativas no desenvolvimento acadêmico e social da criança. Segundo Darling e Steinberg

(2023), a falta de envolvimento parental está frequentemente associada a um desempenho acadêmico inferior e a problemas comportamentais. Crianças cujas famílias não estão ativamente engajadas nas suas vidas escolares tendem a se sentir menos apoiadas e, consequentemente, menos motivadas a se empenhar nos estudos.

Essa ausência de apoio pode resultar em problemas emocionais, como baixa autoestima e dificuldades na formação de relações interpessoais. De acordo com o estudo de Mapp (2023), a ausência de um vínculo forte entre a família e a escola pode deixar a criança mais vulnerável a problemas de comportamento, que, por sua vez, podem comprometer seu desempenho acadêmico e social a longo prazo.

Além disso, crianças que crescem sem a devida supervisão e envolvimento dos pais na educação escolar podem enfrentar dificuldades para internalizar normas e valores sociais importantes, o que impacta sua capacidade de se relacionar com os colegas e com a autoridade escolar (Lareau, 2021).

3.3 Modelos de Parceria Entre Família e Escola

Há diferentes modelos de parceria entre família e escola que buscam otimizar o envolvimento parental no processo educacional. Epstein (2021) propõe um modelo de envolvimento parental que abrange seis tipos principais de interação: apoio aos pais, comunicação, envolvimento voluntário, aprendizagem em casa, tomada de decisões e colaboração com a comunidade. Cada um desses tipos representa uma forma de os pais se conectarem com o ambiente escolar, criando uma rede de suporte que beneficia o desenvolvimento da criança.

Outro modelo bem-sucedido de parceria é o “programa de salas abertas”, que promove encontros regulares entre pais, professores e alunos para discutir o progresso acadêmico e os desafios enfrentados pela criança. Segundo Sheldon e Epstein (2021), esses programas são eficazes em promover uma comunicação mais fluida entre a escola e a família, o que contribui para a criação de um ambiente de confiança e cooperação mútua.

Por fim, programas de formação parental que visam educar os pais sobre o papel da família na educação também têm se mostrado eficazes. Estudos indicam que pais informados e capacitados estão mais aptos a apoiar seus filhos de maneira eficaz, aumentando a participação nas atividades escolares e no processo de aprendizagem em casa (Hoover-Dempsey *et al*., 2021).

4. O PAPEL DA ESCOLA COMO REDE DE APOIO

De acordo com Assis e Avanci (2024) a rede de apoio é fundamental pois:

> A importância do apoio social durante o desenvolvimento humano e sua relação do constructo do bem-estar físico e psicológico com o autoconceito e a autoestima e sua consequente relação com a motivação para o sucesso ou realização tem sido alvo de discussões ao longo de décadas passando o apoio social a ser entendido como um dos alicerces que sustentam a superação de adversidades e um conceito que pode direcionar certas funções de um grupo para com o indivíduo, e que podem prover de familiares, escolares, amigos, dentre outros, sendo esse conjunto denominado de redes de relações ou apoio social (Assis; Avanci, 2024).

A citação de Assis e Avanci (2024) destacam a importância das redes de apoio no desenvolvimento humano, especialmente na construção do bem-estar físico e psicológico. A relação entre o autoconceito e a autoestima é fortemente influenciada pela qualidade do apoio social recebido, seja ele oriundo da família, escola ou amigos. Essas redes de apoio social desempenham um papel fundamental na superação de adversidades e na promoção de uma motivação intrínseca para o sucesso. Ao proporcionar suporte emocional e prático, essas redes ajudam o indivíduo a desenvolver a resiliência necessária para enfrentar os desafios do dia a dia, sendo assim fundamentais para a construção de um ambiente saudável tanto dentro quanto fora da escola.

Nesse contexto, a escola assume um papel de destaque, não apenas como local de aprendizagem formal, mas também como um dos principais agentes na formação dessas redes de apoio. Ao fornecer suporte emocional e social aos estudantes, a instituição escolar pode preencher lacunas deixadas por uma falta de apoio familiar ou outras adversidades que o aluno possa enfrentar. Isso torna o acolhimento e a escuta ativa no ambiente escolar elementos essenciais para o desenvolvimento integral dos alunos, criando um espaço seguro onde eles se sentem compreendidos e apoiados em suas necessidades emocionais e psicológicas.

4.1 Acolhimento e Escuta no Ambiente Escolar

O ambiente escolar tem se tornado um espaço fundamental para o acolhimento emocional e psicológico dos estudantes. Estudos indicam que intervenções baseadas no acolhimento e na escuta atenta às necessidades emocionais dos alunos podem contribuir para a melhora significativa do bem-estar mental (McKenzie *et al*., 2021). A presença de uma rede de apoio composta por professores e psicólogos escolares oferece uma escuta qualificada, o que ajuda os estudantes a lidarem melhor com questões emocionais e comportamentais. A atenção dada ao bem-estar emocional é fundamental para que os alunos se sintam pertencentes e valorizados no ambiente escolar, o que reflete diretamente em seu desempenho acadêmico.

Além disso, o acolhimento pode atuar como uma forma de prevenção a problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão, que afetam uma grande parcela de estudantes (Yeager; Walton, 2021). A escola, ao oferecer um espaço seguro e acolhedor, ajuda a promover um ambiente que facilita a abertura e o diálogo sobre questões emocionais.

4.2 Intervenções Psicológicas na Escola

A escola, além de ser um espaço de aprendizado acadêmico, tem se consolidado como um local de intervenções psicológicas eficazes. Intervenções baseadas na psicologia positiva, por exemplo, têm mostrado resultados promissores no aumento do bem-estar dos alunos e na redução de sintomas de depressão e ansiedade (Waters, 2021; Šouláková *et al*., 2019). Programas que aplicam intervenções psicológicas, como a terapia cognitivo-comportamental (TCC), têm demonstrado eficácia tanto na prevenção quanto no tratamento de transtornos emocionais, com resultados significativos na redução de sintomas de ansiedade e depressão (Ruini *et al*., 2022).

No entanto, o papel do psicólogo escolar vai além da implementação de técnicas terapêuticas. Segundo Dias, Patias e Abaid (2024), a atuação do psicólogo na escola também deve focar na promoção de um ambiente saudável, em que os alunos se sintam seguros

para expressar suas emoções e dificuldades. Isso significa que o psicólogo não apenas intervém em crises, mas também trabalha de forma preventiva, criando estratégias que favoreçam o bem-estar geral da comunidade escolar. Dessa forma, a psicologia escolar se torna um campo de atuação integral, englobando tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o emocional.

Marinho-Araujo (2010) enfatiza que a intervenção psicológica no ambiente escolar deve ser compreendida em um contexto mais amplo de pesquisa e prática, considerando as especificidades de cada instituição e o perfil da comunidade escolar. A prática do psicólogo escolar precisa estar alicerçada em pesquisas que forneçam dados concretos sobre as necessidades dos alunos, professores e até das famílias. O trabalho colaborativo com os educadores também é importante, uma vez que o psicólogo pode capacitar os professores para que eles sejam agentes ativos na promoção da saúde mental em sala de aula, o que amplia o alcance das intervenções e cria um ambiente mais acolhedor e seguro para os alunos.

Outro aspecto relevante é a flexibilidade das intervenções psicológicas, que podem ser aplicadas em diferentes formatos, como em grupos, em sala de aula ou individualmente. Essas intervenções visam não só tratar problemas existentes, mas também promover habilidades de resiliência e enfrentamento, fundamentais para o desenvolvimento saudável do estudante (Gee *et al*., 2022). O desenvolvimento dessas habilidades de enfrentamento é fundamental para que os alunos consigam lidar com os desafios da vida escolar e pessoal, evitando que problemas emocionais pequenos se transformem em transtornos mais graves.

Além disso, a prática do psicólogo escolar deve estar integrada ao projeto pedagógico da escola, como apontado por Dias, Patias e Abaid (2024). Isso significa que o apoio psicológico não pode ser uma ação isolada, mas deve estar alinhado com os objetivos educativos da instituição, proporcionando um desenvolvimento integral do aluno. A saúde mental e emocional dos estudantes não pode ser dissociada de seu desempenho acadêmico; ambos estão interligados, e a promoção de um ambiente mentalmente saudável reflete diretamente na capacidade dos alunos de aprender e se desenvolver academicamente.

Por fim, Marinho-Araujo (2010) ressalta que o sucesso das intervenções psicológicas no ambiente escolar depende também de uma boa articulação entre a escola, a família e a comunidade. É fundamental que os pais e responsáveis também sejam envolvidos nos processos de acompanhamento psicológico dos alunos, pois o suporte emocional recebido em casa complementa as ações realizadas na escola. Assim, a psicologia escolar tem o potencial de atuar de forma multidimensional, integrando todos os aspectos da vida do aluno, desde o contexto familiar até o ambiente educacional, promovendo um desenvolvimento saudável e equilibrado.

4.3 Limites e Possibilidades da Escola como Suporte Emocional

Embora a escola tenha um papel importante como rede de apoio emocional, ela também enfrenta limites estruturais e operacionais em relação ao suporte psicológico que pode oferecer. Um dos desafios é o treinamento adequado de professores e funcionários para identificar sinais de problemas emocionais e comportamentais, bem como para fornecer o suporte necessário. Estudos indicam que, muitas vezes, os professores não se sentem capacitados para lidar com questões emocionais mais profundas, o que pode comprometer a eficácia do acolhimento oferecido no ambiente escolar (Waters, 2021).

Além disso, há uma necessidade crescente de expandir o número de profissionais de saúde mental nas escolas, como psicólogos e conselheiros, para atender à demanda crescente por apoio psicológico (Ruini *et al*., 2006). No entanto, as limitações orçamentárias e a sobrecarga de trabalho dos profissionais da educação podem dificultar a implementação de programas mais amplos e eficazes de intervenção psicológica (Hoagwood *et al*., 2021).

Por outro lado, as possibilidades da escola como um espaço de apoio emocional são amplas, especialmente quando há uma integração entre a escola, a família e a comunidade. Programas que envolvem esses três atores têm mostrado ser mais eficazes na promoção do bem-estar e na prevenção de problemas psicológicos, especialmente entre adolescentes (Araya *et al*., 2021).

5. IMPACTOS DA TRANSFERÊNCIA DE ACOLHIMENTO FAMILIAR PARA A ESCOLA

5.1 Consequências Cognitivas

A transferência do acolhimento familiar para o ambiente escolar pode trazer implicações significativas no desenvolvimento cognitivo das crianças. O envolvimento familiar é fundamental no desenvolvimento das habilidades cognitivas, pois, segundo Smolkowski *et al*. (2021), alunos que recebem apoio consistente da família apresentam melhores resultados acadêmicos, particularmente em áreas como leitura e matemática. Quando esse suporte é insuficiente em casa e a escola tenta preencher essa lacuna, o processo de aprendizado pode ser afetado devido à falta de continuidade entre os ambientes familiar e escolar.

Estudos mostram que alunos com maior suporte familiar tendem a desenvolver estratégias de enfrentamento cognitivo mais eficazes, o que contribui para o desempenho acadêmico e para o sucesso escolar (Rodríguez *et al*., 2024). A ausência desse suporte em casa pode exigir que a escola adote abordagens adicionais para compensar os déficits cognitivos, como intervenções psicológicas e pedagógicas mais individualizadas.

5.2 Consequências Emocionais

As consequências emocionais da falta de acolhimento familiar são bastante perceptíveis no comportamento e bem-estar emocional das crianças. Segundo Smith *et al*. (2022), a ausência de suporte emocional da família pode levar ao aumento de problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão. Quando a escola assume o papel de fornecedora desse suporte emocional, ela se depara com desafios relacionados à adequação dos recursos disponíveis e à capacidade de lidar com as demandas emocionais dos alunos.

Rodríguez *et al*. (2024) reforçam que, em ambientes familiares com baixa afetividade, as crianças tendem a utilizar menos estratégias de enfrentamento emocional, como a busca por apoio ou reestruturação cognitiva. Isso resulta em um aumento nos problemas emocionais e comportamentais, que a escola deve gerenciar através de programas de apoio psicológico.

5.3 Consequências Comportamentais

No campo comportamental, a falta de envolvimento familiar e a transferência do acolhimento para a escola podem gerar consequências adversas. Crianças que crescem em

ambientes com baixo suporte emocional apresentam mais problemas de conduta, como agressividade e dificuldades em seguir regras (Kratochwill *et al*., 2022). Esses problemas comportamentais, quando não tratados adequadamente, podem se intensificar, comprometendo o ambiente escolar e o desenvolvimento social do aluno.

Blair *et al*. (2021) indicam que o suporte positivo da escola, através de programas de intervenção comportamental, pode ajudar a reduzir esses comportamentos problemáticos. No entanto, a escola enfrenta limitações ao tentar suprir a ausência de um ambiente familiar estável, e os esforços para apoiar a criança podem não ser suficientes sem o envolvimento ativo da família.

6. TEORIAS RELACIONADAS À DINÂMICA FAMILIAR E ESCOLAR

6.1 Teoria do Desenvolvimento Infantil de Henry Wallon

Henri Wallon foi um dos teóricos mais influentes no campo do desenvolvimento infantil, com uma abordagem que integra aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Sua teoria enfatiza o papel das emoções no desenvolvimento infantil e como essas interações emocionais são fundamentais na construção do vínculo entre a criança e seu meio, especialmente na relação com os pais e professores (Veer, 2022). Wallon argumentava que as emoções desempenham um papel primordial nos primeiros anos de vida, servindo como base para o desenvolvimento cognitivo e social.

Além disso, Wallon acreditava que o desenvolvimento da criança se dá em estágios, nos quais as emoções e a socialização ocupam lugar central. Isso coloca o ambiente escolar e familiar como contextos fundamentais para o desenvolvimento emocional da criança, onde o acolhimento e o suporte são essenciais para o seu crescimento saudável. Estudos modernos confirmam a relevância de suas ideias ao afirmar que o desenvolvimento emocional precoce tem uma relação direta com o desempenho escolar e com a forma como as crianças se adaptam ao ambiente educacional (Santos; Lima, 2022).

6.2 Perspectivas Psicológicas sobre o Acolhimento Familiar

O acolhimento familiar é fundamental para o desenvolvimento psicológico da criança, influenciando diretamente a maneira como ela lida com emoções, relacionamentos e desafios. A Teoria do Apego, proposta por John Bowlby e posteriormente desenvolvida por outros pesquisadores, complementa as ideias de Wallon ao sugerir que o vínculo afetivo estabelecido nos primeiros anos de vida afeta profundamente o comportamento e a saúde mental da criança. Crianças que crescem em ambientes familiares acolhedores tendem a desenvolver um senso de segurança e confiança, facilitando o aprendizado e a socialização na escola (Kennedy; Kennedy, 2024).

Em contrapartida, crianças que enfrentam a ausência de acolhimento emocional no ambiente familiar apresentam maiores dificuldades comportamentais e emocionais, como mostram estudos que relacionam a falta de suporte emocional com problemas de adaptação no ambiente escolar e com dificuldades em construir relações saudáveis com professores e colegas (Rodríguez *et al*., 2024).

6.3 Influência do Contexto Escolar na Formação da Personalidade Infantil

O contexto escolar também desempenha um papel fundamental na formação da personalidade infantil. Wallon via a escola como uma extensão do ambiente familiar, um espaço onde as interações sociais e emocionais têm grande impacto no desenvolvimento da criança. A interação entre professores e alunos, bem como entre os pares, pode moldar a maneira como a criança percebe a si mesma e o mundo ao seu redor (Minke; Anderson, 2021).

Estudos contemporâneos reforçam a ideia de que o ambiente escolar, quando bem estruturado e com suporte emocional adequado, pode compensar deficiências encontradas no ambiente familiar, ajudando as crianças a desenvolverem habilidades socioemocionais e a superarem desafios comportamentais (Smith *et al*., 2022). No entanto, a falta de integração entre as esferas familiar e escolar pode resultar em barreiras para o desenvolvimento pleno da criança, o que enfatiza a necessidade de uma colaboração contínua entre esses dois ambientes.

7. CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo, discutimos a relação entre família e escola, destacando a importância da colaboração entre esses dois ambientes no desenvolvimento integral das crianças. A participação ativa da família na vida escolar, como apontado por Epstein (2021), é um fator determinante para o sucesso acadêmico e emocional dos alunos. Além disso, vimos que a ausência de suporte familiar pode resultar em sérias consequências cognitivas, emocionais e comportamentais, como observado por Rodríguez *et al.* (2024).

A escola, ao assumir um papel de rede de apoio, oferece intervenções psicológicas e emocionais que podem compensar a falta de acolhimento familiar. No entanto, como destacado por Waters (2021), há limitações que precisam ser superadas, como a capacitação adequada dos professores e a falta de recursos nas escolas para lidar com a crescente demanda por suporte emocional.

As teorias de Wallon, Bowlby e outros especialistas ajudam a entender a dinâmica entre família, escola e o desenvolvimento infantil. A compreensão desses aspectos reforça a importância de uma abordagem integradora, onde escola e família caminham juntas para promover o desenvolvimento cognitivo, emocional e comportamental saudável das crianças.

Em suma, é essencial que políticas públicas e práticas educacionais promovam um diálogo constante entre educadores e famílias, para que seja possível atender às necessidades das crianças de forma mais completa e eficaz. Apenas com essa parceria é possível garantir que as crianças tenham o suporte necessário para superar desafios e se desenvolverem plenamente.

Referências

ARAYA, R. et al. **School-based intervention to improve the mental health of low-income, secondary school students in Santiago, Chile (YPSA):** study protocol for a randomized controlled trial. Trials, v. 12, p. 49-49, 2021. Disponível em: https://consensus.app/papers/schoolbased-intervention-improve-health-lowincome-araya/250ab48e23905bdbb79cf17033356072 Acesso em: 30 set. 2024.

BARBOSA, Juliana Silveira Branco. **A importância da participação familiar para a inclusão escolar.** 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. E**statuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 30 set. 2024.

BLAIR, K. et al. **Positive Behavior Support Through Family–School Collaboration for Young Children With Autism**. Topics in Early Childhood Special Education, v. 31, p. 22-36, 2021. Disponível em: https://consensus.app/papers/behavior-support-through-family–school-collaboration-blair/437d0606579656da8d194532c2b30135 Acesso em: 30 set. 2024.

DARLING, N., & STEINBERG, L. **Parenting style as context:** An integrative model. Psychological bulletin, 113(3), 487-496. 2023

DIAS, Ana Cristina Garcia; PATIAS, Naiana Dapieve; ABAID, Josiane Lieberknecht Wathier. **Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo:** Algumas reflexões. Psicologia Escolar e Educacional, v. 18, p. 105-111, 2024.

EPSTEIN, J. L. **School, family, and community partnerships:** Preparing educators and improving schools. Westview Press, 2021.

EVANGELISTA, Vítor de Morais Alves; CONSTANTINO, Elizabeth Piemonte. **A relevância das redes de apoio social durante a infância**. Revista Estudos, v. 17, n. 17, p. 217-232, 2023.

FANTUZZO, J., MCWAYNE, C., & CHILDS, S**. Family involvement in early childhood education and children's peer play competencies**: An examination of multivariate relationships. Early Childhood Research Quarterly, 19(3), 407-428. 2024

GEE, B. et al. Practitioner Review: **Effectiveness of indicated school-based interventions for adolescent depression and anxiety - a meta-analytic review**. Journal of Child Psychology and Psychiatry, and Allied Disciplines, 2022. Disponível em: https://consensus.app/papers/practitioner-review-effectiveness-indicated-gee/ebc1c8e9c23b5b95b537ece75e97a7c4 Acesso em: 30 set. 2024.

HOAGWOOD, K. et al. **Empirically Based School Interventions Targeted at Academic and Mental Health Functioning**. Journal of Emotional and Behavioral Disorders, v. 15, p. 66-92, 2021. Disponível em: https://consensus.app/papers/empirically-school-interventions-targeted-academic-hoagwood/ff85493b12e9556d985e0b57c6096bf4 Acesso em: 30 set. 2024.

HOOVER-DEMPSEY, K. V., et al. **Why do parents become involved**? Research findings and implications. The Elementary School Journal, 106(2), 105-130. 2021.

KENNEDY, J.; KENNEDY, C. E. **Attachment theory**: Implications for school psychology. Psychology in the Schools, v. 41, p. 247-259, 2024. Disponível em: https://consensus.app/papers/attachment-theory-implications-school-psychology-kennedy/c54b862d39565ca3b2ed1bafce5bfeac Acesso em: 30 set. 2024.

KRATOCHWILL, T. et al. **Families and Schools Together**: an experimental study of multi-family support groups for children at risk. Journal of school psychology, v. 47, p. 245-265, 2022. Disponível em: https://consensus.app/papers/families-schools-together-study-multifamily-support-kratochwill/c0ffe5fd18eb52c9b22b7537cd5c7faa Acesso em: 30 set. 2024.

LAREAU, A. **Unequal childhoods**: Class, race, and family life. University of California Press. 2021

MAPP, K. L. **Having their say**: Parents describe why and how they are engaged in their children's learning. School Community Journal, 13(1), 35-64. 2023

MARINHO-ARAUJO, Claisy. **Psicologia Escolar**: pesquisa e intervenção. Em aberto, v. 23, n. 83, 2010.

MCKENZIE, V. et al. S**tudent Mental Health and Psychological Interventions in a School Setting.** The Journal of Primary Prevention, v. 40, p. 235-249, 2021. Disponível em: https://consensus.app/papers/student-mental-health-psychological-interventions-mckenzie/7967fbcd43fe51f8965fcec39fa1a386 Acesso em: 30 set. 2024.

MINKE, K.; ANDERSON, K**. Family—School Collaboration and Positive Behavior Support.** Journal of Positive Behavior Interventions, v. 7, p. 181-185, 2021. Disponível em: https://consensus.app/papers/family—school-collaboration-positive-behavior-support-minke/063719c5491154d384919ee4cb0041a3 Acesso em: 30 set. 2024.

RODRÍGUEZ, E. M. et al. **Family environment, coping, and mental health in adolescents attending therapeutic day schools**. Journal of adolescence, v. 37, p. 1133-1142, 2024. Disponível em: https://consensus.app/papers/family-environment-coping-health-adolescents-attending-rodríguez/cb8895fbc9b75c4ba38ac9d0d0a4ffea Acesso em: 30 set. 2024.

RUINI, C. et al. **Well-Being Therapy in School Settings**: A Pilot Study. Psychotherapy and Psychosomatics, v.

75, p. 331-336, 2006. Disponível em: https://consensus.app/papers/wellbeing-therapy-school-settings-pilot-study-ruini/9da821b126325ed38600ebbbd460c0d2 Acesso em: 30 set. 2024.

SANTOS, E. G. dos; LIMA, J. M. de. **A ação pedagógica sob a perspectiva de Henri Wallon**. Motriz - Revista de Educação Física, p. 340-348, 2022. Disponível em: https://consensus.app/papers/ação-pedagógica-perspectiva-henri-wallon-santos/d7ba71e99a9057f795cce372862e4ca0 Acesso em: 30 set. 2024.

SHELDON, S. B., & EPSTEIN, J. L. **School programs and teacher practices of parent involvement in elementary schools**. The Elementary School Journal, 106(2), 115-130. 2021

SMITH, T. E. et al. **The Effects of Family-School Partnership Interventions on Academic and Social-Emotional Functioning**: a Meta-Analysis Exploring What Works for Whom. Educational Psychology Review, v. 32, p. 511-544, 2022. Disponível em: https://consensus.app/papers/effects-familyschool-partnership-interventions-smith/98517be1be55568bae30b20c0b0ce82b Acesso em: 30 set. 2024.

SMOLKOWSKI, K. et al. **Effectiveness evaluation of the Positive Family Support intervention:** A three-tiered public health delivery model for middle schools. Journal of school psychology, v. 62, p. 103-125, 2021. Disponível em: https://consensus.app/papers/effectiveness-evaluation-positive-family-support-smolkowski/c71d843375f553b6b225de8b1b98c941 Acesso em: 30 set. 2024.

ŠOULÁKOVÁ, B. et al. **Meta-Review on the Effectiveness of Classroom-Based Psychological Interventions Aimed at Improving Student Mental Health and Well-Being, and Preventing Mental Illness**. The Journal of Primary Prevention, v. 40, p. 255-278, 2019. Disponível em: https://consensus.app/papers/metareview-effectiveness-classroombased-interventions-šoulákova/61ef3e46e7f1518490f6205a885bda9b Acesso em: 30 set. 2024.

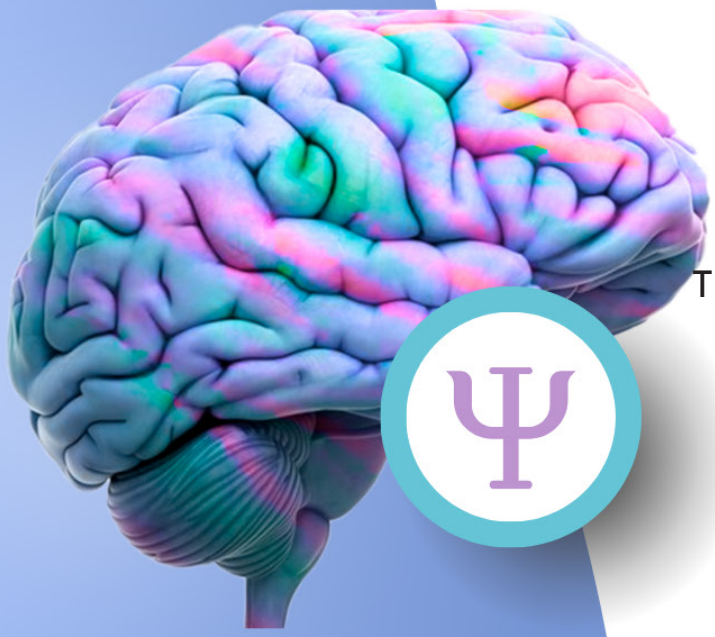
VEER, R. **Henri Wallon's Theory of Early Child Development**: The Role of Emotions. Developmental Review, v. 16, p. 364-390, 2022. Disponível em: https://consensus.app/papers/henri-wallons-theory-early-child-development-role-veer/9c4b13d75c8f5398b952e2b9f8ebec1a Acesso em: 30 set. 2024.

WATERS, L. A **Review of School-Based Positive Psychology Interventions**. The Educational and Developmental Psychologist, v. 28, n. 2, p. 75-90, 2021. Disponível em: https://consensus.app/papers/review-school-based-positive-psychology-interventions-waters/b24550431b385fef8982347c5418fdc1 Acesso em: 30 set. 2024.

YEAGER, D.; WALTON, G. **Social-Psychological Interventions in Education**. Review of Educational Research, v. 81, p. 267-301, 2021. Disponível em: https://consensus.app/papers/interventions-education-yeager/4f881884e2685286b2592418327bdf18 Acesso em: 30 set. 2024.

Perspectivas Maranhenses em Psicologia:
da teoria à prática

22



A IMPORTÂNCIA DO AJUSTAMENTO EMOCIONAL ENTRE PAIS E SEUS FILHOS ADOLESCENTES

THE IMPORTANCE OF EMOTIONAL ADJUSTMENT BETWEEN PARENTS AND THEIR ADOLESCENT CHILDREN

Gabriela Albatroz Mineiro Santos
Mariana Lucena

Pascal
Editora

Resumo

Este estudo aborda a importância do Ajustamento Emocional entre pais e filhos que estão na fase da adolescência. Considerando que a adolescência é uma fase de transição marcada por várias mudanças, o ajustamento emocional se torna fundamental para que o adolescente tenha um desenvolvimento sadio. O objetivo geral da pesquisa foi entender como o ajustamento emocional impacta na relação entre pais e filhos adolescentes, buscando assim contribuir para relações mais saudáveis e duradouras. A metodologia adotada consistiu em uma revisão bibliográfica abrangente, utilizando fontes como a Scientific Electronic Library Online (Scielo), Revista Científica de Psicologia, Google Acadêmico e Scribd, focando em literatura publicada nos últimos 11 anos e em língua portuguesa. Os critérios de seleção excluíram textos incompletos ou que não abordassem diretamente o tema do estudo. Os resultados indicaram que o ajuste emocional entre pais e adolescentes é indispensável para um ambiente familiar saudável, promovendo a compreensão e a regulação das emoções e que a presença de um vínculo seguro e práticas parentais positivas, ajudam a reduzir conflitos além de facilitar a transição para a autonomia dos jovens. A psicologia contribui ao fornecer ferramentas para melhorar a comunicação, empatia e resiliência. Por fim conclui-se que compreender os desafios emocionais da adolescência permite que pais e filhos fortaleçam seus vínculos, promovendo um ambiente acolhedor e contribuindo para o bem-estar psicológico de todos.

Palavras-chave: Ajustamento emocional. Adolescência e seus Conflitos. Relacionamentos pais e filhos. Regulação Emocional. Saúde Relacional.

Abstract

This study addresses the importance of Emotional Adjustment between parents and children in adolescence. Considering that adolescence is a transitional phase marked by several changes, emotional adjustment becomes fundamental for the adolescent to have a healthy development. The general objective of the research was to understand how emotional adjustment impacts the relationship between parents and adolescent children, thus seeking to contribute to healthier and more lasting relationships. The methodology adopted consisted of a comprehensive literature review, using sources such as the Scientific Electronic Library Online (Scielo), Revista Científica de Psicologia, Google Scholar, and Scribd, focusing on literature published in the last 11 years and in the Portuguese language. The selection criteria excluded incomplete texts or those that did not directly address the study's theme. The results indicated that emotional adjustment between parents and adolescents is indispensable for a healthy family environment, promoting the understanding and regulation of emotions, and that the presence of a secure bond and positive parenting practices help to reduce conflicts and facilitate the transition to the autonomy of young people. Psychology contributes by providing tools to improve communication, empathy, and resilience. Finally, it is concluded that understanding the emotional challenges of adolescence allows parents and children to strengthen their bonds, promoting a welcoming environment and contributing to the psychological well-being of all.

Keywords: Emotional adjustment. Adolescence and its conflicts. Parent-child relationships. Emotional regulation. Relational health

1. INTRODUÇÃO

O ajustamento emocional entre pais e filhos adolescentes é um tema que tem ganhado destaque no campo das ciências sociais e do desenvolvimento humano. Esse conceito se refere à capacidade de pais e filhos estabelecerem uma comunicação aberta, empática e respeitosa, baseada no entendimento mútuo e na gestão adequada das emoções.

No contexto do desenvolvimento adolescente, essa fase é marcada por mudanças significativas em termos físicos, emocionais e sociais, o que demanda um equilíbrio no relacionamento familiar para que as transições ocorram de maneira saudável. Portanto, o ajustamento emocional se torna um elemento fundamental para promover o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes e para fortalecer os laços familiares, reduzindo conflitos e aumentando a cooperação.

A relevância do tema está no fato de que, durante a adolescência, os jovens passam por transformações profundas que afetam sua identidade, autonomia e formas de se relacionar com o mundo. A ausência de um ajustamento emocional adequado pode levar ao distanciamento entre pais e filhos, aumentando os riscos de comportamentos problemáticos como rebeldia, desinteresse escolar, isolamento social e até problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão. Assim, entender como se dá esse processo é essencial para a promoção de um ambiente familiar saudável, que possa contribuir para o desenvolvimento equilibrado dos jovens e para a consolidação de uma relação de apoio e confiança entre pais e filhos.

A justificativa para a escolha do tema reside na necessidade de promover estratégias que ajudem pais e filhos a navegarem pelos desafios dessa fase de vida, visto que o ajustamento emocional é uma das bases para a construção de um relacionamento sólido. As famílias desempenham um papel importante no desenvolvimento emocional dos adolescentes, influenciando diretamente suas habilidades sociais, o gerenciamento do estresse e a resolução de conflitos.

O problema de pesquisa que se coloca é: Como o ajuste emocional contribui para o bom relacionamento entre pais e filhos adolescentes? Compreender essa questão é importante para identificar as práticas parentais que favorecem a comunicação, o apoio e o desenvolvimento de vínculos emocionais positivos.

O objetivo geral deste estudo compreender de que forma o ajuste emocional contribui para o bom funcionamento da relação entre pais e adolescentes. Para alcançar esse propósito, buscou-se nos objetivos específicos conceituar o ajustamento emocional; apontar os desafios emocionais na relação entre pais e adolescentes. E por fim, discorrer sobre a importância do ajustamento emocional na relação de pais e seus filhos adolescentes e o papel da psicologia nesse contexto

2. AJUSTAMENTO EMOCIONAL

O ajustamento emocional é um conceito amplamente estudado no campo da psicologia, especialmente no contexto das relações familiares. Segundo Bowlby (2018), o ajustamento emocional se refere à capacidade de indivíduos, particularmente no ambiente familiar, de desenvolver interações baseadas na compreensão e na regulação das emoções. O autor destaca a importância de um vínculo seguro para o desenvolvimento de um ajustamento emocional saudável, onde as figuras parentais exercem um papel primordial

como reguladores emocionais dos filhos. Essa dinâmica é essencial para que os adolescentes aprendam a lidar com suas próprias emoções e comportamentos de maneira equilibrada.

Silva e Oliveira (2017) definem o ajustamento emocional como a habilidade de adaptar-se a diferentes situações emocionais de forma harmoniosa, promovendo relações sociais positivas e redução de conflitos interpessoais. No contexto familiar, esse ajustamento ocorre quando os membros conseguem expressar suas emoções de maneira assertiva e controlada, permitindo que as dificuldades e os desafios do cotidiano sejam enfrentados com diálogo e compreensão mútua.

Para Carreira (2015), o ajustamento emocional envolve a capacidade de responder adequadamente a situações estressantes e de utilizar estratégias de enfrentamento que promovam o bem-estar. No ambiente familiar, essa habilidade é essencial para a formação de um ambiente afetivo positivo, que serve como uma base segura para os adolescentes enfrentarem as mudanças típicas dessa fase do desenvolvimento.

Fonseca e Pereira (2016) enfatizam que o ajustamento emocional não é um traço fixo, mas um processo dinâmico que se desenvolve ao longo do tempo e das interações sociais. Para os autores, as práticas parentais têm um papel determinante no desenvolvimento dessa habilidade, uma vez que o comportamento dos pais pode promover ou inibir a capacidade dos filhos de expressar suas emoções de maneira saudável

De acordo com Costa e Lima (2018), o ajustamento emocional está relacionado com a inteligência emocional, um conceito introduzido por Goleman (2019), que envolve o reconhecimento e a regulação das emoções, tanto as próprias quanto as dos outros. No contexto familiar, pais e filhos que desenvolvem habilidades de inteligência emocional tendem a estabelecer vínculos mais fortes e uma comunicação mais efetiva, facilitando o ajustamento emocional. O autor ressalta que a empatia é uma competência fundamental nesse processo, permitindo que os pais compreendam as emoções de seus filhos e ofereçam suporte de maneira mais adequada.

Medeiros e Almeida (2019) apontam que o ajustamento emocional é essencial para a prevenção de conflitos familiares e para o desenvolvimento de uma comunicação assertiva. Para os autores, famílias que possuem um ajustamento emocional bem desenvolvido tendem a resolver conflitos de maneira mais colaborativa e menos agressiva, o que contribui para a manutenção de um ambiente familiar saudável e acolhedor.

Gottman e Silver (2020) abordam o ajustamento emocional no contexto das habilidades parentais, sugerindo que pais que são “coaching emocionais” — isto é, que orientam seus filhos na compreensão e regulação das emoções — contribuem significativamente para o desenvolvimento emocional positivo dos adolescentes. Segundo os autores, o ajustamento emocional é construído a partir da interação e da orientação parental, com foco em práticas como a validação emocional, a escuta ativa e o suporte emocional em momentos de crise.

Para Rohner (2015), o ajustamento emocional está associado à teoria da aceitação e rejeição parental, onde o nível de aceitação ou rejeição dos pais influencia diretamente o desenvolvimento emocional dos filhos. Pais que demonstram aceitação e apoio emocional tendem a promover um ajustamento emocional mais positivo em seus filhos, enquanto aqueles que utilizam práticas rejeitadoras ou autoritárias podem prejudicar a capacidade dos adolescentes de lidarem com suas emoções de forma saudável

Martins e Castro (2017) discutem o papel do ajustamento emocional na mediação dos conflitos geracionais entre pais e adolescentes. Segundo os autores, a adolescência é uma

fase de busca por autonomia, o que pode gerar tensões no relacionamento familiar. O ajustamento emocional, nesse contexto, funciona como um recurso que permite a gestão desses conflitos de maneira construtiva, promovendo a negociação e o entendimento das diferentes perspectivas.

Almeida (2020) aborda o ajustamento emocional sob a ótica do desenvolvimento moral, argumentando que pais que demonstram ajustamento emocional tendem a influenciar positivamente o desenvolvimento de valores e comportamentos morais em seus filhos. O autor destaca que o ajustamento emocional contribui para a construção de um ambiente familiar em que a empatia e o respeito são valorizados, promovendo um senso de justiça e cooperação entre os membros da família. Dessa forma, o ajustamento emocional não apenas melhora a qualidade do relacionamento familiar, mas também contribui para o desenvolvimento ético dos adolescentes.

Sousa e Figueiredo (2016) analisam o ajustamento emocional a partir da perspectiva da teoria do apego, proposta por Bowlby (2018). Segundo essa teoria, o ajustamento emocional está intimamente ligado ao tipo de apego estabelecido entre pais e filhos, sendo que um apego seguro promove a regulação emocional e a resiliência diante de situações adversas. Pais que oferecem suporte emocional e que estão presentes de maneira sensível e responsiva tendem a promover um ajustamento emocional mais positivo, enquanto a ausência de um vínculo seguro pode resultar em dificuldades de regulação emocional nos filhos.

Pereira e Araújo (2015) exploram o ajustamento emocional como um fator preditivo de bem-estar familiar. Os autores sugerem que famílias que investem no desenvolvimento de habilidades emocionais, como a empatia, o controle da raiva e a resolução de problemas, apresentam níveis mais altos de satisfação familiar e bem-estar psicológico. Nesse contexto, o ajustamento emocional atua como um elemento protetor contra o estresse e a ansiedade, promovendo uma convivência mais harmoniosa e um ambiente familiar mais estável.

Barros e Nunes (2018) destacam que o ajustamento emocional é uma habilidade desenvolvida ao longo do ciclo de vida, sendo influenciada por fatores como personalidade, experiências passadas e estilo de vida. No contexto familiar, o ajustamento emocional pode ser promovido por meio de práticas que incentivam a expressão emocional saudável, como a realização de atividades em conjunto e a valorização da comunicação aberta. Segundo os autores, essas práticas ajudam a construir um ambiente de confiança e respeito, fundamental para o ajustamento emocional de pais e filhos.

Para Reis e Silva (2019), o ajustamento emocional também está associado à saúde mental, uma vez que a capacidade de lidar com emoções de maneira saudável está ligada à prevenção de transtornos emocionais. No contexto familiar, pais que conseguem ajustar-se emocionalmente tendem a ser mais capazes de apoiar seus filhos em momentos de crise, reduzindo o risco de desenvolvimento de problemas como depressão e ansiedade.

Por fim, Vieira e Campos (2021) argumentam que o ajustamento emocional deve ser uma prioridade no contexto familiar, especialmente durante a adolescência, quando a busca por identidade e independência pode gerar conflitos e tensões. Os autores sugerem que a promoção de um ajustamento emocional positivo passa por um processo contínuo de diálogo, compreensão e suporte mútuo, que fortalece o relacionamento entre pais e filhos e contribui para o desenvolvimento de um ambiente familiar mais equilibrado e saudável.

2.1 Desafios emocionais na relação entre pais e adolescentes

A adolescência é uma fase do desenvolvimento marcada por intensas mudanças emocionais, psicológicas e sociais, o que gera desafios significativos no relacionamento entre pais e filhos. Para Papalia e Olds (2021), os adolescentes passam por um processo de formação de identidade que inclui a busca por autonomia e independência, muitas vezes gerando conflitos dentro do ambiente familiar. Esse período de transição tende a ser especialmente desafiador para os pais, que precisam equilibrar a necessidade de controle e proteção com a necessidade de oferecer mais liberdade e confiança aos filhos.

Segundo Schaffer (2022), um dos principais desafios emocionais na relação entre pais e adolescentes é a oscilação de humor típica dessa fase. A puberdade e as alterações hormonais impactam diretamente no estado emocional dos jovens, tornando-os mais sensíveis e reativos a críticas e regras impostas pelos pais. Schaffer ressalta que, durante esse período, a paciência e a empatia dos pais são essenciais para evitar reações negativas e intensificar os conflitos.

Um aspecto relevante discutido por Steinberg (2015) é o papel do controle parental no desenvolvimento emocional dos adolescentes. Pais que adotam uma postura autoritária ou superprotetora tendem a enfrentar mais resistência e rebeldia por parte dos filhos, dificultando o desenvolvimento de um ajustamento emocional saudável. O autor destaca que a superproteção pode gerar insegurança e dependência, enquanto a falta de controle pode levar a comportamentos de risco. Portanto, encontrar um equilíbrio entre supervisão e autonomia é um desafio emocional significativo, que exige dos pais uma compreensão profunda das necessidades e características individuais de seus filhos.

Para Baumrind (2023), outro fator que influencia a relação emocional entre pais e adolescentes é o estilo parental adotado. Pais autoritativos, que combinam altas expectativas com suporte emocional e comunicação aberta, tendem a promover um ambiente mais propício para a expressão emocional saudável. No entanto, pais permissivos ou negligentes frequentemente enfrentam dificuldades na imposição de limites, o que pode gerar comportamentos problemáticos e descontrole emocional nos adolescentes. Dessa forma, o estilo parental desempenha um papel crucial no manejo dos desafios emocionais dessa fase.

De acordo com Musitu e García (2015), a comunicação é um dos principais pontos de tensão no relacionamento entre pais e adolescentes. Durante essa fase, os jovens costumam se distanciar emocionalmente dos pais e buscar maior proximidade com os pares, o que pode ser interpretado como desinteresse ou desrespeito. Para os autores, a chave para superar esse desafio é a adaptação das estratégias de comunicação, valorizando o diálogo aberto e a escuta ativa.

O estudo de Larson e Richards (2023) aborda a questão da variabilidade emocional dos adolescentes e sua repercussão no ambiente familiar. Os autores ressaltam que a adolescência é uma fase caracterizada por um aumento significativo na intensidade e na frequência das emoções negativas, como raiva e tristeza, o que pode gerar dificuldades de relacionamento com os pais. Essa variabilidade emocional é frequentemente mal compreendida pelos adultos, levando a uma interpretação errônea de desrespeito ou ingratidão. Assim, um dos desafios emocionais mais importantes para os pais é aprender a separar as reações impulsivas dos adolescentes de intenções negativas, evitando julgamentos precipitados.

Para Santrock (2020), a definição de identidade também é um desafio emocional relevante nessa fase. Os adolescentes estão em um processo de autodescoberta, no qual

experimentam diferentes papéis e valores, muitas vezes divergindo das expectativas familiares. Pais que não compreendem essa busca podem reagir com crítica ou rejeição, intensificando o distanciamento emocional e gerando sentimentos de inadequação e baixa autoestima nos filhos. O autor sugere que os pais adotem uma postura de suporte e aceitação durante essa fase, valorizando a individualidade dos adolescentes e evitando comparações com padrões externos.

Erikson (2021) argumenta que o conflito entre identidade e confusão de papéis é central durante a adolescência, e o papel dos pais é fundamental na resolução desse conflito. Pais que impõem suas próprias expectativas de maneira rígida e inflexível dificultam a formação de uma identidade autônoma e segura nos adolescentes. Esse controle excessivo pode levar a sentimento de revolta e distanciamento emocional. O autor propõe que os pais ofereçam um ambiente que permita a experimentação segura, promovendo um ajustamento emocional mais saudável e diminuindo os níveis de ansiedade e estresse.

Bronfenbrenner (2022), em seu modelo ecológico, destaca que o ambiente familiar é um dos principais contextos de desenvolvimento, influenciado por fatores externos como o ambiente escolar e social. Assim, os desafios emocionais entre pais e adolescentes não são apenas produto das interações familiares, mas também das pressões externas, como expectativas sociais, desempenho acadêmico e influências de grupos de amigos. O autor defende que os pais devem estar cientes dessas influências para oferecer suporte emocional que leve em consideração o contexto mais amplo no qual o adolescente está inserido.

Para Oliveira e Mendonça (2015), a presença de padrões de comunicação disfuncional, como críticas constantes, sarcasmo e falta de validação emocional, pode intensificar os desafios emocionais entre pais e adolescentes. Esses padrões geram um ciclo de ressentimento e raiva, prejudicando a confiança mútua e aumentando a distância emocional. Os autores sugerem que práticas de comunicação assertiva e validação emocional são essenciais para reverter esses padrões negativos e promover um ambiente de compreensão e respeito.

Outro desafio apontado por Smetana (2018) é o conflito geracional. As mudanças rápidas no contexto social e tecnológico geram uma lacuna entre a visão de mundo dos adolescentes e a dos pais, dificultando o entendimento mútuo. Essa discrepância de valores e prioridades pode gerar sentimentos de alienação e desconexão emocional, aumentando a frequência dos conflitos. Smetana recomenda que os pais busquem atualizar-se sobre as novas realidades sociais e tecnológicas para se conectar melhor com seus filhos e reduzir a distância emocional.

De acordo com Cooper, Grotevant e Condon (2019), a coesão familiar é um elemento fundamental para enfrentar os desafios emocionais da adolescência. Os autores apontam que famílias que mantêm um alto nível de apoio emocional e proximidade conseguem enfrentar melhor as crises típicas dessa fase, enquanto famílias desagregadas tendem a intensificar os conflitos. A falta de coesão familiar leva ao isolamento emocional e ao aumento dos comportamentos de risco, como o abuso de substâncias e a delinquência juvenil.

Marques e Silva (2017) ressaltam a importância do suporte emocional para a saúde mental dos adolescentes. Pais que não oferecem suporte emocional adequado tendem a gerar sentimentos de abandono e insegurança nos filhos, que podem evoluir para quadros de depressão e ansiedade. O suporte emocional, segundo os autores, deve ser baseado na empatia, na presença afetiva e no reforço positivo, criando um ambiente onde o adolescente se sinta valorizado e compreendido.

Por fim, Figueiredo e Garcia (2018) destacam que a transição da adolescência para a

vida adulta representa um desafio emocional final para os pais, que precisam lidar com o medo de perder o controle e a proximidade com os filhos. Esse período pode gerar sentimentos de tristeza e insegurança nos pais, que precisam aprender a redefinir seu papel e a apoiar os filhos de maneira mais independente. A aceitação dessa transição é essencial para um ajustamento emocional saudável tanto para pais quanto para adolescentes, permitindo que o vínculo familiar seja mantido em novas bases de respeito e autonomia.

2.2 A importância do ajustamento emocional na relação de pais e seus filhos adolescentes e o papel da psicologia nesse contexto

O ajustamento emocional entre pais e filhos adolescentes é um aspecto essencial para o desenvolvimento saudável e equilibrado dos jovens, especialmente durante a transição para a vida adulta. Para Bowlby (2018), o conceito de ajustamento emocional está intimamente relacionado à teoria do apego, na qual um vínculo seguro entre pais e filhos possibilita um ambiente propício para o desenvolvimento da capacidade de lidar com emoções complexas. O papel da psicologia, nesse contexto, é ajudar as famílias a estabelecer esse vínculo e a gerenciar as dinâmicas emocionais de maneira construtiva.

Segundo Santrock (2020), o ajustamento emocional é a base para a qualidade das interações parentais durante a adolescência, período caracterizado por mudanças significativas no comportamento e nas emoções dos jovens. A psicologia desempenha um papel fundamental ao fornecer ferramentas que ajudam pais e filhos a lidarem com essas mudanças de maneira eficaz, promovendo a compreensão mútua e o desenvolvimento de habilidades sociais. Intervenções psicológicas focadas na melhora do ajustamento emocional podem reduzir conflitos, fortalecer os laços familiares e promover um ambiente de respeito e apoio.

A perspectiva de Goleman (2019) sobre a inteligência emocional destaca que pais que possuem habilidades de regulação emocional bem desenvolvidas tendem a criar um ambiente mais estável para seus filhos, o que facilita o ajustamento emocional dos adolescentes. A psicologia, por meio de programas de treinamento de habilidades emocionais, pode apoiar os pais no desenvolvimento de competências como empatia, autocontrole e manejo de estresse. A abordagem de Goleman sugere que a presença de um ambiente emocionalmente equilibrado é um dos fatores mais importantes para o bem-estar psicológico dos adolescentes.

Medeiros e Almeida (2019) enfatizam que o ajustamento emocional está diretamente relacionado ao nível de comunicação dentro do ambiente familiar. A falta de ajustamento pode levar a uma comunicação disfuncional, caracterizada por críticas, falta de escuta e reatividade. A psicologia, nesse sentido, atua ajudando pais e filhos a desenvolverem estratégias de comunicação assertiva e a construírem um espaço seguro para a expressão emocional. O uso de terapias focadas na comunicação, como a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), é uma abordagem recomendada para a promoção de interações mais saudáveis e a prevenção de conflitos.

Para Steinberg (2015), o ajustamento emocional é um processo contínuo, que exige uma adaptação constante por parte dos pais e dos filhos. Durante a adolescência, os jovens passam por um processo de autoconhecimento e desenvolvimento de identidade, o que pode resultar em comportamentos imprevisíveis e emoções intensas. Nesse contexto, a psicologia pode fornecer apoio por meio de sessões de aconselhamento familiar, onde os pais aprendem a entender as reações dos filhos e a ajustar suas expectativas e comportamentos. As práticas parentais que valorizam o ajustamento emocional são essenciais para

que os adolescentes se sintam aceitos e apoiados.

Rogers (2015), em sua abordagem centrada no cliente, defende que a aceitação incondicional é uma base para o ajustamento emocional. No contexto da relação entre pais e adolescentes, isso significa que os pais devem oferecer um suporte livre de julgamentos, permitindo que os filhos explorem suas emoções e identidades sem medo de rejeição. A psicologia, por meio de intervenções baseadas na empatia e na compreensão, pode auxiliar os pais a desenvolverem essa postura, promovendo um ambiente onde o adolescente se sinta valorizado e compreendido.

Bronfenbrenner (2022) acrescenta uma perspectiva ecológica ao discutirmos o ajustamento emocional, destacando que ele não é apenas resultado das interações dentro da família, mas também de influências externas, como o ambiente escolar e os grupos de amigos. A psicologia, portanto, precisa considerar esses fatores ao trabalhar o ajustamento emocional, adotando uma abordagem sistêmica que inclua todos os contextos nos quais o adolescente está inserido. Programas de intervenção que envolvem pais, escolas e comunidades são eficazes para a promoção de um ajustamento emocional mais amplo e consistente.

Para Baumrind (2023), o estilo parental adotado tem um impacto significativo no ajustamento emocional dos filhos. Pais autoritativos, que combinam altas expectativas com apoio emocional, promovem um ajustamento mais positivo, enquanto pais autoritários ou permissivos tendem a enfrentar mais dificuldades. A psicologia, por meio de orientações parentais e sessões de terapia familiar, pode ajudar os pais a identificarem seus estilos parentais e ajustarem suas práticas para promover um desenvolvimento emocional mais saudável nos filhos adolescentes.

Maccoby e Martin (2018) ressaltam que, além do estilo parental, a consistência e a estabilidade das práticas parentais são essenciais para o ajustamento emocional. A inconsistência na imposição de regras e expectativas gera insegurança e confusão emocional nos adolescentes. A psicologia, nesse caso, pode atuar por meio da psicoeducação, ajudando os pais a estabelecerem limites claros e consistentes que promovam a sensação de segurança e previsibilidade para os filhos.

Gottman e Silver (2020) introduziram o conceito de “coaching emocional” como uma prática eficaz para promover o ajustamento emocional na família. Pais que atuam como orientadores emocionais ajudam seus filhos a nomear, entender e regular suas emoções de maneira construtiva. A psicologia pode capacitar os pais a desempenharem esse papel, por meio de programas de treinamento que abordam temas como validação emocional, escuta ativa e empatia. O coaching emocional reduz a frequência de conflitos e melhora a qualidade das interações familiares.

Oliveira e Andrade (2015) apontam que um dos maiores desafios no ajustamento emocional entre pais e adolescentes é a tendência ao afastamento emocional durante a adolescência. Esse afastamento é frequentemente interpretado como falta de respeito ou ingratidão, gerando ressentimentos e intensificando os conflitos. A psicologia pode ajudar os pais a compreenderem que esse distanciamento é uma parte natural do desenvolvimento adolescente e a utilizarem estratégias para manter o vínculo emocional de forma saudável, como a prática de atividades em conjunto e o reforço de aspectos positivos da relação.

Segundo Rohner (2015), a percepção de aceitação ou rejeição parental influencia diretamente o ajustamento emocional dos adolescentes. Pais que demonstram aceitação e suporte emocional tendem a promover um ajustamento mais positivo, enquanto aqueles que utilizam práticas rejeitadoras geram sentimentos de inadequação e baixa autoestima

nos filhos. A psicologia pode ajudar os pais a identificarem comportamentos rejeitadores e a substituí-los por práticas de suporte e validação emocional, promovendo um ambiente familiar mais acolhedor.

Pereira e Azevedo (2017) destacam que o ajustamento emocional também depende da habilidade dos pais de lidar com o estresse e as frustrações do dia a dia. Pais que possuem altos níveis de estresse tendem a ser mais reativos e menos compreensivos, o que dificulta o desenvolvimento de um relacionamento saudável. A psicologia, por meio de técnicas de manejo de estresse e autocuidado, pode ajudar os pais a se tornarem mais resilientes emocionalmente, facilitando o ajustamento emocional no contexto familiar.

Para Figueiredo e Garcia (2018), a transição da adolescência para a vida adulta representa um desafio emocional final, no qual o ajustamento emocional precisa ser reavaliado e ajustado. Os pais devem aprender a lidar com a crescente autonomia dos filhos e a redefinir seu papel no relacionamento. A psicologia pode fornecer suporte nessa fase por meio de sessões de orientação, ajudando pais e filhos a navegarem por essa transição de maneira saudável e respeitosa.

Em resumo, o ajustamento emocional é um componente fundamental na qualidade das relações entre pais e adolescentes, influenciado por fatores como estilos parentais, comunicação e contexto ecológico. A psicologia desempenha um papel essencial nesse processo, oferecendo intervenções que promovem a compreensão, a aceitação e o manejo saudável das emoções, contribuindo para o desenvolvimento de um ambiente familiar equilibrado e de relações mais harmoniosas.

3. CONCLUSÃO

O ajuste emocional na relação entre pais e filhos adolescentes é um aspecto crucial para o desenvolvimento saudável dos jovens. Ao longo da adolescência, marcada por transformações significativas, a habilidade de lidar com as emoções torna-se ainda mais necessária. A literatura aponta que um vínculo seguro, que é essencial para a regulação emocional, permitindo que os adolescentes desenvolvam competências para navegar por seus complexos emoções. Interações familiares caracterizadas por empatia, comunicação aberta e validação emocional, são indispensáveis para a promoção de um ambiente harmonioso.

Além disso, a psicologia desempenha um papel vital na promoção desse ajuste emocional, oferecendo ferramentas e intervenções que ajudam tanto os pais quanto os filhos a gerenciarem suas dinâmicas emocionais. Programas que incentivam estilos parentais autoritativos, caracterizados por alta expectativa aliada ao suporte emocional, podem resultar em melhores avanços para o desenvolvimento emocional dos adolescentes (Baumrind, 2023).

Por fim, a compreensão dos desafios emocionais que surgem durante a adolescência, como a busca pela autonomia e a variabilidade emocional, é fundamental para pais e filhos. Através da psicologia, é possível desenvolver estratégias que fortaleçam o vínculo familiar e garantam um ambiente acolhedor. O ajuste emocional, portanto, não só melhora a qualidade das relações familiares, mas também contribui para o bem-estar psicológico dos adolescentes, preparando-os para enfrentar os desafios da vida adulta com maior resiliência e segurança. Assim, promover um ajuste emocional positivo deve ser uma prioridade para todos os envolvidos no desenvolvimento.

Referências

ALMEIDA, R. S. **Desenvolvimento moral e ajustamento emocional na adolescência**. São Paulo: Editora Psicologia Moderna. 2020

BARROS, L. A.; NUNES, T. F. Práticas parentais e ajustamento emocional no contexto familiar. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano**, 34(2), 45-57.2018

BAUMRIND, D. The Influence of Parenting Style on Adolescent Competence and Substance Use. **Journal of Early Adolescence**, 11(1), 56-95. 2023

BOWLBY, J. **Apego e Perda:** Formação e Ruptura dos Laços Afetivos. Rio de Janeiro: Imago Editora.2018

BRONFENBRENNER, U. **The Ecology of Human Development:** Experiments by Nature and Design. Harvard University Press.2022

CARREIRA, M. Resiliência emocional e práticas parentais: Um estudo sobre o ajustamento emocional. **Revista de Psicologia Aplicada**, 18(3), 27-38.2015

COSTA, S. L.,; LIMA, P. C. Inteligência emocional e ajustamento em ambientes familiares. **Psicologia Contemporânea**, 21(1), 34-50. 2018

COOPER, C. R., GROTEVANT, H. D., & CONDON, S. M. (1983). Individuality and Connectedness in the Family as a Context for Adolescent Identity Formation and Role Taking Skill. New Directions for Child and Adolescent Development, 1983(22), 43-59.2019

ERIKSON, E. H. **Identity:** Youth and Crisis. New York: W. W. Norton & Company. 201

FIGUEIREDO, M., & GARCIA, L. Desafios Emocionais no Processo de Transição para a Vida Adulta. **Revista Psicologia Contemporânea**, 16(4), 78-90.2018

FONSECA, R.,; PEREIRA, M. O papel das práticas parentais no ajustamento emocional dos filhos. **Psicologia em Estudo**, 14(4), 50-65. 2016

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional:** A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva.2019

GOTTMAN, J.; SILVER, N. **Raising an Emotionally Intelligent Child:** The Heart of Parenting. New York: Simon & Schuster.2020

LARSON, R.,; RICHARDS, M. HDivergência Emocional: A Dinâmica de Emoções e Interações na Adolescência. **Journal of Adolescent Research**, 9(1), 4-19.2023

MACCOBY, E. E., & MARTIN, J. A. **Socialization in the Context of the Family:** Parent-Child Interaction. In P. H. Mussen (Ed.), Handbook of Child Psychology (pp. 1-101). New York: Wiley.2018

MARQUES, F.,; SILVA, M. Suporte Emocional na Adolescência: Implicações para a Saúde Mental. **Revista Brasileira de Psicologia**, 32(2), 21-39.2017

MARTINS, J. R.,; CASTRO, L. S. Conflitos geracionais e ajustamento emocional: Uma abordagem na adolescência. **Revista Psicologia e Sociedade**, 13(2), 23-40.2017

MEDEIROS, V. P.; ALMEIDA, R. S. Comunicação familiar e ajustamento emocional em adolescentes. **Psicologia em Foco**, 12(1), 19-28. 2019

MUSITU, G.,; GARCÍA, F. **Family, Emotional Development, and Adolescence**. Psicothema, 16(2), 147-155.2015

OLIVEIRA, A. M.; MENDONÇA, C. F. Comunicação Familiar e Seus Impactos no Ajustamento Emocional dos Adolescentes. **Revista Psicologia em Foco**, 19(2), 56-72.2015

PAPALIA, D. E ; OLDS, S. W. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed.2021

PEREIRA, G. A ; AZEVEDO, R. P.Estresse Parental e Ajustamento Emocional. **Revista Brasileira de Psicologia**, 15(1), 29-41.2017

PEREIRA, G. A.; ARAÚJO, T. R. O ajustamento emocional como preditor de bem-estar familiar. **Revista de Psicologia Social**, 9(3), 45-58.2015

REIS, M. C.; SILVA, L. F. Ajustamento emocional e saúde mental: A influência das práticas parentais. **Revista Brasileira de Psicologia**, 15(1), 29-41.2019

ROHNER, R. P. **Parental Acceptance-Rejection Theory**. New York: Parental Acceptance-Rejection Press.2015

ROHNER, R. P. **Parental Acceptance-Rejection Theory.** New York: Parental Acceptance-Rejection Press.2015

SANTROCK, J. W. **Adolescência**. Porto Alegre: McGraw-Hill.202

SCHAFFER, H. R. **Social Development**. Oxford: Blackwell.2022

SMETANA, J. G. **Adolescents, Families, and Social Development:** How Teens Construct Their Worlds. New York: Wiley. 2018

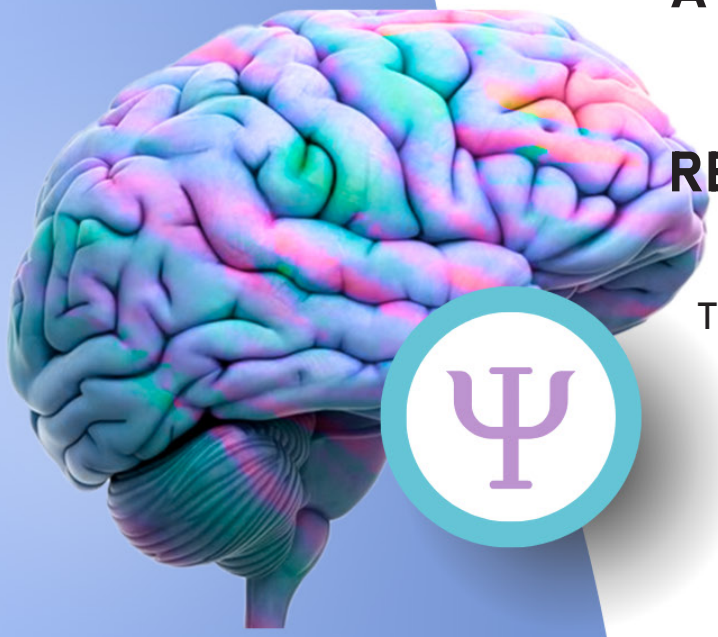
STEINBERG, L. **Adolescente**. New York: McGraw-Hill.215

SILVA, M. C.; OLIVEIRA, A. G. Ajustamento emocional e desenvolvimento adolescente. **Psicologia em Revista**, 11(3), 36-49.2017

SOUSA, M. H.; FIGUEIREDO, R. S. Teoria do apego e ajustamento emocional: Implicações para a prática parental. **Revista Psicologia e Pesquisa,** 8(2), 31-43. 2016

VIEIRA, D. C.,; CAMPOS, J. L. Ajustamento emocional e relações familiares: Um olhar contemporâneo. **Revista de Psicologia Familiar**, 17(1), 39-52.2021

23



A INFLUÊNCIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS: ESTRATÉGIAS E IMPACTOS

THE INFLUENCE OF EMOTIONAL INTELLIGENCE ON CONFLICT RESOLUTION IN ROMANTIC RELATIONSHIPS: STRATEGIES AND IMPACTS

Diranes Oliveira da Conceição Santos

Mariana Lucena

Pascal
Editora

Resumo

Este estudo explora a influência da inteligência emocional (IE) na resolução de conflitos em relacionamentos amorosos. Considerando que os relacionamentos são dinâmicos e propensos a conflitos derivados de várias fontes emocionais e comportamentais, a IE surge como uma habilidade crucial para gerenciar tais desafios de forma construtiva. O objetivo geral da pesquisa foi entender como a inteligência emocional dos parceiros impacta na resolução de conflitos amorosos, buscando assim contribuir para relações mais saudáveis e duradouras. A metodologia adotada consistiu em uma revisão bibliográfica abrangente, utilizando fontes como a Scientific Electronic Library Online (Scielo), Revista Científica de Psicologia, Google Acadêmico e Scribd, focando em literatura publicada nos últimos 11 anos e em língua portuguesa. Os critérios de seleção excluíram textos incompletos ou que não abordassem diretamente o tema do estudo. Os resultados indicaram que elevados níveis de IE estão positivamente correlacionados com uma maior capacidade de resolução de conflitos em relações amorosas, facilitando a comunicação eficaz, a empatia e o controle emocional entre parceiros. Tais habilidades contribuem significativamente para a diminuição da frequência e intensidade de conflitos, promovendo um ambiente relacional mais estável e satisfatório. Conclui-se que o aprimoramento da inteligência emocional pode ser uma estratégia eficaz para melhorar a qualidade das relações amorosas. A pesquisa ressalta a necessidade de mais estudos interdisciplinares para explorar a aplicabilidade da IE em contextos variados, incluindo intervenções educacionais e terapêuticas que podem beneficiar casais em diferentes fases do relacionamento.

Palavras-chave: Inteligência Emocional. Resolução de Conflitos. Relacionamentos Amorosos. Comunicação Interpessoal. Saúde Relacional.

Abstract

This study explores the influence of emotional intelligence (EI) on conflict resolution in romantic relationships. Given that relationships are dynamic and prone to conflicts arising from various emotional and behavioral sources, EI emerges as a crucial skill for managing such challenges constructively. The general objective of the research was to understand how the emotional intelligence of partners impacts the resolution of romantic conflicts, thus aiming to contribute to healthier and more enduring relationships. The methodology adopted consisted of a comprehensive literature review, utilizing sources such as the Scientific Electronic Library Online (Scielo), Revista Científica de Psicologia, Google Scholar, and Scribd, focusing on literature published in the last 11 years and in the Portuguese language. Selection criteria excluded incomplete texts or those that did not directly address the study's topic. The results indicated that high levels of EI are positively correlated with a greater capacity for conflict resolution in romantic relationships, facilitating effective communication, empathy, and emotional control among partners. Such skills contribute significantly to reducing the frequency and intensity of conflicts, promoting a more stable and satisfying relational environment. It is concluded that enhancing emotional intelligence can be an effective strategy to improve the quality of romantic relationships. The research highlights the need for more interdisciplinary studies to explore the applicability of EI in varied contexts, including educational and therapeutic interventions that can benefit couples at different stages of the relationship.

Keywords: Emotional Intelligence. Conflict Resolution. Romantic Relationships. Interpersonal Communication. Relationship Health.

1. INTRODUÇÃO

Os relacionamentos amorosos são dinâmicos e complexos, envolvendo uma ampla gama de emoções e interações entre os parceiros. Conflitos são inevitáveis em tais relacionamentos devido a diferenças de opinião, estresse, expectativas e outros fatores. A forma como esses conflitos são gerenciados pode significativamente influenciar a qualidade e a durabilidade das relações.

A inteligência emocional (IE), que envolve a habilidade de reconhecer, entender e gerenciar as próprias emoções e as dos outros, surge como um fator crucial na mediação desses conflitos. Investigar o papel da IE pode oferecer insights valiosos para melhorar a comunicação, o entendimento mútuo e a satisfação em relacionamentos amorosos, contribuindo assim para relações mais saudáveis e duradouras.

Embora a importância da inteligência emocional em contextos profissionais seja amplamente reconhecida, seu impacto na dinâmica de relacionamentos amorosos ainda necessita de mais investigação. Entender como a IE pode facilitar a resolução de conflitos e promover uma convivência mais harmoniosa é essencial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de comunicação e resolução de problemas entre casais. Além disso, tal compreensão pode auxiliar profissionais de terapia de casais e outros mediadores a elaborarem intervenções mais efetivas.

Este estudo buscou responder à seguinte questão: Qual a possível influência da inteligência emocional na resolução de conflitos em relacionamentos amorosos? Entender esse aspecto pode revelar como características como empatia, autoconsciência e controle emocional impactam na capacidade dos indivíduos de resolver desavenças de maneira construtiva, potencialmente reduzindo a frequência e a intensidade de conflitos nos relacionamentos amorosos.

Assim, o objetivo geral da pesquisa buscou entender a relação entre a inteligência emocional dos parceiros e a resolução de conflitos em relacionamentos amorosos. Já os objetivos específicos consistem em conceituar a inteligência emocional, identificar os conflitos vivenciados em relacionamentos amorosos. E por fim, discorrer sobre a influência da inteligência emocional na resolução de conflitos amorosos.

O proposto tratou-se de uma revisão bibliográfica que foi extraída de matérias já publicadas, utilizou-se para tanto o método qualitativo e descritivo. A busca foi realizada por meio dos seguintes buscadores Scientific Electronic Library Online (Scielo), Revista Cientifica de Psicologia, Google Acadêmico e Scribd. Os critérios de exclusão: textos incompletos, artigo que não abordaram diretamente o tema do presente estudo e nem os objetivos propostos, foram consultados ainda diferentes documentos como: Livros, Teses, Artigos e Monografia: desde o ano 2013 até 2024. Foram selecionados trabalhos publicados nos últimos 11 anos, na língua portuguesa.

2. INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

O termo “inteligência emocional” foi popularizado por Daniel Goleman no meio dos anos 90, mas as suas raízes teóricas remontam aos trabalhos de Salovey e Mayer (2019), que foram os primeiros a desenvolver um modelo de inteligência emocional, descrevendo-a como a capacidade de monitorar as próprias emoções e as dos outros, de discriminar entre elas e de usar essa informação para orientar o pensamento e a ação.

Mayer e Salovey (2015) expandiram o seu modelo inicial, propondo quatro níveis de habilidades emocionais: percepção emocional, uso emocional, compreensão emocional e regulação emocional. Este modelo sugere que a inteligência emocional envolve habilidades que vão desde a simples percepção das emoções até o manejo complexo e estratégico das mesmas. Goleman (2018) ampliou o conceito de inteligência emocional para o público geral, argumentando que as habilidades emocionais podem ser tão importantes quanto o QI para o sucesso na vida. Goleman identificou cinco componentes principais da inteligência emocional: autoconsciência, autogestão, automotivação, empatia e habilidades sociais.

Enquanto o QI tradicionalmente mede capacidades cognitivas, como compreensão matemática e verbal, a inteligência emocional foca em habilidades interpessoais e intrapessoais. Este contraste foi crucial nas discussões acadêmicas e aplicadas sobre a importância relativa de habilidades cognitivas e emocionais, como exposto nos trabalhos de Goleman e outros estudiosos.

Alguns autores, como Bar-On (2020), propõem um modelo misto que considera a inteligência emocional parte do caráter pessoal e das habilidades sociais, vendo-a como um agregado de traços de personalidade e competências emocionais que influenciam a capacidade geral de lidar efetivamente com demandas e pressões ambientais.

Vários estudos, incluindo aqueles realizados por Carmeli e Josman (2016), destacam uma correlação positiva entre a inteligência emocional (EI) e o sucesso profissional. Esses estudos sugerem que indivíduos com níveis elevados de EI geralmente apresentam melhores desempenhos, particularmente em ocupações que demandam intensa interação social. Esta associação sugere que a capacidade de entender, usar e gerenciar as próprias emoções e as dos outros pode ser um fator crucial para o sucesso em ambientes profissionais.

A conexão entre inteligência emocional e liderança tem atraído considerável atenção acadêmica. Pesquisador como George (2019), defende que líderes com elevada inteligência emocional possuem uma habilidade superior para administrar emoções, tanto as próprias quanto as de seus colaboradores. Essa capacidade é fundamental para criar ambientes de trabalho mais harmoniosos e produtivos, sugerindo que a inteligência emocional é um componente essencial para uma liderança eficaz.

A medição da inteligência emocional (EI) apresenta desafios significativos devido à sua natureza multifacetada. Ferramentas como o MSCEIT (Mayer-SaloveyCaruso Emotional Intelligence Test) são empregadas para avaliar as habilidades específicas descritas no modelo de Mayer e Salovey (2015). Este teste foca em uma avaliação objetiva das capacidades de EI, diferenciando-se de outros instrumentos que se baseiam em auto-relatos ou avaliações de terceiros. Esses últimos, embora úteis, podem refletir percepções subjetivas que nem sempre capturam a essência completa das habilidades emocionais de um indivíduo.

Alguns psicólogos, incluindo Roberts *et al*. (2019), levantam críticas à inteligência emocional devido à ausência de padronização nos métodos de medição e à complexidade em diferenciar claramente as habilidades emocionais das habilidades sociais e de personalidade. Eles argumentam que as sobreposições entre essas áreas podem comprometer a validade dos testes de EI, dificultando a avaliação precisa e independente das competências emocionais sem a influência de fatores de personalidade ou habilidades sociais já estabelecidas.

Estudos conduzidos por pesquisadores como Schutte *et al*. (2017) estabelecem uma ligação direta entre inteligência emocional e saúde mental. Eles sugerem que habilidades elevadas em inteligência emocional podem funcionar como um fator protetor contra

distúrbios psicológicos, como depressão e ansiedade. Isso implica que a capacidade de gerenciar eficazmente as emoções próprias e alheias pode contribuir significativamente para a manutenção do bem-estar mental e a prevenção de condições mentais adversas.

A relevância da inteligência emocional na educação é amplamente defendida por estudiosos como Elias *et al*. (2018), que enfatizam como programas focados em educação emocional podem enriquecer tanto o desempenho acadêmico quanto as habilidades sociais dos estudantes. Esses autores argumentam que integrar o ensino de inteligência emocional ao currículo escolar não apenas aprimora as competências interpessoais dos alunos, mas também facilita um ambiente de aprendizagem mais engajado e compreensivo, promovendo um desenvolvimento holístico dos estudantes.

Os programas de treinamento em inteligência emocional, como os desenvolvidos por Goleman e seus colaboradores, partem do princípio de que, diferentemente do Quociente de Inteligência (QI), a inteligência emocional (EI) pode ser cultivada e aprimorada ao longo da vida. Schutte *et al*. (2017) também destacam a importância dessas práticas, salientando que através de treinamento específico e conscientização, indivíduos são capazes de melhorar substancialmente suas habilidades de perceber, avaliar e gerenciar suas emoções e as dos outros. Essa abordagem sustenta que a EI é uma competência flexível que, uma vez desenvolvida, pode significativamente enriquecer as interações pessoais e profissionais, levando a uma melhor qualidade de vida e sucesso em diversas áreas.

No contexto dos relacionamentos amorosos, a importância da inteligência emocional é amplamente reconhecida por sua capacidade de entender e gerenciar as dinâmicas emocionais entre os parceiros. Estudos indicam que casais com altos níveis de inteligência emocional tendem a ter relacionamentos mais estáveis e satisfatórios. Isso ocorre porque esses indivíduos possuem a habilidade de reconhecer e expressar suas emoções de forma construtiva, o que facilita a comunicação, minimiza conflitos e fortalece a conexão emocional. Este entendimento, evidenciado em pesquisas como as mencionadas por Roberts *et al*. (2019), destaca como a inteligência emocional pode influenciar positivamente a qualidade das relações íntimas.

O campo da inteligência emocional continua a se expandir, com pesquisadores como Elias *et al.* (2018) explorando suas aplicações em domínios inovadores como a inteligência artificial e a robótica. Essa pesquisa está focada em compreender e replicar habilidades emocionais humanas em sistemas automatizados. Tal integração visa aprimorar a interação humano-máquina, permitindo que robôs e sistemas não apenas executem tarefas, mas também reconheçam, interpretem e respondam de forma adaptativa às emoções humanas. Isso tem o potencial de melhorar significativamente a eficácia e a naturalidade das interações tecnológicas, transformando a forma como interagimos com as máquinas em nosso cotidiano.

A inteligência emocional é um campo de estudo vital que abrange diversas áreas do comportamento humano. À medida que mais pesquisas são realizadas, torna-se cada vez mais claro que as habilidades emocionais são fundamentais para o sucesso pessoal, profissional e interpessoal, reforçando a necessidade de integração de treinamentos de EI em diversos âmbitos da vida social e educacional.

2.1 Conflitos vivenciados em relacionamentos amorosos

Gottman e Levenson (2019) oferecem uma definição ampla de conflitos em relacionamentos amorosos, considerando-os como quaisquer desacordos ou tensões que emergem

das diferenças em desejos, crenças, valores ou práticas entre os parceiros. Eles destacam que tais conflitos, embora variem em intensidade e frequência, são elementos normais e, em muitos casos, essenciais para o desenvolvimento e amadurecimento do relacionamento. Essa perspectiva sugere que os conflitos não apenas são inevitáveis, mas também podem ser benéficos, pois oferecem oportunidades para o aprofundamento do entendimento mútuo e o fortalecimento dos laços afetivos.

Bradbury e Fincham (2021) identificam várias causas comuns de conflitos em relacionamentos amorosos, destacando questões financeiras, diferenças nas expectativas de relacionamento, distribuição de responsabilidades domésticas e gestão do tempo livre como fatores preponderantes. Esses elementos frequentemente se tornam pontos de tensão, pois tocam aspectos fundamentais da vida cotidiana e das expectativas individuais dentro de uma parceria. Entender essas fontes de conflito é crucial para os casais que buscam maneiras de comunicar suas necessidades e expectativas de forma mais eficaz, visando uma harmonia maior no relacionamento.

Segundo Heider (2018), os conflitos frequentemente ocorrem quando um dos parceiros atribui as ações do outro a traços de personalidade estáveis, ao invés de circunstâncias situacionais ou temporárias. Esse tipo de atribuição pode levar a ressentimentos e mal-entendidos, pois presume intenções negativas ou características imutáveis no outro, muitas vezes ignorando o contexto que pode ter motivado determinado comportamento. Esta abordagem destaca a importância da comunicação clara e da empatia na resolução de conflitos, encorajando os parceiros a considerarem perspectivas alternativas antes de formarem julgamentos precipitados.

Karney e Brasdbury (2015) destacam como as expectativas irrealistas em relação ao parceiro ou ao relacionamento podem ser uma fonte significativa de conflitos. Eles apontam que quando essas expectativas não são atendidas, frequentemente levam a frustrações e desilusões. Este fenômeno ocorre porque tais expectativas podem criar uma pressão excessiva sobre o parceiro para atender a um ideal que pode ser inatingível. Consequentemente, isso pode desencadear conflitos e ressentimentos, uma vez que a discrepância entre o esperado e o real se torna aparente. Essa análise sugere a importância de cultivar expectativas realistas e comunicar abertamente desejos e necessidades dentro do relacionamento, a fim de mitigar possíveis tensões e fortalecer a conexão entre os parceiros.

Markman *et al*. (2017) destacam que a qualidade da comunicação entre casais durante conflitos é um forte indicador da estabilidade do relacionamento. Segundo eles, técnicas de comunicação ineficazes, como o uso de críticas destrutivas e a evitação de diálogo, tendem a intensificar os conflitos em vez de resolvê-los. Eles argumentam que essas abordagens negativas podem levar a um ciclo vicioso de má comunicação, aumentando a hostilidade e diminuindo a satisfação relacional. Por outro lado, habilidades de comunicação construtivas, como a expressão clara de necessidades e a escuta ativa, podem ajudar a resolver desentendimentos e fortalecer o vínculo entre os parceiros.

Rahim (2019) classifica cinco estilos principais de manejo de conflitos que as pessoas podem adotar durante interações. O primeiro estilo, competição, indivíduos que empregam este estilo frequentemente priorizam seus próprios interesses acima dos outros. O segundo estilo, colaboração, envolve uma abordagem altamente cooperativa e assertiva. O compromisso representa o terceiro estilo, situando-se entre a assertividade e a cooperação. O quarto estilo, evitação, caracteriza-se por uma abordagem nem assertiva nem cooperativa. Por fim, o estilo de acomodação é cooperativo, mas não assertivo. Os que adotam esse estilo tendem a colocar as necessidades e desejos dos outros acima dos seus próprios.

Rusbult *et al*. (2018) exploram a dinâmica do compromisso em relacionamentos e sua

influência sobre os conflitos entre parceiros. Eles argumentam que um maior compromisso com o relacionamento pode atuar como um moderador na frequência e intensidade dos conflitos, influenciando positivamente a maneira como os desacordos são gerenciados. Segundo seus estudos, parceiros que demonstram um alto nível de compromisso tendem a adotar estratégias mais construtivas para resolver conflitos.

Neff e Karney (2015) investigaram a influência do estresse externo nos relacionamentos amorosos, destacando como ele pode agravar conflitos entre parceiros. Eles descobriram que o estresse externo pode diminuir significativamente a paciência e a capacidade de empatia entre os parceiros. Essa redução na empatia e paciência torna mais difícil para os parceiros entenderem e responderem às necessidades emocionais um do outro de maneira adequada e cuidadosa.

Holmes e Boon (2017) destacaram a evolução dos conflitos em relacionamentos amorosos à medida que esses amadurecem. Eles observam que, com o passar do tempo e o avanço por diversas fases da vida juntos, os casais frequentemente encontram novos temas de conflito. Essa mudança nos temas de conflito é influenciada por vários fatores, incluindo mudanças nas circunstâncias de vida, evolução das expectativas individuais e coletivas, e o surgimento de novas responsabilidades, como a parentalidade ou desafios profissionais.

Gottman (2017) cunhou o termo “Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse” para descrever padrões de interação durante conflitos que são fortes indicadores de um possível divórcio. O primeiro cavaleiro, Crítica, envolve ataques diretos ao caráter ou à personalidade do parceiro, em vez de focar em expressões específicas de descontentamento. O segundo, Desprezo, é talvez o mais destrutivo e inclui atitudes que demonstram superioridade, como sarcasmo, cinismo, zombaria e comentários condescendentes ou insultuosos. Defensividade, o terceiro cavaleiro, é uma reação comum que envolve a negação de responsabilidade e a criação de desculpas. O último cavaleiro, Obstrução, refere-se à retirada emocional da interação, agindo como se o parceiro não existisse ou ignorando suas tentativas de comunicação.

Whisman e Baucom (2018) exploram em profundidade o impacto dos conflitos conjugais na saúde mental dos parceiros, destacando que os conflitos crônicos dentro de um relacionamento podem ter consequências sérias e duradouras. Segundo eles, uma exposição prolongada a desentendimentos e tensões pode resultar em uma série de problemas psicológicos, incluindo depressão, ansiedade e baixa autoestima.

Fisher e Ury (2019), em seu influente livro “Getting to Yes”, apresentam uma metodologia revolucionária para resolução de conflitos, focada em interesses mútuos ao invés de posições entrincheiradas. Esta abordagem, conhecida como negociação baseada em interesses, propõe que as partes em conflito devem trabalhar para identificar e compreender os interesses subjacentes que motivam suas posições, em vez de se apegar rigidamente a essas posições. Johnson e Greenberg (2021) são autores centrais no desenvolvimento da terapia focada nas emoções, uma abordagem que visa ajudar casais a entender e gerenciar suas emoções durante conflitos. Esta terapia parte do princípio de que emoções têm um papel fundamental nos padrões de interação entre parceiros e que o reconhecimento e a expressão adequada dessas emoções podem levar a mudanças significativas na dinâmica do relacionamento.

Markman, Stanley e Blumberg (2019) dedicaram-se ao desenvolvimento de programas de educação pré-matrimonial com o objetivo de equipar casais com as habilidades necessárias para prevenir e resolver conflitos antes que estes se tornem sérios. Esses programas são fundamentados na ideia de que muitos problemas dentro dos casamentos

podem ser mitigados ou mesmo evitados através da educação e do treinamento em habilidades de comunicação e resolução de conflitos.

Embora os conflitos sejam parte inerente dos relacionamentos amorosos, a literatura sugere que a maneira como eles são geridos pode determinar a qualidade e a duração do relacionamento. A compreensão profunda das causas, dinâmicas e técnicas de resolução de conflitos é essencial para manter relacionamentos saudáveis e satisfatórios.

2.2 A influência da inteligência emocional na resolução de conflitos amorosos

A essa definição de inteligência emocional oferecida por Salovey e Mayer (2015) é fundamental para entender como essa habilidade impacta diversas áreas da vida humana, especialmente as relações interpessoais. A habilidade de entender e gerenciar emoções não só auxilia na comunicação mais eficaz, mas também na resolução de conflitos, pois permite que as pessoas reconheçam suas próprias emoções e as dos outros, facilitando a empatia e o entendimento mútuo. Em relacionamentos amorosos, onde as emoções podem ser particularmente intensas e as interações frequentemente carregadas de significado pessoal, a inteligência emocional pode ser um recurso valioso para manter a harmonia e fortalecer a conexão entre os parceiros.

Goleman (2018) expandiu a compreensão da inteligência emocional, destacando não apenas a capacidade de reconhecer e entender as próprias emoções, mas também de compreender e reagir apropriadamente às emoções dos outros. A autoconsciência e a empatia, como mencionado por Goleman, são componentes essenciais para facilitar a comunicação eficaz entre parceiros. Essas habilidades permitem que indivíduos percebam não apenas o que eles estão sentindo, mas também como suas palavras e ações podem afetar emocionalmente o outro.

O trabalho de Gross (2017) sobre a regulação emocional é central para compreender como as pessoas podem controlar e ajustar suas emoções em contextos variados, incluindo relacionamentos amorosos. A habilidade de regular as próprias emoções é crucial para manter a calma e responder de maneira mais meditada durante discussões ou momentos de tensão, o que pode prevenir que desentendimentos menores se transformem em conflitos maiores e mais danosos.

A contribuição de Bar-On (2020) enfatiza a importância da empatia como um pilar da inteligência emocional, essencial para relacionamentos interpessoais saudáveis, especialmente em contextos amorosos. A empatia envolve mais do que simplesmente reconhecer ou entender os sentimentos de outra pessoa; ela abrange a capacidade de se colocar no lugar do outro, percebendo as emoções e reações a partir da perspectiva deles.

A teoria do apego de Bowlby (2019) oferece uma perspectiva valiosa sobre como as primeiras relações afetivas na vida de uma pessoa influenciam seus relacionamentos futuros, incluindo a maneira como gerenciam conflitos em relações amorosas. Segundo Bowlby, o estilo de apego que uma pessoa desenvolve na infância — seguro, ansioso ou evitativo — desempenha um papel fundamental nas suas interações e na gestão emocional em relacionamentos adultos.

O estudo de Drigotas e Rusbult (2020) destacam uma conexão significativa entre inteligência emocional (IE) e satisfação no relacionamento, sugerindo que pessoas com altas habilidades de IE tendem a experimentar relacionamentos mais satisfatórios. A capacidade de entender e gerenciar emoções próprias e do parceiro não só contribui para uma

comunicação mais eficaz, mas também para um ambiente relacional mais harmonioso e menos propenso a conflitos persistentes.

Fisher, Ury e Patton (2019) o livro “Getting to Yes”, é uma referência fundamental quando se trata de técnicas de negociação, aplicáveis tanto no âmbito profissional quanto pessoal, incluindo relacionamentos amorosos. A obra introduz o conceito de negociação baseada em princípios, que enfatiza a importância de encontrar soluções mutuamente benéficas e satisfatórias, evitando a postura de confronto e disputa.

A crítica de Antonakis (2018) levanta uma discussão importante sobre a inteligência emocional (IE), destacando que, embora seja geralmente vista como benéfica para a gestão de relações e resolução de conflitos, ela também pode ser usada de maneira menos ética. A habilidade de entender e manipular emoções pode, em teoria, permitir que alguém influencie os outros de formas que não necessariamente alinhem com os interesses ou o bem-estar dessas pessoas.

A pesquisa de Matsumoto (2017) sobre a inteligência emocional (IE) intercultural é extremamente relevante no contexto de uma sociedade cada vez mais globalizada e diversificada. Ele explora como diferentes culturas podem influenciar a maneira como as pessoas percebem, expressam e gerenciam emoções, o que, por sua vez, afeta suas habilidades de resolver conflitos, especialmente em relacionamentos interculturais.

Johnson (2021) através da terapia focada nas emoções para casais (EFT, Emotionally Focused Therapy), enfatiza a importância da inteligência emocional no contexto terapêutico, especialmente para casais que enfrentam ciclos recorrentes de conflitos e mal-entendidos. A EFT é uma abordagem baseada na teoria do apego e visa ajudar casais a desenvolverem uma ligação emocional mais segura e saudável ao melhorar a inteligência emocional e a comunicação entre os parceiros.

O estudo de Fernández (2019) oferece uma perspectiva interessante sobre as diferenças de gênero na aplicação da inteligência emocional (IE) em contextos interpessoais, especialmente em como homens e mulheres podem utilizar essas habilidades de maneira distinta para resolver conflitos. Essas diferenças podem ser influenciadas por uma combinação de fatores socioculturais, biológicos e psicológicos, que moldam como cada gênero é ensinado e incentivado a expressar e gerenciar emoções.

O estudo de Lopes, Brackett e Nezlek (2019) sobre inteligência emocional (IE) e sua relação com a capacidade de manter relacionamentos amorosos de longo prazo oferece insights importantes sobre como as habilidades emocionais podem impactar a qualidade e a durabilidade das relações íntimas. Este trabalho sugere que pessoas com alta IE são melhores equipadas para lidar com os desafios inerentes aos relacionamentos amorosos, o que contribui para uma maior satisfação e estabilidade a longo prazo.

Greenberg e Johnson (2017), através de suas pesquisas e práticas terapêuticas, destacam a importância de programas educacionais focados na inteligência emocional para ajudar casais a aprimorar habilidades cruciais de comunicação e gerenciamento de emoções. Esses programas são projetados para ensinar casais a identificar, entender e expressar suas emoções de maneira saudável, o que pode transformar a maneira como eles interagem e resolvem conflitos.

A pesquisa de Joinson (2023) sobre a inteligência emocional e a comunicação em plataformas digitais é especialmente relevante no contexto atual, onde as interações online se tornaram uma parte significativa das relações sociais e amorosas. À medida que mais pessoas se engajam em relacionamentos à distância e usam a internet para manter conexões, entender como a inteligência emocional (IE) pode ser efetivamente aplicada e

adaptada a esses ambientes digitais torna-se crucial.

Concluir com a necessidade de mais pesquisas que integrem abordagens interdisciplinares e multiníveis para entender melhor como a inteligência emocional pode ser efetivamente aplicada na resolução de conflitos amorosos, considerando fatores como idade, cultura e tecnologia.

3. CONCLUSÃO

Em suma, este estudo reafirma a importância crítica da inteligência emocional na mediação e resolução de conflitos em relacionamentos amorosos. A habilidade de reconhecer, compreender e gerir eficazmente as emoções próprias e as dos outros prova ser fundamental para promover uma convivência harmoniosa e duradoura. Os resultados sugerem que casais com altas habilidades de IE tendem a experienciar níveis mais elevados de satisfação relacional e menores incidências de conflitos disruptivos, apoiando a noção de que a IE é uma ferramenta valiosa para fortalecer os laços amorosos.

Ademais, este trabalho ilustra a relevância de programas de treinamento e intervenções focados no desenvolvimento da inteligência emocional, tanto no contexto educacional quanto terapêutico. A implementação de programas que ensinem habilidades emocionais desde cedo poderia potencialmente contribuir para a formação de adultos mais capacitados para gerir suas relações interpessoais de maneira eficaz. Para casais, tais treinamentos poderiam ser integrados em terapias ou workshops que visam melhorar a qualidade das interações amorosas e a capacidade de enfrentar desafios comuns nos relacionamentos.

Por fim, reconhece-se a necessidade de mais estudos que explorem a IE sob diversas perspectivas e contextos, incluindo a influência de variáveis culturais e socioeconômicas. Pesquisas futuras poderiam também investigar os efeitos de longo prazo do treinamento em IE em jovens casais e sua eficácia na prevenção de conflitos. Além disso, a adaptação das estratégias de IE para ambientes digitais, considerando a crescente prevalência de relacionamentos à distância, representa um campo promissor para futuras investigações

Referências

ANTONAKIS, J. O lado sombrio da inteligência emocional: Quando entender e manipular emoções contribui para comportamento antiético. **Ethical Theory and Moral Practice**, 21(4), 897-914. 2018

BAR-ON, R**. Inteligência emocional:** Uma meta-teoria integradora. Psychology Press. 2020

BOWLBY, J. **Apego e perda:** Volume I: Apego. Basic Books. 2019

BRADBURY, T. N., & FINCHAM, F. D. **A psicologia do conflito conjugal:** Entendendo e gerenciando dinâmicas de relacionamento. Guilford Press. 2021

CARMELI, A., & JOSMAN, Z. E. A relação entre inteligência emocional e atitudes, comportamentos e resultados no trabalho: Um exame entre gerentes seniores. **Journal of Managerial Psychology**, 21(7), 788-813. 2016

DRIGOTAS, S. M., & RUSBULT, C. E. Satisfação no relacionamento e inteligência emocional em casais. **Journal of Social and Personal Relationships**, 37(1), 254- 272.2020

ELIAS, M., ZINS, J. E., ROBERTS, A. R., & FREY, K. S. O impacto da inteligência emocional no desempenho acadêmico: Um estudo com alunos do ensino fundamental. **Educational Psychology Review**, 30(3), 229-247. 2018

FERNÁNDEZ, I. Diferenças de gênero em inteligência emocional: O impacto do treinamento na resolução de conflitos. **Journal of Applied Psychology**, 104(5), 653- 669.2019

GEORGE, J. M. **Emoções e liderança:** O papel da inteligência emocional. Human Relations, 53(8), 1027-1055. 2019

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional:** Por que pode importar mais do que o QI. Bantam Books. 2018

MAYER, J. D.; SALOVEY, P. **A inteligência da inteligência emocional**. Intelligence, 17(4), 433-442. 2015

MAYER, J. D., SALOVEY, P., & CARUSO, D. R. **Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence** Test (MSCEIT): Manual do usuário. MHS Publishers. 2015

ROBERTS, R. D., ZEIDNER, M., & MATTHEWS, G. **Inteligência emocional:** Ciência e mito. MIT Press. 2019

SALOVEY, P., & MAYER, J. D. **Inteligência emocional.** Imagination, Cognition and Personality, 9(3), 185-211. 2019

SCHUTTE, N. S., MALOUFF, J. M., & BHULLAR, N. A associação entre inteligência emocional e depressão: Uma revisão sistemática. **Journal of Community Psychology, 35(8), 946-959. 2017**

FISHER, R., & URY, W. **Chegando ao Sim:** Negociando Acordos Sem Cedências. Penguin Books. 2019

GREENBERG, L. S.; JOHNSON, S. M. Terapia focada nas emoções para casais.

Journal of Marital and Family Therapy, 43(3), 491-504.2017

GOTTMAN, J. M. **Os sete princípios para fazer o casamento funcionar**. Harmony. 2017

GOTTMAN, J. M., & LEVENSON, R. W. O tempo do divórcio: Previsão de quando um casal se divorciará ao longo de um período de 14 anos. **Journal of Marriage and Family,** 62(3), 737-745. 2019

HEIDER, F. **A Psicologia das Relações Interpessoais**. Psychology Press. 2018

HOLMES, J. G., & BOON, S. D. A dinâmica do conflito relacional. **Journal of Social and Personal Relationships**, 34(1), 84-106. 2017

JOHNSON, S. M., & GREENBERG, L. S. Terapia de Casal Focada na Emoção: Criando Conexão. **Journal of Marital and Family Therapy**, 47(1), 5-18. 2021

JOINSON, C. Inteligência emocional na comunicação digital: Adaptando-se a novas paisagens relacionais. **Social Media + Society**, 9(1), 1-15. 2023

KARNEY, B. R., & BRADBURY, T. N. Influências contextuais no casamento: Implicações para políticas e intervenções. **Current Directions in Psychological Science**, 24(4), 239-244. 2015

LOPES, P. N., BRACKETT, M. A., & NEZLEK, J. B. Inteligência emocional e qualidade do relacionamento: Uma análise diádica. **Personality and Social Psychology Bulletin**, 45(7), 1459-1473. 2019

MATSUMOTO, D. **Cultura e inteligência emocional**: Uma revisão integrativa. Cross- Cultural Research, 51(1), 18-46.2017

MARKMAN, H. J., STANLEY, S. M., & BLUMBERG, S. L. **Lutando por seu casamento:** Uma edição de luxo revisada do best-seller clássico para melhorar o casamento e prevenir o divórcio. Jossey-Bass. 2019

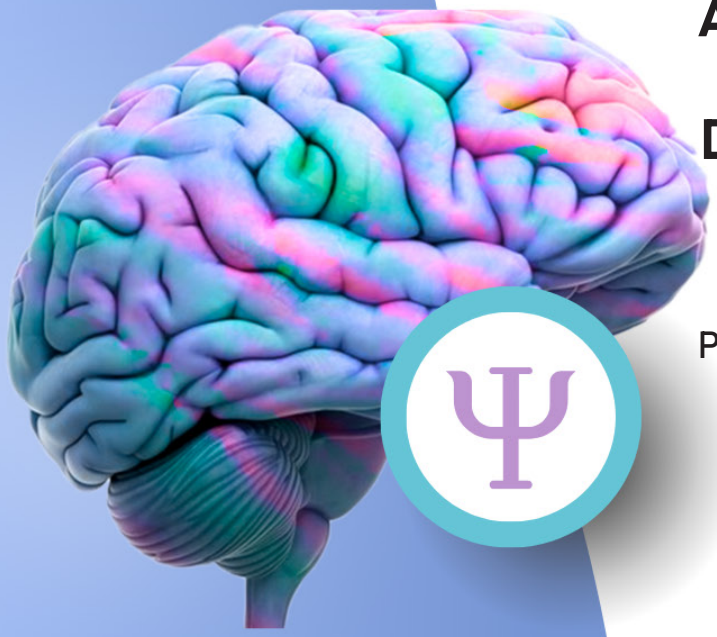
NEFF, L. A., & KARNEY, B. R. Estresse e reatividade às experiências diárias de relacionamento: Como o estresse prejudica os processos adaptativos no casamento. **Journal of Personality and Social Psychology**, 109(3), 432-445. 2015

RAHIM, M. A. **Gerenciando conflitos em organizações.** Transactional Publishers.2019

RUSBULT, C. E., VERETTE, J., WHITNEY, G. A., SLOVIK, L. F., & LIPKUS, I. Processos de acomodação em relacionamentos próximos: Teoria e evidências empíricas preliminares. **Journal of Personality and Social Psychology**, 60(1), 53- 78. 2018

WHISMAN, M. A., & BAUCOM, D. H. Relacionamentos íntimos e psicopatologia. **Clinical Child and Family Psychology Review**, 21(1), 38-58.2018

24



A IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO HOSPITALAR NAS UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA E SUAS INFLUÊNCIAS

THE IMPORTANCE OF THE HOSPITAL PSYCHOLOGIST IN INTENSIVE CARE UNITS AND YOUR INFLUENCES

Edyanny Duarte Rodrigues Ribeiro
Marco Aurelio Fernandes

Pascal
Editora

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda a importância do psicólogo hospitalar nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI) e suas influências no bem-estar dos pacientes, familiares e equipe de saúde. Tendo como objetivo principal compreender os desafios de atuação do psicólogo no contexto hospitalar, nas Unidades de Terapia Intensivas (UTI). Através de uma revisão abrangente da literatura e análise de estudos de caso, o estudo evidenciou que a atuação do psicólogo é indispensável para minimizar os impactos psicológicos causados pelo ambiente crítico das UTIs. As intervenções psicológicas contribuem para a redução de sintomas de ansiedade, depressão e estresse, facilitando a adaptação dos pacientes ao ambiente hospitalar. Além disso, o apoio psicológico fornecido aos familiares é crucial para lidar com a situação de internação. Conclui-se que a presença do psicólogo hospitalar nas UTIs é fundamental para a melhoria do bem-estar emocional e psicológico, elevando a qualidade do atendimento prestado e fortalecendo a dinâmica de trabalho da equipe de saúde.

Palavras-chave: Psicologia da Saúde e Hospitalar; Psicólogo Hospitalar; Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

Abstract

This Course Completion Work (TCC) addresses the importance of hospital psychologists in Intensive Care Units (ICU) and their influence on the well-being of patients, family members and the healthcare team. The main objective is to understand the challenges of psychologists' work in the hospital context, in Intensive Care Units (ICU). Through a comprehensive review of the literature and analysis of case studies, the study showed that the psychologist's role is essential to minimize the psychological impacts caused by the critical environment of ICUs. Moderate psychological interventions to reduce symptoms of anxiety, depression and stress, facilitating patients' adaptation to the hospital environment. Furthermore, the psychological support provided to family members is crucial to dealing with the international situation. It is concluded that the presence of hospital psychologists in ICUs is essential for improving emotional and psychological well-being, increasing the quality of care provided and strengthening the work dynamics of the healthcare team.

Keywords: Health and Hospital Psychology; Hospital Psychologist; Unit of Intensive Care (ICU).

1. INTRODUÇÃO

Os momentos que indivíduos adoecem, remetem a uma situação de transtornos psicológicos. Sendo que diversas reações emocionais são relevadas por diversos fatores sendo eles físicos ou sociais, logo se faz necessário que haja todo um suporte hospitalar. A Psicologia Hospitalar é uma das áreas que se faz de extrema importância no aspecto suporte psicológico para cada doença que os pacientes trazem em si (Silva; Almeida, 2017).

São diferentes tipos de adoecimentos que são identificados como causas psicossomáticas, que é gerado por algum motivo psicológico e que como resultado disso acaba adoecendo o corpo. A família de algum paciente que é internada em uma unidade intensiva de terapia (UTI), enxerga esse momento como uma interrupção na continuidade natural da existência, onde é gerado certos tipos de aflição nos familiares, ao saberem que seus entes queridos estão totalmente dependentes de aparelhos, medicamentos e profissionais, onde tudo isso lhe traz todo tipo de dor e sofrimento. Fazendo assim com que entrem entre em estado de vulnerabilidade junto com o paciente ao se sentir impotente quanto à morte, por isso se faz importante todo apoio psicológico nesse processo de hospitalização (Silva, 2021).

Este estudo se justifica, pela contribuição para o campo acadêmico com uma pesquisa de cunho teórico, relacionada na atuação do psicólogo hospitalar nas Unidade de Terapia Intensiva (UTI), a sua inserção no contexto hospitalar, voltada para os objetivos deste projeto (Simonetti, 2016). De acordo com o autor Silva (2021), a atuação e inserção do psicólogo hospitalar vem cada dia crescendo e ganhando seu espaço, isso demonstra a importância de profissionais na área hospitalar, ganhando destaque diariamente, com suas equipes multidisciplinares onde atuam. Portanto, este estudo será apresentado a importância do Psicólogo Hospitalar nas Unidades de Terapia intensivo e suas influências, onde a saúde mental em gera desconfortos tanto para familiares como para pacientes, pois ambos precisam encarar diversos tipos de sentimentos como o medo, tristeza, entrando assim, o papel do psicólogo hospital, trabalhar de maneira que consiga proporcionar uma melhor compreensão desses sentimentos desencadeados por pacientes e familiares. Por isso diante do problema proposto, qual a importância do psicólogo hospitalar na assistência ao paciente na unidade de terapia intensiva e suas influências? Este presente trabalho tem como objetivo principal compreender os desafios de atuação do psicólogo no contexto hospitalar, nas Unidades de Terapia Intensivas (UTI).

Tendo como objetivos específicos a compreensão da atuação do psicólogo hospitalar; a contextualização das principais dificuldades e desafios da psicologia hospitalar na prestação de assistência ao paciente, bem como seus familiares e a equipe de serviço nas Unidades de Terapia Intensivas (UTI); E discorrer sobre como o psicólogo promove a humanização e a transformação social no ambiente de hospitalar.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

O tipo de pesquisa foi realizado uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo, onde foram pesquisados livros, dissertações e artigos científicos selecionados através de busca nas seguintes bases de dados SCIELO e Google Acadêmico. O período dos artigos pesquisados foram os trabalhos publicados nos últimos 10 anos. Os critérios de

inclusão serão estudos em formato de artigo, tanto empíricos como de revisão da literatura, publicados em português. As palavras-chave utilizadas na busca serão: Psicologia da Saúde e Hospitalar; Psicólogo Hospitalar; Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

2.2 Resultados e Discussão

2.2.1 A Psicologia Hospitalar e a atuação do Psicólogo

A psicologia da saúde é um campo inovador que pode ser usado em diversos campos. Os locais mais comuns para o psicólogo atuar em equipes multidisciplinares são maternidades, prontos-socorros, centros cirúrgicos, unidades de terapia intensiva (Simonneti, 2016). Os psicólogos da saúde atuam nos setores secundário e terciário da saúde e realizam diversas atividades, tais como: sessão de psicoterapia. Atendimento médico de emergência; Atendimento de ambulância. Incluindo unidades de terapia intensiva. Embora a psicologia hospitalar se concentre principalmente nos aspectos psicológicos da doença, é importante notar que os aspectos psicológicos não são isolados (Schneider, 2017).

Dentre as diversas características essenciais da psicologia hospitalar, uma se destaca. “Em vez de definir uma meta ideal a ser alcançada pelo paciente, apenas inicia um processo de reflexão simbólica sobre a doença”. Em ambientes hospitalares, os psicólogos funcionam como facilitadores psicológicos com o objetivo de promover a compreensão nas interações entre a equipe médica/paciente e a equipe médica/família (Simonneti, 2016).

A equipe médica e a família desempenham um papel importante no processo de enfrentamento da doença do paciente. No processo, os pacientes podem expressar suas limitações, desafios, medos, dependência, fraquezas, culpa, negação da realidade e dificuldade de adaptação. Hospitalização (Vieira, 2018).

Assim, destaca-se a importância crítica do papel dos psicólogos nas equipes interdisciplinares no desenvolvimento de estratégias para reduzir o sofrimento individual em situações difíceis como a hospitalização. Os psicólogos não tentam necessariamente curar a doença em si, mas sim fornecer apoio emocional aos pacientes para ajudá-los a lidar com os momentos delicados que enfrentam. Portanto, nesse processo é importante considerar a subjetividade do outro e respeitar os desejos do indivíduo (Brasil, 2013).

Segundo Simonneti (2016) aponta que a presença de psicólogos em unidades críticas, como maternidades e unidades de terapia intensiva, é essencial para fornecer suporte emocional imediato tanto para pacientes quanto para suas famílias. Em situações de alto estresse, como partos de risco ou internações em UTI, os psicólogos desempenham um papel crucial ao ajudar as famílias a lidar com a ansiedade e o medo, oferecendo técnicas de coping e intervenção em crises. Esse suporte não apenas melhora a experiência do paciente, mas também facilita a comunicação e a cooperação entre a equipe médica e os familiares.

De acordo com Schneider (2017), a interação entre os aspectos físicos e psicológicos da saúde é indissociável. Um exemplo claro disso é a recuperação pós cirúrgica, onde o estado emocional do paciente pode influenciar significativamente o tempo de recuperação e a resposta ao tratamento. Psicólogos hospitalares utilizam técnicas de intervenção psicossocial para ajudar os pacientes a desenvolverem uma mentalidade positiva e resiliente, o que pode acelerar o processo de cura e melhorar os resultados clínicos. Além disso, educam os pacientes sobre a importância do autocuidado e da gestão do estresse, o que contribui para a prevenção de complicações futuras.

Para Vieira (2018) enfatiza que a hospitalização pode ser uma experiência profundamente desafiadora, especialmente para pacientes com doenças crônicas ou terminais. Nesses casos, os psicólogos não apenas oferecem apoio emocional, mas também trabalham com a equipe interdisciplinar para criar planos de cuidados paliativos que respeitem a dignidade e os desejos do paciente. A intervenção psicológica nesse contexto visa melhorar a qualidade de vida, proporcionando alívio do sofrimento psicológico e fortalecendo a rede de suporte do paciente. O trabalho dos psicólogos é vital para garantir que o tratamento médico seja holístico e centrado no paciente, promovendo uma abordagem integrada e compassiva à saúde.

2.2.2 As Principais Dificuldades e Desafios da Psicologia Hospitalar na Prestação de Assistência ao Paciente nas Unidades de Terapia Intensiva.

A admissão na unidade de terapia intensiva ainda é considerada um dos momentos mais críticos e assustadores do tratamento e da hospitalização. No discurso público, um estereótipo comum é que as UTIs estão associadas à morte iminente e que as UTIs são vistas como locais onde as pessoas morrem (Sebastiani; Di Biaggi, 2016).

Em contrapartida, as unidades de terapia intensiva são recursos hospitalares para pacientes que necessitam de tratamento mais complexo, intensivo e sustentado. Durante muito tempo, as principais etapas da terapia intensiva focaram exclusivamente no biológico, ou seja, na preservação da vida, mas segundo Condes et al. e altos e baixos (Brasil, 2013).

Intervenção de Psicólogos com Pacientes e Familiares em Unidades de Terapia Intensiva Vieira e Waischung (2018) constataram que os psicólogos divulgam com precisão esse problema com o objetivo de ajudar pacientes, familiares e equipes a lidar com sentimento de perda. E as frustrações que acompanham esse momento difícil. Estas emoções muitas vezes interferem na comunicação entre membros da equipe, pacientes e familiares. Esta é uma das razões pelas quais os psicólogos são importantes como intermediários que facilitam a restauração do fluxo de comunicação necessário para o progresso bem-sucedido do estado de doença. Os esforços terapêuticos são essenciais (Schneider, 2017).

Segundo Azevêdo e Crepaldi (2016), a psicologia hospitalar enfrenta diversos desafios no cuidado de pacientes na unidade de terapia intensiva (UTI). Algumas das maiores dificuldades e desafios estão listados como: O Psicólogos Hospitalares Condições extremas de saúde: Os pacientes em unidades de cuidados intensivos apresentam frequentemente condições de saúde muito delicadas, o que pode dificultar a comunicação e a compreensão (Azevêdo; Crepaldi, 2016). A Deficiências de comunicação: Devido à intubação ou outro suporte respiratório, muitos pacientes de cuidados intensivos não conseguem falar ou comunicar-se facilmente. O Ambiente altamente estressante: As unidades de terapia intensiva são ambientes altamente estressantes tanto para os pacientes quanto para seus familiares (Roseiro; Paula, 2015).

A Morte e sofrimento ocorrem frequentemente nas unidades de cuidados intensivos e podem ser emocionalmente desafiantes tanto para os profissionais de saúde como para os pacientes e suas famílias. Lidar com o luto, o luto e as questões existenciais pode ser uma parte importante do trabalho de um psicólogo hospitalar (Campos, 2014). A Equipes multidisciplinares com o colaborar com equipes multidisciplinares em unidades de terapia intensiva é essencial, mas também pode apresentar desafios. A coordenação dos cuidados psicológicos com médicos, enfermeiros, assistentes sociais e outros profissionais de saúde pode exigir uma comunicação eficaz e uma compreensão partilhada dos objetivos do tratamento (Roseiro; Paula, 2015).

Os Recursos Limitados, no caso de muitos hospitais podem ter recursos limitados de saúde mental, incluindo psicologia hospitalar. Isto pode ter impacto na disponibilidade de serviços de apoio psicológico adequados para pacientes de cuidados intensivos e suas famílias compreensão (Azevêdo E Crepaldi, 2016). Para superar esses desafios, os psicólogos hospitalares das unidades de terapia intensiva estão aprendendo como trabalhar com pacientes com problemas de saúde graves, desenvolver habilidades de comunicação não-verbal e lidar com situações extremamente estressantes. Além disso, é importante reconhecer a importância do apoio psicológico na UTI e investir em recursos adequados para prestar esse apoio (Campos, 2014).

2.2.3 O Psicólogo Hospitalar e a humanização e a transformação social nas Unidades de Terapia Intensivas (UTI`S)

A relação profissional-paciente é particularmente importante no processo de adesão ao tratamento. Os pacientes precisam confiar nos profissionais, e isso exige a consideração da humanidade e a avaliação das diferentes pessoas envolvidas no processo de produção médica: usuários, trabalhadores e gestores. Na civilização de hoje, os pré-requisitos objetivos e subjetivos para que todos os membros da humanidade alcancem um elevado nível de humanidade já são fornecidos por um elevado nível de forças produtivas (Almeida, 2015)

De acordo com estas orientações, a humanização é simplesmente a canalização de tais capacidades, a fim de estender e distribuir plena e equitativamente pela humanidade o conjunto de benefícios e consequências considerados características essenciais da existência humana. Psicólogos hospitalares que atuam em unidades de terapia intensiva atendem pacientes que sofrem de condições médicas, independentemente de o prognóstico ser reversível ou não (Azevedo; Crepaldi, 2016).

A unidade de terapia intensiva é um ambiente que favorece a construção social de significados e muitas vezes se caracteriza por ser o ambiente mais agressivo, estressante e traumático do hospital. A utilização de psicólogos em unidades de terapia intensiva apoia a formação de equipe tripartida e interdisciplinar paciente/família, permitindo a promoção de uma visão plena dos aspectos biopsicossociais da saúde, da doença e da morte humanizadas (Schneider, 2017). Portanto, a admissão na unidade de terapia intensiva representa emoções mistas de ansiedade, ansiedade e medo da morte para os pacientes e seus familiares (Gusmão, 2012).

Considerando esse cenário, este estudo teve como objetivo realizar um levantamento bibliográfico qualitativo e analisar artigos relacionados à UTI. Nosso foco é analisar a importância da atuação do psicólogo hospitalar na unidade de terapia intensiva (UTI) na perspectiva dos autores selecionados para discussão. Compreensão do manejo da psicologia quanto aos aspectos psicológicos observados na relação paciente/família/equipe multiprofissional de saúde (Campos, 2014).

Segundo Coppus e Netto (2016), no contato com o paciente, o psicólogo constrói um vínculo terapêutico, escuta reclamações e solicitações e identifica conjuntamente situações geradoras de sofrimento com o objetivo de reorganizar a tensão emocional. Sua finalidade é facilitar a conversa entre acompanhantes, demais familiares e equipe médica, visando transmitir o relacionamento e a comunicação com o paciente, por um lado, e atender às necessidades emocionais da família, por outro. Estas são algumas das possíveis linhas de ação da psicologia hospitalar (Almeida, 2015).

3. CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou explorar a relevância e as contribuições do psicólogo hospitalar no contexto das Unidades de Terapia Intensiva (UTI). Através de uma revisão abrangente da literatura, evidenciou-se que a atuação do psicólogo hospitalar é indispensável para a promoção do bem-estar emocional dos pacientes, seus familiares e da equipe de saúde. A presença do psicólogo na UTI tem se mostrado fundamental para minimizar o impacto psicológico causado pelo ambiente crítico e muitas vezes traumático. A intervenção psicológica contribui para a redução de sintomas de ansiedade, depressão e estresse, facilitando a adaptação dos pacientes ao ambiente hospitalar e aos procedimentos médicos. Além disso, o apoio psicológico fornecido aos familiares é crucial para que eles possam lidar melhor com a situação, oferecendo suporte emocional e orientação durante todo o período de internação. A integração do psicólogo na equipe multidisciplinar também favorece a comunicação e o trabalho colaborativo, promovendo uma abordagem mais humanizada e centrada no paciente.

A troca de informações e a cooperação entre os profissionais da saúde possibilitam uma compreensão mais abrangente das necessidades do paciente, resultando em um atendimento mais completo e eficaz. Desta forma, conclui-se que a atuação do psicólogo hospitalar nas UTIs não apenas contribui para a melhoria do bem-estar emocional e psicológico dos pacientes e seus familiares, mas também fortalece a dinâmica de trabalho da equipe de saúde, elevando a qualidade do atendimento prestado. A valorização e a ampliação dessa prática são essenciais para garantir uma abordagem integral e humanizada no cuidado intensivo, refletindo diretamente na recuperação e na qualidade de vida dos pacientes. Adicionalmente, a intervenção dos psicólogos na UTI envolve a implementação de programas psicoeducativos, que são essenciais para preparar os pacientes e suas famílias para os desafios do tratamento e da recuperação. Simonneti (2016) destaca que ao fornecer informações claras e compreensíveis sobre os procedimentos médicos, os psicólogos ajudam a reduzir o medo e a ansiedade, empoderando os pacientes a participar ativamente de seu próprio cuidado. Essa abordagem também melhora a comunicação entre os pacientes e a equipe médica, contribuindo para um ambiente de cuidado mais coeso e eficiente.

A importância do apoio psicológico contínuo durante toda a hospitalização e após a alta, para prevenir problemas psicológicos de longo prazo, como o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Psicólogos hospitalares oferecem sessões de acompanhamento e grupos de apoio, que são fundamentais para ajudar os pacientes a processar suas experiências e reintegrar-se na vida cotidiana de maneira saudável e resiliente. Os psicólogos hospitalares têm um papel significativo na formação e educação dos profissionais de saúde, promovendo técnicas de comunicação efetiva e estratégias de manejo de estresse. Esses treinamentos resultam em um ambiente de trabalho mais saudável e colaborativo, onde os profissionais estão melhor preparados para lidar com os desafios emocionais de seus pacientes. Isso não só melhora a qualidade do atendimento prestado, mas também promove a saúde mental e o bem estar dos próprios profissionais de saúde.

Em conclusão, a presença e a atuação dos psicólogos hospitalares nas UTIs são indispensáveis para a promoção de um ambiente de cuidados integrados que valoriza tanto os aspectos físicos quanto emocionais da saúde. Seu trabalho não apenas melhora o bem-estar psicológico dos pacientes e de suas famílias, mas também fortalece a eficácia do trabalho em equipe e a qualidade do atendimento médico. Investir na formação e integração de psicólogos na saúde hospitalar é essencial para garantir uma abordagem mais humanizada e completa no tratamento intensivo, beneficiando todos os envolvidos no processo

de cuidado.

Referências

AZEVÊDO, Adriano Valério dos Santos; CREPALDI, Maria Aparecida. A Psicologia no hospital geral: aspectos históricos, conceituais e práticos. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 33, n. 4, p. 573-585, 2016.

ALMEIDA, Raquel Ayres de; MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes. Psicólogo da Saúde no Hospital Geral: um Estudo sobre a Atividade e a Formação do Psicólogo Hospitalar no Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 35, n. 3, 754-767, 2015.

BRASIL. Portaria nº 3.390, de 30 de dezembro de 2013. Ministério da Saúde. Institui a Política Nacional de Atenção Hospitalar (PNHOSP) no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), estabelecendo-se as diretrizes para a organização do componente hospitalar da Rede de Atenção à Saúde (RAS). **Diário Oficial da União**, Brasília, 2013. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013.

CAMPOS, Elizete Aparecida Leite de. A atuação do psicólogo em UTI Neonatal: uma experiência para contar. **Psicólogo informação**, ano 18, n. 18, p. 137-143, 2014.

COPPUS, Alinne Nogueira Silva; NETTO, Marcus Vinícius Rezende Fagundes. A Inserção do Psicanalista em uma Unidade de Tratamento Intensivo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 1, p. 88-100, 2016.

SEBASTIANI, R. W. (2010). Atendimento psicológico no Centro de Terapia Intensiva. In V. A. AngeramiCamon (Org.). **Psicologia hospitalar:** teoria e prática. São Paulo: Cengage Learning.

SEBASTIANI, R. W., & DI BIAGGI, T. M. (2016). Os desafios e as possibilidades da atuação do psicólogo na Unidade de Terapia Intensiva de adultos. In: M. Kamers, H. H. Marcon, & M. L. T. Moretto (Orgs.). **Desafios atuais das práticas em hospitais e nas instituições de saúde**. São Paulo: Escuta.

SIMONETTI, Alfredo. **Manual de Psicologia Hospitalar:** o mapa da doença. 8. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016

SILVA, Carla Souza Ramos da et al. **Os desafios que os psicólogos hospitalares encontram ao longo de sua atuação**. Seminário Estudantil de Produção Acadêmica–UNIFACS, 2017.

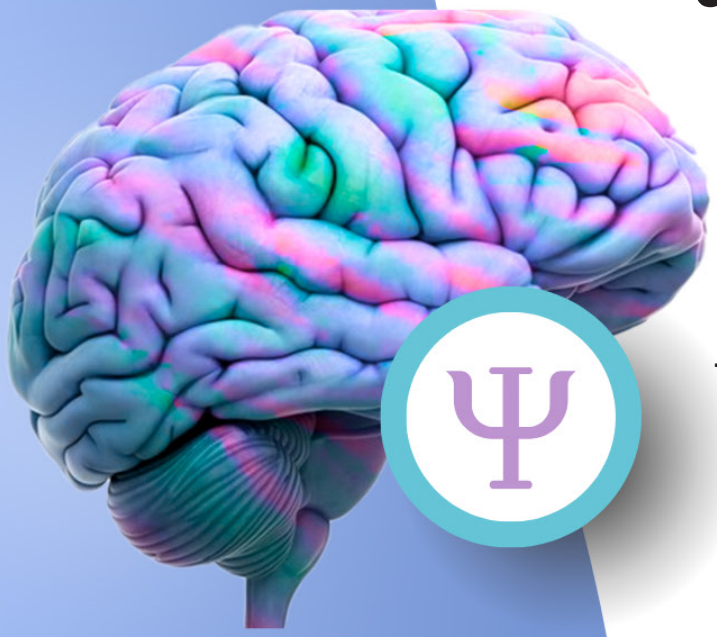
SILVA, Elys Lavinia Carvalho. **O psicólogo hospitalar e a importância da sua atuação na Unidade de Terapia Intensiva** (UTI) / Elys Lavinia Carvalho Silva; Wanessa de Oliveira Pinheiro Silva, 2021. 56 f.

SCHNEIDER, Amanda Mom berger; MOREIRA, Mariana Calesso. Psicólogo Intensivista: reflexões sobre a inserção profissional no âmbito hospitalar, formação e prática profissional. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 3, p. 1225-1239, set. 2017.

VIEIRA, André Guirland; WAISCHUNNG, Cristiane Dias. A Atuação do Psicólogo Hospitalar em Unidades de Terapia Intensiva: a atenção prestada ao paciente, familiares e equipe, uma revisão da literatura. **Revista SBPH**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 132-153, jun. 2018.

Perspectivas Maranhenses em Psicologia:
da teoria à prática

25



CONTRIBUIÇÕES DAS TÉCNICAS DE TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL NO TRATAMENTO DA ANSIEDADE GENERALIZADA

CONTRIBUTIONS OF COGNITIVE-BEHAVIORAL THERAPY TECHNIQUES IN THE TREATMENT OF GENERALIZED ANXIETY DISORDER

Irlana Cirqueira dos Santos
Luiza Mariana de Sousa

Pascal
Editora

Resumo

O artigo aborda as contribuições das Técnicas de Terapia Cognitivo-Comportamental no Tratamento da Ansiedade Generalizada, utilizando o método de revisão bibliográfica. Foram apresentados os conceitos e definições da ansiedade, que com as constantes mudanças no mundo e o estresse atual afetam diretamente a vida das pessoas e desencadeiam diversas emoções negativas, até a sua forma patológica, bem como as maneiras que as disfuncionalidades expõem-se na vida das pessoas, o diagnóstico é realizado através dos critérios recomendados pelo (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM V-TR). Além disso, foram mencionadas e caracterizadas as principais técnicas da terapia cognitivo-comportamental que auxiliam na intervenção da ansiedade generalizada. Por fim, o artigo concluiu que a terapia cognitivo-comportamental é fundamental para o desenvolvimento do processo terapêutico junto aos indivíduos com diagnóstico de ansiedade generalizada, paciente e psicólogos em conjunto, devem se esforçar para incorporar adequadamente as melhores estratégias a fim de tornar a psicoterapia mais funcional no objetivo de reduzir os danos da disfunção.

Palavras-chave: Ansiedade, Terapia Cognitivo-Comportamental, Transtorno de Ansiedade Generalizada.

Abstract

The article addresses the contributions of Cognitive-Behavioral Therapy (CBT) techniques in the treatment of Generalized Anxiety Disorder, using the bibliographic review method. The concepts and definitions of anxiety are presented, emphasizing how the constant changes in the world and current stress directly affect people's lives, triggering various negative emotions, sometimes to a pathological level. The ways in which these dysfunctions manifest in people's lives are also discussed, with diagnosis being made according to the criteria recommended by the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM V-TR). Furthermore, the main cognitive-behavioral therapy techniques that help in addressing generalized anxiety were mentioned and characterized. Finally, the article concludes that CBT is essential for the development of the therapeutic process in individuals diagnosed with generalized anxiety disorder. Therefore, patients and psychologists must work together to appropriately incorporate the best strategies to make psychotherapy more effective in reducing the dysfunction's impact.

Keywords: Anxiety, Cognitive-Behavioral Therapy, Generalized Anxiety Disorder.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como tema as “Contribuições das Técnicas de Terapia Cognitivo-Comportamental no Tratamento da Ansiedade Generalizada”. Reforça-se a importância deste estudo pela possibilidade de viabilização acerca do entendimento sobre questões que afetam a saúde mental da sociedade contemporânea, sendo um dos pontos mais importantes trabalhados por psicólogos e psiquiatras, dado o desgaste psicossocial enfrentado por quem apresenta os sintomas ansiosos, em especial, aos indivíduos com transtorno de ansiedade generalizada.

O estudo poderá contribuir para a sociedade como um todo, ajudando pacientes a lidar com situações futuras que possam desencadear ansiedade. Além disso, oferecerá suporte aos psicólogos que utilizam a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), auxiliando na adoção de medidas preventivas e estratégias de tratamento para reduzir os fatores de risco e minimizar a ocorrência de crises em pacientes com a patologia.

A priori, justifica-se a importância desta pesquisa por se tratar de um assunto relevante na assistência das investigações sobre o desempenho das técnicas de Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) no enfrentamento do Transtorno de Ansiedade Generalizada, comparando quais desses fatores são mais benéficos, demonstrando ao paciente que a forma como ele pensa afeta o modo como ele se sente, objetivando a preservação da saúde mental destas pessoas.

Diante do contexto apresentado, a pergunta norteadora busca entender de que maneira as técnicas da Terapia Cognitivo-Comportamental podem auxiliar no enfrentamento da ansiedade generalizada. Assim, o estudo contribuirá para a comunidade acadêmica por meio de uma revisão da literatura, que abordará os conceitos fundamentais do tema e servirá como base para futuras pesquisas.

Em suma, a psicologia tem se tornado cada vez mais relevante no contexto da saúde, sendo considerada uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento integral da sociedade. Desta forma, este artigo tem como objetivo geral apontar as contribuições das técnicas da terapia cognitivo-comportamental no enfrentamento da ansiedade generalizada e com base nos objetivos específicos descrever as disfuncionalidades vividas pelas pessoas com o diagnóstico do transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e conhecer as técnicas da terapia cognitivo-comportamental que podem auxiliar no tratamento do transtorno de ansiedade.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho é a revisão bibliográfica, qualitativa e descritiva. A estratégia de busca incluiu a utilização de bases de dados, como o Google Acadêmico, pesquisa manual em periódicos e livros. Foram utilizados palavras-chave e termos de busca específicos, como “Transtorno de Ansiedade Generalizada”, “Terapia Cognitivo-Comportamental” e “Prática Clínica na TCC” e que tenham sido publicados nos períodos de 2008 a 2023.

As fontes de informações se deram a partir da avaliação e análises críticas, com o objetivo de identificar as principais tendências e lacunas no campo de estudo da Terapia

Cognitivo-Comportamental no enfrentamento do Transtorno de Ansiedade Generalizada. Os pontos fortes e fracos de cada fonte foram considerados para selecionar as informações mais adequadas para apoiar o argumento do estudo, resultando numa análise crítica e informada do tema.

Dentre os principais autores que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa, destacam-se: Aaron Beck e Judith S. Beck que trouxeram a visão sobre as mudanças terapêuticas por meio da alteração dos pensamentos distorcidos e os princípios norteadores da TCC, respectivamente. Nilzabeth Leite Coêlho e Emmanuel Zagury Tourinho, que trazem o conceito da ansiedade em uma análise comportamental e Robert L. Leahy, que traz as técnicas de Terapia Cognitiva como um manual ao terapeuta. Adicionalmente, foram analisados documentos oficiais brasileiros emitidos pelo Ministério da Saúde e pela Organização Mundial da Saúde (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde – CID 11 e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM V-TR).

2.2 Resultados e Discussão

2.2.1 Diferenciação entre o diagnóstico da ansiedade e o transtorno de ansiedade generalizada

A ansiedade é caracterizada como um estado emocional qualificado subjetivamente como não prazeroso e desagradável, acompanhado por sentimentos de apreensão, insegurança e um conjunto de alterações fisiológicas e comportamentais. Sendo um estado de ameaça mais persistente ou frequente que inclui outros fatores cognitivos além do medo, tais como: incerteza, vulnerabilidade, perda de controle, aversão percebida e incapacidade de alcançar os resultados desejados (Clark; Beck, 2012).

É importante considerar que sentir-se ansioso faz parte do comportamento humano e é herdado filogeneticamente. Podendo ser entendido sob a ótica comportamental:

> A ansiedade é um sistema de resposta cognitiva, afetiva, fisiológica e comportamental complexo (isto é, modo ameaça) é ativado quando eventos ou circunstâncias antecipadas são consideradas altamente aversivas porque são percebidas como eventos imprevisíveis, incontroláveis que poderiam potencialmente ameaçar os interesses vitais de um indivíduo (Clark; Beck, 2012, p. 17).

Portanto, esta condição emocional é comum a todos na presença de estímulos ambientais aversivos ou pré-aversivos, indicando um potencial ameaça ao organismo.

Todavia, quando essa emoção supera níveis considerados adequados e adaptativos, levando ao surgimento de algumas alterações somáticas, comportamentais e psicológicas persistentes por pelo menos 6 meses, tais como: tremores, contrações, abalos e dores musculares, nervosismo ou irritabilidade associados a tensão muscular, acompanhados de sudorese, náusea, diarreia, batimentos cardíacos acelerados, falta de ar, tonturas, síndrome do intestino irritado, cefaleia (DSM-5-TR, APA, 2023). Podemos estar lidando com o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), que pode ser descrito na perspectiva cognitiva como:

> [...] um estado persistente de ansiedade generalizada envolvendo preocupação crônica, excessiva e invasiva que é acompanhada por sintomas físicos ou

> mentais de ansiedade que causa sofrimento significativo ou prejuízo no funcionamento diário. A preocupação e a ansiedade devem envolver múltiplos eventos ou atividades e podem não ser limitados a preocupações que são características de outro transtorno do Eixo 1 (Clark; Beck, 2012, p. 391).

A partir do que fora delineado anteriormente, é importante afirmar que a ansiedade e suas manifestações clínicas, como o TAG, são cada vez mais recorrentes na sociedade contemporânea, tornando-se um dos mais importantes problemas de saúde mental. De acordo com (Calçada, 2013, p. 29), "um alto nível de ansiedade gerou um transtorno quando dificulta ou impede o curso normal da vida daquele que sofre de ansiedade", ocasionando perdas psicossociais, que são enfrentadas pelos indivíduos que apresentam as sintomatologias.

2.2.2 As disfuncionalidades do indivíduo com TAG

Pessoas com transtorno de ansiedade generalizada (TAG) geralmente só buscam ajuda quando a dor se torna muito perturbadora em suas vidas diárias. Vivem num estado de preocupação e ansiedade além dos níveis normais, o que na maioria das vezes não os faz sentir-se sozinhos. A crise não ocorre apenas em tempos difíceis, podendo ocorrer em qualquer momento ou lugar, independentemente da situação ou das atividades que estão sendo realizadas. Uma maneira de diferenciar entre uma resposta normal de ansiedade e um transtorno de ansiedade generalizada é observar a duração. Segundo a OMS:

> [...] os sintomas dominantes são altamente variáveis, mas queixas de sentimento contínuo de nervosismo, tremores, tensão muscular, sensação de cabeça leve, palpitação, tonturas e desconforto epigástrico são comuns. Medos de que o paciente ou um parente irá brevemente adoecer ou sofrer um acidente são frequentemente expressados junto com uma variedade de outras preocupações e pressentimentos [...] (OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE).

Mercante (2007) assevera que uma característica importante do TAG é a incapacidade do indivíduo de controlar suas preocupações, fazendo com que elas interfiram na atenção às tarefas que precisam ser realizadas. Raramente identificam suas preocupações como excessivas, mas relatam sofrimento significativo devido à expectativa apreensiva e prejuízo no desempenho social ou ocupacional. Os gatilhos podem ser avisados das muitas tarefas e responsabilidades que uma pessoa pode assumir ou problemas os quais ela não se sente preparada para resolver.

Na visão de Fava *et al*. (2009), os indivíduos clinicamente ansiosos demonstram um padrão de processo seletivo que opera de modo a favorecer a entrega de informações ameaçadoras. O impacto emocional do TAG é enorme. Pode levar à tristeza, tensão, pensamentos vagos, medo de não conseguir cumprir os compromissos e perder o que tem, intolerância à incerteza, evitação de situações ambíguas, sentimentos de incompetência em diferentes áreas da vida e sintomas depressivos. Caso a crise seja grave, é extremamente importante que os pacientes procurem ajuda profissional.

2.2.3 A Terapia Cognitivo Comportamental como base de tratamento para a ansiedade generalizada

Com o objetivo de alcançar o entendimento acerca das possíveis razões sobre os transtornos emocionais que estavam suscetíveis aos seres humanos, as décadas de 50, 60 e 70 foram de suma importância para surgir diferentes abordagens teóricas. A Terapia Cognitiva - Comportamental enquanto associação entre práticas, pode ser entendida da seguinte forma:

> [...] abordagem ativa, discreta e estruturada usada no tratamento de uma variedade de problemas psiquiátricos, [...] e caracterizada pela aplicação de uma variedade de procedimentos clínicos como introspecção, teste da realidade,insight e inúmeros procedimentos comportamentais que conduzem a aprendizagens, visando aperfeiçoar discriminações e corrigir concepções equivocadas, modificar estados emocionais e mudar comportamentos julgados inadequados (Rangé, 2001, p. 37).

A fim de integrar a ciência psicológica na prática clínica, a organização Society of Clinical Psychology, organizada pela American Psycological Association, estabeleceu a Divisão 12. Uma de suas responsabilidades é fornecer os melhores métodos de tratamento psicológico para cada transtorno mental. É possível encontrar estudos que mostram que a terapia cognitiva e a terapia comportamental são úteis no tratamento do transtorno de ansiedade generalizada.

Nessa perspectiva, a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) tem se mostrado eficaz no tratamento da ansiedade generalizada. Com o aumento dos casos desse transtorno na sociedade atual, a TCC, como abordagem psicoeducativa, busca ajudar os pacientes, por meio dos terapeutas, a compreender que seus pensamentos influenciam diretamente seus sentimentos. Assim, ensinando-o modos com os quais ele possa lidar com as situações futuras passíveis de causar manifestações ansiosas. Segundo Clark e Beck (2012), os conceitos cognitivos relacionados à ansiedade focam na ideia de vulnerabilidade. O indivíduo tem a percepção a seu respeito de alguém passível a perigos externos e internos as quais ele não será capaz de dominar.

De acordo com Beck (2013), dentro da Terapia Cognitivo Comportamental, todos os pacientes devem passar por 10 princípios norteadores, sendo eles:

> Princípio N°1. A TCC deve ter um desenvolvimento contínuo dos problemas dos pacientes e em uma conceituação individual de cada paciente em termos cognitivos;
>
> Princípio N°2. Aliança terapêutica sólida (relação entre o terapeuta e paciente);
>
> Princípio N°3. A TCC enfatiza a colaboração e a participação ativa;
>
> Princípio N°4. A terapia cognitivo-comportamental é orientada para os objetivos e focada nos problemas.
>
> Princípio N°5. Ênfase inicialmente no presente;
>
> Princípio N° 6. Educativa, como o objetivo de ensinar o paciente a ser seu próprio terapeuta e enfatiza a prevenção de recaída;
>
> Princípio N°7. Limitada no tempo;
>
> Princípio N° 8. Sessões estruturadas;
>
> Princípio N°9. O paciente é ensinado a identificar, avaliar e responder aos seus

pensamentos e crenças disfuncionais;

Princípio N°10. Uso de variedades de técnicas para mudar o pensamento, o humor e o comportamento.

A terapia cognitivo-comportamental, discerne o indivíduo em três níveis de cognição na organização de seu pensamento, sendo eles:

- Os pensamentos automáticos - PA (ocorrem de forma espontânea, instantânea e involuntária), podendo ser no sentido negativo - PANs, "pensamentos automáticos que são exagerados, distorcidos, equivocados, irrealistas ou disfuncionais têm um papel importante na psicopatologia, porque moldam tanto as emoções como as ações do indivíduo em resposta aos eventos da vida" (Knapp, 2014, p. 25);
- As crenças nucleares ou centrais (entendimento sobre o eu, o mundo e o futuro);
- Os pressupostos subjacentes ou crenças intermediárias (objetivam sustentar as crenças centrais através da explicação e regras de vida).

O fato de a preocupação excessiva ser um sintoma fundamental do transtorno de ansiedade generalizada leva os tratamentos a buscarem mudar os padrões de pensamento catastróficos e as crenças positivas associadas ao comportamento preocupante. Portanto, as técnicas mais comumente utilizadas são: a psicoeducação e identificação dos níveis cognitivos, "sendo de suma importância analisar junto ao paciente as expectativas que ele tem em relação a possíveis problemas futuros trabalhar aquelas expectativas que são verdadeiras" (Knapp, 2004).

Com a estruturação das sessões, serão analisadas as técnicas que se adequem às demandas dos pacientes. Na psicoeducação é utilizado o mecanismo de reeducação do paciente a respeito de seus sinais e sintomas, de forma a esclarecer com objetividade e clareza as reações comportamentais.

O questionamento socrático, no caso da TAG, busca fazer perguntas indutivas para estimular a curiosidade e o desejo de inquirir (Manfro; Heldt; Blata, 2019). Já o Diário de Pensamentos Automático tem como objetivo ampliar a maneira de pensar do paciente a partir de questões lógicas acerca do problema que considera importante. Desta forma, o pensamento disfuncional é identificado e analisado, um plano aceitável é traçado e a efetividade da intervenção é analisada.

A reestruturação cognitiva (como método dedicado para ajudar o paciente a reconhecer e modificar esquemas e pensamentos automáticos desadaptativos) leva o indivíduo a identificar de forma consciente quais são os ambientes estressores, os pensamentos automáticos e incitar um estilo mais racional de pensamento (Manfro; Heldt; Blata, 2019). Na respiração diafragma, pede-se que o indivíduo preste atenção em sua própria respiração e identifique os movimentos de inspirar e expirar colocando a mão sobre o abdômen e a região peitoral.

A Divisão 12 sugere que as TCCs podem ser conduzidas individualmente ou em grupos, as sessões são preferencialmente semanais com a duração entre uma e duas horas, em um total de quatro meses de tratamento. Quando o nível de sofrimento de um paciente e a interferência dos sintomas em sua vida o justificarem, deve-se considerar a combinação de farmacoterapia com abordagens psicoterapêuticas. É de suma relevância destacar, que a forma mais apreciável de intervenção será sempre a empatia com o outro, em que ele se sinta à vontade para ser escutado e compreendido (Leahy, 2018).

3. CONCLUSÃO

A temática do transtorno de ansiedade generalizada, aliada às técnicas da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) utilizadas para tratar essa disfunção, é fundamental tanto para ampliar o conhecimento acadêmico quanto para auxiliar pacientes por meio da psicoeducação. Dada a crescente prevalência de transtornos de ansiedade, o assunto ganha relevância, tornando-se uma prioridade para profissionais de saúde. Esse aumento demanda que esses profissionais estejam bem preparados e capacitados para atender às novas necessidades da população.

A ansiedade é considerada parte do comportamento humano e vista como normal quando se apresenta de maneira motivadora e adaptativa, auxiliando os indivíduos a se prepararem para situações que consideram complicadas e confusas. Porém, quando essa emoção desencadeia sofrimento psíquico e prejudica significativamente a vida acadêmica, social e profissional de uma pessoa, pode levar a diversos transtornos mentais.

Desta maneira, a ansiedade é considerada patológica quando existe a desproporção entre a frequência e intensidade em que se apresentam as respostas cognitivas, assim como as ações comportamentais e emocionais que são inconsistentes com a situação que a desencadeia.

Portanto, quando a ansiedade é diagnosticada como patológica, os pacientes são aconselhados a procurar psicoterapia o mais rápido possível. Com base nas pesquisas de artigos, que em grande parte, indicam que os processos de psicoterapia baseados em técnicas de TCC são considerados os métodos mais recomendados para o tratamento clínico dos transtornos de ansiedade, foram demonstrados resultados favoráveis onde são alcançadas melhorias associadas na qualidade de vida dos pacientes.

Destaca-se que os propósitos específicos deste estudo foram de forma plena, concretizados e contribuíram para a obtenção dos seus objetivos gerais. Porém, é importante ressaltar que, a exploração intelectual apresenta-se, portanto, como forma de realizar uma análise mais ampla do tema em questão, conduzindo a novas descobertas, interpretações e técnicas psicoterapêuticas que objetivem melhorar a qualidade de saúde mental dos pacientes impactados com a ansiedade generalizada.

Referências

American Psychiatric Association (2023). DSM-5-TR: **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** Porto Alegre: Artmed Editora LTDA.

BASSETTI, A.; NAVOLAR, B.; BAHLS, C. **TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAIS: CONCEITOS E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS Saint-Clair Bahls**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.cursosavante.com.br/cursos/curso368/conteudo8329.pdf>.

BECK, J. S . **Terapia cognitiva:** teoria e prática. Tradução de Sandra M. da Rosa. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BECK, J. S. **Terapia cognitivo-comportamental - 3.ed.** [s.l.] Artmed Editora, 2021.

CALÇADA, A. Ansiedade profissional: normal ou paralisante? **Psiquê: ciência e vida.** São Paulo, n.84, p. 26-33, 2013.

CLARK, D. A.; BECK, A. T. **Terapia Cognitiva para os Transtornos de Ansiedade**. [s.l.] Artmed Editora, 2016.

COÊLHO, N. L.; TOURINHO, E. Z. O conceito de ansiedade na análise do comportamento. **Psicologia: Reflexão e Crítica,** v. 21, n. 2, p. 171–178, 2008.

FAVA, D. C. et al. Construção e validação de tarefa de Stroop Emocional para avaliação de viés de atenção em mulheres com Transtorno de Ansiedade Generalizada. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 19, n. 43, p. 159–165, ago.

2009.

JULIANE PRIETO PERES MERCANTE**. Comorbidade entre cefaléias primárias e transtorno de ansiedade generalizada**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-02042008-135616/publico/julianeppmercante.pdf>.

KNAPP, P. Princípios Fundamentais da Terapia Cognitiva. In: KNAPP, Paulo. **Terapia cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica**. Artmed Editora, 2004.

LEAHY, R. L.; ADRIANA, M.; LUZIA ARAÚJO. **Técnicas de terapia cognitiva manual do terapeuta**. [s.l.] Porto Alegre Artmed, 2006.

LEAHY, R. L. **Técnicas de Terapia Cognitiva - 2.ed.** [s.l.] Artmed Editora, 2018.

LOPES, Amanda Brandão et al. Transtorno de ansiedade generalizada: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 35, p. e8773-e8773, 2021.

LUÍSA, A.; MELO, C.; MOURA, L. **TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL NO TRATAMENTO DE UM CASO DE TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA: UM RELATO DE CASO 2020 Lélio Moura Lourenço.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1408.pdf>.

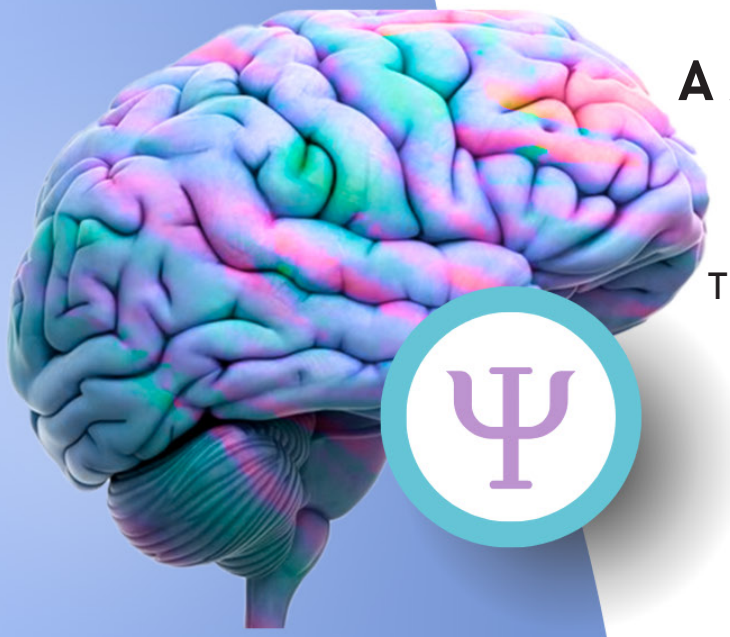
MANFRO, G. G.; HELDT, E.; BLAYA, C. Terapia cognitivo-comportamental do transtorno de pânico. In: **Psicoterapias**: abordagens atuais. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, p. 554-568, 2019.

Moodle USP: e-Disciplinas. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5044861/mod_resource/content/2/Caracter%C3%ADsticas%20b%C3%A1sicas%20do%20transtorno%20de%20ansiedade%20generalizada%20.pdf>.

RANGÉ, B. P. Programa de treinamento à distância para tratamento do transtorno do pânico e agorafobia. **Revista de Psiquiatria Clínica.** Rio de Janeiro, v. 28, n. 6, p. 331 - 339, nov. 2001.

REYES, A. N.; FERMANN, I. L. Eficácia da terapia cognitivo-comportamental no transtorno de ansiedade generalizada. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas,** v. 13, n. 1, p. 49–54, 2017.

26



A ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE FRENTE AO PROCESSO DE LUTO

THE ROLE OF HEALTH PROFESSIONALS IN THE GRIEVING PROCESS

Carla Bianca Ferreira Lindoso
Marco Aurélio Fernandes

Pascal
Editora

Resumo

Este estudo investiga a atuação dos profissionais da saúde diante do processo de luto, enfatizando a complexidade emocional que essa experiência acarreta. A pesquisa, baseada em uma revisão bibliográfica qualitativa e descritiva, analisa as intervenções terapêuticas mais comuns, como o suporte psicológico e as intervenções psicossociais, destacando sua eficácia em ajudar os profissionais a lidarem com as emoções intensas associadas à perda. Durante a pandemia de COVID-19, a carga emocional sobre os trabalhadores do Sistema Único de Saúde (SUS) aumentou significativamente, exacerbando sentimentos de tristeza e perda, e revelando um aumento na incidência de transtornos como ansiedade e depressão. Apesar da eficácia das intervenções, muitos profissionais ainda carecem de acesso a programas de suporte e treinamento adequados. A pesquisa sugere que a formação dos profissionais deve incluir uma compreensão mais profunda das dinâmicas do luto, promovendo um ambiente de trabalho que valorize a saúde mental da equipe. Os resultados indicam que a implementação de um suporte psicológico estruturado é essencial para o bem-estar emocional dos profissionais e para a qualidade do atendimento prestado aos pacientes e suas famílias. Assim, a pesquisa conclui que é fundamental integrar práticas terapêuticas no cotidiano dos profissionais de saúde, visando mitigar os efeitos emocionais do luto e melhorar a qualidade do cuidado.

Palavras-chave: Luto, profissionais da saúde, suporte psicológico, saúde mental, intervenções psicossociais.

Abstract

This study investigates the role of health professionals in the grieving process, emphasizing the emotional complexity this experience entails. The research, based on a qualitative and descriptive bibliographic review, analyzes the most common therapeutic interventions, such as psychological support and psychosocial interventions, highlighting their effectiveness in helping professionals cope with the intense emotions associated with loss. During the COVID-19 pandemic, the emotional burden on workers in the Unified Health System (SUS) increased significantly, exacerbating feelings of sadness and loss, and revealing a rise in the incidence of disorders such as anxiety and depression. Despite the effectiveness of interventions, many professionals still lack access to adequate support programs and training. The study suggests that professional training should include a deeper understanding of the dynamics of grief, fostering a work environment that prioritizes the mental health of the team. The results indicate that implementing structured psychological support is essential for the emotional well-being of professionals and the quality of care provided to patients and their families. Thus, the research concludes that integrating therapeutic practices into the daily routines of health professionals is crucial to mitigate the emotional effects of grief and improve the quality of care.

Keywords: grief, health professionals, psychological support, mental health, psychosocial interventions.

1. INTRODUÇÃO

A morte e o luto são temas complexos e inevitáveis na vida dos profissionais da saúde, especialmente para aqueles que atuam em ambientes hospitalares. O cotidiano desses profissionais é marcado pela experiência constante com a morte, levando-os a vivenciar um leque de emoções e reações que impactam diretamente sua saúde mental e a qualidade do cuidado que oferecem. Este artigo tem como objetivo investigar como a equipe multidisciplinar enfrenta esses processos, buscando compreender os aspectos emocionais que permeiam seu trabalho.

A exposição frequente a mortes de pacientes pode desencadear uma série de respostas emocionais, como sobrecarga de trabalho, ansiedade, impotência e fracasso. De acordo com Peito, Melo e Longo (2020), essa realidade pode levar os profissionais a desenvolverem mecanismos de defesa, como a frieza emocional e a evitação do contato com suas próprias emoções. Anjos, Hara e Estevão (2022) ressaltam que essa tentativa de distanciamento emocional é uma estratégia utilizada para lidar com o sofrimento, mas pode, paradoxalmente, comprometer a qualidade do cuidado prestado aos pacientes e suas famílias.

Nesse contexto, surge a seguinte questão: qual a importância da atuação dos profissionais da saúde frente ao processo de luto e morte? Compreender essa importância é crucial para melhorar as práticas de cuidado, uma vez que a equipe multidisciplinar desempenha um papel fundamental na assistência aos pacientes e na condução do processo de luto de suas famílias.

Este projeto visa investigar a relação, vivências e aspectos emocionais dos profissionais de saúde que lidam diretamente com a morte e o luto. Justifica-se essa pesquisa pela necessidade de compreender os desafios emocionais enfrentados por esses profissionais, reconhecendo que o enfrentamento do luto e da morte é um processo complexo e que requer suporte adequado. Observa-se, atualmente, uma mudança no local de morte, com um aumento significativo das mortes ocorrendo em hospitais, o que gera uma carga emocional maior para a equipe de saúde. Mendes *et al*. (2018) discutem que o hospital se tornou o local onde há recursos de tratamento apropriados, mas essa mudança também impõe desafios adicionais para os profissionais, que enfrentam uma carga emocional ao lidar com situações de morte de forma mais frequente e intensa.

A compreensão dos aspectos emocionais envolvidos no luto e na morte é essencial para a saúde mental e o bem-estar dos profissionais da saúde. Estudos como os de Rocha e Lima (2019), que exploram o suicídio e suas peculiaridades no luto das famílias sobreviventes, e de Oliveira *et al*. (2021), que analisam as repercussões do suicídio nas famílias e a atuação dos profissionais da saúde, ressaltam a importância de se abordar o luto de maneira integral. Além disso, a pandemia de COVID-19 trouxe novos desafios para os profissionais da saúde, intensificando a necessidade de lidar com um grande número de mortes em condições desafiadoras e, muitas vezes, sem o apoio presencial de familiares (Nabuco *et al*., 2020).

Os objetivos deste estudo incluem: identificar a importância da equipe multidisciplinar diante da morte de um paciente e apresentar as competências necessárias para que os profissionais lidem com os processos de morte e morrer nas diversas fases do ciclo de vida. A compreensão das experiências e estratégias de enfrentamento adotadas pode contribuir para o desenvolvimento de programas de apoio psicológico e emocional mais eficazes. Assim, busca-se promover não apenas a saúde mental desses profissionais, mas também melhorar a qualidade do cuidado oferecido aos pacientes e familiares que viven-

ciam a dor da perda.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

A metodologia adotada neste estudo consiste em uma revisão bibliográfica qualitativa e descritiva, cujo objetivo é analisar a atuação dos profissionais da saúde frente ao processo de luto. Este tipo de pesquisa é essencial para compreender as nuances e complexidades do luto no contexto da saúde, permitindo uma reflexão aprofundada sobre a importância do suporte emocional e psicológico oferecido aos profissionais que lidam com a morte de pacientes. A pesquisa se concentrará em artigos publicados nos últimos dez anos, garantindo a contemporaneidade das informações e abordagens sobre o tema.

Para a realização da revisão, será feito um levantamento bibliográfico em bases de dados científicas reconhecidas, incluindo PubMed, Scopus, SciELO e Google Scholar. Essas bases foram selecionadas por sua abrangência e relevância na publicação de estudos acadêmicos e científicos de qualidade. Os descritores utilizados na busca incluem palavras-chave relacionadas ao tema, como “luto”, “profissionais da saúde” e “estratégias de enfrentamento”. A escolha desses termos é estratégica, pois permite abranger um espectro amplo de estudos que discutem as experiências, desafios e abordagens enfrentadas pelos profissionais da saúde em relação ao luto e à morte.

Os critérios de inclusão para os artigos serão definidos da seguinte forma: serão considerados apenas os estudos que abordem a atuação dos profissionais da saúde frente ao processo de luto e que estejam disponíveis na íntegra, em idiomas português e inglês. Essa delimitação é fundamental para garantir que as fontes utilizadas sejam pertinentes e relevantes para a pesquisa. Por outro lado, serão excluídos artigos de revisão, primeiras impressões, resumos e quaisquer estudos que não tratem diretamente do foco da pesquisa, a fim de assegurar a qualidade e a especificidade das informações analisadas.

Após a seleção dos artigos, a análise dos dados será realizada por meio de uma abordagem qualitativa, utilizando técnicas de análise de conteúdo. Essa técnica permitirá identificar os principais temas, padrões e tendências presentes nas publicações selecionadas. O objetivo desta análise é compreender como os profissionais da saúde vivenciam e lidam com o processo de luto, além de identificar as estratégias de enfrentamento que utilizam em seu cotidiano. A análise qualitativa possibilitará uma visão mais profunda e rica sobre as vivências emocionais e profissionais dos participantes, contribuindo para uma compreensão mais ampla das dinâmicas envolvidas.

Ademais, será realizada uma análise crítica dos dados obtidos, buscando não apenas identificar as práticas e desafios enfrentados pelos profissionais da saúde, mas também explorar as implicações dessas vivências para a saúde mental e emocional desses profissionais. Esse aspecto é fundamental, pois a exposição frequente a situações de luto pode impactar significativamente o bem-estar dos profissionais, levando ao desenvolvimento de estresse emocional, burnout e outros problemas psicológicos.

Este estudo seguirá os princípios éticos da pesquisa científica, garantindo a utilização adequada das fontes bibliográficas e respeitando os direitos autorais. Serão observadas as diretrizes éticas de pesquisa, promovendo assim uma investigação responsável e embasada. A busca por uma compreensão mais profunda sobre o luto e a morte no contexto da saúde é um passo importante para melhorar o suporte oferecido aos profissionais e, consequentemente, à qualidade do atendimento prestado aos pacientes e seus familiares.

2.2 Resultados e Discussão

O luto é uma experiência universal que, apesar de sua inevitabilidade, pode afetar de maneira profunda a saúde mental e emocional dos profissionais de saúde. Durante a pandemia de COVID-19, muitos trabalhadores do Sistema Único de Saúde (SUS) enfrentaram um aumento significativo na carga emocional e nas demandas de trabalho, o que exacerbou os sentimentos de tristeza e perda. A pesquisa de Martins *et al*. (2024) destaca como a pandemia impactou a saúde mental desses profissionais, revelando um aumento na incidência de transtornos como ansiedade, depressão e síndrome de burnout.

Além dos efeitos diretos do luto, os profissionais muitas vezes lidam com o sofrimento dos pacientes e das famílias, o que pode intensificar seu próprio processo de luto. A vivência de familiares de pacientes com câncer, por exemplo, é um tema recorrente na literatura que evidencia a complexidade emocional enfrentada pelos cuidadores, que muitas vezes se tornam sobrecarregados pelo peso da dor alheia. Este fenômeno é ainda mais pronunciado em contextos de crise, onde as mortes são frequentes e abruptas, como observado por Silva *et al*. (2019).

Para enfrentar essas adversidades, é crucial que os profissionais de saúde desenvolvam estratégias de autocuidado e busquem apoio psicológico. A atuação de psicólogos no ambiente hospitalar, especialmente durante períodos de alta pressão, pode ser uma intervenção vital, proporcionando acolhimento e suporte emocional aos trabalhadores. Donato e Jaime (2024) relatam experiências positivas em que o acolhimento psicológico fez a diferença na resiliência dos profissionais, permitindo- lhes lidar melhor com o estresse e a carga emocional associada ao cuidado de pacientes em situações de sofrimento intenso.

Além disso, a especialização em saúde mental é fundamental para que os enfermeiros possam oferecer suporte efetivo às famílias enlutadas, ajudando a mitigar os efeitos do luto sobre essas pessoas. A pesquisa de Silva (2024) aponta que a intervenção do enfermeiro especialista não só beneficia as famílias, mas também contribui para a saúde mental do próprio profissional, ao proporcionar um espaço para a reflexão e a expressão de emoções.

Em suma, o impacto do luto nos profissionais de saúde é um fenômeno multifacetado que requer uma abordagem integrada, envolvendo autocuidado, suporte psicológico e formação especializada. Compreender e tratar as emoções relacionadas ao luto é essencial para promover a saúde mental dos profissionais e, consequentemente, melhorar a qualidade do atendimento prestado às famílias enlutadas.

A literatura aponta que diferentes categorias de profissionais da saúde utilizam abordagens distintas para lidar com o luto, refletindo suas experiências e formações. Segundo Franco (2022), a formação profissional desempenha um papel significativo na forma como os indivíduos se relacionam com as perdas e a dor. Médicos, por exemplo, muitas vezes são treinados para manter uma postura objetiva e focada na técnica, o que pode dificultar o processamento emocional do luto. Isso pode resultar em uma maior desconexão emocional em comparação com enfermeiros e psicólogos, que são mais frequentemente expostos à dimensão emocional do cuidado.

Estudos como os de Cavalcanti (2018) e Sant'Ana *et al*. (2020) revelam que os enfermeiros, devido à sua proximidade com os pacientes e familiares, podem desenvolver estratégias de enfrentamento mais empáticas, o que, por sua vez, influencia sua saúde mental. Por outro lado, os psicólogos, com uma formação centrada no suporte emocional, tendem a empregar intervenções mais direcionadas ao processamento do luto, tanto para si mesmos quanto para os outros.

O trabalho de Mendes (2023) reforça essa ideia ao relatar que cuidadores formais, in-

cluindo enfermeiros e médicos, enfrentaram desafios únicos durante a pandemia, necessitando de suporte social e emocional para lidar com as perdas que vivenciaram. A pesquisa de Silveira *et al*. (2019) também evidência como a equipe de enfermagem em unidades neonatais desenvolve coping (estratégias de enfrentamento) adaptativos, mas que muitas vezes são influenciados pela formação e pelo ambiente de trabalho.

Além disso, a pesquisa de De Carvalho *et al*. (2023) destaca que o luto das famílias e dos profissionais em cuidados paliativos pediátricos exige um entendimento profundo das dinâmicas emocionais envolvidas, reforçando a necessidade de estratégias de enfrentamento adaptadas para cada grupo profissional.

Em suma, as diferenças nas práticas de enfrentamento do luto entre médicos, enfermeiros e psicólogos refletem não apenas suas formações e experiências, mas também a natureza do seu trabalho e suas relações com os pacientes e as famílias. Uma compreensão mais aprofundada dessas diferenças é essencial para desenvolver intervenções que promovam o bem-estar emocional dos profissionais de saúde e a qualidade do cuidado prestado.

De acordo com Peito; Melo; Longo (2020) “A morte no contexto hospitalar, muitas vezes, não é compreendida como processo natural da vida. O esforço para manter a vida a qualquer custo pode, quando diante da morte, despertar nos profissionais de saúde frustração referente ao seu trabalho. Com pacientes terminais em sofrimento, a morte foi encarada como alívio do sofrimento tanto do paciente quanto do profissional de enfermagem. A impossibilidade de desviar da morte a partir do uso de aparatos tecnológicos e medicamentosos despertam no profissional sentimentos que ressignificam a morte de acordo com o contexto vivido”.

Os autores realizaram uma pesquisa na qual a análise foi conduzida com base na classificação das declarações dos profissionais de enfermagem, agrupadas em cinco categorias: percepções sobre a morte no contexto de seu trabalho, emoções e sentimentos frente à morte, reações ao lidar com a morte, táticas empregadas para enfrentar o luto e preparação emocional em relação ao processo de morte e morrer. A frequência dessas categorias foi levada em conta. A partir da organização das categorias em tabelas, os dados foram examinados e contextualizados para esclarecer os resultados obtidos como vistos na tabela 1 a seguir.

Tabela 1. SIGNIFICADOS DA MORTE PARA OS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM NO EXERCÍCIO DE SUAS FUNÇÕES.

	n
"Materialmente significa o final e, espiritualmente, uma nova vida"	5
"Quando a morte acontece em pacientes que estão sofrendo, é um alívio para a gente e para eles"	5
"Eu não sei explicar o que é morte"	2
"A morte é o único caminho que nós temos"	3
"É uma coisa que faz parte do meu dia a dia"	5
"A morte anda junto com a saudade"	1
"Algo inexplicável, o fim de uma longa caminhada"	2
"Eu acho que a morte faz parte da vida"	1

Fonte: Peito; Melo; Longo (2020)

As práticas e intervenções terapêuticas adotadas por profissionais da saúde no contexto do luto foram analisadas, com foco nas abordagens mais comuns, como o suporte psicológico e as intervenções psicossociais. Estudos como os de Afonso (2021) e Da Silva e Da Silva (2023) destacam a eficácia do suporte psicológico em ajudar indivíduos a lidarem com emoções intensas associadas à perda, permitindo que desenvolvam estratégias de enfrentamento mais saudáveis. Os profissionais relataram que o suporte emocional proporciona um espaço seguro para expressar sentimentos, facilitando o processamento do luto.

Além disso, o acompanhamento psicológico contínuo tem se mostrado essencial para o bem-estar emocional dos profissionais. Pereira *et al*. (2021) ressaltam a importância do acolhimento e da escuta ativa, que proporcionam um espaço seguro para que os profissionais compartilhem suas experiências de perda. Contudo, a implementação de um suporte psicológico estruturado ainda enfrenta desafios significativos, como a falta de recursos financeiros e a escassez de profissionais capacitados.

Os dados indicam que, apesar da eficácia das intervenções, muitos profissionais de saúde carecem de acesso a essas abordagens. A pesquisa de Mendes (2023) aponta que a criação de programas de treinamento e apoio pode ser uma solução para superar as barreiras à implementação dessas intervenções. O estudo de Cavalcante (2023) também sugere que a compreensão das dinâmicas do luto e a importância do suporte psicológico devem ser mais bem integradas na formação dos profissionais, permitindo uma abordagem mais sensível e eficaz em situações de luto.

Esses achados evidenciam a necessidade de integrar práticas terapêuticas no cotidiano dos profissionais de saúde, visando mitigar os efeitos emocionais do luto e melhorar a qualidade do atendimento prestado.

A análise da influência das políticas de saúde no apoio ao luto revela tanto facilitadores quanto barreiras que impactam diretamente a prática dos profissionais e a qualidade do atendimento às famílias que enfrentam a perda de um ente querido. Estudos, como o de Benevides (2022), apontam que, em tempos de crise, como a pandemia da COVID-19,

a integração de aspectos espirituais e de saúde pública pode fortalecer a resiliência das famílias enlutadas. A pesquisa sugere que políticas que reconhecem a importância do suporte emocional e espiritual podem criar um ambiente mais favorável para o luto, promovendo intervenções que consideram as necessidades emocionais dos indivíduos.

Por outro lado, Silva *et al*. (2018) destacam que a falta de políticas públicas direcionadas especificamente para o acompanhamento de famílias após a perda, especialmente em casos de suicídio, pode dificultar o trabalho dos profissionais de saúde. A ausência de protocolos claros e de recursos adequados gera um cenário em que as equipes de saúde se sentem despreparadas para oferecer o suporte necessário, resultando em um atendimento insatisfatório e potencialmente prejudicial. Amaral (2020) evidencia que a experiência de famílias enlutadas em contextos de doença terminal, como o câncer, é frequentemente marcada pela falta de suporte estruturado e pela burocracia dos serviços de saúde. Isso sugere que as políticas públicas devem ser repensadas para garantir um atendimento mais humano e acolhedor, que leve em consideração a singularidade do luto de cada família.

Fukumitsu (2018) e Dalcolmo (2021) corroboram essa necessidade, apontando que, para que as políticas de saúde sejam efetivas, é fundamental que elas incorporem práticas que considerem o processo de luto como uma parte integral do atendimento em saúde. Isso inclui a formação adequada dos profissionais e a disponibilização de recursos que permitam a criação de redes de apoio comunitário.

A pesquisa de Santos *et al*. (2021) também reforça a ideia de que a atuação do Serviço Social na saúde mental deve ser intensificada, buscando integrar as políticas de saúde com abordagens que promovam o cuidado e a assistência às famílias em luto. A articulação entre diferentes áreas do conhecimento e setores da saúde é crucial para a construção de um suporte eficaz e abrangente.

Essas evidências ressaltam que a eficácia das políticas de saúde na assistência ao luto depende de sua capacidade de atender às necessidades específicas das famílias enlutadas. Para que haja um suporte significativo, é essencial que essas políticas sejam constantemente revisadas e aprimoradas, integrando diferentes áreas de atuação e promovendo a formação contínua dos profissionais de saúde. Assim, a construção de um sistema de apoio abrangente e humanizado pode ser alcançada, permitindo que as famílias encontrem a assistência necessária durante o processo de luto.

Os desafios éticos e profissionais enfrentados pelos profissionais de saúde ao trabalhar com o luto são complexos e multifacetados. A natureza intrínseca do luto envolve emoções profundas e variadas, tanto para os pacientes quanto para suas famílias. Profissionais, como enfermeiros e médicos, frequentemente se deparam com a necessidade de equilibrar a prestação de cuidados com suas próprias reações emocionais e a ética profissional. Esse equilíbrio é essencial, pois a forma como lidam com a dor e a perda dos outros pode impactar significativamente a qualidade do suporte oferecido.

Um dos dilemas mais significativos é a necessidade de manter um distanciamento emocional enquanto se oferece apoio. Por um lado, os profissionais de saúde precisam estabelecer uma conexão empática com aqueles que estão enlutados, mas, por outro lado, essa empatia pode levar à sobrecarga emocional. Isso é especialmente desafiador em contextos onde a morte é frequente, como em unidades de terapia intensiva ou cuidados paliativos. A literatura sugere que os profissionais devem desenvolver estratégias de autocuidado para evitar o esgotamento e manter a eficácia em suas funções (Silva, 2022).

Além disso, a comunicação sobre a morte e o luto apresenta seus próprios desafios éticos. Profissionais de saúde devem encontrar maneiras de abordar temas delicados,

como a morte iminente, com sinceridade e sensibilidade. A falta de clareza ou o uso de linguagem evasiva pode gerar confusão e desconfiança entre pacientes e familiares. Por isso, é crucial que os profissionais sejam treinados em habilidades de comunicação que considerem não apenas a informação a ser transmitida, mas também o impacto emocional que essa comunicação pode ter nos enlutados (Santos, 2020).

Outro aspecto a ser considerado é o papel das políticas de saúde e da formação profissional na gestão do luto. Muitas vezes, as políticas institucionais podem não fornecer o suporte adequado para os profissionais que lidam com o luto. A falta de protocolos claros e diretrizes pode dificultar a prática ética e a tomada de decisões em situações críticas. Portanto, é essencial que as instituições de saúde promovam uma cultura de apoio, permitindo que os profissionais expressem suas dificuldades e recebam a supervisão necessária para lidar com questões éticas complexas (Araújo, 2024).

O conceito de resiliência moral também é relevante nesse contexto. Profissionais de saúde enfrentam dilemas morais que podem gerar tensão interna e incerteza sobre as decisões que devem ser tomadas. A construção da resiliência moral, que envolve a capacidade de se recuperar de experiências éticas difíceis, é vital para que esses profissionais mantenham sua integridade e bem-estar ao lidar com a dor e a perda dos outros (Rodrigues, 2023).

A ética na assistência a pessoas enlutadas não se limita apenas à interação direta com os pacientes e suas famílias, mas também envolve a reflexão sobre as próprias experiências e emoções dos profissionais. A autoconsciência e a análise crítica sobre como as próprias vivências de luto influenciam a prática profissional são fundamentais para um atendimento de qualidade. Profissionais que não conseguem processar suas próprias experiências podem acabar projetando suas emoções nos pacientes, o que pode comprometer o cuidado (Gaíva, 2020).

Além disso, é importante considerar o impacto do luto nas relações interprofissionais. O trabalho em equipe é essencial em ambientes de saúde, e as emoções relacionadas ao luto podem afetar a dinâmica de equipe. Profissionais precisam estar cientes de como suas reações emocionais podem influenciar seus colegas e a eficácia geral do cuidado prestado. A colaboração e o suporte mútuo entre os membros da equipe são fundamentais para lidar com os desafios éticos associados ao cuidado em situações de luto (Sanguino, 2018).

Por fim, a formação acadêmica e a contínua educação em ética e comunicação são essenciais para preparar os profissionais de saúde para esses desafios. Programas de educação que abordem a complexidade do luto e as questões éticas associadas ao atendimento a pessoas enlutadas podem equipar os profissionais com as ferramentas necessárias para enfrentar essas situações com confiança e sensibilidade. A integração dessas questões no currículo acadêmico e na formação continuada é crucial para a evolução da prática profissional e a melhoria do suporte oferecido às famílias enlutadas (Landim, 2022).

3. CONCLUSÃO

A conclusão do estudo sobre a atuação dos profissionais da saúde frente ao processo de luto revela a complexidade e a profundidade das experiências emocionais vivenciadas por esses profissionais. A pesquisa destaca que, apesar da eficácia das intervenções disponíveis, muitos profissionais carecem de acesso a programas de treinamento e suporte que os capacitem a lidar com as dinâmicas do luto de maneira mais sensível e eficaz. A análise qualitativa realizada permite uma compreensão mais rica das vivências emocionais e dos

desafios enfrentados, evidenciando a necessidade de integrar práticas terapêuticas no cotidiano dos profissionais de saúde para mitigar os efeitos do luto e melhorar a qualidade do atendimento.

Além disso, a metodologia adotada, que inclui uma revisão bibliográfica em bases de dados científicas reconhecidas, assegura a contemporaneidade e relevância das informações analisadas, permitindo uma reflexão aprofundada sobre a importância do suporte emocional e psicológico. Os achados sugerem que a formação dos profissionais deve incluir uma compreensão mais robusta das dinâmicas do luto, promovendo um ambiente de trabalho que valorize a saúde mental da equipe e, consequentemente, a qualidade do cuidado prestado aos pacientes e suas famílias.

Em suma, a pesquisa conclui que a implementação de programas de apoio e treinamento é fundamental para equipar os profissionais da saúde com as ferramentas necessárias para enfrentar o luto, promovendo não apenas seu bem-estar emocional, mas também a eficácia do atendimento em situações de perda.

Referências

AFONSO, Andreia Castro. Luto e a demência: uma revisão de literatura. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 22, n. 3, p. 991-1002, 2021.

AMARAL, Débora Eduarda Duarte do. **Experiência da família enlutada acerca da morte por câncer**. 2020.

ANJOS, FABIO MENEZES DOS; HARA, Elaine Taminato; ESTEVÃO, Ivan Ramos. Luto do ideal heroico em profissionais de saúde na guerra contra a COVID-19. **Revista Perspectivas em Psicologia**, v. 26, n. 1, p. 01-19, 2022.

ARAUJO, MICAEL DOS SANTOS. EXPERIÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE NA ASSISTÊNCIA EM CUIDADOS PALIATIVOS NO BRASIL: DESAFIOS POSSIBILIDADES. **Repositório Institucional do Unifip**, v. 9, n. 1, 2024.

ARAÚJO, Samanta Cristina Fernandes da Cruz Braga. **Intervenção e acompanhamento psicológico em contexto de clínica privada.** 2022.

BENEVIDES, Ana Cecilia Trarbach Figueiredo. Saúde pública e espiritualidade na pandemia da Covid-19. 2022. **Dissertação de Mestrado**. Faculdade Unida de Vitoria (Brazil).

CAVALCANTE, LILIAN. Vivenciando o luto do filho idealizado e enfrentando a luta: o impacto do diagnóstico na família das crianças com autismo e a relevância da compreensão do diagnóstico e início das intervenções precoces. Anápolis, GO, 2023.

CAVALCANTI, Alessandra do Nascimento. Estratégias de enfrentamento e apoio social em pacientes adultos em unidade de terapia intensiva. 2018. Dissertação de Mestrado. Brasil.

DA SILVA, Erica Vanessa Guilherme; DA SILVA, Diego. Aplicação da terapia cognitivo-comportamental no tratamento de transtornos de humor e risco de suicídio no ambiente militar. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 10, p. 2004-2022, 2023.

DALCOLMO, Margareth. Um tempo para não esquecer: a visão da ciência no enfrentamento da pandemia do coronavírus e o futuro da saúde. **Bazar do Tempo**, 2021.

DE AZEVEDO, Thamires Goulart Lambranho; LIMA, Bruna Santos Ferreira; MARTINEZ, Elena Araujo. A formação e a vivência dos profissionais de saúde frente ao processo de morte e morrer em pediatria: Uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, p. e2310917790-e2310917790, 2021.

DE BRITO PEITO, Brenda; MELO, Milena Amaral; DA SILVEIRA LONGO, Cristiano. Luto em profissionais de enfermagem frente ao processo de morte e morrer de paciente sob seus cuidados: uma revisão bibliográfica sintética. **Revista Psicologia em Foco**, v. 12, n. 17, p. 15-27, 2020.

DE CARVALHO, Lucas Henrique *et al*. **Perdas, vínculos e afetos: o luto das famílias e dos profissionais dos cuidados paliativos pediátricos.** 2023.

DONATO, Aline Nunes; JAIME, Adriana Franco de Carvalho Curado. Atuação do psicólogo no ambiente hospitalar em tempos de pandemia: acolhimentos aos profissionais e colaboradores da saúde-relato de experiên-

cia. **Health Residencies Journal**, 2024.

FRANCO, Maria Helena Pereira. Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade. **Summus Editorial**, 2022.

FRANCO, Maria Helena Pereira. O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno. **Summus Editorial**, 2021.

FUKUMITSU, Karina Okajima. Vida, morte e luto: atualidades brasileiras. **Summus Editorial**, 2018.

GAÍVA, Maria Aparecida Munhoz *et al*. **Aspectos éticos e bioéticos no cuidado ao recém-nascido pré-termo. CUIDADO INTEGRAL AO RECÉM-NASCIDO PRÉ- TERMO E** À **FAMÍLIA**, p. 68.

GUAPORÉ/RO. **Revista Acadêmica Online**, v. 10, n. 51, p. 1-31, 2024.

LANDIM, Jessica de Souza Paes; DE LIMA FONTENELE, Alessandra; GUILHEM, Dirce Bellezi. Conflitos bioéticos vivenciados por enfermeiras neonatalogistas e obstetras no contexto da prática cotidiana: revisão integrativa. **Comunicação em Ciências da Saúde**, v. 33, n. 04, 2022.

LEONY, Lícia Cristiane de Azevedo de *et al*. **Sentidos construídos por profissionais da saúde do SUS no cuidado ao comportamento suicida infanto juvenil**. 2022.

LUTO NO HOSPITAL GERAL. **Seminário Estudantil de Produção Acadêmica**, v. 17, 2018.

MARTINS, Marcilene Francisco; PEREIRA, Aguinaldo; DE LIMA, Wagner Soares. IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID NA SAUDE MENTAL DOS TRABALHADORES DO SUS: UM ESTUDO DE CASO EM SÃO MIGUEL DO

MENDES, Denise Teixeira; RABELO DOS SANTOS, Emilly Karoline; MARBACK, Roberta Ferrari. É PRECISO FALAR SOBRE A MORTE: EQUIPE DE SAÚDE E

MENDES, Zaida Maria Bértolo. RELATÓRIO DE ESTÁGIO O PROCESSO DE LUTO DOS CUIDADORES FORMAIS EM CONTEXTO PANDÉMICO. 2023. **Tese**

NABUCO, Guilherme; DE OLIVEIRA, Maria Helena Pereira Pires; AFONSO, Marcelo Pellizzaro Dias. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde?. **Revista Brasileira de medicina de família e comunidade**, v. 15, n. 42, p. 2532-2532, 2020.

OLIVEIRA, Jeanderson Vilas Boas; AMORIM, Larissa; DOS SANTOS JACINTO, Pablo Mateus. Revisão integrativa da literatura sobre suicídio: repercussões nas famílias e atuação dos profissionais da saúde. **Boletim de Conjuntura (BOCA),** v. 7, n. 21, p. 103-116, 2021.

PEREIRA, Lohanny Alessandra Gonçalves *et al*. Atendimento ao Luto na Infância: Percepções e Estratégias Utilizadas pelo Psicólogo. **International Journal of Development Research**, v. 11, n. 11, p. 52204-52212.

ROCHA, Priscila Gomes; LIMA, Deyseane Maria Araújo. Suicídio: peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo. **Psicologia Clínica**, v. 31, n. 2, p. 323-344, 2019.

RODRIGUES, Jacinta Isabel Ribeiro. **Estratégias facilitadoras na construção da resiliência moral dos enfermeiros no contexto da pandemia covid-19: scoping review**. 2023.

SANGUINO, Gabriel Zanin *et al*. The nursing work in care of hospitalized elderly: limits and particularities/O trabalho de enfermagem no cuidado ao idoso hospitalizado: limites e particularidades. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 10, n. 1, p. 160-166, 2018.

SANT'ANA, Jorge Luiz Guedes *et al*. **O sofrimento mental de profissionais de enfermagem em um centro de oncologia pediátrica: uma abordagem ergonômica**. 2020.

SANTOS, Isabela Amâncio dos *et al*. **A problemática do suicídio e a intervenção do Serviço Social na saúde mental.** 2021.

SANTOS, Priscila Alves dos. **O profissional de saúde e o luto: reflexões a partir da trajetória acadêmica no curso de medicina**. 2020.

SILVA, Alessandra Pereira *et al*. **Dimensionamento de pessoal para cuidados paliativos em uma instituição complexa de oncologia**. 2020.

SILVA, Breno César de Almeida da; SANTOS, Manoel Antônio dos; OLIVEIRA- CARDOSO, Érika Arantes de. Vivências de familiares de pacientes com câncer: revisitando a literatura. **Revista da SPAGESP**, v. 20, n. 1, p. 140-153, 2019.

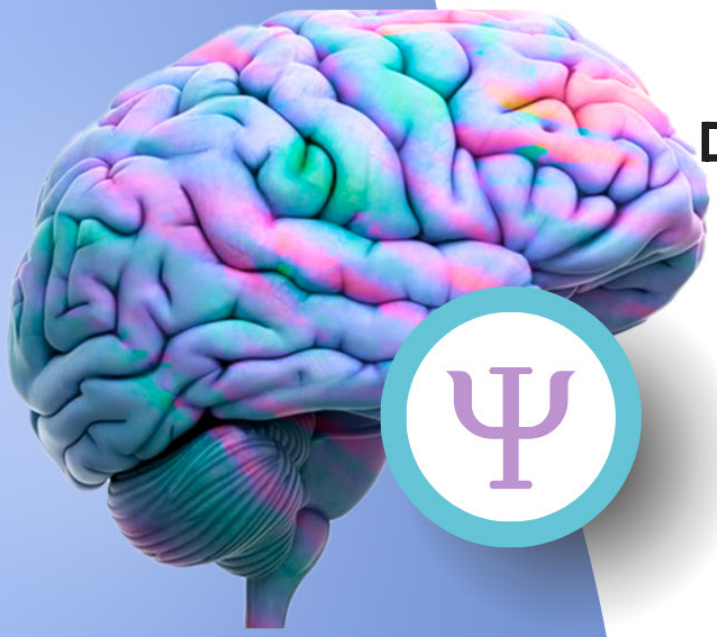
SILVA, Diana Kelly. Dilemas éticos dos profissionais de saúde diante dos pacientes fora de possibilidade de cura internados na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica. **Editora Dialética**, 2022.

SILVA, Katherine Louise Resendes. INTERVENÇÃO DO ENFERMEIRO ESPECIALISTA EM ENFERMAGEM SAÚDE MENTAL E PSIQUIÁTRICA NO APOIO ÀS FAMÍLIAS EM PROCESSO DE LUTO. 2024. **Tese de Doutorado**.

SILVA, Lucía *et al*. Cuidado a famílias após perda por suicídio: experiência de acadêmicos de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 2206- 2212, 2018.

SILVEIRA, Cindy Macedo da *et al*. **Processo de Morte-Morrer em Unidade Neonatal: Coping da Equipe de Enfermagem.** 2019.

27



O PAPEL DO PSICÓLOGO ESCOLAR NA INCLUSÃO DO DISCENTE COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

THE ROLE OF THE SCHOOL PSYCHOLOGIST IN THE INCLUSION OF STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD)

Ianara Cecilia Almeida Pereira
Maria Yhasmym Bezerra Barreto

Pascal
Editora

Resumo

O referido trabalho explana sobre um assunto muito pertinente aos novos tempos, nossas crianças descobrem muito cedo o quão são diferentes em pensar, agir e se inteirar com seus pares, principalmente no contexto escolar, local onde há um número bem expressivo de indivíduos que apresentam comportamentos divergentes, mas peculiares ao seu meio. Quando eles começam a integrarem espaços escolares as complicações são maiores, pois a inclusão necessária para que haja aprendizagem com equidade fica bem além do desejado, por isso há uma necessidade de haver nas escolas profissionais que saibam lidar e coordenar ações que viabilize uma aprendizagem igualitária e de qualidade. Sendo assim, pretende-se nesse artigo apontar alguns procedimentos que podem ser desenvolvidos para que minimize as exclusões em sala de aula, desde a participação dos alunos nas atividades assim como no convivo entre eles. Organizando espaços educacionais para o acolhimento dos discentes que necessitam de atividades específicas para intensificar os conteúdos ministrados em sala de aula ou para atribuir conhecimentos pertinentes a seu desenvolvimento cognitivo.

Palavras-chave: Autista, Inclusão, Psicólogo.

Abstract

This work explains a subject that is very relevant to the current times. Our children discover very early on how different they are in thinking, acting and interacting with their peers, especially in the school context, where there is a significant number of individuals who exhibit divergent behaviors, but which are unique to their environment. When they begin to integrate into school environments, the complications are greater, because the inclusion required for learning with equity goes well beyond what is desired. Therefore, there is a need for professionals in schools who know how to deal with and coordinate actions that enable equal and quality learning. Therefore, this article aims to point out some procedures that can be developed to minimize exclusions in the classroom, from student participation in activities as well as in the interaction between them. Organizing educational spaces to welcome students who need specific activities to intensify the content taught in the classroom or to provide knowledge relevant to their cognitive development.

Keywords: Autistic, Inclusion, Psychologist.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que a inclusão escolar oferece uma vasta possibilidade de se rever as diversas práticas excludentes, mesmo aquelas que por ora não são propositais, o despreparo dos profissionais ou a falta de planejamento oferece muitas vezes apenas a igualdade em muitos contextos no âmbito escolar, porém esquecem que essa mesma igualdade deve estar atrelada ao que é preponderante, a equidade, está deve ser sempre priorizada nas ações.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), foco desse estudo, é uma condição neurobiológica, as pessoas que os têm interagem diferente, pois a forma de percepção do mundo difere dos demais, assim como a relação socioemocional. Pois algumas delas desenvolvem características peculiares em sua comunicação, na interação social, bem como em seus comportamentos restritos e repetitivos em alguns casos. As diversificadas manifestações do TEA fazem com que as abordagens educacionais direcionadas a essa clientela seja metodicamente planejada, buscando exercer a equidade equivalente as suas necessidades.

O TEA não tem uma causa definida, mas observa-se que os fatores genéticos e agentes externos podem contribuir para o desenvolvimento, 80% dos casos podem vir da herança genética, ou complicações durante a gravidez, desiquilíbrio metabólico, infecções e exposição a substâncias tóxicas. Muitas vezes o indivíduo com TEA tem a sua linguagem afetada tornando sua comunicação em alguns caso muito difícil, a família buscar maneiras distintas para que haja um entendimento, usando em alguns casos métodos não-verbais, sua interação social e seu comportamento também são afetados diretamente, apresentam hipo ou hipersensibilidade a estímulos sensoriais, por vezes tem comportamentos repetitivos.

Mediante a preocupação de se criar espaços educacionais que sejam acolhedores e que se adaptem as peculiaridades de cada aluno, discutir sobre a inclusão de alunos com TEA é indispensável para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Os direitos legais que asseguram o bem estar das pessoas com Autismo encontram-se na Constituição Brasileira (1988), Declaração de Salamanca (1994), Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (9394/96), Lei nº 10.436/02, decreto n º 5.296/04 e Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoas com deficiência (2007). E baseada nessas leis que se busca proporcionar um ensino e aprendizagem com igualdade e equidade, seja nas escolas das redes particulares quanto públicas.

As questões relacionadas à inclusão e a atuação dos pais juntamente com a equipe multidisciplinar da escola é primordial para se ter bons resultados, para que haja equivalência no contexto de ensino-aprendizagem, propiciando ao aluno com TEA confiança no local de convívio que não é sua moradia e saindo da rotina diária, assim como a confiança depositada em pessoas que não são membros de sua família.

Sendo assim, para que esse artigo tenha efeito positivo na construção de uma melhoria na educação inclusiva, buscou diante de estudos sanar uma problemática que ora aparenta ser fácil de ser solucionada, que é saber como são feitas as intervenções pelo psicólogo nas escolas públicas para que haja inclusão dos alunos com espectro autista? Baseado nesse questionamento, justifica-se a escolha do tema para esse projeto justamente pelas dificuldades de as escolas receberem um aluno com espectro autista. Quando a instituição não disponibiliza de uma equipe preparada para dar suporte as especificidades desses alunos recorrem-se a estratégias para alcançá-las, nessa busca de assistência de qualidade tem que ser priorizado o objetivo específico para que o trabalho seja bem desenvolvido

que é compreender o papel do psicólogo junto a equipe multidisciplinar na inclusão do discente com TEA, entender como é que a psicologia educacional funciona, explanar mais sobre o assunto para que todo corpo discente e docente saibam conviver com alunos com TEA e por fim entender como o processo de inclusão pode ser implantado nas escolas, principalmente nas públicas.

Nessa premissa, a atuação do psicólogo é de suma importância na operacionalidade da equipe escolar juntamente com os pais para proporcionar uma prática de ensino-aprendizagem mais condizente as dificuldades inerentes da síndrome.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de revisão literária com abordagem qualitativa e descritiva, definida como estudo de coleta de dados realizadas a partir de fontes secundárias por meio de levantamento bibliográfico. É uma revisão planejada que também utiliza métodos explícitos e sistemáticos para analisar, sintetizar resultados, identificar, selecionar e avaliar não só estudos primários, como revisões teóricas, relatos, e outros tipos de análise. Neste estudo foram selecionados artigos no idioma português, publicado nos últimos dez anos. Como critérios de exclusão, foram invalidados, estudos que não correspondem ao período entre 2013 a 2023 e em línguas estrangeiras, artigos repetidos e que não possuem relação com o tema. Os artigos selecionados foram os completos na íntegra, no total de 10 artigos que correspondem aos anos citados e que apontam ao tema proposto. O levantamento dos dados ocorreu nas bases de dados Biblioteca Virtual em revistas online*, SciElo* e o *Google acadêmico*. Utilizando com os seguintes descritores: psicologia educacional; espetro autista; inclusão escolar. A análise de dados foi realizada na íntegra, através da comparação das discussões dos artigos selecionados, que correspondiam aos objetivos pretendidos neste estudo.

2.2 Resultados e discussões

O TEA é um transtorno que apresenta características bem peculiar mostrando dificuldades em algumas habilidades sociocomunicativas bem como alguns comportamentos, desconsiderando os padrões normativos da sociedade que restringem os interesses dos autistas em determinadas atividades (APA, 2013). Os sintomas aparecem inicialmente na primeira infância limitando ou prejudicando o desempenho do indivíduo. Estima-se que há 5,9 milhões de autistas no Brasil de acordo com o IBGE (2022).

A Psicologia educacional busca entender como os indivíduos desenvolvem-se na área educacional e quais métodos são aplicados para se obter resultados mais exitosos nessa área, uma vez que os fatores psicológicos são em muitos casos entraves para que haja um bom desempenho, e a busca por estratégias educacionais para ajudá-los é fundamental (Silva *et al*., 2022).

A psicologia desempenha um papel fundamental no atendimento e inclusão de crianças com autismo no ambiente escolar. Seu objetivo é promover o desenvolvimento dessas crianças, facilitando o aprendizado e a adaptação social em um contexto que muitas vezes apresenta desafios específicos para elas.

Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem ter dificuldades de comu-

nicação, interação social e comportamento, o que torna necessário um atendimento especializado e adaptado para garantir uma experiência escolar inclusiva e enriquecedora. A psicologia educacional, então, contribui ao identificar e aplicar estratégias de intervenção que considerem as necessidades individuais de cada criança.

Entre as principais abordagens da psicologia educacional para o atendimento dessas crianças estão: Avaliação individualizada: Psicólogos educacionais realizam avaliações detalhadas para entender as dificuldades e potencialidades específicas de cada criança com TEA. Isso ajuda a desenvolver planos de intervenção personalizados, que podem incluir o uso de técnicas de comunicação alternativa, adaptações curriculares e a criação de ambientes sensoriais adequados (Pereira; Nunes, 2020).

Capacitação de professores e equipe escolar: A formação dos profissionais da educação é essencial para o sucesso da inclusão de crianças com autismo. A psicologia educacional colabora oferecendo treinamentos e workshops para os educadores e a equipe escolar, capacitando-os a lidar com os comportamentos específicos do TEA e a usar abordagens que promovam o aprendizado e a socialização (Pereira; Nunes, 2020).

Promoção de habilidades sociais: A psicologia educacional investe no desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação das crianças com autismo, que podem apresentar dificuldades nessas áreas. Programas e atividades voltados para o trabalho em grupo, jogos de interação e comunicação assistida podem ser utilizados para facilitar a integração com os colegas (Pereira; Nunes, 2020).

Apoio emocional e comportamental: Muitas crianças com autismo enfrentam desafios emocionais que influenciam seu comportamento em sala de aula. Psicólogos educacionais implementam estratégias de apoio emocional e regulação comportamental, ajudando a criança a lidar com frustrações, ansiedade e a melhorar suas habilidades de autorregulação (Pereira; Nunes, 2020).

Colaboração com a família: A psicologia educacional atua em parceria com as famílias das crianças com autismo, mantendo uma comunicação constante sobre os progressos e desafios enfrentados na escola. O envolvimento familiar é essencial para reforçar em casa as práticas educativas e comportamentais aprendidas na escola, criando uma rede de suporte integral. (Pimentel; Fernandes, 2021).

Portanto, a psicologia educacional é um pilar essencial para garantir que a inclusão de crianças com autismo na escola seja não apenas uma realidade, mas uma experiência de desenvolvimento e aprendizado. Fornecendo os conhecimentos e estratégias necessários para adaptar os ambientes escolar às necessidades individuais, promovendo o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dessas crianças. Além disso, ajuda a capacitar professores, gestores e famílias, criando uma rede de suporte que favorece a inclusão e garante que cada criança tenha a oportunidade de atingir seu potencial máximo.

Nessa premissa de o psicólogo ter funções distintas, a regulamentação desse profissional baseou-se na Lei 4.119/62, de 27 de agosto, marcando a trajetória desses profissionais. Na ideia de conduzir o comportamento do indivíduo que buscava por auxílio muitas vezes frustradas em setores que não correspondia às necessidades, passaram então a especializações que tinham como objetivo atender as especificidades de cada um, dando atenção a psicologia educacional que foi responsável pelo crescimento da psicologia no Brasil, colocando em prática os saberes elaborados nessa disciplina (Barbosa, 2015).

Quando se refere ao psicólogo educacional, cabe destacar os percalços que este profissional encontra para desenvolver suas atividades, principalmente em âmbito escolar. Uma vez que eles devem sempre consolidar suas ações e revendo métodos que possam

desempenhar junto daqueles que estão diretamente envolvidos nesse processo: família, aluno e escola. Garantindo a transformação que corrobora ao compromisso socioemocional, psicossocial e educacional (Lopes, 2016).

É indispensável o acompanhamento do psicólogo e auxílio dado aos familiares das crianças com TEA, para promover uma experiência educativa e de vida mais equilibrada e enriquecedora para a criança. Esse acompanhamento é essencial tanto no contexto escolar quanto no ambiente familiar, pois o desenvolvimento e a adaptação de crianças com TEA exigem um trabalho colaborativo e contínuo que vá além da sala de aula.

O apoio psicológico não apenas contribui para a criação de estratégias de ensino mais eficazes, como também ajuda a identificar e a trabalhar as necessidades emocionais e comportamentais da criança. O psicólogo pode atuar como um mediador entre a criança, a escola e a família, orientando tanto os professores quanto os pais sobre práticas e abordagens que promovam o desenvolvimento integral da criança.

Além disso, o envolvimento dos familiares é crucial para reforçar o aprendizado e as práticas adquiridas na escola. As famílias podem aprender com o psicólogo como adaptar atividades em casa, gerenciar situações desafiadoras e promover um ambiente positivo que incentive a autonomia e a autoestima da criança. Esse apoio, quando bem estruturado, reduz a sobrecarga emocional dos familiares, que muitas vezes enfrentam desafios diários ao lidar com comportamentos característicos do TEA.

Outro aspecto importante é que o suporte psicológico para os familiares contribui para uma melhor compreensão do TEA e ajuda a reduzir o estresse e a ansiedade que muitas vezes surgem. O psicólogo pode oferecer ferramentas para o manejo do estresse e facilitar um processo de aceitação e resiliência, o que é benéfico tanto para o bem-estar dos pais quanto para o desenvolvimento da criança.

Portanto, o acompanhamento do psicólogo e o suporte aos familiares são fundamentais para o sucesso do processo de inclusão e para proporcionar uma melhor qualidade de vida às crianças com TEA e suas famílias. O suporte aos familiares é essencial, já que eles desempenam um papel ativo na mediação do aprendizado e no desenvolvimento da criança. Segundo Silva Sacramento,

> há a necessidade de tornar prioritário o exercício do psicólogo escolar juntamente à equipe multidisciplinar enfocando nas intervenções que proporcionam dignidade às crianças com TEA e seus familiares nesse processo. Proporcionar um trabalho de socialização é fundamental pois objetiva prevenir a discriminação e o preconceito que, por vezes, se fazem presentes (Silva; Sacramento, 2019, p.138).

O trabalho junto à equipe multidisciplinar busca trabalhar a singularidade do aluno, dando qualidade as suas percepções que acarretam melhorias e perspectiva saudáveis em suas experiências. Com a orientação adequada, os familiares se sentem mais preparados para compreender e entender às necessidades especificas da criança, contribuindo para um processo de inclusão mais eficaz. Tornando efetiva a interação dos alunos com a probabilidade de uma integração no ambiente escolar e consecutivamente sua convivência tornar-se-á produtiva (Silva; Sacramento, 2019).

Quando há um trabalho em conjunto entre família e escola a inclusão torna-se processual. Abordar sobre inclusão do aluno com TEA perpassa a ideia de matrículas em escolas regulares e inserção do aluno em uma sala em que haja aceitação dos demais, esperando que o autista venha seguir a rotina da sala. É importante ressaltar que os autistas não

apresentam um estereótipo universal, existem aqueles que demoram entender-se como sujeito, outros nunca conseguem entender esse processo (Rezende; Souza, 2021).

Entender inclusão é oferecer igualmente e equidade no processo ensino- aprendizagem, dando suporte a cada especificidade apresentada pelos alunos, além de oferecer acompanhamento profissional credenciado para desempenhar determinadas funções. Isso requer ajuste de práticas, recursos e estratégias pedagógicas para atender de maneira abrangente todas as necessidades e assim, ter como resultado um desenvolvimento integral a cada estudante no seu processo educativo.

Segundo Feitosa e Araújo (2018) o psicólogo que atua nas escolas oferece suporte técnico principalmente aos professores, pois são eles os profissionais capazes de diagnosticar os comportamentos diferentes dos alunos, buscando diagnósticos e em contrapartida disponibilizando técnicas para que junto com a escola possa facilitar o convívio e melhorar a interação entre aluno e professores, o que acarretará êxito no sentido de ensino-aprendizagem. A priori, a avaliação psicológica é fundamental para que haja um resultado assertivo e, no entanto, possam ser direcionados intervenções individuais, imprescindível nas aplicações de atividades que desperte ou aperfeiçoe nesses alunos habilidades pré-existente, desta forma ele pode vir a desenvolver suas capacidades cognitivas de forma gradual.

Por conseguinte, o psicólogo buscará meios que minimizará as dificuldades, tornando assim o ensino inclusivo (Nogueira; Brasileiro, 2021). Para facilitar o trabalho de inclusão é interessante observar o planejamento de intervenção, que o profissional apresente possibilidade de diálogo com os demais alunos, para poder haver a unificação de saberes, valores e aprendizagem. É preciso também organizar um local acolhedor sem muitos estímulos que distraem, livre da barulhos intensos e de práticas que exigem muito deles. Essas estratégias funcionam quando as intervenções são colaborativas, nesse processo o engajamento da família é tão importante quanto as atividades desenvolvidas na escola.

Especialistas em educação destacam que o processo de inclusão nas escolas é um esforço contínuo que envolve mudanças estruturais, pedagógicas e culturais para garantir que todos os alunos, independentemente de suas condições, participem de forma ativa e significativa do ambiente escolar. De acordo com os especialistas, esse processo pode ocorrer de forma mais eficaz quando colocada em prática a Formação e Capacitação de Educadores, especialistas como Jussara Hoffmann (2007) enfatizam a necessidade de formação contínua de professores para lidar com a diversidade. Isso inclui o aprendizado de estratégias pedagógicas diferenciadas, uso de tecnologias assistivas e desenvolvimento de práticas colaborativas.

A capacitação em Educação Especial, segundo a especialista Maria Teresa Eglér Mantoan (2015), a inclusão exige que os educadores vejam as diferenças como oportunidades pedagógicas, não como barreiras. O currículo precisa ser flexível e adaptável para atender às necessidades de cada estudante. Isso inclui a personalização de objetivos de aprendizagem e a aplicação de estratégias como o *Universal Design for Learning* (UDL), que propõe múltiplas formas de ensinar, avaliar e engajar os alunos.

A formação do professor é um elemento fundamental para garantir uma educação inclusiva de qualidade para criança com autismo professores capacitados estão mais preparados para compreender as características especificas do TEA e adaptar suas práticas pedagógicas de maneira a atender às necessidades individuais dos alunos (Mantoan, 2015). É nessa formação que o psicólogo toma frente, ajudando esses profissionais da educação a conhecerem as características do TEA, compreendendo sobre os desafios e potencialidades das crianças, como questões relacionadas à comunicação, interação social e comportamento. Ajudando a organizar estratégias pedagógicas inclusivas como recursos

visuais, atividades sensoriais e técnicas baseadas em evidências, como a Análise do Comportamento Aplicada (ABA). A autora ressalta ainda que, com uma formação adequada, o professor não apenas se torna mais confiante em suas práticas, mas também contribui significativamente para o desempenho acadêmico e social da criança com autismo.

A utilização de Planos de Desenvolvimento Individual (PDI) é recomendada por especialistas como ferramenta essencial para orientar o processo de ensino de alunos com necessidades específicas. O PDI permite que os profissionais da educação, em colaboração como os psicólogos, terapeutas e familiares, tracem objetivos claros e estratégias personalizadas para atender às demandas individuais de cada estudante. Por meio do PDI, é possível monitorar o progresso do aluno, adaptar metodologias de ensino e promover intervenções direcionadas garantindo que o aprendizado ocorra de forma inclusiva, respeitando o ritmo e as características únicas de cada criança. Além disso, ele facilita a comunicação entre os envolvidos, promovendo uma abordagem colaborativa e centrada no aluno.

E essa dificuldade de aceitar o diferente lhes causa grandes transtorno e desinteresse de permanecer em um ambiente contrário ao seu. Porém, mesmo que alguns autistas tenham limitações na comunicação é preciso que esse diálogo aconteça pois ele irá extrair desse meio linguístico expressões, palavras e internalizá-las para começar a entender determinadas situações como elucidam Pimentel e Fernandes (2021).

Mesmo com toda a complexidade sobre a inclusão que é de fato um assunto bem atual no âmbito escolar, Hehir *et al*. (2019) mencionam que é visível observar a contribuição dessa inclusão no convivo dos alunos em sala de aula, a interação é notada quando eles desenvolvem atividades juntas. É também nesse contexto que o psicólogo pode ajudar mostrando para os demais membros escolares e deiscentes que o convívio pode ser harmonioso e de trocas de conhecimento.

3. CONCLUSÃO

A inclusão tem sentido também de socialização e é um tema abrangente, mesmo que em alguns casos seja visto diferente. O ato de inserir os alunos com TEA em atividades semelhantes aos demais discentes tem seus desafios, e nessa perspectiva trabalhar com metodologias adaptadas a essa nova vivência vem desafiando as instituições escolares, fazendo com que elas busquem mecanismos que ao mesmo tempo envolva todos e também dê atendimento pertinentes a cada especificidade dos autista, uma vez que assim como os demais alunos que não apresentam o espectro autista precisam desenvolver atividades que lhes atendem em suas dificuldades, os autistas são também um grupo de indivíduo que tem suas peculiaridades tanto nas relações pessoais como escolares. E sendo assim, as intervenções dadas pelos psicólogos nesse momento é imprescindível, ajudando o desenvolvimento comportamental e cognitivo das crianças com TEA, além de ajudar os profissionais de educação nesse processo de inclusão e ao mesmo tempo de aprendizagem.

Desta forma, a equipe pedagógica da escola deve trabalhar em conjunto para que ações sejam elaboradas e executadas, tendo resultados exitosos no ensino-aprendizagem para que possam ser vistas como aqueles que oferecem além de igualdade a equidade, valorizando todos os saberes construídos no decorrer do tempo.

Referência

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais--DSM-V.** Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARBOSA. Contribuição para a construção da historiografia da psicologia educacional e escolar do Brasil. **Psicologia: ciências e profissão**. v.32,2015. Disponível em:

<https//doi.org/10.1590/S1414-98932012000500008>. Acesso em: 27.03.24

FEITOSA LRC, ARAÚJO CMM. **O papel do psicólogo na educação profissional e tecnológica: contribuições da psicologia escolar: estudos da psicologia**. 2018; 35(2): 181- 191.

HEHIR, T.; GRINDAL, T.; FREEMAN, B.; LAMOREAU, R.; BORQUAYE, Y.; Burke, S.

(2019). **Os benefícios da Educação Inclusiva para estudantes com e sem deficiência.** São Paulo: Instituto Alana.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação: mito & desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: https://www.bing.com/ck/a?!&&p=a1646d-548cedade. Avesso em: 23.03.24

LOPES, J.A. **Para além da formação continuada: o compromisso social do psicólogo que trabalha com demandas escolares.** 2016. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Uberlândia, 2016.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar** – O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

NOGUEIRA ABR, BRASILEIRO MSE. **A síndrome de Asperger e o acolhimento escolar. Revista cientifica multidisciplinar núcleo do conhecimento**. 2021; 6(8); 68-99.

PEREIRA DM, NUNES DRP. **Diretrizes para a elaboração do PEI como instrumento de avaliação para educando com autismo:** um estudo interventivo. 2020. Rev Educ Esp.

2018;31(63):939-80 . Disponível em: https://www.redalyc.org/jats Repo/3131/313158928011/313158928011.pdf. acesso em: 15.11.24

PIMENTEL, A. G. L.; FERNANDES, F. D. M. (2021). **A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo.** *Audiology: Communication Research*, 19(2), 171-178.

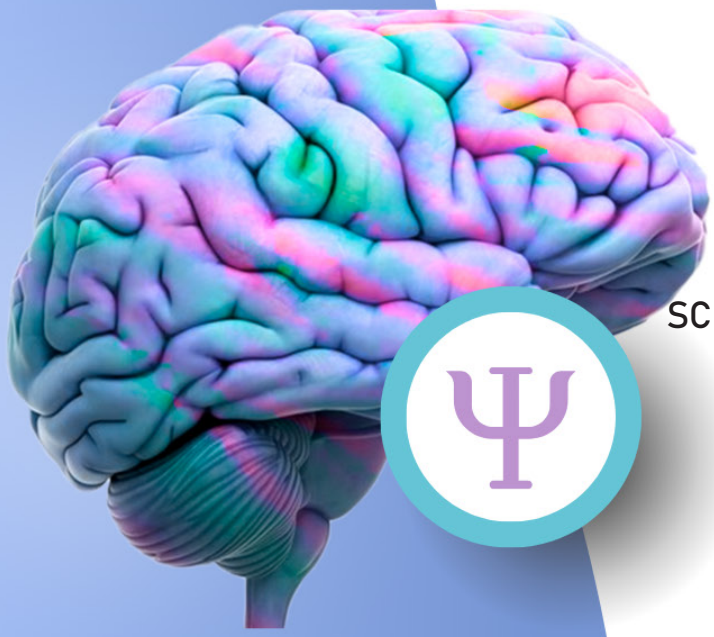
REZENDE LF, SOUZA CJ. **O trabalho pedagógico e a inclusão escolar para crianças com transtornos do espectro autista (TEA).** Pesquisa, sociedade e desenvolvimento, 2021; 10(13): 1-9, e460101321486.

SACRAMENTO SJS, SILVA MA. **A atuação do psicólogo escolar na inclusão da criança com transtorno do espectro autista**. Revista Científica Semana Acadêmica, 2019; 167: 1-23.

SILVA, E.N. OLOVEIRA, L.A. (2022). **Autismo: como os pais reagem frente a este diagnóstico?** Unesco & ciência – ACBS Joaçaba, 8(1), 21-26.

Perspectivas Maranhenses em Psicologia:
da teoria à prática

28



PSICOLOGIA ESCOLAR E O TEA: A INFLUÊNCIA DA PSICOLOGIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

SCHOOL PSYCHOLOGY AND ASD: THE INFLUENCE OF PSYCHOLOGY IN THE PROCESS OF SCHOOL INCLUSION OF STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

Anisia Beatriz Sampaio Fernandes
Marco Aurélio Fernandes

Pascal
Editora

Resumo

O autismo, uma condição que afeta principalmente a socialização, comunicação e comportamento, geralmente aparece nos primeiros três anos de vida e é mais comum em meninos do que em meninas. Embora ainda não haja um fator ambiental comprovado que cause o transtorno, sabe-se que ele ocorre em diversas populações e contextos. A inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar é essencial, mas desafiante, devido à falta de preparo e conhecimento de muitos educadores. Alunos com TEA, muitas vezes, necessitam de apoio individualizado, como tutores e programas educativos personalizados, para que possam se adaptar melhor ao ambiente de aprendizagem. A Análise Comportamental Aplicada (ABA) é uma abordagem eficaz que, por meio de reforços e instruções, busca desenvolver as habilidades dos indivíduos com autismo. O ambiente escolar também precisa ser adaptado, respeitando as necessidades sensoriais dos alunos. A criação de um ambiente inclusivo não só beneficia diretamente os alunos com TEA, mas também promove uma cultura de respeito à diversidade, enriquecendo a comunidade escolar como um todo.

Palavras-chave: Autismo; Inclusão; Ambiente de aprendizagem; Diversidade.

Abstract

Autism, a condition that primarily affects socialization, communication, and behavior, usually appears in the first three years of life and is more common in boys than in girls. Although there is still no proven environmental factor that causes the disorder, it is known that it occurs in various populations and contexts. The inclusion of individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the school environment is essential, but challenging, due to the lack of preparation and knowledge of many educators. Students with ASD often require individualized support, such as tutors and personalized educational programs, so that they can better adapt to the learning environment. Applied Behavior Analysis (ABA) is an effective approach that, through reinforcement and instruction, seeks to develop the skills of individuals with autism. The school environment also needs to be adapted, respecting the sensory needs of students. Creating an inclusive environment not only directly benefits students with ASD, but also promotes a culture of respect for diversity, enriching the school community as a whole.

Keywords: Autism; Inclusion; Learning environment; Diversity**.**

1. INTRODUÇÃO

A psicologia constitui-se como uma valiosa aliada em diversas situações da vida, nomeadamente no âmbito do sistema educativo onde desempenha um papel essencial na superação o de desafios complexos, sobretudo na educação inclusiva de alunos com transtorno do espectro autista (TEA). O grau de autismo varia, resultando em comportamentos diferentes, mas os profissionais de psicologia estão preparados para trabalhar de forma eficaz e causar um impacto positivo.

O processo de inclusão de alunos com TEA nas escolas pode ser complexo, principalmente devido aos desafios de comunicação. Portanto, é fundamental a realização de estudos sobre como a psicologia pode impactar esse processo, com foco no enfrentamento das dificuldades que dificultam a socialização e potencialmente levam à exclusão.

O foco central deste trabalho gira em torno do impacto da psicologia na inclusão de alunos com transtorno do espectro do autismo nas escolas. Coloca uma questão instigante: como a psicologia molda o processo de inclusão de crianças com TEA em ambientes educacionais? O objetivo principal é obter uma compreensão abrangente de como a psicologia influencia a inclusão escolar de crianças com TEA. Para isso, são delineados três objetivos específicos: explorar as origens do TEA, traçar o contexto histórico da inclusão escolar de crianças com TEA e examinar a aplicação de duas abordagens psicológicas, nomeadamente aba (análise do comportamento aplicada).

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

O tipo de pesquisa a ser realizada será uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo, onde serão pesquisados livros, dissertações e artigos científicos selecionados através de busca nas seguintes bases de dados “SciELO”, “google acadêmico” e “biblioteca virtual Anhanguera”. O período dos artigos pesquisados serão os trabalhos publicados nos últimos 10 anos. Os critérios de inclusão serão, desta forma serão utilizados artigos. As palavras-chave utilizadas na busca serão: “Inclusão” e “Transtorno do Espectro Autista” e “Psicologia Escolar”.

2.2 Resultados e Discussão

O autismo é uma deficiência que se manifesta na idade adulta. É destrutivo e normalmente se manifesta nos primeiros três anos de vida. Ocorre cerca de 20 em cada 10.000 nascimentos e é quatro vezes mais frequente em homens do que em mulheres. É comum em todo o mundo e em todas as famílias de qualquer composição racial, étnica e social. Até o momento, nenhum fator ambiental que possa causar autismo foi documentado em crianças. (GAUDERER, 1997, p. 22).

Segundo Marion Leboyer (1995), O artigo de Leo Kanner em 1943, intitulado “Transtornos autistas de contato afetivo”, marcou o primeiro caso de autismo sendo formalmente definido. Neste artigo, Kanner identificou crianças autistas como aquelas que lutavam para estabelecer conexões sociais típicas com seus pares. Além disso, observou que essas crianças frequentemente apresentavam atrasos na aquisição da linguagem e demonstra-

vam falta de ênfase na importância da comunicação. Vale ressaltar que as características físicas por si só não podem determinar se um indivíduo tem Transtorno do Espectro Autista (TEA), pois essas características são comumente compartilhadas entre indivíduos com e sem TEA.

De acordo com Gauderer (1997, p. 3), O TEA pode ocorrer em qualquer uma das mais diversas famílias, a única diferença é que é mais comumente observado no sexo masculino, os sintomas são mais graves nesta população. Distúrbios das artes físicas, sociais e linguísticas, etc. Respostas anormais às experiências. O uso de palavras que não possuem associação com seu significado, Conexões anormais com objetos, eventos e pessoas. Respostas que não são apropriadas para adultos ou crianças. Objetos e brinquedos que não são utilizados adequadamente.

O ambiente escolar desempenha um papel crucial no suporte às necessidades dos alunos com autismo. As escolas devem facilitar, tanto quanto possível, a inclusão de alunos com autismo nas aulas regulares, fornecendo recursos suplementares e apoio para resolver as suas preocupações individuais.

Alunos com autismo podem se beneficiar de sistemas de comunicação alternativa, como quadros de comunicação, dispositivos de comunicação aumentativa e alternativa (CAA) ou aplicativos de comunicação para dispositivos móveis. Os alunos com autismo devem ter um Plano Educacional Pessoal (PEI) que se concentre em seus requisitos específicos, objetivos educacionais e métodos de apoio. Isto é facilitado pela colaboração entre pais, professores, profissionais de saúde e outros membros da equipa educativa.

Ao acolher um aluno com deficiência, a escola deve estar preparada para facilitar o processo de inclusão, bem como para integrar o aluno ao espaço da escola, ao invés de simplesmente deixar o aluno ocupar o espaço. “Considera a diversidade e as necessidades de todos os alunos, garantindo o acesso, a permanência e a participação deles em salas de aulas comuns” (SILVEIRA; NASCIMENTO, 2013, p. 11).

Muitos alunos com autismo obtêm assistência individualizada, como tutores ou auxiliares de educação especial, que os ajuda a se adaptarem ao ambiente educacional e a resolverem questões específicas. É crucial criar um ambiente de sala de aula que leve em consideração as preferências sensoriais dos alunos. Isso pode incluir aulas sem estimulação visual ou auditiva, opções de pausas sensoriais e métodos para lidar com a superabundância de informações sensoriais.

A escola é responsável por uma criança que tem dificuldade em se conectar com outras pessoas, seguir regras sociais e mudar de ambiente. Esse comportamento é rapidamente associado ao desrespeito e à apatia, ambos carentes de educação. Devido à sua falta de conhecimento, alguns profissionais da educação são incapazes de reconhecer ou identificar as características específicas das pessoas com autismo, especificamente aquelas com alto funcionamento e baixos níveis de incapacidade. Os profissionais da educação não estão preparados para lidar com indivíduos autistas e a falta de literatura adequada dificulta o acesso às informações na área. (SANTOS, 2008, p. 9).

As crianças com autismo, regra geral, apresentam dificuldades em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas se obtiverem um programa intenso de aulas haverá mudanças positivas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e aprendizagem é um trabalho árduo precisa muita dedicação e paciência da família e também dos professores. É vital que pessoas afetadas pelo autismo tenham acesso a informação confiável sobre os métodos educacionais que possam resolver suas necessidades individuais Nunes (2008, p. 4).

Para a análise comportamental aplicada-ABA de acordo com Mello (2001), tem como objetivo instruir, por meio de etapas, as habilidades que faltam ao indivíduo, de forma customizável, associada a uma indicação ou instrução, e incentivando o indivíduo a se engajar em um trabalho positivo. O primeiro psicólogo a utilizar a ABA foi Ivar Lovaas (1987 *apud* BEZERRA, 2018) "foi o primeiro psicólogo a aplicar os princípios da ABA e DTT para ensinar crianças com autismo". Logo em seguida, dando continuidade para outros profissionais aperfeiçoarem tal aplicação.

Há uma demanda por profissionais que possam, dentro do espaço educacional, auxiliar os alunos com TEA no atendimento de suas necessidades pessoais, e com abordagens ou métodos adequados, a abordagem ABA é popular, pois segundo Lovaas (2002 *apud* BEZERRA, 2018), "parte do sucesso da terapia ABA está ligada à sua compreensão do autismo não como uma doença ou um problema a ser corrigido, mas como um conjunto de comportamentos que podem ser desenvolvidos por meio de procedimentos de ensino especiais."

Garantir um ambiente escolar acolhedor e inclusivo para alunos com autismo não só beneficia diretamente esses alunos, mas também contribui para uma comunidade escolar mais diversificada e enriquecedora para todos os estudantes. As escolas devem promover uma cultura de aceitação e inclusão, todos os alunos são valorizados e respeitados, apesar das suas diferenças.

3. CONCLUSÃO

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas é um tema de extrema importância que transcende a simples presença física desses indivíduos no ambiente escolar. Para que essa inclusão seja efetiva, é necessário um compromisso coletivo de educadores, gestores e da comunidade em geral, visando a criação de um ambiente que não apenas acolha, mas também valorize as diferenças. A formação contínua dos profissionais de educação é fundamental, pois muitos ainda carecem do conhecimento necessário para identificar e atender adequadamente as necessidades específicas dos alunos com autismo, especialmente aqueles com alto funcionamento.

Implementar estratégias educacionais personalizadas, como o uso de Planos Educacionais Individuais (PEIs) e abordagens como a Análise Comportamental Aplicada (ABA), pode resultar em avanços significativos nas habilidades sociais e acadêmicas dos estudantes. Além disso, a sensibilização e a promoção de uma cultura de aceitação e respeito à diversidade são essenciais para garantir que todos os alunos, independentemente de suas dificuldades, sintam-se valorizados e incluídos.

Um ambiente escolar inclusivo não beneficia apenas os alunos com TEA, mas também enriquece a experiência educacional de todos os estudantes, promovendo empatia, compreensão e habilidades sociais. Ao aprender a interagir com colegas que apresentam diferentes habilidades e modos de ser, os alunos desenvolvem competências essenciais para a convivência em uma sociedade plural. Portanto, a inclusão efetiva de alunos com autismo é um imperativo ético e social que deve ser uma prioridade nas políticas educacionais, garantindo que cada estudante tenha a oportunidade de atingir seu pleno potencial em um ambiente que reconhece e celebra a diversidade.

Referências

BEZERRA, Marcos Ferreira**. A importância do método ABA – análise do comportamento aplicada – no processo de aprendizagem de autistas.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 10, Vol. 06, pp. 189- 204 outubro de 2018. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/aprendizagem-de-autistas. Acesso em: 16. ABR.2024.

GAUDERER, Christian. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento – guia prático para Pais e Profissionais.** Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 1997.

LEBOYER, Marion. **Autismo Infantil:** Fatos e modelos. 2 ed. Campinas: Papirus, 1995.

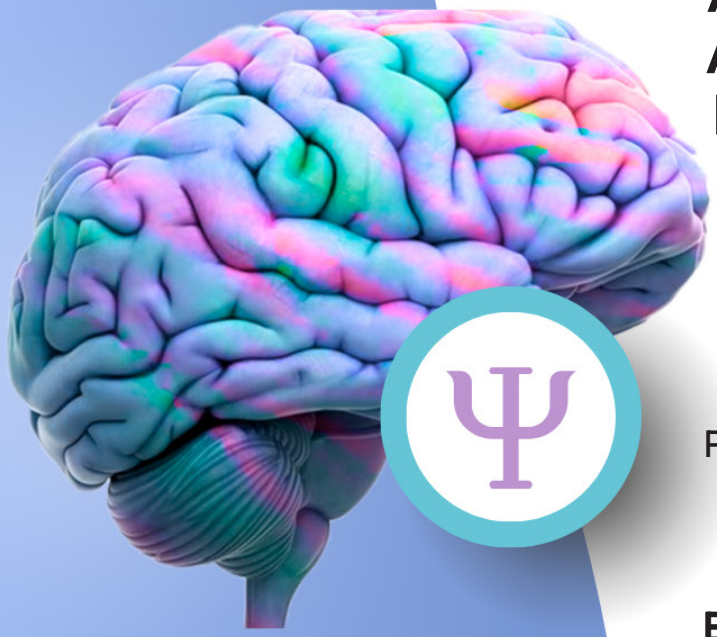
MELLO, Ana Maria S. Ros. **Autismo: guia prático.** 2ª ed. São Paulo, Corde, 2001.

NUNES, Daniella Carla Santos. **O pedagogo na educação da criança autista.** Publicado em 07 de fevereiro de 2008. Disponível em: http://www.webartigos.com/ articles/4113/1/O-Pedagogo-Na-Educacao-Da-Crianca--Autista/pagina1.html. Acesso em: 17.ABR.2024.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar.** São Paulo: CRDA, 2008.

SILVEIRA, T. dos S. da; NASCIMENTO, Luciana Monteiro do. **Educação Inclusiva.** Indaial: Uniasselvi, 2013.

29



A DEPENDÊNCIA QUÍMICA E O AMBIENTE ORGANIZACIONAL: A RELAÇÃO DO INDIVÍDUO COM AS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E O IMPACTO NO AMBIENTE DE TRABALHO

CHEMICAL DEPENDENCY AND THE ORGANIZATIONAL ENVIRONMENT: THE INDIVIDUAL'S RELATIONSHIP WITH PSYCHOACTIVE SUBSTANCES AND THE IMPACT ON THE WORK ENVIRONMENT

Elcione De Nazaré Araújo Do Nascimento Montelo

Marco Aurélio Fernandes

Pascal
Editora

Resumo

O uso de drogas é um problema de saúde pública global, sendo estudado ao longo da história, desde tempos antigos até os dias atuais. A relação entre o homem e substâncias psicoativas sempre existiu, variando conforme os costumes e rituais de diferentes sociedades. Atualmente, no entanto, o fácil acesso a essas substâncias transformou o uso em um desafio ainda maior, afetando não apenas a saúde do indivíduo, mas também sua vida social, familiar e profissional. O trabalho, por sua vez, tem um papel fundamental na construção da identidade do indivíduo, mas pode também funcionar como um gatilho para dependentes químicos, levando ao uso abusivo de drogas. Estudos apontam que profissões e ambientes de trabalho específicos podem desencadear crises de fissura. Além disso, a dependência química impacta diretamente a produtividade e o ambiente de trabalho como um todo. Portanto, é essencial que empresas adotem políticas de prevenção e apoio para garantir um ambiente de trabalho saudável e seguro, preservando a saúde mental e física dos colaboradores.

Palavras-chave: Saúde Pública, Substâncias psicoativas, Ambiente de trabalho, Saúde mental.

Abstract

Drug use is a global public health problem that has been studied throughout history, from ancient times to the present day. The relationship between humans and psychoactive substances has always existed, varying according to the customs and rituals of different societies. Currently, however, easy access to these substances has transformed their use into an even greater challenge, affecting not only the individual's health, but also their social, family and professional life. Work, in turn, plays a fundamental role in the construction of an individual's identity, but it can also act as a trigger for drug addicts, leading to drug abuse. Studies indicate that specific professions and work environments can trigger cravings. In addition, drug addiction directly impacts productivity and the work environment as a whole. Therefore, it is essential that companies adopt prevention and support policies to ensure a healthy and safe work environment, preserving the mental and physical health of employees.

Keywords: Public Health, Psychoactive Substances, Work Environment, Mental Health.

1. INTRODUÇÃO

A dependência química pode ter um impacto significativo na capacidade de uma pessoa entrar ou permanecer no mercado de trabalho. O uso de substância pode causar problemas de saúde física e mental que afetam a capacidade de trabalho. Dependendo da gravidade do vício, os indivíduos podem apresentar sintomas de abstinência, fadiga, dificuldade de concentração e outros problemas de saúde que dificultam o trabalho.

A dependência química no trabalho é um tema preocupante, não apenas pelas consequências que trazem para as empresas, mas principalmente pelos danos que podem ocorrer aos trabalhadores dependentes de produtos químicos. Sabe-se que a dependência química interfere diretamente em fatores físicos e psicológicos. Portanto, é inegável que também terá um impacto muito negativo nas atividades laborais e no comportamento diário das empresas.

Promover práticas saudáveis e conscientizar sobre os riscos do uso de drogas são passos essenciais para fortalecer a saúde e o bem-estar no ambiente de trabalho. A hospitalização, muitas vezes vista como última alternativa, pode ser uma opção valiosa em estágios iniciais, acelerando a recuperação e prevenindo agravamentos.

No entanto, o papel da equipe corporativa vai além da conscientização: é fundamental que colegas e gestores atuem como uma rede de apoio, contribuindo para restaurar a qualidade de vida e oferecer suporte contínuo àqueles em recuperação. Dessa forma, cria-se uma cultura de cuidado e respeito, onde todos se sentem valorizados e onde o ambiente de trabalho é um lugar de fortalecimento e segurança para os colaboradores.

A dependência química exerce um efeito profundo na capacidade de uma pessoa de ingressar ou se manter no mercado de trabalho. O uso de substâncias prejudica tanto a saúde física quanto mental, interferindo em atividades cotidianas e reduzindo a produtividade.

Os sintomas que acompanham o vício, como fadiga, dificuldade de concentração e abstinência, dificultam o desempenho em tarefas profissionais, impactando diretamente na dinâmica corporativa e no comportamento organizacional. Esse problema afeta não apenas a vida do indivíduo, mas também gera repercussões significativas para as empresas, que enfrentam desafios como aumento de faltas, queda de desempenho e possíveis acidentes de trabalho.

Para lidar com esse problema, é fundamental que as empresas adotem práticas de conscientização e incentivem um ambiente de apoio e prevenção. O tratamento precoce e o suporte de colegas e gestores podem ajudar na recuperação, restaurando a qualidade de vida e a produtividade.

Além disso, políticas inclusivas e programas de reintegração no local de trabalho são essenciais para a reabilitação de pessoas em processo de recuperação, permitindo que elas reconstruam suas vidas e alcancem estabilidade profissional.

Dessa forma, é possível criar um ambiente de trabalho mais acolhedor e eficaz, onde os indivíduos com histórico de dependência química podem ter oportunidades para se desenvolver e prosperar com o suporte adequado.

Apesar destes desafios, é importante sublinhar que muitas pessoas com dependência de drogas recuperam e têm sucesso no mercado de trabalho com o apoio adequado. Os programas de tratamento e recuperação abordam não apenas a dependência em si, mas

também os fatores subjacentes e as necessidades pessoais, e podem ajudar os toxicodependentes a reconstruir suas vidas e alcançar estabilidade na carreira. Além disso, políticas de emprego inclusivas e programas de apoio no local de trabalho podem desempenhar um papel importante na promoção da recuperação e reintegração dos toxicodependentes no mercado de trabalho.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

O tipo de pesquisa a ser realizada será uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo, onde serão pesquisados livros, dissertações e artigos científicos selecionados através de busca nas seguintes bases de dados “SciELO”, “google acadêmico” e “biblioteca virtual Anhanguera”. O período dos artigos pesquisados serão os trabalhos publicados nos últimos 10 anos. Os critérios de inclusão foram sua relevância pertinente ao tema, desta forma foram utilizados 10 artigos. As palavras-chave utilizadas na busca serão: “dependência química” e” substâncias psicoativas” e “Ambiente de trabalho”.

2.2 Resultados e Discussão

Atualmente, o uso de drogas é considerado um problema grave e difícil de saúde pública. Para falar em dependência química é importante pesquisar e refletir sobre como a droga foi encarada ao longo da história, levando em consideração as questões de saúde/doença e os paradigmas hegemônicos em cada momento.

Uma vez que o uso abusivo de substâncias psicoativas se transformou em um grave problema social e de saúde pública em nossa realidade, a dependência química acabou recebendo mais atenção correspondendo a um fenômeno amplamente divulgado e discutido.

Falar sobre essa dependência acarreta questões que possuem relação como campo de saúde, necessitando, então, estudar sobre saúde e doença ao longo ada história do homem, assim como também agora (PRATTA & SANTOS, 2009).

Figura 1. Principais sinais e sintomas do abuso de substâncias no trabalho.

Tabela 1 - Principais sinais e sintomas do abuso de substâncias no trabalho

Falta ao trabalho frequente sem explicações razoáveis
Permanência no trabalho mesmo em dias de folga
Atrasos frequentes
Perda de consultas com pacientes
Médico não acessível pelos pacientes e pela equipe
Comportamento inapropriado e conflitos com colegas, equipe e pacientes
Receio de contatos com outros colegas e supervisores
Prescrição de grande quantidade de medicamentos
Horário desorganizado e perda de prazos
Idas frequentes ao banheiro
Longas pausas para almoço ou lanches
Diminuição na qualidade do trabalho

Fonte: Google. Acesso em 18 de outubro de 2024.

Contudo, podemos notar que assuntos como saúde, doença e drogas sempre estiveram presentes ao longo da história, por mais que cada período apresente uma forma particular de lidar com esses fenômenos, segundo os interesses de cada época.

Porém, deve-se pontuar que os hábitos e costumes de cada sociedade é que direcionavam o uso de drogas em cerimônias coletivas, sendo que, esse consumo estava privado para pequenos grupos, sendo algo que modificou bastante o momento atual, já que o uso dessas substâncias hoje em dia é de fácil acesso em qualquer momento e por pessoas de grupos variados de qualquer realidade (PRATTA; SANTOS, 2009).

Ao longo do tempo, a percepção e o uso de drogas mudaram profundamente de acordo com os valores e costumes das sociedades. No passado, o consumo de certas substâncias era reservado a ocasiões específicas, como cerimônias coletivas, e restrito a pequenos grupos que tinham funções ou papéis específicos dentro da cultura, como líderes espirituais ou curandeiros. Essa limitação promovia uma relação controlada e ritualística com as drogas.

No entanto, como Pratta e Santos (2009) ressaltam, esse cenário mudou drasticamente, com o acesso a essas substâncias se ampliando e se tornando indiscriminado. Hoje, o uso de drogas não está mais ligado a contextos culturais específicos ou cerimônias, mas sim a diversas realidades e grupos, sem as restrições sociais que existiam anteriormente. Isso traz novos desafios para a sociedade, que lida com os efeitos do consumo disseminado e muitas vezes descontrolado de substâncias.

> No que diz respeito ao uso de substâncias psicoativas, ao contrário do que se pensa, esse não é um evento novo no repertório humano (Toscano Jr., 2001), e sim uma prática milenar e universal, não sendo, portanto, um fenômeno exclusivo da época em que vivemos. Pode-se dizer, então, que a história da dependência de drogas se confunde com a própria história da humanidade (Carranza; Pedrão, 2005), ou seja, o consumo de drogas sempre existiu ao longo dos tempos, desde as épocas mais antigas e em todas as culturas e religiões, com finalidades específicas. Isso porque, o homem sempre buscou, através dos tempos, maneiras de aumentar o seu prazer e diminuir o seu sofrimento (MARTINS; CORRÊA, 2004 *apud* PRATTA; SANTOS, 2009, p. 203-211).

Por outro lado, quando se relaciona saúde e doença, estas também foram alvos da atenção do homem desde a antiguidade, pois estão diretamente ligados a questões que fazem parte da condição humana, assim como é o caso da reflexão sobre vida e morte, dor e prazer, sofrimento e alívio, assumindo a inerente fragilidade do homem. Contudo, com a evolução histórica do ser humano, notamos que em cada época se mostra uma forma diferente de lidar com a saúde e doença.

A relação entre trabalho e substâncias psicoativas é um assunto estudado por várias áreas do saber e que se destaca no campo temático dos adoecimentos mentais em relação ao trabalho. No pensamento da psicologia social, o conceito de atitudes se mostra como um estudo central teórico ou empírico. Define-se “atitudes” como respostas avaliativas gerais sobre objetos e conhecimentos que ficam registrados para os indivíduos. Assim sendo, a psicologia social colabora para que sejam identificados os fatores sociais que prevalecem sobre as doenças, sendo crônicas ou não. Entende-se por condições de trabalho as construções coletivas entre o trabalhador e o contexto no qual ele se insere (SOARES, 2017).

> De acordo com o Relatório Mundial sobre Drogas do ano de 2017 (UNODC, 2017), no ano de 2015, 250 milhões de pessoas consumiram drogas no mundo,

> e uma em cada seis destas pessoas foram submetidas a algum tipo de tratamento para dependência química. Para Lins e Scarparo (2017), nos casos em que se configura a dependência química, observa-se uma relação de abuso em esferas que alcançam as relações sociais e o meio ambiente do indivíduo (SOARES, 2017, p. 88-99).

Segundo Costa (2009), a dependência química pode ser vista como um problema com repercussões sociais, políticas, econômicas e culturais. Pois o adicto muitas vezes compromete seu convívio nessas esferas (MACIEL *et al*., 2014 *apud* SOARES, 2017). Durante o processo do dependente químico, é possível observar diversos aspectos que envolvem a relação familiar, o trabalho e o social. É um processo que englobam várias outras pessoas além do adicto, pois é fundamental para a recuperação do mesmo que a família esteja presente, os amigos, os profissionais da área da saúde e os colegas de trabalho.

Segundo Morse e Weiss (1955), o trabalho tem uma função importante na construção da identidade das pessoas, além de atender as necessidades sociais dos indivíduos. Mas ainda assim, o trabalho é reduzido apenas a emprego e produtividade (BAJOITE; FRANSSEN, 1997 *apud* SOARES, 2017). As variações que o trabalho oferece como recompensa ao individuo trabalhador podem apresentar dicotomias, pois pode ser prazeroso ou não, também pode estar relacionado a trocas econômicas ou não (MORIN, 2008).

Morin (2008) aborda as recompensas do trabalho como uma fonte de satisfação que pode ser contraditória: o trabalho pode tanto trazer prazer quanto desagrado, dependendo das condições e do contexto em que é realizado. Além disso, a motivação para o trabalho não se restringe necessariamente à recompensa econômica; o trabalho também pode estar associado a sentimentos de realização e propósito, mesmo que as trocas econômicas sejam mínimas ou inexistentes.

Essa dicotomia ressalta a complexidade da relação das pessoas com seu trabalho, que não é apenas uma fonte de sustento, mas um meio pelo qual buscam autorrealização e uma forma de contribuir para o coletivo. Dessa forma, entender o trabalho em todas as suas dimensões é essencial para fomentar ambientes profissionais que não só incentivem a produtividade, mas também promovam o bem-estar e o desenvolvimento pessoal.

Todavia, na visão de Tolfo e Piccinin (2007), mostram uma ligação entre o sentido da vida no trabalho e o sentido da vida fora do trabalho. Sendo assim, os sentimentos pelos quais os indivíduos perpassam no trabalho também podem impactar nos sentimentos que perpassará em sua vida fora daquele ambiente. Também não é incomum uma pessoa não identificar um sentido na vida ou em determinadas ações, há soluções clínicas para essas situações. Apesar dos casos de falta de sentido na vida não chegarem ao ponto de uma neurose, são o caso das vivencias de muitos indivíduos (YALOM, 1980).

> A mesma relação apresentada acima pode ser observada em outros trabalhos, que apresentam aspectos relacionados àquilo que o indivíduo dependente químico pode sentir enquanto desempenha uma profissão, quando se encontra em um determinado local ou sob pressão. Alves, e colaboradores (2005) e Lima (2010) elencam profissões e os locais de trabalho como fatores que podem despertar gatilhos, e levar a episódios de fissuras ou vontade de retomar o comportamento de uso. Nestes casos, o sentimento em relação ao trabalho que é levado em conta. É importante mencionar que o sentimento não é o mesmo para todos os indivíduos. Um indivíduo não dependente químico poderá não sentir as mesmas sensações que um dependente químico em determinadas situações, ou não terá em sua memória o ato de recorrer às drogas ao se deparar com aquelas situações (SOARES, 2017, p. 88-99).

A percepção de uma situação de trabalho pode variar muito entre indivíduos com e sem dependência química. Para o dependente químico, o ato de recorrer à substância em momentos difíceis pode ter sido um comportamento recorrente no passado, criando uma ligação entre estresse e consumo.

Em contrapartida, para aqueles que não compartilham dessa experiência, o trabalho pode representar apenas desafios comuns do ambiente profissional, sem a conotação emocional que desperte a "fissura" ou o desejo de uso. Isso revela a importância de políticas no ambiente de trabalho que considerem a individualidade e promovam apoio para aqueles em recuperação, ajudando-os a gerenciar suas reações a gatilhos e a construir novas formas de lidar com situações difíceis.

Dessa maneira, é possível afirmar que diferentes dependentes químicos podem ter diferentes sentimentos ao passarem por situações parecidas. No mais, a relação do indivíduo com substâncias psicoativas pode ter um impacto significativo no ambiente de trabalho, afetando não só o desempenho do próprio indivíduo, mas também a dinâmica da equipe, a produtividade e até mesmo a segurança no local de trabalho.

A relação do indivíduo com substâncias psicoativas pode ter um impacto significativo no ambiente de trabalho, afetando diversos aspectos, desde a saúde e segurança até a produtividade e reputação da empresa. É crucial que as empresas adotem abordagens proativas para lidar com essas questões, promovendo um ambiente de trabalho seguro, saudável e produtivo para todos os funcionários.

3. CONCLUSÃO

Atualmente, o uso de drogas é amplamente reconhecido como um grave problema de saúde pública. Para compreender a dependência química, é fundamental analisar a forma como as drogas foram encaradas ao longo da história, observando os conceitos de saúde e doença e os paradigmas de cada época. Com o crescimento do uso abusivo de substâncias psicoativas, a dependência química passou a receber mais atenção, transformando-se em um problema social e de saúde pública, amplamente discutido (PRATTA; SANTOS, 2009).

A relação da humanidade com as drogas é milenar. Desde tempos antigos, o uso de substâncias psicoativas esteve presente em diferentes culturas e religiões, geralmente com finalidades ritualísticas ou recreativas. Entretanto, o consumo de drogas se popularizou e democratizou, tornando-se acessível a grupos variados, o que contrastou com o consumo mais restrito de épocas anteriores (PRATTA; SANTOS, 2009).

No que se refere ao uso de substâncias psicoativas, o fenômeno é universal e milenar, sendo a busca por prazer e alívio do sofrimento uma constante na história humana (MARTINS; CORRÊA, 2004). A relação entre saúde e doença, por outro lado, também é central na condição humana e, ao longo dos séculos, diferentes sociedades desenvolveram maneiras distintas de lidar com esses temas, dependendo dos contextos sociais e históricos.

Além disso, o uso de substâncias psicoativas no ambiente de trabalho é uma questão que afeta diretamente a saúde mental e o desempenho dos trabalhadores. Segundo estudos de diversas áreas, as condições de trabalho, a relação com os colegas e as pressões do emprego são fatores que podem influenciar tanto no surgimento de doenças como no agravamento da dependência química (SOARES, 2017).

Segundo o Relatório Mundial sobre Drogas (UNODC, 2017), o uso de substâncias continua a crescer globalmente. Dados de 2015 indicam que 250 milhões de pessoas consu-

miram drogas, e uma em cada seis delas precisou de tratamento para dependência. O impacto dessa dependência vai além do indivíduo, afetando sua vida social, familiar e profissional. Muitas vezes, o uso de drogas compromete relações sociais e ambientais, agravando o quadro do dependente químico e dificultando sua recuperação (SOARES, 2017).

A dependência química afeta várias esferas da vida, como família, trabalho e convívio social. Para ajudar na recuperação do adicto, o apoio de familiares, amigos e profissionais de saúde é essencial. O trabalho também desempenha um papel crucial na vida do indivíduo, ajudando a construir sua identidade e a atender suas necessidades sociais. Todavia, a sobrecarga e a pressão no ambiente de trabalho podem agravar o quadro de dependência, tornando necessário que as empresas adotem abordagens para garantir um ambiente saudável e seguro (MORIN, 2008).

A relação entre a vida no trabalho e fora dele é intrinsecamente conectada. As emoções e o estresse vivenciados no trabalho podem influenciar as experiências fora do ambiente profissional, especialmente para aqueles que lutam contra a dependência química (TOLFO; PICCININ, 2007). Situações específicas no local de trabalho podem servir como gatilhos para recaídas em dependentes químicos, especialmente em profissões que envolvem pressão, estresse ou acesso fácil a substâncias.

Portanto, a dependência química no ambiente de trabalho representa um desafio não apenas para os indivíduos, mas também para as organizações. A dependência pode comprometer a produtividade, a dinâmica de equipe e a segurança, exigindo uma abordagem proativa das empresas. Ao promover um ambiente de trabalho saudável e seguro, é possível minimizar os impactos negativos da dependência química e assegurar o bem-estar dos funcionários.

As empresas precisam adotar estratégias para lidar com essas questões, seja por meio de políticas de saúde mental, programas de prevenção ao uso de substâncias ou apoio aos colaboradores em recuperação. Além de proteger os funcionários, essas medidas contribuem para um ambiente de trabalho mais produtivo e seguro, impactando positivamente a reputação e o desempenho organizacional.

Implementar estratégias de apoio à saúde mental e prevenção ao uso de substâncias traz benefícios não só aos colaboradores, mas também à empresa como um todo. Políticas de assistência e programas de conscientização ajudam a identificar sinais precoces de problemas de saúde mental e dependência, promovendo intervenções rápidas e eficazes.

Além disso, oferecer suporte contínuo aos funcionários em recuperação fortalece a confiança e o engajamento, reduzindo o estigma e criando uma cultura organizacional mais inclusiva. Essas iniciativas também melhoram a retenção de talentos, aumentam a produtividade e reforçam uma imagem positiva da empresa no mercado, pois demonstram o compromisso com o bem-estar de sua equipe e com um ambiente de trabalho saudável e seguro.

Referências

COSTA, S. H. N. et al. **Prevalência do uso de drogas psicotrópicas em unidades da polícia militar.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 20, n. 6, p. 1843–1849, 2015. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015206.00942014. Acesso em 22 mai. 2024.

DE CIÊNCIAS, Juliana Previsto Baldini Tonon Faculdade. **Sentido e significado do trabalho no tratamento da dependência química:** UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO. disponível em: https://www.researchgate.net/profile/fernando-vianna-3/publication/336059509_sentido_e_significado_do_trabalho_no_tratamento_da_de pendencia_quimica_um_estudo_sobre_a_importancia_do_acolhimento/links/

5d8ca7 08458515202b697519/sentido-e-significado-do-trabalho-no-tratamento-da- dependencia-quimica--um-estudo-sobre-a-importancia-do-acolhimento.pdf. Acesso em 22 mai. 2024.

LIMA, M. E. A. **Dependência química e trabalho:** uso funcional e disfuncional de drogas nos contextos laborais. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 35, n. 122, p. 260–268, jul. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbso/a/f7xrWBYcmh9bh4qxm4sRZdz/#. Acesso em 23 mai. 2014.

MORIN, E. M. **The meaning of work, mental health and organizational commitment.** Institut de recherche en santé et en sécurité du travail du Québec, 2008.

MORSE, N. C.; WEISS, R. S. **The function and meaning of work and the job.** American sociological review, v. 20, n. 2, p. 191-198, 1955.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. DOS. **O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 25, n. 2, p. 203–211, abr. 2009. Disponível em em: https://www.scielo.br/j/ptp/a/fvMV4H47vTXFg9GxxXS4dtb#. Acesso em 02 mai. 2024.

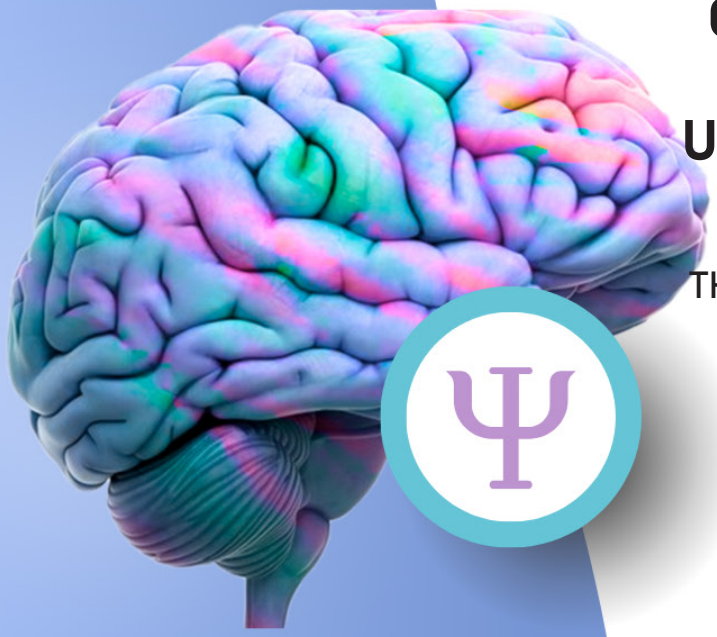
SOARES, Kelma Jaqueline**. A influência do meio social: trabalho e uso de substâncias psicoativas.** Negócios em Projeção, v. 8, n. 1, p. 88-99, 2017. Disponível em: https://revista.projecao.br/index.php/Projecao1/article/view/789. Acesso em 24 mai. 2024.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. C. **Sentidos e significados do trabalho:** explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. Psicologia & Sociedade, v. 19, n.1, 2007.

YALOM, I. D. **Existential psychotherapy.** New York: Basic Books, 1980.

UNODC. United Nations Office on Drugs and Crime, World Drug Report 2017 (ISBN: 978-92-1-148291-1, eISBN: 978-92-1-060623-3, United Nations publication, Sales No. E.17.XI.6).

30



O IMPACTO DA TECNOLOGIA NA SAÚDE MENTAL DO USUÁRIO: UMA ANÁLISE DA MONOFOBIA E REDES SOCIAIS

THE IMPACT OF TECHNOLOGY ON USER MENTAL HEALTH: AN ANALYSIS OF MPNPPHOBIA AND SOCIAL NETWORKS

Thais Elisa de Araujo Damasceno
Luiza Mariana de Sousa

Pascal
Editora

Resumo

O presente artigo busca aprofundar as transformações causadas por meio da tecnologia no contexto da saúde mental, na qual aborda o contexto histórico das redes socais, os malefícios do uso exacerbado, focando no fenômeno emergente da monofobia – por ser uma palavra atual, a qual precisou da existência da internet, computadores, celulares, entre outros aparelhos não vem do grego e nem do latim. O mundo atual se fez necessário a criação de uma nomenclatura a qual representasse - literalmente o medo de estar sozinho, o termo recente utilizado para descrever o medo da desconexão digital. Na atualidade onde as redes estão cada vez mais imerso no cotidiano se faz necessário investigar a dependência das interações online que molda a psique humana. A metodologia utilizada combina de revisões crítica da literatura e análise de comportamentos digitais e os agravos do uso, assim como a intensificação de alguns transtornos já preexistente em alguma usuários. Os principais resultados apontam que o uso excessivo das redes sociais, especialmente em relação a monofobia, afeta a saúde mental e hábitos saudável. Apesar das limitações teóricas, os achados apontam a necessidade de intervenções interdisciplinares para minimizar os aspectos e fomentar um uso equilibrado da tecnologia.

Palavras-chave: Tecnologia, Redes Sociais, Malefícios das Mídias, Saúde Mental, Monofobia.

Abstract

This article seeks to delve deeper into the transformations caused by technology in the context of mental health, in whichit addresses the historical context of mental health, in which it addresses the historical context of social networks, the harm caused by excessive use, and focuses on the emerging phenomen of monofobia – as it is a current word, which required the existence of the internet, computers, cell phones, among Other devices, it does not come from greek or latin. The current world has made it necessary to create a nomenclature that representes – literally the fear of being alone, the recente term used to describe the fear of digital disconnection. In today´s world, Where networks are increasingly immersed in everyday life, it is necessary to investigate the dependence on online interactions that shape the human psyche. The methodology used combienes critical reviews of the literature and analysis of digital behaviors and the harm caused by use, as well as the internsificationofsome pre-exiating disorders in some users, the main results indicate that excessive use of social networks, especially, in relation to monofobia, affects mental health and healthy habits. Despite the theoretical limitaions, the findings point to the need for interdisciplinar interventions to monimize the aspects and promotr a balanced use of technology.

Keywords: Technology, Social Networks, Harms Of Media, Mental Health, Monophpbia.

1. INTRODUÇÃO

Inquestionável o quão os avanços tecnológicos trouxeram facilidades e benefícios para a sociedade, tais avanços influenciaram diretamente a educação, trabalho, comunicação; tornando à exposição constante a tecnologia especialmente as redes sociais, prejudicial refletindo diretamente na saúde mental. Novos conceitos como a monofobia, junto a era moderna tem provocado alterações cognitivas significativas, como baixa tolerância à frustração, incluindo sentimento de vazio e isolamento e uma baixa diminuição da autoestima.

A monofobia, por exemplo, por ser um termo atual não é oficialmente conhecida como um transtorno no Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtorno Mentais o DSM-5, no entanto essa fobia se enquadro em vários sintomas que tem gerado uma series de consequências associadas a transtornos psíquicos, como transtorno depressivo, transtorno de ansiedade, transtorno do déficit de atenção de interatividade TDH, entre outras consequências.

A importância desse tema transcende simplesmente reconhecer as mudanças imediatas da evolução tecnológica e os agravos dele, e essencial conhecer criticamente tais transformações que ocorre, desde a sua evolução até os problemas de saúde mental que surgiu, a qual se correlacionam e o que se intensifica constantemente pelo uso, como os distúrbios acima mencionado. É importante examinar tais transformações para entender a fundo as consequenciais do uso exacerbados das redes sociais e assim promover um impacto positivo na sociedade,

O presente artigo buscar identificar os efeitos negativos que o uso excessivo da tecnologia, especificamente as redes sociais pode causar na saúde mental dos usuários. Tendo como a monofobia uma das principais consequência da dependência digital, nesse sentindo o artigo mostrar entender como o uso dos dispositivos tecnológicos pode agravar condições psicológicas e comportamentais, afetando o bem-estar físico e psíquico.

Se faz necessário não apenas mitigar os efeitos negativos da tecnologia, mas também promover o desenvolvimento de habilidade sociais saldáveis e significativas, a fim de garantir relacionamentos interpessoais saudáveis e um bem-estar duradouro em um mundo cada vez mais tecnológico.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

Ao investigar o impacto da tecnologia na saúde mental, foi optado por uma abordagem que permite analisar profundamente as ideias e descobertas já existentes como por exemplo, revisões bibliográfica, o objetivo principal e investiga de forma objetiva os cenários atual sobre a influência e impacto que a tecnologia pode trazer no aspecto da saúde mental dos usuários, ais especificamente as redes sociais e suas mídias , como estaque o fenômeno contemporizante conhecido como monofobia, o mesmo trata sobre o medo de estar desconectado.

Para certificar-se da relevância dos materiais utilizado no artigo, foi utilizado fontes confiáveis como Google Acadêmico, Scielo, Periódicos CAPES e bancos de teses e dissertações. O processo de busca foi regido e guiado por revisões bibliográficos que se capture a

essência do foco: tecnologia, redes sociais, maléficos das mídias, saúde mental, monofobia. À qual ajudou a filtrar as relações entra a perspectiva digital e saúde mental.

Ainda nesse sentido, com objetivo de obter dados recentes, a análise foi baseada estudos e artigos dos últimos dez anos (2014 – 2024), visando garantir as experiencias, reflexões e impactos contemporâneo, visto que a munda digital evolui de forma acelerada, é de suma importância entender como as redes sociais afetam a saúde mental, assim como, o comportamento e as emoções, independente da faixa etária etnia ou região. E essencial olhar por um panorama atual, no qual nos mostra que forma como interagimos com a tecnologia está em constante mutação.

Por tanto, foi considerados texto em português e inglês, que trouxe uma veracidade ao artigo que abraçou a reflexão crítica, que permitiu observar detalhadamente as implicações sociais, emocionais e psicológicas que surgem à medida que a tecnologia se tornou parte essencial do cotidiano, e compreender as nuances do medo da desconexão.

2.2 Resultados e Discussão

2.2.1 Resultados

A revisão da literatura sobre o impacto da tecnologia e das redes sociais na saúde mental dos usuários revela uma correlação consistente entre o uso excessivo dessas plataformas e o desenvolvimento de sintomas relacionados à nomofobia, além de outros transtornos emocionais. Estudos recentes destacam que a nomofobia surge como um fenômeno contemporâneo que afeta usuários de diferentes faixas etárias (Silva, 2021). Entendida como o medo irracional de ficar sem acesso à tecnologia ou às redes sociais, a nomofobia está associada a níveis elevados de estresse entre os indivíduos que passam longas horas conectados (Gonçalves; Almeida, 2022).

As pesquisas analisadas demonstram que a dependência tecnológica tem aumentado de forma significativa, influenciando diretamente a cognição e os comportamentos. As redes sociais, cada vez mais presentes no cotidiano, impõem uma pressão constante para que os indivíduos permaneçam online e atualizados. Esse contexto reforça padrões compulsivos, como a verificação frequente de notificações, impulsionados pela dopamina liberada nesses momentos (Silva, 2021).

Outra perspectiva importante abordada na literatura refere-se ao impacto do uso excessivo de dispositivos tecnológicos, evidenciando que muitos usuários relatam comportamentos de checagem contínua de seus aparelhos, mesmo quando não há necessidade real de conexão. Tal hábito contribui para o aumento da ansiedade, do desconforto e do estresse (Lopes, 2020). Nesse mesmo sentido, o uso frequente da tecnologia afeta negativamente o bem-estar emocional, comprometendo o desempenho diário e intensificando sentimentos de isolamento, inadequação, ansiedade e, sobretudo, a comparação social em busca de constante aprovação. Esses sintomas estão diretamente associados à nomofobia, uma vez que a busca incessante por validação pessoal e social nas redes fortalece a dependência psicológica dos dispositivos.

Diante desse cenário, diversos autores sugerem estratégias para minimizar os efeitos negativos da nomofobia, como, por exemplo, a “intervenção” no uso da tecnologia, que implica estabelecer limites saudáveis para o tempo dedicado às redes sociais. Essa prática contribui para reduzir os efeitos prejudiciais do uso excessivo, promovendo uma reestruturação cognitiva e favorecendo o equilíbrio entre a vida online e offline (Santos, 2020; Silva, 2021).

2.2.2 Discussão

A tecnologia tem revolucionado nosso cotidiano, alterando a forma como nos relacionamos e vivemos. Inovações como aparelhos eletrônicos, inteligência artificial, comunicação instantânea, transforma nossas interações e impacta diretamente a forma como vivemos. Afirma, "com a revolução na tecnologia das mídias, corre uma evolução em seu uso - o que transformou nossas vidas. Nós trabalhamos de forma diferente, jogamos de forma diferente, interagindo com os outros também de forma diferente" (Abreu; Eisenstein; Estefenon, 2013, p. 32).

E inquestionável os benefícios que a tecnologia trouxe, no entanto, e importante ressaltar os malefícios da mesma, bem como afirma Oliveira, "na maioria das situações elas vieram como generosas fontes de ajuda para a sobrevivência do nosso modo de vida. Porém, em alguns casos, elas fazem com que a humanidade perca muito de si e da sua essência" (Oliveira, 2017, p. 02).

O surgimento das redes sociais, como explica:

> Tiveram seu apogeu por volta do ano 1997, com o surgimento do Sixdegrees, este site foi o primeiro a permitir com que os participantes lançassem na rede social seu perfil e registro, através deste meio se permitia a viabilização do perfil, o que possibilitou o surgimento de novas redes. Entre o ano de 2000 e 2006 foram lançadas outras redes como Friendster, Myspace, Orkut, Yahoo e Facebook, que também permitiu o surgimento de outras redes que foram relacionadas à internet (Silva, 2010).

Diante dessa rápida evolução as pessoas começaram a inserir as redes no seu cotidiano de forma abrupta, seja no lazer, na forma como se trabalha ou na forma de adquirir conhecimento, na forma de se expressar, na forma de se relacionar, seja elas de forma virtual ou presencial. Afirma "o uso da internet geralmente implica na relação familiar, uma vez que com a falta de diálogo os conflitos se tornam maiores e mais frequente" (Silva; Silva, 2017, n.p.)

Na perspectiva contemporânea, as mídias assim como as redes sociais, tornou-se à maior influência no que dizer respeito a saúde mental, comportamento e a percepção de sim mesmo, moldado os padrões de comunicação, de comportamento, impactando a forma de se identificar, e conseguintemente a saúde mental do indivíduo e sociedade.

> Hoje, as principais causas de mortalidade – lesões, homicídio e suicídio - e as morbidades de longo prazo que iniciam predominantemente na infância – obesidade, comportamento de risco a saúde, uso de tabaco, álcool e drogas - já foram associadas ao aumento 10 posição as mídias (Abreu; Eisesntein; Estefenon; 2013, p.32).

Apesar de ser pouco conhecido, atualmente já existe um termo associado ao medo de estar desconectado, designado nomofobia. A nomofobia é uma síndrome desconhecida pela maioria dos cidadãos sendo que muitos têm seus sintomas, pois a era da evolução tecnológica está presente diariamente (Avila; Pinho, 2020). Dessa forma pode-se relacionar a esse fato devido aos avanços tecnológicos que estão ocorrendo e tornando cada vez mais Moderna as tecnologias, impactando a maneira de viver da sociedade.

De acordo com um estudo feito na Universidade Tecnológica dos Andes apresentado por Jessica Meliza Gamboa Guizado, no Peru, em 2018, aborda que a nomofobia se iniciou no sec. XXI, uma nomenclatura criada no reino Unido, Inglaterra. Uma terminologia abre-

viada da expressão *NO MOBILE PHONE PHOBIA,* na qual ela representa a sensação e sentimento de angústia, medo, até mesmo o desconforto de ficar off-line, incomunicável por meio dos celulares, computadores e da internet.

Se fez necessário o uso da terminologia somente a parti do sec. XXI, que até então não existe o acesso a comunicação via celular ou internet nem para a crescente dependência do sujeito junto a relação contantes dos dispositivos tecnológicos, só a partir do ano de 2008 especificamente, surgiu a nomenclatura nomofobia, na qual reflete a angústia associada ao medo da desconexão. Evidente a ligeira evolução tanto os seres humanos quanto da tecnologia, onde se fez necessário um olhar para o impacto da dependência da tecnologia frente aos usuários dos depositável (King; Nardi; Cardoso, 2014).

De acordo com a Psicóloga Elisa Faria, o vício na tecnologia e as redes sociais se assemelha a de um viciado em substâncias químicas, pois ambos quando retirado ou até mesmo haja o afastamento do produto na qual lhe causa prazer, inicia uma crise de abstinência, ocorrendo uma interrupção quase que instantânea na produção de dopamina, levando o indivíduo a resultar em sintomas como taquicardia e ansiedade intensa. Ressalta ainda, um ciclo vicioso na tentativa de sempre se sentir satisfeito. Trocar as suas interações pessoais por interações virtuais. (CANALTECH, 2019).

Tanto a palavra nomofobia como outros semelhantes foram transformadas ou criadas para representar novos conceitos da era das novas tecnologias como por exemplo blog (diário da internet), web site (sítio eletrônico) e delete (apagar elementos) (Maziero; Oliveira, 2016. p.3).

Por ser um termo recém-criado, a nomofobia não e oficialmente considerado transtorno, e por esse motivo não foi incluído ainda no Manual Diagnostico e estatístico de Transtorno Mentais (DSM-5), e apesar disso, tem se dado muito mais atenção aos efeitos psicopatológicos que o mundo moderno tem apresentado.

> As pessoas que tendem a desenvolver a nomofobia geralmente são aquelas que apresentam um perfil dependente, ansioso, inseguro e com uma predisposição aos transtornos de ansiedade. Em razão das próprias condições do seu quadro primário, as pessoas com esse perfil costumam manter o celular ligado o tempo todo, independentemente do local. Em momentos em que não há a possibilidade de manter o aparelho ligado, colocam-no em modo vibrador, deixando-o por perto, disponível, visível. Ao dormir, chegam a deixar o celular ligado ao lado da cama. A baixa autoestima e a insegurança contribuem para que se sintam rejeitadas quando percebem que seus amigos recebem mais ligações que elas (King; Nardi, 2014, n.p.).

De acordo com Picon (2015), explica que, a apesar do acesso livre que internet nos proporciona a qualquer tipo de conteúdo e muito comum a procura por apoio emocional nas redes sociais, principalmente por pessoas emocionalmente fragilizado, na qual pode nos gerar números agravos, tais como coletas de dados, informações manipuladas, imagens irrealistas, relações superficiais. Essas interações constantes como mundo digital pode intensificar significante os sentimentos negativos como a vulnerabilidade emocional, sensações de vazio e ansiedade.

Muitas pessoas buscam suporte emocional nas redes sociais, uma situação bastante arriscada para que o uso dela se torne uma dependência. Quando suas expectativas com as redes são frustradas, o sujeito pode acabar sentindo vazio intenso, que pode ser comparado ao dependente químico quando não está sob efeito de uso da substância ou quando é privado no seu acesso (Picon; 2015).

Um estudo realizado por Souza e Ximenes (2019), na qual buscou identificar os riscos do uso excessivo das redes sociais, mostra que...

> ...os riscos apontados variam entre taquicardia, alterações na respiração, tendinites e mudanças posturais (que são mais facilmente detectados), qualidade das relações familiares prejudicada, Cybersichness (náusea digital), vulnerabilidade afetiva, distúrbios alimentares, sedentarismo e obesidade, síndrome do toque fantasma (sensação de que o celular está tocando, sem que ele realmente esteja), narcisismo (preocupação completa com a própria imagem), distúrbios de personalidade, mudanças na autoestima, distúrbios de concentração/acadêmica, transtorno de ansiedade, fobia e isolamento social, dependências e vícios, crimes virtuais (assedio ou abuso sexual via mídias sociais de internet), distúrbios do sono, cyberbullying, e por fim depressão e suicídio (Souza; Ximenes, 2019; p. 08).

Segundo Oliveira (2017), é alarmante e intrigante com o uso exagerado de dispositivos moveis pode impactar profundamente o bem-estar do usuário, ressalta que, a tecnologia por si só não e maléfica, mais a frequência e a frequência a qual usamos sim, nos trais prejuízo. Nesse sentindo e de suma importância encontrar um equilíbrio entre os benéficos e a tecnologia proporciona e importância de se desconcertar regulamente, o que parece fácil, mais se torna um grande desafio conciliar a tecnologia que está constantemente presente em toda esfera da vida, com o equilíbrio de regular e não torna disso uma dependência.

Uma das abordagens mais eficaz e a psicoeducação do uso dos ferramentais tecnológicos que incentiva o controle consciente do tempo de uso. O autor Esper, (2021) traz que,

> ao trabalhar a monofobia é quando sente ao indivíduo, independentemente da faixa etária, de que as relações pessoais são, mas necessárias, prudentes, sólidas saudáveis e que seu olhar deve ter peso maior nesse segmento em nível de gestão de pessoas. O objetivo é focado em necessidades educacionais especiais, sociais e emocionais em convivência social (Esper, 2021, p.16)

Os tratamentos usuais utilizam-se de técnicas que promovam a reestrutura cognitiva e a reeducação do uso e manejo das tecnologias digitar, tendo como premissa a diminuição do tempo gasto conectado (online) e o melhoramento das relações sociais permitindo uma ampliação de redes sociais fora das tecnologias digitais (Azevedo et al., 2016 p.15).

A ideia central é reduzir o tempo em que as pessoas passam conectadas, para guia sim incentive a melhoria das interações sociais estimulando o contato e a construção dos relacionamentos fora do ambiente online. Comportamentos como estabelecer horários fixo para o uso das redes sociais, proteger a privacidade online, ter cuidado a expressar trocas de ideias em temas polêmicos como questão de religião política ou assuntos delicados em geral, se distanciar de conteúdos o qual a pessoa considera negativo, entender que o que vemos no online nem sempre é verdadeiro e que não necessariamente reflete a realidade por completo, reforçar sempre as suas interações sociais e com qualidade. São maneiras que reestruturação cognitiva pode ajudar o sujeito a readaptar seus comportamentos.

3. CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, foi discutida a complexa relação entre o uso excessivo das redes sociais e os efeitos sobre a saúde mental, com ênfase na nomofobia. A pesquisa revelou que, embora as plataformas digitais facilitem conexões e interações sociais, também podem agravar quadros de ansiedade e solidão. Os dados analisados indicaram que muitos indivíduos acabam imersos em um ciclo de comparação social, intensificando sentimentos de inadequação e isolamento em busca de validação e pertencimento. Nesse sentido, compreender essa dinâmica oferece uma visão clara dos desafios enfrentados por pessoas que lutam constantemente contra a dependência digital.

Ainda nesse contexto, ao se analisar os limites deste estudo, torna-se evidente a carência de dados empíricos. A maior parte das informações foi extraída de fontes teóricas, como artigos e revisões de literatura, o que restringe a profundidade da análise. Além disso, as variações nas definições e na subjetividade da mensuração dos efeitos do uso exacerbado dificultam uma conclusão definitiva. Considerando os avanços contínuos no campo, ainda há muito a ser investigado sobre o impacto das redes sociais na saúde mental.

A análise reforça a urgência de promover uma educação digital que priorize o cuidado com a saúde mental. É fundamental informar sobre os riscos do uso excessivo das redes e capacitar os usuários a desenvolverem hábitos saudáveis, com ênfase no uso moderado e equilibrado entre a vida virtual e a vida real. O planejamento de campanhas de conscientização sobre esses aspectos é essencial para ajudar os indivíduos a navegarem de forma consciente pelas plataformas. Além disso, a criação de grupos de apoio, com o envolvimento da comunidade e de instituições, desempenha papel fundamental ao proporcionar espaços de diálogo e promover uma rede de solidariedade, empatia, acolhimento e compreensão — elementos essenciais para o bem-estar psíquico coletivo.

Diante das informações apresentadas, é importante que futuras pesquisas adotem uma abordagem interdisciplinar, envolvendo profissionais das áreas de psicologia, sociologia e educação, com o objetivo de desenvolver intervenções que mitiguem os efeitos negativos do uso das redes sociais. Compreender como as tecnologias afetam a saúde mental é um passo fundamental para garantir que continuem sendo ferramentas de conexão e não de isolamento. Apesar dos inúmeros desafios, a construção de uma sociedade mais consciente e saudável no uso da tecnologia é uma meta que merece todo esforço.

Referências

ABREU, Cristiano Nabuco. EISENSTEIN, Evelyn. ESTEFENON, Susana Graciela Bruno. **Vivendo Esse Mundo Digital**: Impactos na Saúde, na Educação e nos Comportamentos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2013.

ALMEIDA, Gilberto Gregório Santos. DIAS, Renata Piovan Cardozo. JACOBOWSKY, Rafaela. NASCIMENTO, Gabriela Vieira. SANTOS, Edinayra Araujo. DE LUIZ, George Moraes. **AS REDES SOCIAIS E OS ADOLESCENTES:** UM ESTUDO A PARTIR DOS PRESSUPOSTOS DA PSICOLOGIA SOCIAL. 2017. Disponível em: file:///C:/Users/felip/Downloads/admin,+AS+REDES+SOCIAIS+E+OS+ADOLESC ENTES+UM+ESTUDO+A+PARTIR+DOS.pdf

AZEVEDO; Jefferson Cabral. NASCIMENTO, Giovane. SOUZA, Carlos Henrique Medeiros. GUIMARES, Décio Nascimento. **Dependência digital:** processos cognitivos e diagnostico. IX SIMPOSIO NACIONAL ABCiber – PUC São Paulo – 8,9,10 dezembro 2016. Disponível em: https://abciber.org.br/publicacoes/livro3/textos/dependencia_digital__processos_c ognitivos_e_diagnostico_jefferson_cabral_azevedo.pdf

DAVID, Fernandes Avila. PINHO, Matheus Floriano. **Nomofobia Relacionada ao Cotidiano.** PROCIENCI@S v.3, n.1,2020. Disponível em: file:///C:/Users/felip/Downloads/20383-Texto%20do%20artigo-70544-1-1020210105%20(1).pdf

DU MONT, Louise Gabrielle; RONALDO, Ronaldo Veiga dos Santos; PACHECO, Patricia Maria de Azevedo; AM-

BROSOLI, Silvana dos Santos; PINHEIRO, Andrea Maria da Silveira Goldani. **O IMPACTO DO USO DAS REDES SOCIAIS NO NÍVEL DE ANSIEDADE**. RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218, *[S. l.]*, v. 3, n. 12. Disponível em: https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/2418.

ESPER, Marcos Venicio. NOMOFOBIA, ADOLESCENCIA E **DISTANCIAMENTO SOCIAL** Vol. XXVI, n. 2, jul-dez, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/9058/6664

FARIAS, Odaleia de Oliveira. MAIA, Jessica Karen de Oliveira. QUEIROZ, Maisa Leitão, et al. **Desenvolvimento de checklist para prevenção de ansiedade associada ao uso de redes sociais on-line.** Revista de Saúde Digital e Tecnologias Educacionais. [on-line], volume 7, número especial III. Editor responsável: Luiz Roberto de Oliveira. Fortaleza, fevereiro de 2022, p. 83-98. Disponível em: http://periodicos.ufc.br/resdite/index

KING, Anna Lucia. NARDI, Antonio Egidio. CARDOSO, Adriana. **NOMOFOBIA**: dependência do computador viver a internet redes sociais? Dependência do telefone celular? O impacto das novas tecnologias no cotidiano dos indivíduos. São Paulo: Atheneu, 2014.

MAZIERO, Maria Bela. OLIVEIRA, Lisandra Antunes. **NOMOFOBIA:** UMA REVISÃO BIBLIOGRAFICA. Unoesc & Ciência - ACBS Joaçaba-Santa Catarina, v. 8, n. 1, p. 73-80, jul./dez. 2016.

OLIVEIRA, C. L. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE PERMEADA

PELO USO DAS MÍDIAS DIGITAIS. Anthesis, *[S. l.]*, v. 5, n. 9, p. 103–113, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufac.br/index.php/anthesis/article/view/1093.

PICON, Felipe. KARAM, Rafael. BREDA, Vitor. RESTANO, Aline. SILVEIRA, Andre. SPRITZER, Daniel. **Precisamos falar sobre tecnologia**: caracterizando clinicamente os subtipos de dependência de tecnologia. Revista Brasileira de psicoterapia RBPSICOTERAPIA. v. 17 n.2 Agosto de 2015. Disponível em: https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v17n2a06.pdf

SOUZA, Karlla. CUNHA, Monica Ximenes Carneiro. **IMPACTOS DO USO DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS NA SAUDEMENTAL DOS ADOLESCENTES:** UMA REVISÃO SISTEMATICA DA LITRATURA. Revista Educação, Psicologia e Interfaces. v.3 n. 3. Setembro/Dezembro 2019.

Partindo da premissa de Silvia Lane de que "toda psicologia é social", esta obra convida o leitor a repensar a prática psicológica à luz do contexto histórico, cultural e social em que o sujeito está inserido. O livro oferece uma reflexão crítica sobre as diversas áreas da Psicologia, especialmente a Psicologia Social, destacando a importância de considerar o indivíduo em suas múltiplas interações com o mundo ao redor. Com foco na realidade ludovicense, a coletânea propõe uma análise comprometida ética e academicamente com os fenômenos psíquicos e comportamentais, enfatizando a necessidade de um olhar ampliado sobre os movimentos sociais, a subjetividade e as decisões individuais. Mais do que um estudo técnico, a obra se estabelece como um convite à construção de uma Psicologia sensível às dinâmicas sociais e ao compromisso com a transformação da realidade.

ISBN: 978-65-6068-165-1

CBL

9 786560 681651

Pascal
Editora